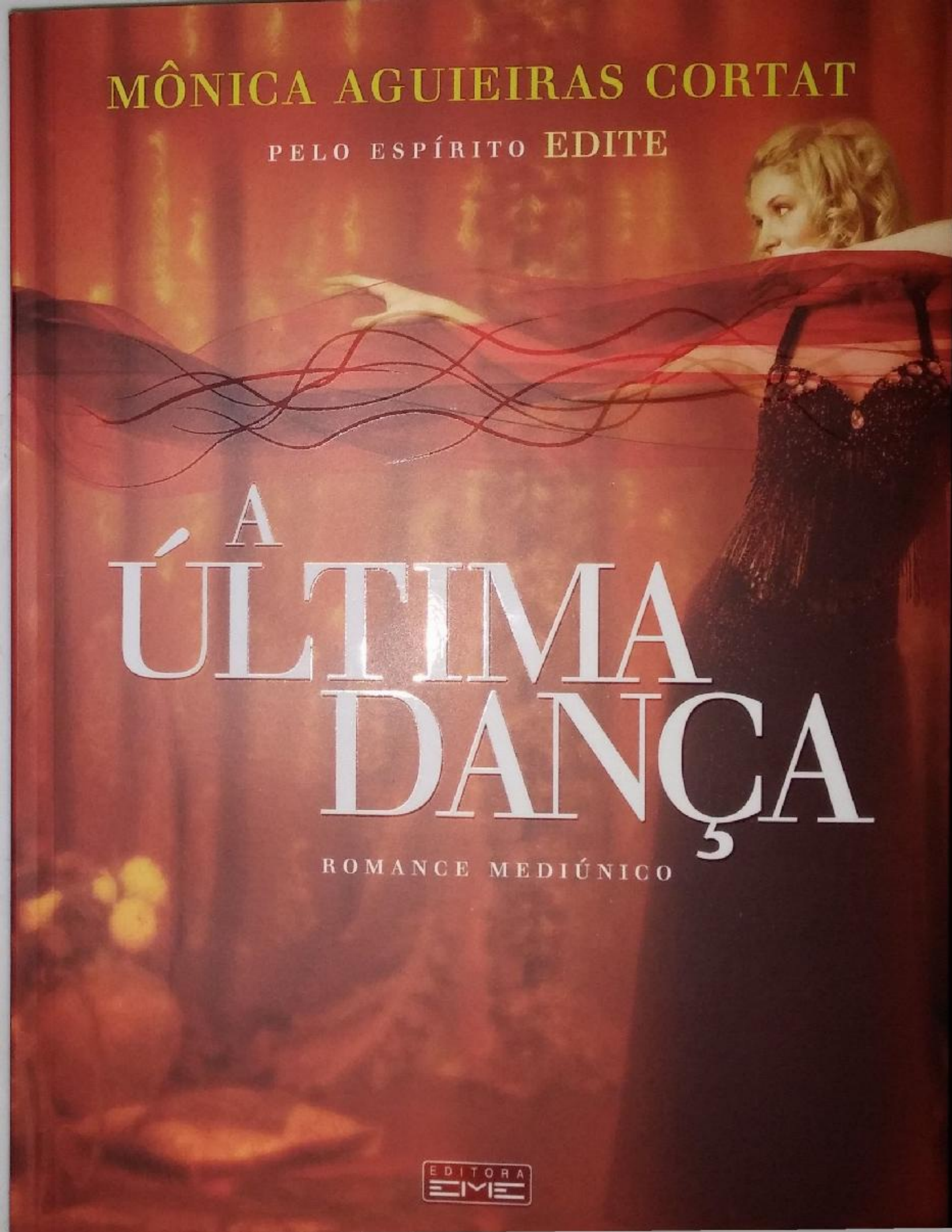


MÔNICA AGUIEIRAS CORTAT

PELO ESPÍRITO EDITE



A
ÚLTIMA
DANÇA

ROMANCE MEDIÚNICO

EDITORA
EVE

A ÚLTIMA DANÇA

MONICA AGUIEIRAS CORTAT
PELO ESPÍRITO EDITE

... "Nomes e bens se perderão com o tempo, mas a atitude pura de amparo ao necessitado, essa perdurará sempre. Nem sempre no coração de quem recebeu a dádiva, mas em seu próprio espírito, que assim se aproximará de Deus".

Serafim

"Cortesã, conforme os usos do século XVI, era termo utilizado para referir-se às amantes que se associavam aos ricos e poderosos nobres que as proviam de luxo e bem-estar, assim como status junto à corte, em troca de sua companhia e seus favores. A própria palavra cortesã está indissolúvelmente associada à palavra Corte, como sinônimo dos nobres que podiam ter contato direto com a realeza.

Durante o período da Renascença Europeia, as cortesãs desempenharam papel importante nas classes mais altas, muitas vezes substituindo a esposa legítima em eventos sociais. Era relativamente comum, naquela época, que maridos e esposas nobres vivessem separadamente, mantendo o casamento apenas por questões de linhagem sanguínea e preservação de alianças políticas, e que os maridos procurassem a companhia agradável e a satisfação sexual nas cortesãs."

Fonte: Wikipédia a enciclopédia livre

"Cristine não era uma cortesã comum..."

Edite

SUMÁRIO

Prólogo: Breve descrição da vida na Colônia (Narrativa de Ariel)....	9
I Edite —pI	
II França, século XVIII (Narrativa de Edite)	25
III Vida com Cristine —43	
IV Paulette e a caridade	53
V Medicina chinesa no cabaré	59
VI Serafim fala... (Narrativa de Ariel)	71
VII Cozette (Narrativa de Edite)	79

VIII	Lembranças e questões domésticas	89
IX	Investimentos	99
X	Conselhos de um velho amigo	111
XI	Sherazade	119
XII	Um acerto de contas	129
XIII	Respostas sobre o amor e a riqueza (Narrativa de Ariel)	143
XIV	Arrumações e café... (Narrativa de Edite)	151
XV	Uma história de sangue e perdas	163
XVI	Conversa com um velho amigo	177
XVII	Dúvidas de Nana (Narrativa de Ariel)	193
XVIII	Adele (Narrativa de Edite).	201
XIX	O baú de Adele	217
XX	Banhos	233
XXI	Clara fala sobre obsessores e o umbral (Narrativa de Ariel)	243
XXII	A Terra também tinha os seus encantos (Narrativa de Edite)...	261
XXIII	Fim de cena e lembranças do padre Armand	273
XXIV	Revelações	287
XXV	Tempos de bonança	305
XXVI	Reencontro (Narrativa de Ariel)	323
XXVII	Adele vai à missa (Narrativa de Edite)	331
XXVIII	A última dança	339
XXIX	A Casa Besançon	359
Epílogo		

PROLOGO

Breve descrição da vida na Colônia (Narrativa de Ariel)

VINHA EU CAMINHANDO lentamente para minha pequena morada, um tanto afastada da parte mais habitada da Colônia, que havia adquirido depois de algum tempo de trabalho. Era pequena, é certo, mas tanto na Terra como no plano espiritual, como é bom ter um lar e voltar a ele depois de dura jornada.

Não existem aqui os percalços terrenos como os assaltantes ou bandidos. Esses não têm acesso à nossa Colônia: ou impedidos por muro secular, ou por nem nos perceberem, dada sua cegueira espiritual. Não estão em condições de serem atendidos, pois acreditam ainda em seus maus instintos, afastados de Deus por conta própria, perdidos em seu egoísmo e em sua vaidade. Não conseguiríamos fazer a eles nenhum bem, devido aos obstáculos por eles

mesmos criados, sendo que poderiam muito perturbar os que ainda aqui convalescem à espera de novas encarnações: seriam como víboras pequenas e venenosas soltas em meio a um ninho de pássaros recém-nascidos. O Senhor sabe o que faz, e o tempo pertence somente a Ele. Assim sendo, a vida na Colônia é de relativa paz, e muito trabalho para quem o procura.

Estranham muito os que aqui chegam que tenham que trabalhar para conseguir alguns benefícios, como moradia própria. Ninguém fica ao relento na Colônia, pois mãos caridosas sempre hão de aparecer para quem ainda não possui seu próprio teto. Mas é a Terra que imita a Colônia (e não o inverso, pois as Colônias são muito mais antigas que diversas cidades e, por isso, mais evoluídas em diversas coisas). Impossível, no entanto, descrever a fluidez do ar, as espécies de flores, os animais mansos e belos que por aqui circulam. Tudo nos mostra a obra de Deus em sua evolução constante. Se escolhi minha morada um tanto longe de algumas comodidades cotidianas, foi pelas caminhadas que, ao invés de me cansarem, me restituíam o humor, já que às vezes chegava do meu trabalho resgatando irmãos no "umbral" um tanto "carregado". É verdade... Ao amigo que me lê pela primeira vez me chamo Ariel, moro nesta Colônia localizada geograficamente em cima da Região Sul do nosso amado Brasil desde 1902, quando desencarnei, vítima de tifo, na encarnação na qual me chamei Álvaro, e atuei como advogado e abolicionista. Aqui escolhi me chamar Ariel por motivos próprios de encarnações anteriores, e me acompanha nesta Colônia, desde 1922, ano terrestre, minha companheira abnegada e querida de muitas existências: aqui chamada Esthefânia.

Seria perda de tempo tentar descrever a Colônia em detalhes, penso eu, pois os que já estiveram aqui e agora se encontram encarnados, devem guardar dela apenas leve lembrança. Como explicar a um cego o que é a cor azul, ou ainda as diferentes nuances de um vermelho? Certas coisas, sem que as vivenciemos, nos parecem simples fantasia, mas nem por isso deixam elas de existir.

Passei pelo nosso portão simples e dei com minha amada companheira na porta com um sorriso nos lábios pequenos, fazendo uma pequena "cavinha" nas bochechas muito alvas. Olhei aqueles mesmos olhos castanhos claros que me acompanhavam há séculos e pensei na sorte que era ter semelhante criatura por companheira. De estatura elevada para uma mulher comum (cerca de um metro e setenta e dois), Esthefânia era esbelta, quase sem busto, cintura fina marcada por faixa estreita e elegante. As pernas eram

longas e bem torneadas como as das bailarinas, e as mãos longas de unhas curtas e bem-cuidadas eram quase que seu ponto mais forte, cheias de personalidade. À primeira vista dir-se-ia que ali estava uma mulher comum, nos seus vinte e cinco anos, que não chamava muita atenção. Ledo engano... aos primeiros passos ou à primeira palavra saída daquela boca pequena e de dentes perfeitos logo se via que ali estava uma dama.

O nariz um "tantinho" comprido, os olhos imensos de cílios fechados, e umas sobrancelhas que calariam um mestre de pintura, de tão bem desenhadas naturalmente: negras, em contraste com a pele branca. Discreta, ainda assim destacava-se na multidão, e sua timidez natural desaparecia quando soltava os longos cabelos castanhos lisos e ficava a brincar com as crianças da Colônia, a ensinar os hinos e os ensinamentos do mestre Jesus. O engraçado era que por duas encarnações consecutivas, embora ela sempre amasse crianças, não tínhamos tido filhos.

- Dia difícil? perguntou-me, ela...

Eu tive que sorrir. Contava-lhe às vezes de alguns casos que tinha ao passar pelo umbral, no resgate de algumas almas.

- Não mais que o habitual. E com as crianças, tudo bem? Chegou alguma aluna nova?

Ela me sorriu de volta, puxando de minhas costas pesado casaco, e pendurando-o atrás da porta.

1 Apareceu-me hoje uma lourinha que mais parecia um anjo! Os cabelos em cachos, a boquinha rosada, rechonchuda. Não deve ter mais que quatro anos terrenos, mas já fala com desenvoltura (e como!). Acredita estar em alguma escola e não desencarnada, o que não era para menos, pois desencarnou há três meses num acidente de automóvel. Quer de toda forma ver a mãe que ainda se encontra na Terra e chora copiosamente a morte da filha. A menina se chama Celeste e sei que ali vou ter um longo trabalho de conscientização.

Sabendo como esses casos eram complicados, perguntei:

- Já teve acesso ao arquivo de existências passadas da pequena?

Ela assentiu com a cabeça. Mas depois, como a lembrar-se de algo, me disse:

- Mas que descuidada sou, Ariel, esqueci completamente! Temos visita!

Franzi a sobrancelha meio contrafeito, afinal ainda não tinha descansado de feroz missão no umbral, e me sentia realmente um tanto exausto. Ela me

apontou a nossa pequena sala de jantar e fui até lá, onde vi sentada em nossa mesa (e não nas cadeiras, como de costume), a graciosa menina-moça, Olívia, a morder uma fruta com gosto. Luz suave emanava dela, dos cachos castanhos alourados, e do olhar cada dia mais esverdeado.

- Olá disse-me ela que bonita a sua esposa! Ainda cansado?

A pequena "fadinha" observava-me divertida quando me dei conta de que o cansaço de lidar por horas com entidades inferiores tinha se esvaído como que por completo. Observei seu sorriso e em seguida me perguntei o que aquele ser tão gracioso poderia estar querendo comigo.

- Você brincou ela sempre a me dar nomes: "anjo", "fadinha", "menina"... é costume na Terra sempre tentarmos "rotular" as coisas 1 as pessoas, não é? Que tal me chamar de "amiga"? Somos amigos, pois não?

- Claro. Mas é que...

Ela sacudiu a cabecinha impaciente:

- Sei que temos um nível de desenvolvimento diferente. Digamos que, apesar das aparências, eu seja um "tantinho" mais experiente. Mas também, não é nada tão grande assim!

Esthefânia a olhava encantada. Inteligente como era, sabia perfeitamente não estar diante de nenhuma criança, mas sim de um ser espiritual de uma evolução mais avançada, que ainda assim se travestia de uma aura travessa e encantadora. Vi os pensamentos fluindo de uma para a outra: gostaram-se mutuamente. Outra vantagem do mundo espiritual talvez seja essa: em espíritos mais desenvolvidos, pensamentos são "sentidos" claros como água. Assim sendo, como pensar em roubar, mentir ou enganar sem ser descoberto e assim levar carinhosa reprimenda de um ser mais evoluído? Minha mulher sentou-se à mesa com a postura muito ereta (sempre se sentava assim), apoiou a cabeça nas formosas mãos como a indagar se poderia permanecer conosco.

- Claro que é bem-vinda, Esthefânia. Está com ele há muitas encarnações, não?

Ela corou um pouco:

- Sim. Temos boas histórias para nos lembrar, nós dois.

- Lembra-se de encarnações que ele teve como médico?

Vi minha esposa enrubescer como raras vezes acontecia, ela abaixou a cabeça e respondeu em voz baixa:

- Realmente. Reencarnei com ele duas vezes nas quais ele exerceu a medicina, mas não são épocas das quais tenha particular orgulho. Sequer boas

lembranças.

Abaixei a cabeça um tanto envergonhado. Tinham sido encarnações difíceis, dado o meu mau gênio, em que, apesar da inteligência, sobressaíam também meu orgulho e minha vaidade. Nas duas a doce Esthefânia tinha sido minha esposa. Envergonhava-me principalmente de uma na qual eu fora conhecido como "dr. Nestor". Observando-me com seus olhinhos perspicazes de gato, Olívia colocou sua mão esquerda em meu ombro e, lendo meus pensamentos, disse:

- Acaso acredita que vim à sua casa para lhe trazer tão más lembranças ou entristecê-lo, depois de dia tão duro de trabalho? Diga apenas um de nós que nunca cometeu um pecado, meu bom Ariel, e eu lhe direi que você não procurou o pecado direito.

As lembranças eram doloridas e meus olhos encheram-se de lágrimas de arrependimento. As vezes, o bom Deus perdoa melhor que nós mesmos, que não esquecemos nossas faltas com tanta facilidade. Durante aquela encarnação, talentoso, fechei minhas portas aos pobres que tanto necessitavam de auxílio, apenas aceitando consultá-los quando para expô-los em nossa Escola de Medicina, na qual a maioria aparecia em busca de cura, e terminava assustada diante de uma equipe de profissionais que, sem nenhum respeito, lhes expunham os problemas diante de interessada plateia de estudantes. Que carniceiros éramos! Tudo em nome da ciência!

As "cirurgias" eram feitas sem a menor assepsia e não era raro sairmos de um paciente para o outro sem ao menos lavarmos as mãos. Ignorantes, nem desconfiávamos de micróbios e bactérias e a primeira vez que isso foi discutido em um Simpósio foi objeto de escárnio geral. Que mundo invisível era esse que causava infecções? Acaso no sangue se escondiam "sujeiras"?

Não sei quantos pacientes levei à morte por pensar dessa forma errônea. Eu e muitos dos meus, pois essa era a regra geral. Mas devo admitir que quando atendíamos aos pacientes ricos e importantes, nos lavávamos adequadamente, afinal, como aparecer coberto de sangue diante de um marquês ou um rico comerciante?

Os hospitais eram matadouros, ninguém que pudesse escapar dirigia-se para um deles. Minha linda Esthefânia brilhava na sociedade e dirigia com esmero a nossa casa, como convinha à mulher de um homem estudado. Nunca discutia comigo, formada à maneira antiga, e a única coisa que me desagradava nela era a extrema religiosidade. A igreja católica atrasava-nos em séculos não nos deixando estudar cadáveres para o melhor

aperfeiçoamento de nossa profissão. Tinha horror e asco aos padres gordos e bonachões que visitavam nossa casa e que me vinham pedir, ou dinheiro ou favores. Era um livre-pensador, e achava tudo aquilo feia pilhéria. Afinal, se meu dinheiro e meus favores eram bem-vindos, porque se metiam tanto em nossos estudos?

Mas Esthefânia, muito embora não ousasse me contradizer, acabava sempre conseguindo que eu consultasse seriamente algum miserável ou desse alguma contribuição. Era belíssima nessa encarnação, mas de saúde muito frágil.

Tudo isso me passava pela mente enquanto Olívia me observava sorrindo, respeitando minhas lembranças nada gratas. Por fim, servindo um líquido doce, Esthefânia me tirou de minhas cismas, e Olívia me perguntou:

- Terminou a sessão de "autoexpição"? Já não lhe expliquei o atraso que a culpa causa? Não somos todos filhos do Senhor, falíveis, e em eterno aprendizado?

Sorvendo o líquido e já me sentindo melhor, disse a ela:

- Não sabe o que se passava naquela época na Europa! Nem com mil vidas de sacrifício eu poderia sanar minhas dívidas com Deus.

Parecendo muito mais adulta do que aparentava, a linda menina cruzou as pernas e me encarou com firmeza:

- Será que não sei mesmo? Agiu como a maior parte dos cirurgiões de sua época agiu. Não tinha um décimo do conhecimento que tem hoje, mas ainda assim foi um início. E temos que iniciar de alguma forma, não? Acha mesmo que o bondoso Criador cobra dos seres humanos, primeiros passos perfeitos, sem nenhuma espécie de tropeço?

Podia ser, mas lembranças ruins me turvavam a mente. Lembrei-me do ópio usado em larga escala na nossa amada Coimbra do século 17. Além disso, o éter já caminhava entre nós, ainda que modestamente. Perdi a conta de quantas vezes receitei opiácios a ricas senhoras que me chegavam com queixas de falta de sono, ou ainda tristeza e melancolia. Tornaram-se viciadas em pouco tempo, muitas com o aval dos maridos que se intoxicavam com o álcool que tinham à disposição. Deus os livrasse de mulheres bêbadas, muito malvistas. O ópio era um segredo que podia ser bem guardado, escondido em ricos consultórios. Não foram poucas as vezes em que Esthefânia viu entrar, em nossa casa, mulheres ricas à procura de receitas, nas mais diversas horas. Pagavam em ouro, e sem regatear, o que a deixava curiosa embora não entendesse todas aquelas "urgências".

- Que têm elas? Vir à casa do médico a estas horas? Só pode ser um motivo gravíssimo!

Criada por família tradicional e sem vícios, não quis chocá-la:

- Sentem fortes dores e necessitam de alívio. Eu faço o que posso. Mas a maior parte dessas dores não tem cura.

Lembro-me de uma vez que ela me olhou, fechando o quimono de seda que lhe cobria a camisola larga e ao me ouvir falar em dores ela logo se apiedou:

- Pobrezinhas! Não reclamarei mais de abrir-lhes a porta nesse horário, pois que coisa mais horrenda é sentir dor sem alívio.

- Assim é a vida do médico, querida. Aborrecimentos sem fim. Sorvendo seu chá de camomila ela nunca mais me questionou, e adormeceu a meu lado profundamente. A pesquisa atraía-me a passos largos, mas aqueles pequenos inconvenientes é que me garantiam a vida farta que levávamos. Quanta vergonha tenho disso ainda! Olívia, impaciente com a leitura de meus pensamentos, finalmente me disse:

- Não se julgue tão duramente. Lembre-se que na época o ópio era permitido, e não ilegal. Só depois de muita observação constatou-se que os males por ele provocados podiam ser irreversíveis. Todos temos os nossos percalços, Ariel, ainda assim o mundo evolui. Apesar do medo e da ignorância humana, descobertas são feitas.

Isso sempre tinha me irritado sobremaneira e me feito quase um ateu. Como acreditar num Deus que proibisse a evolução do aprendizado humano? Olívia me sorriu com paciência, e retrucou:

- Hás de entender que todas as religiões têm seus erros e seus acertos, afinal são feitas por humanos na sua tentativa de entender o Altíssimo. A humildade sempre é necessária e frequentemente é esquecida. Alguma vez ouviste o mestre Jesus ser contra a evolução dos conhecimentos humanos? Nenhum mestre de nenhuma religião prega o ódio, o orgulho e a intolerância. Mas, ao que eu saiba, na Terra esses valores não foram praticados apenas por religiosos. Médicos, políticos, e até mesmo simples lavradores não escaparam deles. São serpentes que devem ser extirpadas do coração humano, visto que só trazem dor.

Minha doce Esthefânia sorriu:

I verdade. Minhas reencarnações como mulher muito me ajudaram a observar isso, tornando-me mais dócil e humilde do que era antes. Fiquei assim mais próxima de Deus. Quanto orei por você, meu amado, quando o

via irado com seus assuntos e pronto a subverter a ordem estabelecida em nome de sua curiosidade. Entendia a importância de seus estudos, mas que medo tinha!

A menina Olívia pôs-se de pé à minha frente:

Pois então. Aqui o conhecimento nos aproxima de Deus, e acho que | história de duas mulheres, nascidas na França do século XVIII, será interessante para seus leitores. Uma delas infelizmente caiu na armadilha do vício com consequências terríveis. A outra está já aqui conosco há um bom tempo. Quer ir conhecê-la?

- Aqui? Na Colônia?

Ela me sorriu:

- Sim. Trata-se de um espírito muito iluminado que já passou por grandes dores. Seu nome na Terra foi Edite, o de sua amiga, Cristine. Trabalha junto a um núcleo de idosos recolhidos há pouco do umbral, que ainda sentem no perispírito os achaques físicos das doenças que tinham. E de se ver como ela tem acentuado o "dom de cura" pela imposição das mãos e orações.

Pensei que era um dom abençoado, mas que dependia de grande conhecimento e desprendimento, pois não era tarefa fácil para espíritos ainda em estágio não avançado de evolução. Esthefânia estava curiosa:

- E a amiga, também está conosco, na Colônia?

Olívia a olhou com um de seus sorrisos misteriosos:

- Embora tenham estado juntas por mais de uma existência, trilharam caminhos diferentes. Na medida do possível você saberá de Cristine.

Minha amada Esthefânia sorriu para ela. "Cativante" foi a palavra que lhe veio à mente, olhando para a menina de aparentes doze anos terrestres. Disse-lhe:

- Você é uma alma muito antiga, não? Acredito que não pertença a este plano. Na aparência, lembra as crianças com quem trabalho, mas está longe de ser o que aparenta, não é? Ariel já tinha me falado de você, mas você superou todas as minhas expectativas.

Olívia riu-se, brincalhona:

- Pois ora... ainda não viu as minhas asas prateadas?

Franzindo as sobrancelhas ela levantou-se como se fosse olhar as costas da menina, que riu-se:

- E verdade. Quis o Criador que eu já tivesse acesso a diversos planos depois de algum aprendizado. Estou ainda muito longe da sabedoria dos seres

iluminados do universo, mas me esforço, como todos vocês, para ir-me aperfeiçoando com o tempo. Vale lembrar também que, quanto mais encarnações tivemos, mais pecados podemos ter cometido, logo, a humildade é naturalmente um dever. A culpa não leva a lugar nenhum. Pior que ela, só mesmo culpar os outros pelos nossos próprios delitos.

Ao ver Esthefânia encantada, olhou-a com carinho e disse:

- Não pode a querida irmã se abster de alguns trabalhos para vir conhecer Edite e sua história?

Muito agarrada às suas crianças, ela pareceu pensar por algum tempo, depois decidiu:

- Acredito que um aprendizado novo muito poderá me ajudar com elas no futuro. Principalmente com uma "curadora". É um privilégio que não posso recusar. Quando vamos vê-la?

Olívia pareceu ouvir o vento por uns segundos:

- Agora me parece uma boa hora, ela está em seu período de descanso. Podemos ir?

Vendo o nosso assentimento e a nossa aprovação, e eu me sentindo sem nenhum cansaço apesar das horas passadas em resgate difícil no umbral, ela nos segurou as mãos, e lá fomos os três.

I EDITE

NUM ÁTIMO DE segundo nos vimos transportados à entrada de grande edifício perto dos portões da Colônia. A locomoção dos espíritos pode ser simples: pelo pensamento. Nada há de mais forte que o pensamento e a vontade humana, esses sim são as centelhas de Deus em nós, e não um corpo que parece sólido e firme, mas que apodrece e torna ao pó. Mas, não são todos os espíritos que controlam esse tipo de locomoção, muitos de nós caminham, outros se arrastam em dores, existem ainda os que se utilizam de transportes. Tudo depende do grau de desenvolvimento do próprio espírito. Eu mesmo caminho a maior parte do tempo quando estou na Colônia, e me sinto bem assim. Era um hábito que já cultivava na Terra e que sempre me fez bem.

Não raro escutamos um espírito dizer que foi "levado" para este ou aquele lugar como que por mágica. Na realidade, na maior parte das vezes, ele foi para aquele lugar por se sentir atraído para lá, por isso tantas vezes distâncias imensas são percorridas dessa forma. Alguns sequer andam,

atrasados e teimosos, quando acreditam que não possuem mais essa habilidade. Outros ainda parecem "flutuar", como 1 o caso de Olívia, que num universo incorpóreo para os mortais, parece ainda mais fluida do que ele.

Reconheci logo um dos pontos mais antigos de atendimento e socorro da Colônia, que já possuía vários espalhados por seu território e protegidos por seus altos muros. O edifício era cheio de plantas, flores na entrada, um caminho feito de pedras muito semelhantes às da Terra, mas num calçamento sem entaves. Floreiras ladeavam o edifício de dois andares, muito amplo, deixando no ar um cheiro indescritível de limpeza e paz.

Ao meu lado Esthefânia olhava Olívia indo à nossa frente, cumprimentando ora um, ora outro conhecido, e notou nos cabelos da menina um brilho já meu conhecido. Perguntou-me:

- Que cabelos mais lindos ela tem, castanhos claros, cacheados. Mas que é aquilo que brilha às vezes? Parecem pequenas flores...

- São margaridas cultivadas num plano superior. Olívia adora flores.

E lá ia ela, abrindo caminho até que chegamos a um pequeno pátio, um jardim interno dentro do "hospital". Sentada num dos confortáveis bancos de madeira, vimos uma senhora de luz suave, calma, nos cabelos alguns fios prateados, a pele morena clara com pequenas rugas. Trajava roupas da Colônia, num amarelo claro quase branco, e sandálias delicadas ornavam-lhe os pés pequenos e bem feitos. Não tinha mais que um metro e sessenta de altura, e não era de uma beleza tradicional, mas emanava meiguice. Os olhos eram imensos e doces, o nariz pequeno. Os lábios um tanto cheios, mas sem sensualidade. Não sei por que ela me lembrou as mulheres árabes, talvez por conta dos traços mouros e olhos escuros como as azeitonas pretas do mediterrâneo. Sorri ao ver Olívia, que a abraçou e, lendo meu pensamento, me respondeu:

- Na Terra era de descendência espanhola. Mas sinto-me lisonjeada. Sempre admirei as mulheres árabes. Meu nome é Edite, o senhor é Ariel?

Pego assim de surpresa, assenti com a cabeça.

- Sim. Trabalho no resgate de almas do umbral. Olívia me disse que a senhora trabalha aqui, no hospital, fazendo "curas".

Ela me sorriu:

- Sou apenas um instrumento, senhor Ariel. Sabemos muito bem que quem cura é o Criador.

Apresentei a ela Esthefânia, que me disse em pensamento que ela muito lhe

lembrava nossa amada Clara, companheira minha de trabalho. Observei que eram praticamente da mesma altura, e embora Clara fosse branca, tinham as duas os mesmos olhos escuros e a mesma meiguice. Edite sorriu:

- Conheço bem Clara. Fizemos juntas alguns cursos, e tenho por ela grande admiração. Estou descansando um pouco, pois hoje tive um caso realmente difícil: uma pobre alma de homem já estava há dias no hospital, e tendo perdido a visão na Terra, nada o convencia de que aqui poderia enxergar perfeitamente. Boa pessoa, mas intransigente como ele só!

A esse comentário deu sonora risada. Esthefânia perguntou-lhe qual tinha sido a maior dificuldade. Edite sorriu leve e nos disse:

- Nasceu em família abastada na Terra, e estava já há algumas décadas no umbral. Nessa última vida não vi nele nenhum crime nefando, terrível ou algo assim, mas gostava de ostentar sua posição, e era intransigente com as mulheres, a quem julgava como se fossem seres inferiores em inteligência e força.

Esthefânia riu-se:

- Ora, vamos... quando encarnada, difícil eram os que nos julgavam iguais. Soubessem eles da multiplicidade de existências e das inúmeras vezes que somos uma ou outra coisa, seriam menos tolos. Ou ao menos, mais humildes.

Edite continuou sua narrativa, concordando com ela com a cabeça:

- Pois nem me fale. Essa pobre alma, na cidade onde viveu, ganhou até uma rua com seu nome depois de sua morte. Foi um político influente que perdeu a visão aos quarenta e cinco anos, vitimado por uma catarata, que à época não tinha cura e que muitos sabores lhe trouxe. Era casado com uma senhora de aparência bonita, mas que quando ele enxergava já o traía bem debaixo de seu nariz, na sua própria casa. Com a cegueira, ficou ainda mais corrompida. Várias vezes foi alertado por criadas, que eram dispensadas em seguida. Morreu envenenado lentamente por essa senhora com quem se casou, aos sessenta e dois anos.

- Nossa! exclamou Esthefânia que triste!

Olívia observava em silêncio, como se já soubesse o desfecho. Edite, não negando a origem espanhola, simpática e falante, continuou:

I Triste foi depois da desencarnação, quando ele resolveu se fixar na residência, cego, ouvindo perfeitamente a conversa dos amantes e dos criados. Não teve filhos, não deixou dependentes, apenas uma viúva rica a quem o tempo e a dissipação dos costumes já estavam deixando suas marcas.

Quem antes era bonita moça, agora se tornava feia matrona, com carnes em excesso, e um vício em vinhos que não lhe convinha. Descobrimo assim a verdade, resolveu assombrá-la, embora não soubesse como. Com o tempo entidades vingativas lhe ensinaram alguns truques torpes, e a desventurada quase enlouqueceu, com visões, barulhos de bater de portas, objetos caindo sozinhos, enfim, todo tipo de sortilégio.

A narrativa de Edite me deixava também curioso. Então Olívia interveio:

- Conte a eles o que aconteceu com a esposa, Edite. E triste, mas explica as décadas de umbral dele com clareza.

Ela assentiu:

- A pobre mal fez cinquenta anos e atirou-se do terraço de casa, caindo de uma altura considerável, tanto ele a instigou para o suicídio. Não morreu imediatamente, foi socorrida e teve dores imensas, pelas fraturas, e durante o tempo todo só falava o nome do falecido. Na cidade então pensaram que ela amava tanto o marido que não aguentou de solidão e tentou matar-se. Morreu depois de três dias de sofrimentos terríveis, em que alternava entre a consciência e o desvario. Impossível descrever a alegria do marido quando a sentiu no umbral, mas ela logo se afastou dele, e desde então, não se viram mais. Ela ainda continua por lá; assim que tiver uma oportunidade, reencarnará.

- "A vingança pertence ao Senhor" é uma frase bíblica. Outro ditado bom é aquele que diz: "Quando começares uma vingança cave logo duas covas, a tua e a de teu inimigo" terminou Olívia.

Um silêncio se interpôs entre nós e nossas lembranças de passados longínquos. Há muitas existências eu já reencarnava como homem, pois achou o Criador que assim me desenvolveria melhor, mas em minha última encarnação, por nenhum momento subjuguiei a alma feminina. Muito ao contrário, sempre tive pelo sexo oposto grande admiração e respeito.

Mesmo por minha adorada Esthefânia, além do amor que eu tenho por ela, há uma admiração imensa por seus gestos harmoniosos, sua candura, a delicadeza com que trata as pessoas, independente de sua posição social ou intelectual, sua sabedoria nata quanto ao caráter do próximo. Em nossa última encarnação, sempre prestava atenção e se ela não simpatizasse com alguém, me afastava, pois os problemas de certo apareceriam. Nunca falhou.

Sempre achei que por ser mais forte fisicamente, tinha o dever de protegê-la, nunca de aproveitar-me disso. Olhei para ela com carinho e vi em

seu olhar as mesmas fagulhas de sempre. Calados, pois palavras às vezes são desnecessárias, nos demos as mãos.

- Homens como o senhor ainda são raros na esfera terrestre disse-me Edite e essa pobre alma que não consigo ajudar está muito longe de partilhar de seus sentimentos para conosco, Ariel. Mas, tenhamos fé que as coisas se resolverão. Não acabam se resolvendo sempre?

Era verdade. Pena que demore tanto para alguns por culpa deles mesmos, pensei eu. Edite nos olhava com bondade e curiosidade:

- Olívia me contou que já foi médico na Terra, e que tem interesse em contar nossas histórias... Acho que teremos muito assunto e que seremos bons amigos, nós três.

Lembrando-me dos livros psicografados, criei coragem e pedi a ela:

- Se importaria de contar sua história em nosso Centro de Literatura? Acredito que assim como eu, Olívia concorda que sua história possa passar ensinamentos aos irmãos encarnados, e dirimir dúvidas.

Edite corou um pouco, mas respondeu:

- Olívia já tinha me falado disso, mas não sei... falar com o senhor e sua esposa é uma coisa, mas em público? Sou tímida.

Esthefânia adiantou-se:

- Estará apenas entre amigos e não se sentirá desconfortável. Pense nas almas que ajudará a entender certos mistérios, nos corações que pode confortar. Se isso ajuda, pedirei a Clara que nos acompanhe enquanto Ariel faz suas anotações.

- Não sei... por mim falaria tranquilamente, mas há minha amiga, Cristine, que não está entre nós na Colônia. E nossa história é tão entrelaçada... ouvi dizer que o Centro fica cheio de pessoas a ouvir as histórias Ainda que não tenha do que nos envergonhar, não sei se posso expô-la assim.

Olívia aproximou-se dela, pegando-a pelas mãos bem tratadas e olhando-a nos olhos disse:

- Nada aqui é obrigatório, existe o livre-arbítrio, como bem o sabe. Mas nenhum de nós que aqui está veio para esse plano sem pecados ou faltas, logo, como julgar? Lembre-se de que está na Colônia e não na Terra, onde pensamentos maus podem ficar ocultos. Acredita que permitiríamos a alguém que prejudicasse a uma nossa irmã, que tanto necessita de nossa compreensão? Confie em Deus e depois nos dê sua resposta, Edite. Já é amada aqui pelos seus dons de cura e pela sua abnegação, nada deve a

ninguém de nenhuma forma. Mas pense no benefício que pode fazer a tantas almas desconhecidas e que se tornarão amigas.

Ela levantou-se, cruzou os esbeltos braços em frente à túnica clara, afastou-se de nós alguns passos, e senti que estava em oração por alguns minutos. Preparávamos nossa saída silenciosa quando ela se virou:

- Que assim seja. Desculpem minhas dúvidas, mas precisava de uma orientação. Será bom também para Cristine. Pode marcar o começo das obras, Ariel. E Esthefânia, tendo oportunidade, leve a nossa amada Clara!

Esthefânia sorriu. Clara não perderia por nada outra história a ser contada, principalmente por conta de Nana, sua grande amiga, que, encolhida no canto do salão, escutava com interesse. A pedido meu, uma lousa seria colocada para auxílio de Edite, que nos mostraria imagens de suas lembranças, tornando a história mais vívida para nossos amigos. Não imaginava o que viria dali por diante, nem os ensinamentos que receberia. O Senhor é mesmo sábio e nada como o tempo para nos preparar surpresas.

Depois de uma semana, nos reunimos no salão onde contávamos as histórias. Discreto público de amigos já esperava a nossa querida Edite, que tinha passado seus últimos dias aprendendo com Serafim a usar a lousa para nos passar as imagens. Por fim chegou ela, em seu traje habitual, amarelo claro, os cabelos longos e anelados, presos em delicado coque atrás da cabeça. Parecia pequenina e um tanto assustada, com o olhar a procurar algo, e ao me ver com Esthefânia, pareceu acalmar-se e sorriu. Então, começou a sua história com uma voz de contralto suave, que nos embalaria ainda muitas vezes.

II FRANÇA, SÉCULO XVIII

(Narrativa de Edite)

QUANDO ME PEDIRAM que aqui viesse, o irmão Serafim veio me auxiliar, pois em minha natureza, o ouvir sempre veio antes do falar. Perguntei a ele como começaria minha narrativa, e ele me disse: "Do início". Franzi o cenho como a me perguntar o que ele poderia querer dizer com aquilo, mas ele não me deu mais nenhuma outra resposta.

Longo suspiro me embargou a fala. De qual início falava? De qual existência? Sim, pois para explicar algumas de minhas atitudes para com minha querida Cristine, assim como algumas atitudes dela, fazia-se mister que se desvendassem alguns mistérios. Quantas vezes estranhemos atitudes

com nossos companheiros de jornada que se tornam facilmente compreensíveis se levamos em conta as outras encarnações que tivemos juntos? Antigas simpatias e antipatias podem ser razoavelmente bem explicadas, assim como a tolerância e o perdão. Dívidas antigas podem ser resgatadas, e nisso está a sabedoria de nosso amado mestre Jesus, que dizia, quando perguntado sobre quantas vezes se deve perdoar alguém: "perdoa não só uma vez, mas setenta vezes sete".

Não é preciso que me alongue demais no tempo, mas a primeira lembrança de minha amiga vem da França de meados de 1700. Cristine já era artista e cortesã famosa por sua beleza, brilhando no palco na arte da dança árabe e cativando os cavalheiros que a cobiçavam pelo corpo curvilíneo e o rosto de beleza única. Conheci-a quando eu tinha vinte e poucos anos terrenos, eu sim, pouco provida de encantos femininos, de pele mais escura, moura, calejada de torturas que a miséria e o tempo me impunham, pois tinha nascido em meio paupérrimo, sem conhecer pai e abandonada pela mãe. Apesar disso, tinha aprendido a sobreviver trabalhando bastante e sem reclamar, pois sabia que não teria uma vida fácil. A prostituição nunca havia me atraído, e tinha um caráter que me mantinha afastada do roubo ou de qualquer crime. Contudo, que vida difícil! Desde pequena prestando serviços numa estalagem nas cercanias de Paris, levantava-me antes do sol, e dormia apenas quando terminava o serviço com os hóspedes.

Amarga matrona tinha me garantido a sobrevivência por longos anos, católica devota, fez-me aprender as rezas em latim, e usava de meu trabalho implacavelmente. Não recebia salários, e roupas velhas eram a minha recompensa, assim como as sobras das mesas dos hóspedes. Não me queixava. A fome naquela época era dura realidade, e apesar das dores na coluna, de tanto carregar peso, dava-me por feliz, pois ao menos sabia que tinha um teto sobre a minha cabeça e refeições diárias.

Não houve sonhos de moça naquela época. Assim como não houve mimos na infância, uma palavra de carinho ou gentileza. Era só, mas os afazeres eram tantos, que não me queixava: não havia muito tempo para isso. Madame era áspera, mas de moral rígida, o que mantinha longe de mim qualquer malfeitor que pensasse em se aproveitar. Assim se passou minha juventude, sem que eu soubesse sequer quantos anos tinha, até que minha patroa um dia deixou escapar que eu já estava com ela há vinte e três anos. Como sabia que tinha aparecido por lá aos dois ou três anos e tinha sido abandonada na porta por um "bando de ciganos mouros!", fiz as contas e

sentei-me assustada: com que então eu devia ter ao menos vinte e seis anos! Senhor! Estava já "uma velha" e tudo o que conhecia eram as paredes grossas da estalagem. Pensei tristemente que um dia morreria dentro daquelas paredes da mesma forma que havia vivido lá: sem que ninguém me percebesse. Numa das raras vezes da minha vida, chorei em silêncio.

E dias depois, eis que vejo chegar duas carruagens elegantes, e salta de dentro de uma delas linda moça de cabelos louros e cacheados, presos num chapéu encantador. O vestido com o decote ousado era vermelho, num veludo que transbordava riqueza, mas o que me chamou a atenção foi a pele da moça, branca, sem manchas. O rosto bonito abrindo-se num delicado sorriso. Nem que mil anos se passem hei de esquecer minha primeira visão de Cristine, pois nunca havia visto moça mais bela. Estava eu com enorme tacho nas mãos, encaminhando-me para o poço onde lavava as panelas da estalagem, e parei a observar tão formosa criatura.

(Assim falando, Edite colocou a mão direita sob um sensor fino e uma imagem formou-se nitidamente na tela atrás dela, mostrando-nos uma Cristine nos seus vinte e poucos anos de idade, que pareciam ser no máximo dezessete, dado o frescor da pele que dispensava artifícios. O vestido vermelho, de decote generoso, deixava ver um colo belíssimo, ornado de pequenas pérolas. Os cabelos louros como o sol, presos em parte, soltavam pequenos cachos e os olhos iam de verdes a castanhos claros, conforme a luz. A pele muito branca ressaltava a boca formosa e delicada, de um rosa nacarado, parecendo uma pintura. O porte era delicado, mas a postura era de rainha. Nada nela parecia afetado, ou falso. Olhávamos ainda embevecidos, quando a voz de Edite nos despertou da visão.)

"Que moça mais linda" pensei "deve ser maravilhoso ser bonita assim...".

Cercada por amigos risonhos, ela entrou na estalagem saindo, enfim, da minha vista, e eu me lembrei de minhas tarefas apressando-me a cumpri-las. Quem era? Seria uma princesa? Assim pensando entrei no salão da estalagem pelos fundos e pude observá-la, enlevada. Não tive inveja dela, embora tivesse motivos para isso. Ao contrário, admirei-a francamente e senti por ela um carinho que não podia entender. Por mim, ela seria feliz, tão feliz quanto pudesse ser. Mas notei que, ao lado dela, as outras mulheres do grupo pareciam ofuscadas, e embora a tratassem com cortesia, não escondiam seu aborrecimento. Acostumada que estava com as agruras da vida, notei que ser tão bela devia também ter suas desvantagens. Assim absorta estava, quando

uma voz masculina, mas de timbre um tanto feminino, gritou comigo do meio do salão:

- Ei!!! Moura! Trabalha aqui?

Vendo que falava realmente comigo, assenti com a cabeça.

- Pois então erga-se e nos traga vinho! Mas não queremos esse vinho barato da casa, traga-nos coisa boa!

Observei o rapaz que se dirigia a mim e estranhei, pois ele estava usando maquiagem feminina, e tinha no canto da boca uma pinta falsa ressaltada pela tez artificialmente branca. Nunca tinha visto um tipo daqueles, mas antes que eu fizesse qualquer juízo a respeito, a dona da estalagem me olhou feroz e resmungou baixo: "ande, que é gente de dinheiro! Trate de pegar o vinho lá embaixo na adega e prenda esses cabelos num lenço limpo. A estalagem está cheia, vou precisar de seus serviços no salão".

Sem discutir, obedeci. Não era costume eu servir mesas, mesmo porque não tinha boa figura, mas a estalagem se encheu quando as pessoas do local viram entrar aquela clientela de gabarito. Eram curiosos, e queriam ver que gente era aquela, tão bem-vestida. Corri até o pequeno quarto junto à adega onde eu dormia e procurei um lenço limpo. Olhando-me num latão, coloquei-o à cabeça de forma que ficasse apresentável e corri lavar os braços e o rosto que estavam um tanto suados da lida. Sentindo-me limpa, peguei de uma bandeja de madeira e fui servir uma bonita garrafa de vinho, ao que o rapaz afeminado disse:

- É o melhor que tem? Então pode servir.

Observei de perto a peruca branca que usava e, encantada, vi que também ela estava empoada de fino pó branco. Na mesa falavam com gestos espalhafatosos, e eu, armada de taças e da garrafa, me senti desconfortável no meio de todo aquele rebuliço. A única a ficar calada era a bela moça loura, que ouvia com enfado as risadas altas do rapaz à mesa. Tinha colocado apenas umas duas taças cheias à mesa quando o infeliz, a contar uma de suas histórias para os amigos, virou-se abruptamente fazendo virar em cima dele a minha bandeja, já com cinco taças de vinho cheias até a borda.

O silêncio que se seguiu no salão foi logo cortado pelo som do cristal se quebrando em mil pedaços, e eu observei atônita três taças irem para cima dele, despejar seu conteúdo, para depois serem atiradas ao chão. Senti um frio na espinha ao lembrar de minha patroa, que tanto ciúme tinha daquelas taças, e empalideci. Apenas duas taças estavam intactas em cima da mesa, mas seu conteúdo havia banhado as calças brancas e justas do rapaz, que, agora com

uma peruca ridiculamente ruiva de vinho, me olhava com ódio.

- Sua louca! Me ensopou inteiro com esse vinho ordinário! Veja minha peruca (e tirou-a da cabeça, nos deixando ver a cabeça luzidia, com poucos fios de cabelo), ficou imprestável! Vou ter que mandar fazer outra... quem pagará pelo meu prejuízo?

A mistura do vinho com o pó branco que o envolvia o deixara com a aparência lastimável, deformada com a maquiagem pesada. Encolhi-me a um canto quando ouvi, no meio do silêncio, suave risada cristalina, e vi a moça loura primeiro a tentar em vão conter o riso, depois a dobrar-se de rir, para a fúria do homem.

O riso é coisa que parece contagiosa, pois em breve eis que todo o salão, lotado de pessoas locais e dos visitantes riam a não mais poder da situação do pobre senhor, e mesmo eu, encolhendo-me ainda mais, não pude deixar de tentar abafar o riso cobrindo minha boca com uma das mãos.

Madame Pointier, a dona da estalagem, não achou a menor graça, principalmente ao ver suas raras taças de cristal no chão e o cliente aos berros pelo prejuízo de ter sua peruca ensopada. Veio ao meu encontro e me puxou, agarrando-me pelo braço com força, aos gritos:

- Edite! Sabia que não devia deixá-la no salão! Só serve mesmo para dar comida aos porcos! Mil perdões, senhor. Essa inútil irá para a rua hoje mesmo, que a minha caridade com essa imprestável chegou ao fim!

Caridade? Desde que me lembrava de existir tinha trabalhado sem descanso nem salário para madame Pointier, maltratada sem descanso. Ainda assim, a estalagem era o único abrigo que conhecia e o frio da noite me dava um medo aterrador. Isso sem falar na fome; ali, apesar de não ser bem alimentada, pelo menos comia duas vezes por dia. O que seria de mim, ignorante, feia e sem família, abandonada nas cercanias de Paris? Lágrimas desceram pelo meu rosto, e eu pensei no Deus de que ouvia falar, às vezes, em conversas na estalagem e nas rezas de madame: se existia mesmo, quem sabe não me ajudaria? Fechando os olhos fiz minha primeira prece, pois o medo do abandono me congelou.

Foi quando ouvi a voz da moça loura pela primeira vez, e ela veio justamente em minha defesa:

- Ora vamos, senhora! Antoine é temperamental e foi ele mesmo quem derrubou as taças. A pobre menina não fez nada de errado.

Ao ver-se interpelada justamente pela moça mais rica do grupo, madame Pointier estacou:

- Vejo que além de bela e rica, é bondosa, mas não deve deixar-se enganar! Edite está comigo desde que foi abandonada pela mãe, mulher de poucos princípios. Tentei educá-la, mas como vê, não fui bem-sucedida. E preguiçosa e vive cheia de dores e febres. Agora ainda me quebra três taças do meu mais puro cristal e ofende dessa forma um cliente como esse. Arrume suas coisas, Edite! Não a quero mais aqui!

Finalmente entendi que madame achava que eu não seria mais lucrativa agora que estava com a coluna danificada e ainda por cima com as dores, que rendiam febres noturnas. As taças não passavam de cruel desculpa. A bela moça me olhava com simpatia e piedade, e dirigiu-se a mim com uma educação que até então eu não conhecia:

- Seu nome é Edite? Tem para onde ir?

Meus olhos estavam cheios de lágrimas, e eu só pude responder que não com a cabeça.

- Sabe cuidar de roupas, costurar, lavar, engomar?

E verdade que eu sabia, acostumada que estava a costurar os vestidos de madame Pointier. E minha vista ainda era muito boa. Assenti com a cabeça.

- Pois estou mesmo precisando de uma camareira, quer ir comigo? Ela é honesta, não é, madame?

Vendo-se acuada, madame só pôde responder:

- Sim. Honesta é. E costura. Mas não sei se posso dispor dela assim.

Notando que madame parecia recuar, intrometi-me na conversa:

- Ficarei muito feliz de servir à senhorita, e serei fiel até o final de meus dias se me permitir ir consigo. Não se arrependerá.

Ela me sorriu, e eu vi os dentes perfeitos e alvos na boca rosada.

- Pois pegue suas coisas, Edite. De agora em diante trabalhará para mim. Meu nome é Cristine. Cristine de Besançon.

Ela era então apenas uma jovem adulta, mas já era famosa em toda Paris como artista da dança árabe, em teatros e casas de show pela cidade. A beleza estonteante, realçada por uma iluminação de velas, e os trajes diáfanos de seda que compunham seu número deixavam seus fãs extasiados. Diziam que Cristine não caminhava como as mulheres comuns, mas "flutuava". Apesar do corpo exposto mais do que o comum, o número não tendia para a vulgaridade, e o som das harpas, violinos e tambores compunham seu coro habitual.

Saiu comigo em seguida da estalagem, levando todo o seu séquito consigo e deixando formidável gorjeta para pagar com sobra pelas taças de

cristal quebradas. Perguntou-me se tinha algo de valor para levar comigo, e eu pensei em levar minhas duas mudas de roupas sobressalentes, ao que ela respondeu: "Ora, *ma chérie*¹", se elas estão iguais a esta que está usando, deixe-as para trás. Temos praticamente o mesmo corpo e tenho roupas antigas em casa que lhe ficarão bem melhor". Era verdade, as duas éramos magras, mas Cristine era mais alta e tinha mais curvas. Combinou comigo, para meu espanto, um salário mensal, deu-me logo uns seis vestidos e uns quatro pares de sapato (ela tinha por costume não repetir muito as roupas que usava) e instalou-me num quarto bom e confortável, numa casa aprazível de três quartos, larga sala, biblioteca, cozinha e pátio interno com jardim de inverno, além das dependências para os criados. Um piano de cauda estava na sala de assoalho brilhante e ela tinha, além de mim, simpática empregada para a cozinha e uma arrumadeira que vinha três vezes por semana. Eu cuidaria das roupas, perucas e outros acessórios de "madame Besançon".

Paulette era a cozinheira. Uma figura única: pele muito branca, cabelos negros e bem anelados, já com alguns fios brancos (tínhamos a mesma idade) que iam até a cintura, mas mantinha-os presos, pois "Deus me guarde de cair cabelos na comida de madame!". Braços fortes de quem trabalhou duro desde cedo, busto farto, cintura fina e quadris bem largos com pernas fortes, deixando-a da altura de madame. O rosto não exatamente bonito, mas as sobrancelhas negras bem delineadas e os olhos também muito negros faziam contraste com a pele branca e o tornava interessante. Era a perfeita imagem de "uma francesa do povo", e nos tornamos amigas. Quem me visse um mês depois, não me reconheceria, de tão limpa e até perfumada de lavanda, com vestidos que eu tinha tornado mais sóbrios. Notando minhas dores nas costas, Cristine mandou-me a um profissional que tratou de mim com unguentos e um colete apropriado.

Cristine fez isso por mim: tirou-me do inferno e levou-me a uma vida digna e produtiva. O salário que religiosamente me pagava, eu guardava todo ele, pois me achava cercada de tal luxo que nada me faltava. Depois de uma semana em sua casa conheci finalmente o senhor que lhe dava substancial "mesada" para "seus alfinetes", como ela mesmo dizia. Era um conde famoso em Paris por suas posses e seu casamento tradicional. E era apaixonado por ela.

Tinha cerca de quarenta e cinco anos, era elegante, bem-educado, e se acostumou com minha presença na casa, me tratando com uma educação que me fez entender que quem tinha realmente berço não maltratava seus

serviçais. Mimava Cristine de todas as formas, cercando-a de presentes e atenções, comparecendo à sua casa todas as noites, com exceção dos finais de semana. Nos sábados ia para sua propriedade, um palácio fora de Paris, ficar com os filhos e a mulher, que tinha idade mais avançada que a dele, e fortuna também sólida.

Na França daquela época, era comum e até mesmo aceito socialmente que homens de poder tivessem suas cortesãs. Os casamentos, feitos pelas famílias, eram acima de tudo tratos comerciais, e ter uma "amiga" linda e de renome como Cristine era abrilhantar o próprio nome, afinal, não era fácil manter uma mulher daquele nível: linda, culta, inteligente e artista.

A casa dela vivia quase sempre cheia de escritores, poetas, damas da noite refinadas, aventureiros, intelectuais de todos os tipos. Afeminados também apareciam, atraídos por sua riqueza e glamour, que colecionava joias como uma criança colecionaria brinquedos. Lembro-me de um dia, quando ganhou de seu conde um colar com brincos de esmeraldas que achou um tanto exagerado; piscando um olho me disse:

- Não pretendo usar mais que uma vez semelhante "monstruosidade", mas esses brilhantes e essas esmeraldas garantirão nossa velhice, minha boa Edite. É preciso nos precaver, pois amantes não têm vida longa, e já estou com quase vinte e cinco anos.

Era verdade. Vistoso baú com joias de variados tipos me contava que a velhice dela estava mais do que garantida. Uma vez me contou sua história, embalada por um vinho que lhe fazia ter lembranças dolorosas.

- Minha família não era pobre, sabe? Vivíamos até com relativo conforto em um sítio de meu pai, que comercializava cabras e fazia queijos. Eu e minhas irmãs crescemos com simplicidade, mas nossa mesa era farta. E minha mãe amava-nos muito.

- Tinha muitos irmãos?

Ela riu-se, saudosa:

- Só meninas. Éramos quatro, e eu era a número três. Quase todas alouradas como eu. Meu pai nos chamava de princesas, e até os meus dez anos, fui muito feliz. Ele nos ensinou o ofício de fazer os queijos desde cedo, tinha clientes certos e até fama em seu meio. Mas nada que é bom dura para sempre, não é mesmo? Meu pai estava perto dos cinquenta anos quando adoeceu seriamente e veio a falecer em menos de três meses. Problema de fígado, nos disse um doutor... o fato é que minha mãe, já quarentona, ficou com quatro meninas para criar e um pequeno sítio. Um bom homem faz

muita falta em uma família, Edite!

Eu a ouvia em silêncio. Nunca tinha tido uma família, nem irmãs, mas imaginei que devia ter sido difícil perder o carinhoso pai. Perguntei se continuaram com o negócio da família, e ela sorriu:

- Minhas irmãs mais velhas auxiliavam a minha mãe, que já não tinha a saúde muito boa, e íamos levando a vida com um pouco de dificuldade. A verdade é que sem meu pai o produto decaiu um pouco e perdemos clientes. Mas, o pior não foi isso: um irmão de meu pai apareceu, vindo de Paris, e mostrou-nos papeis que provavam que o sítio não era só de meu pai, mas também dele, e que na falta de meu pai, ele era o herdeiro. Não é preciso dizer do desespero que se abateu sobre minha mãe quando ele pediu que desocupasse as terras... não tínhamos para onde ir! A família de minha mãe era, além de pobre, distante. Ficaríamos expostas ao tempo e à sociedade!

Servi-lhe um pouco mais de vinho, e notei nos olhos claros um misto de mágoa e raiva:

- Acha-me bonita, Edite?
- É linda, madame, e sabe disso.

Ela deu uma risada amarga.

- Gostaria que tivesse conhecido minha irmã mais velha, a única de cabelos castanhos e olhos bem claros. Ela, sim, era a mais bonita de todas. Esse meu tio interessou-se por ela fazendo a minha mãe uma oferta de casamento. Minha mãe recusou, mas minha irmã, talvez por medo da pobreza, talvez por ambição, aceitou-lhe a corte. Esse meu tio era bastante rico, mas de hábitos avaros. Apesar disso cobriu-a de joias, mas exigiu que se afastasse da família, o que, para desespero de minha mãe, ela fez.

Soltou um profundo suspiro, como se a lembrança doesse.

- Ficamos eu, minha mãe e duas irmãs com nossos poucos pertences amontoados numa carroça, com um velho cavalo, e seguimos para Paris. Aqui chegando vendemos o cavalo e a carroça para pagar seis meses de aluguel em modesto quarto de porão, em bairro afastado. Sem saber o que fazer, minha irmã Cozette, de quinze anos, arrumou emprego numa estalagem e trazia para casa algum dinheiro, mas mal dava para as despesas. Eu, na época com treze anos, minha mãe e a pequena Ernestine fazíamos pequenos consertos de costura, mas mal dava para a comida. No inverno, o porão ficou úmido e perdemos minha mãe, por conta de uma pneumonia. Eram tempos difíceis. Minha mãe foi enterrada como indigente, e Cozette, agora no comando da família, não sabia mais como nos sustentar.

Sentada aos pés de sua cama, observava o bonito rosto à luz bruxuleante das velas, o dourado dos cabelos sedosos e cacheados, e imaginei como ela seria aos treze anos. Ver-se no mundo só com as duas irmãs, sem nenhum dinheiro e sem os pais para sua proteção, justo na época em que começava a se fazer mulher, devia ter sido bastante complicado. Minha aparência física, apesar de desditosa, tinha as suas vantagens: moças pobres e bonitas não raro acabavam por sucumbir à prostituição, devido aos avanços dos rapazes e dos homens, casados ou não. Minha aparência, que passava despercebida a todos, tinha me poupado de sérios problemas, muito embora na adolescência eu me entristecesse por ser tão sem atrativos. Ela me sorriu, por trás da taça de vinho, e continuou:

- Apesar de não ser bela, Cozette era esperta e não fugia ao trabalho. O aluguel estava vencendo e logo não teríamos onde ficar, por isso, conversou com seu patrão e conseguiu para mim um lugar de ajudante na cozinha. Ernestine ajudava também descascando legumes e limpando o chão. Ele não nos pagava quase nada, mas nos cedeu pequeno quarto, perto de armazém onde guardava mantimentos, e ao menos tínhamos comida e um teto. Minha irmã caçula tinha dez anos então, e eu não me conformava em estarmos passando por tamanhos suplícios. Um dia, na estalagem, o dono decidiu me fazer servir as mesas, por achar um desperdício "menina tão formosa escondida na cozinha". Sofri todo tipo de assédio por parte dos clientes. Sabe como são os homens com pessoas indefesas, não é, Edite? Mas, então, conheci um senhor que realmente foi gentil comigo. Tinha trinta e cinco anos na época e eu mal ia fazer quinze, mas me tratava com muita gentileza, e estava tão bem-vestido que me impressionou. Mesmo assim o achava velho demais, e tentava não deixá-lo se aproximar muito. Não adiantou.

Levantou-se, erguendo os braços e prendendo os cabelos num gesto mimoso:

- Ele tanto fez que o dono da estalagem veio falar comigo e com Cozette. Disse que se tratava de um conde, pessoa de muito prestígio e que suas intenções eram sérias. Muito correta, Cozette não achou graça, e disse que minha mãe e meu pai jamais aprovariam que eu me tornasse a amante de alguém, ainda mais tão jovem. O dono da estalagem brigou, ralhou, contou das vantagens que eu teria, que minha educação e meu futuro ficariam garantidos. Nada disso convenceu a minha irmã mais velha, que já o olhava enraivecida. Foi quando ele olhou para mim, que estava encolhida num canto,

e me perguntou: "E você, mocinha? O que acha? Com um partido desses poderia inclusive dar uma vida melhor a Ernestine! Ou a quer ver sempre no chão de cozinhas alheias?"

Pensei que minha patroa e amiga era mesmo uma boa contadora de histórias, pois conseguia enxergar toda a cena.

- Que fazer então? Ernestine era minha paixão, e eu mal sabia o que de fato acontecia entre um homem e uma mulher. Cozette não permitia sequer que se falasse em namoros, quanto mais em coisas mais sérias. Pensando em nos tirar da miséria, mas sem ter a menor noção do que teria que fazer, eu disse que aceitava o conde. Esse mesmo que nos visita ao menos três vezes por semana.

Sem conseguir conter a curiosidade, perguntei:

- E Cozette? E Ernestine?

Ela sorriu:

- O conde é o cavalheiro que conhece: pagou para Ernestine a melhor escola de moças e ela se casou muito bem com um pequeno comerciante do interior. Até mesmo providenciou-lhe um "dote". O dinheiro compra tudo, *ma chere atnie*², e mesmo Cozette, que ficou sem falar comigo por dois anos, eu consegui ajudar. Hoje tem uma oficina de costura e também faz lindos chapéus e roupas para as damas mais refinadas. Pobre irmã, sempre se esforçou tanto por nós! Pelo menos agora desfruta do conforto de seu próprio trabalho. Vejo-a pouco, mas nos gostamos muito. Já a mais velha, que nos abandonou, leva uma vida confortável, mas sem luxos com nosso tio, que tem um gênio terrível. Não a invejo.

Pensei na figura do conde, sempre tão educado, e perguntei:

E o conde não fica enciumado com as suas apresentações?

Ela sorriu deixando ver os dentes claros e perfeitos:

Gastón é um liberal, sempre foi. A família dele é um poço de tradição, mas seu real meio é entre os artistas e os intelectuais. Eu devia ter uns dezoito anos quando apareceu por aqui uma bailarina romena que me ensinou alguns passos. Depois disso, interessei-me pela dança e nas viagens que fizemos ao Marrocos aprendi coisas intrigantes. Foi engraçado, pois parecia que tinha nascido lá. Na volta da viagem, reunimos alguns amigos e ele me pediu que dançasse para eles. Coloquei uma roupa marroquina com véus, arrumei as velas e, acompanhada por tambores, fiz a dança. Foi um sucesso! Os amigos começaram a pedir mais e mais apresentações. Quando vi, estava nos palcos. Gastón de início divertiu-se, depois ficou um tanto amuado com o interesse

das pessoas. Temia me perder, creio eu. Mas quando viu que eu estava feliz e que me apresentava apenas para um público seletivo, permitiu. Hoje é meu maior incentivador.

Nesse breve relato de sua vida conheci melhor essa minha amada e alegre amiga, que tinha me tirado de uma vida tão difícil e amarga para compartilhar com ela de conforto e segurança. A verdade é que Cristiné ganhava muito bem com suas apresentações, e gastava menos do que ganhava. Não era tola a minha amiga.

O conde era seu maior amigo e protetor, mas a paixão viria bem depois na vida da dançarina. Antes não tivesse vindo, pois tão feliz era ela até então. Pudessem eu afastar minha amiga dos reveses da vida, ela, que tanto bem me tinha feito, e que era minha segurança e conforto, tudo eu faria.

Gastón era um homem de extrema educação, humor refinado, coração bondoso. Elegante, protegia Cristiné de possíveis dissabores sem que ela mesma percebesse. Notou de imediato a amizade entre nós duas, e a confiança que ela depositava em mim, e sendo um bom juiz de caráter, tratava-me também como uma velha amiga. Não raras vezes me perguntava se não havia algo que estivesse faltando na casa, ou se Cristiné tinha algum desejo escondido, apaixonado que era pela sua “*déesse blonde*”², como ele a chamava. Cristiné gostava dele, de sua companhia, mas nutria por ele uma mágoa difícil de ser esquecida. Mais para frente vocês entenderão.

René surgiu numa de suas apresentações num teatro de luxo, onde ela brilhava como atração principal. O cheiro doce do almíscar parecia já impregnado na pele de minha amiga, e contava histórias de terras doces e nunca antes visitadas. Os longos cabelos muito louros estavam semipresos numa tiara de brilhantes e pérolas, deixando longos cachos a cair pelas costas, e como vestimenta, os véus costumeiros, a mostrar e esconder suas curvas com maestria.

Notei quando o jovem alto parou no meio do salão, inebriado com os passos de dança ritmado pelos tambores e violinos de Cristine. O jogo de luz que as múltiplas velas faziam no palco, a pele clara... Tudo convidava ao enlevo, e o rapaz, que não devia ter mais de vinte e poucos anos, parou no meio do teatro a olhar fixamente para ela.

"Hipnotizou outro fã", pensei comigo mesma, e sorri. Não era raro que isso acontecesse. Cega pela iluminação do palco, Cristine raramente notava as reações da plateia, concentrada em seu próprio ritmo. O silêncio no salão só era quebrado pelo som dos instrumentos, e mesmo os passos da bailarina

pareciam leves como plumas ao vento. Onde teria aprendido a dançar com tamanha leveza, eu sempre me perguntava. Aquilo não podia ser ensinado, só podia ser um dom natural.

Súbito, o corpo dela dobra-se como fino arco, ela abraça os joelhos por alguns segundos, e em seguida levanta-se, graciosa e livre, braços abertos, estendidos em reverência ao público, à espera das palmas. O corpo branco molhado por minúsculas gotículas de suor transparente, brilhando na luz das muitas velas, parecia a mais bela das deusas pagãs. A plateia prende a respiração e em seguida as palmas chegam vigorosas, e os gritos de aprovação varrem o pequeno mas elegante teatro. Baixam-se as cortinas e ela vem correndo para o meu lado:

- Fui bem, Edite? O número não ficou longo?

Sorri para ela:

- Claro que não foi longo! Não vê os gritos para que retorne ao palco?

Ela retornou, e num costume da época flores foram atiradas ao palco.

Algumas ela pegou, e agradecendo de novo à plateia, veio finalmente a seu camarim, na parte dos fundos do teatro. Mal tínhamos entrado, eu estava ajudando-a a se despir, quando ouvimos bater na porta: era o dono do teatro, querendo saber se podia entrar e apresentar um novo admirador. Não sei bem por que lembrei do moço bem-vestido que tinha visto na plateia, mas o pensamento não foi auspicioso. Cristine pediu-lhe que viesse num outro dia, pois estava cansada e tinha que ir para casa. Assim que transmiti o recado ao homem, ele pareceu ficar irritado. Notando que qualquer insistência não seria bem-vinda, pediu-me o endereço para mandar flores, e eu disse que ela as receberia no teatro mesmo. Senti nos seus olhos uma raiva contida, mas ele se foi depois de alguns minutos.

Já trocada com seu vestido de noite, Cristine pediu-me que chamasse logo Clemente, o cocheiro, pois realmente estava com um cansaço acumulado, e não conseguia mais dormir durante a noite, a não ser embalada por um bom vinho. Logo estávamos em frente à sua acolhedora casa, numa alameda cercada de jardins.

Os postes da rua tinham pouca ou quase nenhuma iluminação nas lâmpadas de gás, e a noite sem lua não tornava as coisas mais fáceis, mas ainda assim pude notar em frente à porta de entrada a figura de um homem bem-vestido, magro e alto. O cocheiro deixou-nos na porta como que a perguntar que sujeito era aquele, e eu expliquei que era um admirador da patroa, que tinha vindo visitá-la sem sua permissão. Empregado pelo conde, e

com grande apreço por Cristine, notei nele a intenção de colocar o atrevido para correr, quando minha patroa disse:

Não se preocupe com isso, Clemente! Depois de tantos anos acha que não sei como tratar meus admiradores? Era esse que tentou me ver no camarim?

Fiz que sim com a cabeça. Ele inclinou-se, num cumprimento elegante, e vi de mais perto as feições iluminadas pela lanterna da porta. Era um bonito rapaz, de fato. Moreno claro, cabelos lisos abundantes, bem-vestido, rosto alongado de feições finas. Se fosse uma moça, teria sido deslumbrante, tal a delicadeza de seus traços, mas era, sem sombra de dúvida, um homem. Bonito demais, pensei eu. E acredito que minha amiga também, pois quando notei, lá estava ela no mais belo de seus sorrisos, a escutar suas desculpas e a convidá-lo para entrar.

Eu já estava com ela há pelo menos seis anos, e nunca a tinha visto interessar-se por outro homem que não fosse o conde. Tratava seus admiradores com educação, mas sempre com gélida indiferença, o que havia lhe dado fama de "mulher séria", numa época em que "mulheres sérias" naquele meio eram praticamente inexistentes.

Seu relacionamento com o conde já durava mais que uma década, e na França da época era perfeitamente explicável. Famílias de renome só se casavam entre si para assim garantirem seu patrimônio eram casamentos por conveniência. A esposa do conde, gorda senhora de origem espanhola, vinda de longa linhagem de proprietários rurais, gostava da vida no campo, e se comprazia em cuidar dos dois filhos e da casa enquanto o marido cuidava de seus interesses comerciais em Paris. Não se falava em divórcio, e Cristine sabia que seria sempre a concubina, nunca a esposa.

No entanto, a pequena e loura bailarina era a menina dos olhos do conde, que tudo tinha feito para garantir-lhe o futuro: imóveis, joias, e até mesmo um pequeno sítio em Lyon (região da França afastada de Paris) tinha lhe comprado. Era carinhoso e atencioso com ela, vendo-a pelo menos três vezes por semana, viajando três ou quatro vezes por ano para lugares lindos e exóticos. Além disso, era um homem com um conhecimento admirável da natureza humana, amante da literatura, um livre-pensador. Fez com que ela aprendesse diferentes idiomas, e infundiu-lhe um gosto pela leitura que se tornou inestimável, dada a vida que levava, sem filhos e nenhuma outra ocupação.

Cristine ensinou-me a ler e a escrever, elogiava-me, dando-me incentivo.

Quando a conheci cercada de pessoas, a imaginei cercada de amigos, mas, como estava enganada! No séquito que a seguia existiam, sem dúvida, bajuladores, pequenas atrizes e dançarinas, todos eles cercando Cristine como a uma rainha, mas amigo mesmo, nenhum! Mais de uma vez a senti solitária, ainda que estivesse no meio deles, e notei neles olhares maldosos para com minha amiga. Chamavam-me de "a moura", por conta de minha tez azeitonada e meus cabelos escuros, e diziam que eu era leve como um gato. Era verdade. Esse meu "passo macio" fez com que eu ouvisse muitas vezes as conversas que aconteciam longe de Cristine, e ali eu conheci a inveja como nunca tinha conhecido antes.

Não notavam como era boa e generosa, antes a chamavam de "tola". A sua fidelidade ao conde diziam ser "frieza". Isso sim era tolice: ela era alegre com ele. Apenas não era ligada a relações carnais como seus companheiros de noite o eram. O conde tinha sido o único homem de Cristine, e ela nunca havia dado espaço para outros.

Inteligente, ela a tudo isso notava e aos poucos foi se afastando de tais companhias. Em sua vida, uma única coisa a entristecia: gostava de crianças, mas, como ter uma se o conde era terminantemente contra? Ele dizia que a única coisa que tinha prometido à sua família era não ter filhos fora do casamento, e que ele mesmo não acharia justo com a criança ser criada como filho ilegítimo. Com isso, dois abortos foram feitos ao longo desses dez anos, o último com imensa dor física e emocional para ela.

Tinha presenciado apenas um desses acontecimentos que tanto a marcaram, e sabendo da alma nobre de minha amiga, compartilhei sua dor. Não era raro quando passeávamos ou íamos às compras que ela olhasse as crianças que passavam com os olhos meio marejados, às vezes. Assim que isso acontecia, eu logo tentava lhe chamar a atenção para outra coisa qualquer: um chapéu novo, tecidos interessantes...

Agora o conde estava em viagem para Marselha tratando de um carregamento de vinhos e a deixaria só por alguns dias. E lá estávamos nós, com aquele moço em nossa sala, bonito como o pecado, mas perigoso como só eu pressentia. Perguntado por ela, ele disse seu nome:

René, madame, a seu dispor para o que preferir.

Eu me calei, mas pensei comigo mesma que o preferia bem longe dali.

III VIDA COM CRISTINE

(NESSE PONTO DA narrativa, a amável Edite colocou sua mão direita sob delicado sensor, às suas costas, na tela, e pudemos ver bonita figura de homem, cabelos um tanto compridos, cortados à moda da época, colarinho alto, casaco bem cortado azul escuro, sobrancelhas grossas bem desenhadas, olhar penetrante, nariz aquilino e lábios finos. Ali estava o belo René. Altivo, notava-se nele certa petulância, e a boca pequena sorria de modo um tanto irônico. Ela continuou com sua narrativa.)

Ele tornou-se figura constante na casa de minha amiga, que de início permanecia fiel a Gastón, mas que já começava a se envolver com ele. Nas noites em que o conde aparecia, Cristine o dispensava, mas na manhã seguinte lá estava, nas primeiras horas, com rosas ou outras flores.

O conde não era exatamente bonito. Não era tão alto, nem tão forte, mas tinha o magnetismo natural dos homens bem-nascidos e cultos. O grisalho dos cabelos bem penteados ficavam-lhe muito bem e tinha uma elegância natural, por anos de discrição e educação esmerada. Um cavalheiro nos mínimos detalhes. Mesmo aos empregados da casa tratava com distinção e comigo tinha especial carinho, chamando-me de *ma petite maure*⁴, pois sabia da adoração e da fidelidade que eu tinha à sua amada.

Já de René eu chamava menos atenção que um vaso de decoração comum, e eu tinha certeza de que, mesmo depois de semanas frequentando a casa, ele mal sabia meu nome.

Descobri por conversas com Cristine que ele não era de família nobre como nosso bom amigo, mas tinha um tio que era abastado comerciante, na casa de quem viera para concluir os estudos. René queria ser advogado, mas não era muito amigo das letras, preferindo a boa vida dos salões parisienses. Tinha vinte e quatro anos, dois a menos que Cristine, embora parecesse um pouco mais velho do que ela. Vestia-se bem, mas de modo um pouco chamativo, e sempre com as mesmas peças, embora limpas e bem passadas. Entendi logo que se tratava de moço sem muitos recursos, mas que dava grande valor à sua imagem.

Era divertido e fazia Cristine rir com seus comentários. Certa vez, no meio da tarde, o conde veio à casa de Cristine procurar certos documentos e encontrou os dois em animada palestra na sala de visitas. Como estava sentada a um canto da sala, em pequena cadeira num serviço de costura para a casa, notei quando ele entrou e estacou ao ver a cena, os dois rindo muito, afáveis, Cristine corada diante de uma mesa de chá com René, como se já fossem íntimos. Franzindo as sobrancelhas, Gastón chamou-a:

Cristine? Temos visitas?

René levantou-se imediatamente, cumprimentando o conde com uma curvatura, e ela apresentou os dois, um tanto corada. Muito educado, ele se retirou dizendo que só ia procurar uns documentos e tinha que sair em seguida, mas fez um sinal para que eu o seguisse. Mal cheguei ao corredor, longe das vistas dos dois, Gastón perguntou-me há quanto tempo tais visitas ocorriam. Sem saber o que responder, disse que era um admirador que a vira no teatro, e que ela se sentia muito só às vezes. O conde não era de índole ciumenta, mas dessa vez não ficou nada satisfeito com a presença do rapaz. Para encerrar nossa conversa, disse-me em tom baixo:

Edite, não é minha intenção vigiar Cristine, mas gostaria de ser informado das visitas deste sujeito. Sabe que não me intrometo na vida social dela, mas esse rapaz me deixou com uma impressão ruim. Não quero que nada de mal aconteça à nossa Cristine!

Olhando-o de perto, notei as rugas de preocupação na testa e pensei no quanto compartilhava dos mesmos sentimentos dele, embora por motivos diferentes. Não conseguia gostar de René por mais que Cristine se encantasse com ele! Respondi que o informaria se achasse que ela corria algum perigo, e ele pareceu sossegar. Saiu pela porta dos fundos, sem ser visto na sala, e de repente pareceu um pouco mais encurvado pelos anos.

A observar meu querido amigo, senti um aperto no peito. Cristine era livre para ter quem quisesse, pois assim se sentia desde que tinha sido convencida a não ter os filhos que gerou. Desde os abortos, sua relação com Gastón nunca mais tinha sido a mesma, sentia dores intensas na frente, estava quase sempre indisposta. Muito embora ele fosse gentil e atencioso com ela, tinha ela aprendido: filhos ele só teria com alguém de sua mesma classe social. O sofrimento tinha sido intenso demais, e nem todos os presentes do mundo restituiriam a ela o afeto que um dia sentira por ele, e assim comunicou-lhe que não mais lhe devia exclusividade ou fidelidade.

Se não estou à altura sequer de lhe dar um filho, como pode desejar que eu seja somente sua? Não acha que tenho o direito de procurar alguém que me ache digna?

Essas palavras de Cristine calaram fundo em Gastón, que não conseguia enxergar sua vida sem a dançarina. Só então ele entendeu a extensão da dor que causara, mas pensou erroneamente que com o tempo e alguns presentes teria de volta a sua amada. E ela realmente permaneceu fiel ainda por dois ou três anos, até que René apareceu.

Ao final de algumas semanas de visitas, minha amiga estava apaixonada. Observei a admirável mudança pelo brilho nos olhos, o interesse por novas roupas, pelo novo número que apresentaria no teatro, e pelos presentes que comprava para o novo amante: casacos finos feitos em alfaiates famosos, sapatos de couro alemão, tudo elegante e caro. René a tudo aceitava, dizendo que quando fosse um advogado famoso a recompensaria.

Independente financeiramente, Cristine resolveu se separar de seu protetor, apesar de meus conselhos para que pensasse melhor, que não abandonasse o conde por semelhante paixão que com o tempo acabaria. Nada adiantou! Disse se tratar de amor verdadeiro, e que não seria honesto ficar com o conde pensando em outro homem. Fui obrigada a concordar.

Gastón saiu de cena elegantemente, como tudo que fazia. Deixou claro que continuaria seu amigo, e que ela poderia recorrer a ele quando quisesse, mas Cristine disse-lhe que seu novo amor era ciumento demais, por isso se manteria afastada. E era verdade: René aos poucos isolou-a de todos os seus conhecidos, e mudou-se para sua casa, fechando as portas para qualquer amigo dela.

Notei que não era nada dado aos estudos, mas amigo da jogatina e da vida noturna. De temperamento instável, maltratava os empregados da casa, e o que antes era um local harmonioso, agora era tenso e triste. Sabendo da bondade e do caráter de Cristine, na frente dela tratava-os bem, mas quando ela se ausentava os admoestava sem descanso. Parecia se comprazer com as ofensas e apenas a mim, mais ligada à Cristine, ele tinha um certo "respeito".

Como era a "governanta" da casa, calava-me para evitar discussões, mesmo porque sentia que, se contasse a verdade, ele a distorceria a seu modo, e enfeitada como estava, Cristine acreditaria nele. Tinha ela rendas de imóveis deixados por Gastón ou comprados por ela mesma que lhe garantiriam uma velhice tranquila e confortável, mas foi com medo que notei que ela estava passando para o controle dele os seus negócios, antes tratados com retidão pelo conde.

- Não tenho paciência para lidar com essas contas todas, Edite! E depois, René tem sido tão prestativo! Diz que não quer que eu me canse... sabe como sofro com minhas dores de cabeça!

Quis argumentar com ela, da forma mais política possível:

- Mas não o acha muito moço para ter tanta responsabilidade? E depois, o conde cuidava tão bem dessas coisas.

- Ele morre de ciúmes do conde e quer me provar que é tão bom

administrando meus bens como ele. E depois, me ama tanto! Confio nele.

Ela me pagava mensalmente um bom salário, e eu me senti feliz por nunca ter gastado sequer uma parte dele, já que não tinha despesas e preocupava-me com o futuro. Na estalagem onde trabalhava antes já havia observado jogadores e a rapidez com que fortunas eram dilapidadas em mesas de jogo, e René era compulsivo com as cartas e os dados. Não duvidava que amasse Cristine, uma das mulheres mais belas de sua época, mas acreditava que a maior paixão do rapaz era ele mesmo. Pensei em pedir socorro ao conde, para que colocasse algum juízo na cabeça de minha querida amiga antes que fosse tarde demais.

Fui procurá-lo em um prédio comercial perto das docas, local que eu conhecia bem, pois ia lá mensalmente enquanto ele estava com Cristine para receber o dinheiro para as despesas da casa, que ele fazia questão de pagar generosamente. Entrei no velho edifício e subi as escadas pensando em como convencer Gastón a ajudar minha amiga, um tanto sem jeito, já que ele podia estar magoado e não querer me atender. Mas foi com surpresa que notei que, assim que fui anunciada, o próprio Gastón veio à porta para me receber com um sorriso, ainda que triste:

- Edite! Minha amiga, que bom vê-la! Algum problema com Cristine?

Observei o conde com carinho e notei que tinha ficado mais velho em poucos meses do que em anos. A pele parecia macilenta e os olhos estavam fundos como de quem dormia pouco. Imaginei que eram as dores de amor, mas ainda assim não vi mágoa em seu rosto: apenas a vontade de ajudar e alguma esperança de que as coisas voltassem a ser como antes. Percebi então como sentia falta dele, de sua presença pela casa, sempre tão educado e nobre. O cheiro dos charutos pela sala de visitas ainda estavam no ar, e mesmo o tecido que revestia as paredes da casa de Cristine lembravam-lhe: sóbrios e elegantes. A inquietação que me afligira nos últimos meses com René foi substituída por singular tristeza e a visão de dias que poderiam não se repetir mais... pobre amigo!

- Preciso de sua ajuda, senhor! Estou preocupada com madame, não confio naquele moço que lá está.

Gastón sentou-se me oferecendo assento a seu lado, e tomando minhas mãos disse que sabia de tudo que estava ocorrendo, e que o comportamento do rapaz realmente era de se inspirar preocupação. Contou-me das jogatinas e de joias que apareciam em mesas de jogo nos salões de Paris. Joias

exclusivas, impossíveis de serem duplicadas, como um anel de esmeraldas e brilhantes, único pela lapidação da pedra central. Sabia também que a dançarina estava cancelando apresentações, pois o rapaz tinha fama de ciumento, e tinha praticamente se retirado da vida em sociedade.

Eu não tinha noção de que as coisas chegaram a tal ponto. Notava minha amiga cada vez mais presa dentro de casa, mas não sabia que tinha passado a ele, além do controle de suas propriedades, também de suas joias! Eram a garantia de sua velhice, como ela mesma dizia. Perguntei ao conde o que fazer para que ela fosse menos dominada por René, mas ele sacudiu os ombros, desanimado, e me respondeu:

- A culpa disso tudo é minha, boa Edite. Despedacei o coração de nossa menina quando não permiti por duas vezes que tivesse nossa criança, e agora pago o preço da solidão. Tenho em casa uma mulher que não amo e filhos que só me veem como meio de sustento, enquanto o amor de minha vida, a mulher que coloriu os meus dias, está envolvida com esse patife que sabe como ninguém explorar suas fraquezas. Cristine não confia mais em mim, mas o que posso fazer? Apenas dar-lhe um conselho.

Ouvi o desabafo de uma alma sofrida:

- Ela tem um número imenso de joias, muitas das quais nem se lembra. Ganhou-as de mim e de outras pessoas por apresentações feitas à nobreza de vários países. Esconda-as. Acredito que assim poderá ajudá-la. A casa onde mora, ele não terá acesso, pois há muito me pertence, e não a ela, logo, não poderá vendê-la. E vamos esperar que Cristine acorde e que não seja tarde demais.

Ouvi o conselho de meu amigo, e o guardei como se guarda o ouro. Faria o que ele me disse: chegando em casa, esperei que o casal saísse do quarto e com a desculpa de arrumá-lo me dirigi para lá, abrindo uma das gavetas de um armário de Cristine, vi o pequeno baú onde ela guardava algumas de suas joias. Sorri um pouco da desorganização de minha amiga, que nunca colocava as coisas no lugar: isso nos seria útil agora. Notei com pesar que o baú não estava tão cheio como antes, e dei falta de alguns brincos e anéis valiosos, mas as pulseiras e os colares lá estavam. Lembrei-me da conversa de uma das amigas de madame sobre um senhor em Montparnasse (região central de Paris) que fazia réplicas de joias e pensei que seria útil. Lembrei-me inclusive do nome: Monsieur Fouchet. Separei algumas peças mais belas e escondi sob o meu avental.

Aproveitando a desorganização dela misturei peças de pequeno valor no

baú das joias mais caras e escondi outras entre peças antigas que ela nunca tocava. Aquelas pelo menos estariam a salvo de René. Nos dias seguintes providenciei as cópias, e as verdadeiras joias escondi sob o piso de meu quarto. Foi a forma de protegê-la de sua própria ingenuidade.

Fazia já quatro meses que estavam juntos quando começaram as primeiras discussões. Madame se sentia presa, ressentia-se da falta dele à noite e do seu ciúme, por vezes violento. Notei que ela emagrecia e que estava abusando dos vinhos, coisa que antes não ocorria. A casa, que antes era alegre e calma, agora estava triste, e eu me preocupava com ela, antes gentil e risonha, agora chorosa e impaciente.

Começou a ter noites de insônia a minha amada amiga. O abandono, novidade para ela, atravessava as paredes da casa e vinha perturbar-lhe o sono, pois René saía quase todas as noites para "fazer negócios". Eu mesma não acreditava que tivesse outra mulher, sabia que a rival de Cristine era a jogatina desenfreada, mas isso não a convencia: o achava jovem e inexperiente. Temia perdê-lo. Segurava-me para não lhe dizer que bênção seria se ele se interessasse por outra, assim a deixando livre, mas o desespero e a ilusão dela me calavam. Era esse o amor de que falavam os poetas? Essa força destruidora, que cegava sua vítima sem esperança? Deus me guardasse de semelhante tortura, pois enquanto Cristine via René como o mais perfeito dos mortais, eu o via como realmente era: um crápula enganador, ladrão, egoísta e que se valia de uma aparência encantadora para enganar a incautos como minha amiga.

Desde cedo notei que não adiantava falar nada que a alertasse, pois além de não ouvir, ela o defendia com unhas e dentes. Seu rosto de criança, que a mim não enganava, parecia-lhe o de um anjo talhado das mais puras virtudes, enganado por todos, vítima das pessoas e das circunstâncias. Sempre que perdia o dinheiro dela, dizia: "Não foi minha culpa, 'fulano' me enganou", ou então "foi falta de sorte"...

Acostumada que estava ao conde, astuto nos negócios, e apesar disso, Cristine se deparava com um homem que, além de desonesto, era incompetente, mas o confundia como vítima das circunstâncias.

Numa quinta-feira, ele saiu como de hábito às oito horas da noite, vestindo um costume bem cortado, com um alfinete de brilhantes na lapela. Tudo presente de minha amiga, que nada negava ao seu amor. Tinha de admitir que estava belo como um cavalheiro e que parecia ter nascido nas mais nobres famílias. Vendo-o passar apressado, pegando a cartola com

familiaridade, suspirei de alívio, pois Cristine não saíra do quarto durante todo o dia, e eu não a tinha visto sequer pegar a bandeja com o lanche na porta do quarto. Finalmente ia poder vê-la, já que enquanto ele lá estava, sentia-me impedida de entrar.

Bati na porta do quarto sem obter resposta, chamei seu nome alto, e o silêncio continuou. Preocupada, abri a porta com cuidado, afastando-me da bandeja que ainda estava no chão do corredor.

1 Madame? Dormindo ainda? Não quer comer algo?

O quarto estava na escuridão, cortinas cerradas e um cheiro acre e amargo tomava conta do ar. Não conhecia semelhante odor. Caminhei meio às cegas e fui abrindo as janelas de par em par no grande quarto, deixando entrar o ar fresco e a luz da lua, prateada e intensa, podendo finalmente ver o vulto de minha amiga deitada na cama, em profundo sono.

Acendi ao seu lado o castiçal para poder vê-la melhor e reparei no rostinho, que parecia o de uma boneca de porcelana de tão lindo, muito pálido, com olheiras fundas. Os lábios, antes rosados, quase vermelhos, estavam sem cor. Tive medo de que estivesse morta e aproximei-me para sentir-lhe a respiração e o pulso; embora a respiração fosse fraca, estava ali.

Suspirando de alívio, ajeitei sua cabeça nos travesseiros, tomando cuidado com os longos cabelos louros e anelados. Notando que estava fria, a cobri com uma manta de lã que estava em cima de uma cadeira, e pus-me a arrumar o quarto na esperança de dissipar aquele cheiro que eu não conseguia identificar. Fui acendendo mais castiçais para não tropeçar, nem quebrar alguma coisa. Notei roupas espalhadas na cama de casal e me dispus a dobrá-las: do meio de um xale rolou no chão o que parecia ser um pequeno cachimbo de bambu com bocal de porcelana ou barro fino. Era dali que vinha o cheiro!

Tinha ouvido falar desse estranho hábito de queimar folhas e ervas e aspirar a fumaça que árabes, egípcios e mesmo alguns europeus praticavam, mas nunca tinha visto pessoalmente. René então estava fazendo uso do tabaco? Que coisa detestável! O cheiro era insuportável, não sei como Cristine permitia.

Mal sabia eu que aquilo estava longe de ser o famoso tabaco, que tanto agradava aos homens. Assim como eu nem desconfiava que não era apenas René o usuário. Terminei a limpeza do quarto, peguei um pouco de água fria da bacia e limpei o rosto de Cristine, que abriu os olhos e me olhou desconfiada:

- Edite... que horas são? Já é hora do almoço?

Apontei as janelas abertas e ela viu a noite em seu reinado silencioso.

- Santo Deus! Já é noite? E onde está René?

- Saiu, como de costume. Não está com fome, minha querida? Não comeu nada o dia inteiro!

Sentando-se na beira da cama, ela ergueu os graciosos braços espreguiçando-se como uma gata, ajeitando os cabelos encaracolados. Achei-a pálida, mas incrivelmente bela. Ela me sorriu:

- E verdade... sabe que não estou com fome? Esse quarto está com um cheiro estranho. Não notou?

Assenti. Não havia como não notar.

- Talvez seja um tabaco diferente de René disse eu -, sabemos como ele gosta de novidades.

Ela pareceu pensar um pouco, e depois sorriu misteriosa:

- Não foi nada disso, minha boa Edite. Lembra de minhas dores de cabeça, que estavam me deixando louca, sem me deixar dormir? René, numa dessas salas de jogo, conheceu um médico místico oriental, que lhe deu um cachimbo pequeno e um preparado para que eu aspirasse a fumaça. Daí vem esse cheiro acre. No início eu tive um acesso de tosse, mas depois me acostumei. E sabe que a dor passou como que por encanto?

Cristine reclamava daquelas dores havia meses, o que muito preocupava a mim e ao conde, pois em suas crises sequer podia ver a luz. Com René as dores pioravam e, às vezes, apenas a bebida parecia aliviar a dor, mas por pouco tempo; passado o efeito, a "ressaca" e a sede eram ainda piores. Olhei para ela, encantada:

- Passaram mesmo as dores, madame? Sem precisar de álcool? Mas é um milagre!

Em pé, no meio do quarto iluminado por velas, minha doce amiga sorriu:

- Veja só o quanto devo à René! Até agora não sinto mais nenhuma dor! Ah, Edite! Sei que o vê com reservas, mas não pode negar que ele se preocupa comigo! E a primeira vez em meses que durmo sem dores! Prepara-me um banho. Quero me arrumar para ele. Quero conhecer o médico que lhe passou essa receita milagrosa. Já pensou, Edite? Viver sem dor?

Olhei para ela tentando absorver as informações que me dava. Nem no tempo do conde alguém lhe cercearia os movimentos; se queria ir ao cabaré, onde também ficava a casa de jogo, iria. Mas não sozinha. Eu iria com ela,

para que não corresse risco. Peguei a bandeja que estava à porta.

I Preparo seu banho, madame, mas precisa comer antes. Veja, temos aqui uma sopa fria, como a senhora tanto gosta, e algumas torradas. Ceie antes, que enquanto se banha me arrumo e preparo sua carruagem com o Clemente. Faz tanto tempo que madame não sai à noite. Posso ir junto?

Pegando a bandeja das minhas mãos e começando de forma obediente a sua ceia, ela me disse:

- Acredita que iria sem minha Edite? Prepare o banho e avise o cocheiro. Hoje vamos voltar a frequentar a noite, *chere amie*.

IV PAULETTE E A CARIDADE

NOSSA BOA PAULETTE saiu da cozinha corada. O corpanzil apertado pelo colete muito limpo em cima da saia rodada com o avental e a touca muito branca:

- Então madame vai sair novamente?

Tive de sorrir para ela, afinal sua surpresa não era sem motivo. Fazia já algumas semanas que Cristine não saía de casa, ficando inteiramente à disposição de René, o que não agradava a Paulette, pois não simpatizava com o rapaz. Confidenciava-me que não o achava "boa coisa", que era "ladino demais" para o seu gosto, e que "madame estava muito melhor com o conde, aquele, sim, um cavalheiro!". Concordava com ela, é claro, mas abstinha-me de quaisquer comentários, contentando-me em dar monossílabos ou simplesmente abanar a cabeça em aprovação ou não. Sabia do grande coração de minha amiga cozinheira, mas também de sua grande "eloquência". Ela continuou com as perguntas:

- E vai ao cabaré?

- Acredito que sim respondi. O senhor René encontrou por lá certo médico que passou um remédio para madame e finalmente tirou suas dores de cabeça! Ela quer ir lá para ver se conversa com ele.

Ela parou e me observou, um tanto desconfiada:

- Conhecer um médico num cabaré? E será de confiança? Vindo do senhor René, nunca se sabe...

Eu tive que rir dela:

- Ora, Paulette! Bem se vê que nunca foi nessas casas de jogo, onde também se apresentam artistas! O cabaré que madame frequenta recebe não só médicos, mas a nobreza, comerciantes, intelectuais, cortesãs famosas. A

fina flor da França se encontra lá. Está longe de ser um lugar para a plebe! Muito embora eu fique apenas no camarim de madame, vejo muito do salão por entre as cortinas do palco, e é tudo muito elegante!

Ela cruzou os grossos braços diante do colo e me deu um olhar desconfiado como sempre:

- Pois eu que não frequentaria esse tipo de lugar. Não é lugar pra moça como eu. Adoro madame, que é muito fina, mas não acho esses ambientes boa coisa! De qualquer forma, que bom que vai com ela, Edite! Ando achando madame frágil demais!

Fomos interrompidas pelos passos de Cristine descendo as escadas, vestida num belo costume cor de vinho, pele empoada, realçando a palidez, brincos e colar de rubis e os cachos presos ao alto na cabecinha mimosa. Tinha perdido alguns quilos e o rosto, antes infantil, estava mais anguloso, mas como estava bela! Calçando luvas brancas, ela pediu que nos apressássemos, pois já eram quase dez horas da noite, e ela sentia falta do movimento das ruas. Clemente abriu-nos a porta da carruagem, sorrindo levemente para ela.

Passamos pelas ruas escuras, iluminadas fracamente pelas lanternas de gás. Protegidas por alguns becos, enxergamos as sombras de algumas prostitutas que tentavam ganhar a vida apesar do frio que já se insinuava pelas vielas. Alguns bêbados também passaram por nós em cantoria desafinada e alegre. Notei em minha amiga um sorriso triste, e ela me disse: Como temos sorte, não é mesmo Edite? Aqui, nessa carruagem, protegidas do frio e da fome. Como a pobreza cheira mal, não é mesmo?

Tive que concordar. Vinha dessas ruas um cheiro azedo, que nem mesmo o sereno que caía na noite abrandaria. Que pena tinha dessas moças perdidas na estrada da prostituição na Paris do século XVIII. A maior parte não chegava aos trinta anos de idade! Dizimadas pelas doenças, maus-tratos, vícios vários... Isso quando a fome não as levava precocemente, pois a carreira de uma prostituta pode ser miseravelmente curta! Ao passarmos por uma, notamos parte do rosto desfigurado, pelo que parecia ser um corte feio de navalha. Não podia ter mais de dezoito anos e já tinha um medo no olhar de quem tinha vivido séculos.

Criada dentro da estalagem, da qual nunca saía graças à madame Pointier, que não me dava um minuto de sossego, conhecia alguns pobres, mas não conhecia miseráveis como os das ruas de Paris. Ao morar com Cristine tive acesso a dois mundos completamente diferentes: o da mais

absoluta pobreza, e o da desmedida riqueza. Uma vez, depois de uma ceia fausta na casa de madame, eu pedi a ela para levar a uma família necessitada os restos de comida que estragariam. Cristine cedeu com prazer, mas Paulette sabiamente me advertiu:

Não pense que é coisa simples distribuir comida aos necessitados. Preparo as cestas para você, e até levo junto, mas tenha cuidado.

Ingênua, sem atinar no motivo, ainda assim concordei. Saímos então as duas, carregadas de três cestas onde fizemos sanduíches recheados de queijos e carnes. Andamos bastante e chegando a uma viela sem saída, fomos distribuindo na medida em que vimos pessoas sentadas no chão, apoiadas nas paredes, com aparência faminta.

No início nos olharam desconfiados, cheirando os sanduíches como se pudessem estar estragados ou com veneno; um menino de seus sete anos finalmente abocanhou um, nos olhou maravilhado, e veio correndo atrás de nós aos berros: "*Un autre! Un autre!*"⁵.

O que aconteceu em seguida não é difícil de imaginar, mas me assombrou em sonhos durante um bom tempo: já tínhamos distribuído ao menos uma dezena, mas apareceram mendigos de todas as partes a correr atrás de nós duas, que, carregadas com os três cestos, ficamos numa rua sem saída. Vi o peito de Paulette arfar de nervosismo, ela jogou para trás os negros cabelos anelados, ficou vermelha como um tomate e ergueu os cestos:

- Pra trás já! Senão nada de sanduíches! Ora, já se viu tanto alvoroço! Viemos aqui para ajudar!

Dito isso, milagrosamente pararam a correria, e conseguimos ir passando pelo meio deles com Paulette a abrir caminho agressivamente, empurrando e esbravejando, comigo encolhida atrás. Por fim, avistei a avenida, e ela me sussurrou: "Quando eu disser já, largue esse cesto e corra, que não vou conseguir segurá-los por muito tempo". Observei-os, e para meu susto, notei que ela estava certa, eles olhavam para os cestos como se buscassem um jeito de tirá-los de nós.

Pois que ficassem com eles. Foi só Paulette dizer: "Larga!", que eu soltei meu cesto e corri o mais que pude erguendo minha saia comprida e só parando mais de uma quadra depois, com ela na minha frente, apesar do peso, para minha surpresa, a rir a não mais poder, diante do meu espanto com a situação. Assustada ainda, pois não esperava por aquilo, assim que recobrei o fôlego, disse a ela:

- Mas, que coisa! O que foi aquilo? Pareciam querer nos agredir!

Mas, por quê? Só queríamos ajudar.

Só depois de parar de rir ela me respondeu:

- Minha querida Edite, é um povo que mal vê pão durante dias, e nós chegamos com carne, pão e queijo! E de graça! Isso sem sermos da igreja, nem cobrarmos deles trabalho ou algum tipo de humilhação. Quando a esmola é demais até o santo desconfia! Por isso tive receio que viesse sozinha!

Vendo que eu ainda custava a acreditar, ela continuou:

- Vim de família muito pobre, de área rural no sul da França. Meu pai trabalhava em vinhedos, e algumas vezes na infância, nos invernos, chegamos mesmo a passar fome. Perdi meus pais aos dez anos de idade e fui morar com as freiras, que me ensinaram o ofício de cozinheira, e desde então trabalho em casas de família ou padarias. E o melhor ofício do mundo! Nunca mais passei necessidade.

Ela sorriu, como a se lembrar de um passado longínquo, e continuou:

- Mas durante meu período no convento, aprendi a viver com os miseráveis como esses que vimos hoje. E não são poucos nesse nosso mundo. Vivem sem teto, sem trabalho, sem esperança... Acabam em cadeias imundas por roubarem pão, e tornam-se assassinos, ladrões, prostitutas. Uma menina de nosso convento, boa de coração, acabou se envolvendo com um rapaz como esse René, e engravidou. As freiras a colocaram para fora, o bebê foi para o orfanato, e ela para a prostituição. Não durou nem três anos. A fome faz coisas estranhas, Edite. Já passou fome?

Fiz que não com a cabeça. E verdade que comia sobras na estalagem, mas comia. Nunca havia passado fome, nem frio realmente. Dei-me conta de que apesar de muito pobre, tinha tido alguma sorte. Perguntei-lhe:

- E como então vamos poder ajudar esses coitados? Se os ajudamos, eles nos atacam...

Ela riu-se:

- É que a fome os enlouquece. Mas não se entristeça, que daremos um jeito. Já vimos que ir lá pessoalmente não funciona; se dermos sempre para a mesma família, seremos obrigadas a dar todo dia, e a comida que estamos dando não nos pertence. Dependemos da generosidade de madame, que pode se negar quando quiser.

Ponderei que era mesmo verdade. Que sábia estava me saindo Paulette, que nem ler sabia! Chegando em casa comuniquei a Cristine a perda dos cestos e contei-lhe a história. Para meu vexame, ela repetiu depois ao conde,

que caçoou de mim um bom tempo, mas depois ofereceu-se a ajudar quando fôssemos participar de um novo "projeto". Infelizmente, antes disso surgiu René, afastando aquele que nos poderia dar boas ideias no auxílio ao próximo. Olhei para minha amada amiga, que da janela da carruagem olhava a paisagem, alheia a tudo, e notei em sua testa pequena ruga entre as sobrancelhas.

- A dor voltou?

Ela me deu um sorriso triste:

- Sim, parece que o efeito do remédio está passando. Com sorte encontro René e o médico oriental. Quem sabe não me passa uma receita? Já pensou, Edite, se fico sem essas dores para sempre? Faz tanto tempo que sofro com elas. Já tentei até mesmo me embriagar, mas depois elas voltam ainda com mais força!

Lembrando-me de algumas crises enfrentadas por ela, combatidas sem sucesso com o álcool, atrevi-me a também ter esperança. Qualquer coisa seria melhor do que vê-la cambalear pelo efeito do vinho em excesso, sem com isso. afastar a dor.

- Pois vamos lá, madame. Quem sabe o sr. René não achou a solução para esse mal? À senhora é tão nova e tão bela, é injusto que sofra assim« Acharemos esse médico!

Ela me sorriu, a mãozinha enluvada na testa:

- Deus queira, Edite, Deus queira!

E assim paramos em frente ao cabaré, já lotado de carruagens àquela hora. Fiquei imaginando a surpresa do belo René ao ver entrar Cristine depois de tanto tempo afastada.

V MEDICINA CHINESA NO CABARÉ

(MÃOS SOBRE O delicado aparelho, Edite fechou os olhos e sobre a tela apareceu um ambiente iluminado por lâmpadas de gás, paredes forradas de tecido vermelho, com lambris de madeira, mesas de jogo de madeira maciça, cadeiras forradas com assentos marrons de couro, pequenos detalhes em dourado aqui e ali, homens e mulheres em profusão em volta das mesas, um bar afastado com um largo espelho e lustres em cobre batido. No fundo, coberto por cortinas de um tom vermelho ainda mais vivo e debruado por

tons de dourado, um palco em formato de meio círculo, de tamanho razoável, onde Cristine tinha tantas vezes se apresentado. O ambiente recendia a luxo e dinheiro, e o brilho dos lustres competia com as joias das mulheres, provavelmente cortesãs e atrizes da época, ricamente vestidas, e homem de vestes impecáveis. Edite sorriu de leve ao notar os penteados de época, altíssimos e desproporcionais na cabeça das mulheres, e por fim tirou as mãos, e continuou sua narrativa.)

Vermelho. Era esse o primeiro impacto do cabaré. Era a cor do pecado e do luxo, pois desde a Antiguidade era o pigmento mais caro e desejado, parecia atrair riqueza material, e não se podia dizer que o ambiente não fosse luxuoso. Minha boa Paulette jamais imaginaria o que era um cabaré como aquele por dentro, o cheiro de perfumes fortes, enjoativos, de perfumistas famosos da França competindo entre si, as joias cintilando nos pescoços das mulheres, moças jovens entre algumas já mais conhecidas tentando a vida entre a nobreza e a alta burguesia. Por trás do luxo, havia muita inveja, calúnia e maldade. Eu notava a cobiça nos olhos das jovens ao verem fortunas mudarem de mãos conforme a sorte nas cartas e nos dados, mas não as julgava: a vida podia ser dura na França daquela época.

Minha amiga acabara de fazer vinte e sete anos, o que na época seria considerado idade de uma matrona. Mas Cristine era uma ave rara. *Muito* rara. Para melhor entender isso, é preciso entender a sociedade de Paris do século XVIII.

O povo francês era conhecido por ser inovador e inteligente, mas também tradicionalista. O número de pobres e miseráveis nessa época era grande, e entre as moças da classe baixa sobravam ou a fome, ou o trabalho quase escravo. Pior ainda se fossem bonitas, mas desprotegidas: a prostituição. Com um pouco mais de sorte ou beleza podiam se tornar cortesãs. Famílias ricas ou nobres se casavam entre si, e isso não se discutia. Os herdeiros eram sempre preservados, as propriedades eram mantidas, o que não os poupava, é claro, de futura miséria, caso os bens fossem mal administrados. Novas fortunas eram vistas com desconfiança, mas o dinheiro abria portas.

Entre os ricos e os pobres, ficava a burguesia, a classe a que a família de Cristine pertencia. Tivesse ela tido mais sorte, o pai durado mais tempo, teria se casado com um comerciante, ou um pequeno fazendeiro, tido muitos filhos e se tornado uma mulher próspera, tranquila e feliz. Mas a morte do pai a precipitou para um destino diferente. Apesar disso, a educação que recebeu,

assim como os valores morais, não foram os da plebe, e Cristine podia ser cortesã, mas se comportava melhor dó que muitas esposas. Durante os anos que esteve com Gastón nunca houve outro homem. Ela podia ser simpática, educada, mas não permitia aproximação, o 'que era raro num meio como aquele, e que ganhou a admiração geral.

Outro diferencial era a sua educação. Sabia ler e escrever em mais de um idioma (Gastón tinha incentivado isso), era adepta da leitura de romances, não usava um vocabulário de baixo calão como algumas damas de seu meio. Nem por isso as criticava. Simplesmente não tinha sido criada daquela forma, o que fez com que o conde, que já tivera outras amantes, ficasse ainda mais apaixonado. Uma vez ele me segredou que Cristine era mais polida que a maior parte dos nobres que ele conhecia, incluindo a sua mulher.

Ela ficava feliz como uma garotinha quando ganhava presentes, mas nunca os pedia. Isso encantava tanto ao conde que ele vivia achando um jeito de surpreendê-la, chegando na casa quase sempre com um embrulho diferente: podiam ser desde bombons a uma joia, ela fazia a mesma festa. Fazia dias que levantava meio triste, ou com as dores infernais na cabeça, mas tinha bom temperamento, e era amada pelos empregados.

Mulheres daquela época, que frequentavam aqueles ambientes, quando chegavam à idade de Cristine normalmente já estavam acima do peso por conta do excesso de álcool e das comidas condimentadas. A pele delas já estava cansada pelas noites mal dormidas e pareciam realmente matronas. Mas ela, não sei se pelo exercício frequente da dança, pela dieta quase que de frutas, ou por ter pertencido apenas ao conde, chegava aos vinte e sete anos bela como uma deusa.. O rosto sem manchas nem rugas estava mais afilado e tinha perdido o contorno infantil, e o corpo tinha formado as curvas da idade adulta mantendo-se esbelto e contornado pelos exercícios da dança. Os olhos esverdeados tornaram-se mais oblíquos e ela aprendera a usar um mínimo de maquiagem de forma adequada, que a fazia se sobressair no meio daquelas mulheres excessivamente maquiadas. Logo à sua entrada no cabaré, usando o belo traje cor de vinho, com os rubis no colo muito branco, abriu-se uma passagem para ela; ouvi uma voz rouca de homem a chamar alto:

Cristine! Enfim a deusa toma a seu reduto! Cristine! Cristine de Besançon!

Encolhida por trás dela, avistei a figura de Albert, gerente da casa, gordo e grande, moreno claro de seus quarenta anos, bigode negro, mãos grandes e peludas. Com um grande sorriso, abriu espaço fazendo exagerada mesura em

frente à minha patroa, que soltou uma risada alegre ao ver o amigo de tantos anos. Nunca soubemos quem era o dono da casa, nem mesmo o conde sabia, mas Albert fazia o seu trabalho magnificamente, agradando aos clientes, escolhendo os melhores artistas, e tratando os empregados com mão-de-ferro. Vendo-o praticamente aos seus pés, Cristine sussurrou-lhe: "Erga-se, tratante! Sou só sua cliente hoje!", ao que ele lhe sorriu e deu-lhe o braço levando-a a uma mesa e acomodando-nos as duas em confortáveis cadeiras.

Enquanto conversavam os dois sobre amenidades, observei Gastón pálido, numa das mesas do lado oposto do salão, a olhar fixamente para nós. Ao seu lado estava Soraya, moça de seus vinte anos, exageradamente maquiada, e uma velha "amiga" de Cristine, famosa por arranjar encontros entre casais, Madeleine. Eu as conhecia, pois frequentavam a casa de minha patroa até seis meses atrás. Parece que a mais velha tentava agora entreter o conde, que estava livre, mas não parecia estar tendo muito sucesso.

Divertindo-se com Albert, que sempre a fazia rir, Cristine não notou quando Madeleine franziu o rosto, em desagrado, observando-nos, e o conde levantou-se da mesa, deixando as duas sozinhas com o semblante bastante amuado. Notei meu amigo abatido, vindo em nossa direção, pensei se não estaria doente ou algo parecido. Ao vê-lo aproximar-se da mesa, Albert sorriu e se levantou:

Conde! Enfim, parece que os velhos tempos voltaram! Só falta agora nossa beldade voltar aos palcos e nos brindar com sua dança. Não pensa em voltar a dançar, Cristine?

Olhando Gastón tristemente, o sorriso saiu do rosto dela, que respondeu a Albert:

— Certas épocas devem ficar no passado, meu amigo! Afinal, a vida segue seu curso. E depois, René não gostaria que eu me exibisse novamente em público, é ciumento, toma conta de mim. Não o viu por aqui hoje? *

— Como não? respondeu Albert é cliente cativo nosso. Está numa de nossas salas privadas. Se quiser, depois a levo até lá. Mas, não quer ver o show? Hoje temos dançarinas russas que são a nova "coqueluche" de Paris!

Olhando Gastón nos olhos com tristeza, ela respondeu a Albert:

- Hoje não, meu querido amigo. Estou aqui por outros motivos. Não notou com René um médico* que também joga, um oriental?

Albert coçou a cabeça, como se puxasse pela memória.

- Ah, sim! Tem realmente os olhos puxados, mas a pele é um pouco morena! Muito exótico! Gosta mais de observar do que de jogar. Como é

mesmo o nome dele?

De pé, atrás de mim, Gastón respondeu:

- Kayzen. Dr. Kayzen. Mas, que quer com semelhante pessoa, Cristine?

O olhar dela endureceu:

- Como sabe, depois da última vez que "adoeci", tenho tido dores de cabeça insuportáveis. Pois o bom doutor receitou-me algo que me aliviou, pela primeira vez. Desejo falar com ele. •

Gastón sabia perfeitamente que ela se referia ao último aborto, a pedido dele, que abaixou a cabeça, envergonhado. Ainda assim éle advertiu-a:

- Temos outros médicos em Paris, Cristine. Não sei se deve confiar em estrangeiros.

- Pois foi por confiar em franceses que adquiri essa dor, e por consultar médicos franceses que essa dor continua. Importa-se, Albert, de me levar até René?

Vendo-se assim intimado, o bom gerente levantou-se a dizer: "De forma alguma", e nos conduziu para uma sala à parte, mais nos fundos do imenso salão. Observei o conde de cabeça baixa, encaminhando-se para sua mesa, onde Madeleine o esperava. Senti certa tristeza por não poder ajudá-lo com minha amiga: a mágoa dela era profunda.

Entramos na sala privada de jogos e fomos logo atingidos por um cheiro de álcool, perfumes variados, e fumaça. Embora a sala tivesse pé direito alto, praticamente não tinha janelas e, ao contrário do salão principal, que contava com músicos, o som ali era no máximo de monossílabos. Avistei René de cenho franzido ao lado de senhores muito bem-vestidos, e a presença de Cristine chamou a atenção de todos, se bem que por pouco tempo, logo voltando todos a se concentrar em seus próprios jogos. Ao vê-la, René primeiro pareceu surpreso, depois levantou-se e veio ter com ela, pedindo licença aos companheiros da mesa.

- Querida, que faz aqui? Não posso me ausentar da mesa, não seria educado! Mesmo porque estou tendo sorte hoje. Não pode ficar no salão um pouco?

- Vim ver o médico que lhe deu o remédio! Ele está aqui?

Olhando em volta, um tanto aborrecido, ele assentiu, apontando discretamente um senhor de meia-idade, cabelos negros, olhos orientais e pele amarelada. Vestia-se à moda ocidental, mas podia-se notar o luxo da seda. Realmente não jogava, mas observava uma mesa de cavalheiros com um sorriso estranho nos lábios.

- É aquele. Chama-se doutor Kayzens Peça a Albert que lhe

apresente, pois agora tenho que voltar à mesa. DeVia ter me avisado: que vinha, Cris-> tine! Sabe que não gosto que saia sozinha!

Ela o olhou aborrecida:

- É que decidi de última hora. Não se zangue, René, volte para seu jogo, que Albert me apresenta.

E assim foi; Com a diplomacia costumeira, Albert levou Cristine ao doutor Kayzen, que se apresentou como um médico chinês, mas que ainda não estava clinicando em Paris. Dedicava-se à medicina oriental, que segundo ele tinha milhares de anos, e encantado com a beleza e educação de Cristine conversou longamente com ela sobre a eficácia dos medicamentos orientais na analgesia das dores mais diversas.

Carismático, ele regou a conversa a champanhe, e quando notei, minha amiga já tinha lhe contado coisas bastante íntimas sobre sua saúde, como a interrupção de sua última gestação. Ouvindo com atenção, ele lhe explicou que quando interrompida uma força da natureza, como uma gravidez, isso podia causar inúmeros distúrbios físicos e psicológicos, ie poderia, sim, ser a causa de suas dores.

Sensível, minha amiga foi às lágrimas, e ele ofereceu um lenço, galantemente. Ela falou do efeito que lhe causara o produto aspirado, que as dores tinham cessado, e ele sorriu. Disse que em sua terra era amplamente usado há séculos e que só agora estava sendo difundido na Europa. Vinha do "suco de uma flor" e realmente cessava as dores.

- Suco de uma flor? perguntou Cristine. :

- Sim respondeu Kayzen aqui vocês a conhecem como papoula. Aquela branca, bem suave. .

- Mas o cheiro é tão acre;., acho que não me acostumo a aspirá-la. Não existe outra forma de consumo?

Ele riu-se:-

- Claro que existe. Para o consumo das damas, que não gostam do cheiro, e menos ainda da fumaça, fazemos tabletes? O fumo é muito forte para as senhoras! Só que os tabletes não são muito baratos. Mas nada que madame não possa comprar.

Notei que Cristine se interessou. Tabletes seriam bem mais discretos e muito mais apropriados, mesmo porque tinha detestado o cheiro.

- E onde eu os compraria perguntou.

- Eu mesmo os manipulo, conforme a necessidade do cliente. Devo dizer-lhe, porém, que o efeito dura menos do que o aspirado, mas então é só

tomar outro tablete. Importante também que só o tome em caso de dor.

Cristine riu-se.

- E por que o tomaria se não tivesse dor?

Notei naquele homem um olhar misterioso, um tanto, estranho. Apesar das palavras gentis, e da postura até humilde, não me fiei nele. Parecia que um alarme batia dentro de mim dizendo: "Tire-a daí, Edite!", mas como? Ela parecia tão feliz em acabar com as dores! Ele continuou:

- É verdade... mas alguns pacientes meus já exageraram de tanto que gostaram do remédio. Dizem que ficam leves> alegres. É um composto de uma flor, mas nada em excesso é bom. Não creio que madame exagerará, não é? Aliás, o remédio também proporciona um sono bastante tranquilo.

Quanto mais ele falava, menos eu gostava. Mas, se ,era feito de uma flor, que mal faria? Hoje .sei da minha ingenuidade, mas na época, que tola fui! Ele disse a Cristine que tinha ali mesmo alguns tabletes, perguntou a ela sobre a intensidade da dor e lhe deu alguns gratuitamente para que experimentasse. Ela lhe passou seu endereço, fazendo uma encomenda para o dia seguinte, às quatro horas da tarde. Trataram o preço, o que pelas posses de Cristine realmente não era tão caro. Ela sorriu e levantou-se para despedir-se, o que ele fez em exagerada mesura.

Os homens da sala reservada, em sua maioria, tinham os olhos na bela loura, com exceção de seu companheiro, René, que parecia mais encantado com as cartas que tinha em sua mão. Quando ela sé levantou para ir embora, não foram poucos os cavalheiros que se levantaram com ela, e só assim o tolo notou que a mais linda moça do recinto estava se retirando. Veio então apressadamente ter com ela.

- E então? Conseguiu consultar-se com ele?

Feliz de ter conseguido alívio para suas dores, ela lhe sorriu:

- Consegui, querido. Até me deu alguns tabletes. Acha que ainda vai demorar muito? Como está o jogo hoje?

Ele sorriu de seu jeito mais charmoso:

- Muito bem! Lembra que lhe disse que estava com sorte? Hoje vou conseguir comprar um *beau collier*⁶ para minha Cristine!

Ela riu-se. Eu não. Lembrava-me perfeitamente de alguns colares bem caros que ele já tinha perdido e não achava graça nenhuma. Cristine resoh veu ficar mais um pouco no cabaré e avistou uma amiga que há muito não via, loura como ela, mas bem cheia de carnes, risonha e despachada como ela só. Albertine era uma alemã radicada na França há algumas décadas que

adorava Cristine como a uma filha e sempre que se encontravam, a cafetina erguia os braços gordos e brancos a gritar para que o salão inteiro ouvisse: "Cristine! Cristine!", e o som só diminuía quando minha patroa a atendia. Assim, logo que ouvi os primeiros gritos, apontei para a direção da alemã, que pulava em cima de uma mesa de madeira, a qual, embora parecesse forte, não sei se resistiria ao peso por muito tempo. Logo as duas sé abraçaram e começaram a falar dos velhos tempos e sobre os novos acontecimentos do local.

Notando que as duas se divertiam em meio à champanhe e ao vinho; percebi que madame tomou um daqueles tabletes com um pouco de água, talvez para passar a dor que já a incomodava desde mais cedo. Acostumada a ser a sombra de Cristine por onde íamos, achei logo uma cadeira, segurei a bolsa dela e me encostei junto à parede descansando um pouco. Pensava distraidamente em quanto tempo fazia que não saíamos de casa à noite... seis meses? Talvez mais. Depois de ter se apaixonado por René, ela tinha se retirado da noite parisiense, deixando de lado os amigos e o conde. Estava assim pensativa na sorte de minha amiga quando ouvi uma voz conhecida a me sussurrar no ouvido:

- Poderia vir comigo, ma petite maure? Gostaria de lhe falar um pouco.

Não precisei virar-me para notar Gastón, pois ninguém mais me chamava desta forma. Sabendo que as duas amigas ainda conversariam por um bom tempo, levantei-me e fui com ele para uma mesa discreta* onde nos sentamos confortavelmente. Olhei para ele com o carinho costumeiro:

.Como vai, conde? Já está de namorada nova? •>

Sabendo que me referia a Madeleine, sua protegida, ele me sorriu tristemente.

- Madeleine é uma harpia bastante sagaz. Edite, e me acha, além de um bom partido, um velho tolo. Não tão tolo, felizmente. Mas a verdade é que ao menos tento me distrair da solidão, embora tenha notado que com companhias como essa, que sequer parecem falar a mesma língua que a minha, me sinto ainda mais solitário. Mas, não falemos de mim. Estou preocupado com Cristine.

■ Sabendo de antemão que o assunto seria a madame, assenti com a cabeça e esperei que ele continuasse.

- As dores de cabeça dela pioraram?

- Bastante. Existem noites em que ela sequer consegue dormir e aca*

ba por se embebedar, o que no dia seguinte só traz mais dores. Por isso veio aqui procurar esse médico. Não adiantavam compressas ou chás, ela chegou a emagrecer a olhos vistos, já nada parava em seu estômago, o ontem, apesar do cheiro que ficou no quarto, ela finalmente teve sossego das dores, e dormiu.

- Ela tem essas dores diariamente? I.

- Não. Mas pelo menos umas três vezes por semana elas aparecem.

Nossa sorte é que madame é bem-humorada e nesses dias prefere apenas permanecer na escuridão a ficar reclamando pela casa. Espero que esse doutor a ajude.

Ele suspirou, contrariado.

- Isso muito me preocupa, minha querida Edite. Não sei se esse senhor sequer tem um consultório aqui em Paris. Sabe que prefiro confiar em nossos médicos. Aqui no cabaré nunca joga ou se embebeda como a maioria, mas consegue boa parte de sua clientela, que, por sinal, lhe fica bastante fiel.

- Mas, então, deve ser um bom médico... disse eu ingenuamente. I

- Não sei se é bem isso, minha querida ele me deu um sorriso amargo os clientes dele simplesmente não podem mais passar sem ele, que por sinal vem enriquecendo a olhos vistos.

Um calafrio me percorreu a espinha, e perguntei, embora temesse pela resposta:

- E estes clientes melhoraram?

Gastón soltou uma risada baixa.

- Se estavam querendo fazer uma dieta para perder peso, tiveram sucesso. Ele é muito procurado, isso é certo, mas não conheço nenhum desses pacientes intimamente e não tenho como me informar da vida alheia dessa forma. Mas o certo é que aquele tolo do René parece prestar atenção apenas nele mesmo, de forma que peço a você que me procure caso note alguma mudança séria em nossa Cristine. Sei que ela não deseja mais falar comigo, mas nem por isso a abandonarei, caso precise Não se esqueça que tem em mim um amigo extremado, Edite, mesmo; porque me sinto responsável por ela.

Olhando-o de perto, notei as rugas de preocupação ao redor de seus olhos. Rugas que não apareciam antes, quando ele era feliz com Cristine. Tomei sua mão sobre a mesa e lhe disse:

- Não se preocupe. Tenho seguido seus conselhos com o patrimônio dela, tentando resgatar o que posso da mão leve de René, imagine o que não

faria pela saúde de Cristine! Madame sempre foi mais do que bondosa comigo, pode deixar que lhe procuro, caso precise.

Parecendo um pouco mais tranquilo, ele me sorriu tristemente. Levantei-me a tempo de ver Cristine me acenando e pedindo para ir para casa pois sentia de repente muito sono. Comuniquei-me com Albert e pedi que avisasse a René que o esperá-ri-amos em casa, e chegando ao coche, ela adormeceu no meu ombro. "Que remédio forte", pensei.

Em casa, pedi ao cocheiro Clemente que a carregasse até o quarto, o que ele fez de bom grado, pois Cristine não era pesada, e a colocamos na cama. Com as janelas abertas o cheiro anterior era quase imperceptível. Na luz das velas olhei o rosto de minha amiga, tão belo e tão pálido, a respiração lenta, como se estivesse em letargia. Desamarrei-lhe o apertado espartilho, tirei-lhe as delicadas botinas, soltei-lhe os cachos e limpei o rosto, que parecia agora o de uma boneca de porcelana, e ela continuou no seu sono. Preocupada, sentei-me ao seu lado e decidi ficar por ali, temerosa de algum efeito que o remédio fizesse que não fosse o esperado.

Perto das quatro da manhã, René chegou e eu, finalmente, saí do quarto; ela ainda estava em sono profundo. Fiz minhas orações e fui para a cama pensando que aquele chinês não seria tolo de matar minha patroa logo da primeira vez, e depois, ela já estava um pouco mais corada.

Deus que me ajudasse, mas eu não estava gostando nada daquilo.

VI SERAFIM FALA...

(Narrativa de Ariel)

NOTEI A PEQUENA Edite um tanto cansada, como se as recordações lhe chegassem de forma um tanto vívidas demais. Serafim lhe trouxe um copo de água fluidificada, que ela agradeceu e tomou aos poucos, olhando-nos como se saísse de um transe, um tanto envergonhada. Só então nos disse:

O senhor Ariel tinha me dito que me sentiria em casa por aqui, e Deus sabe que nunca fui de falar muito. Mas é verdade! Parece que uma força nos impulsiona e as palavras saem de forma mais fácil. No entanto, vejo tantas perguntas nas pessoas que me ouvem que resolvi fazer uma pausa.

Entre espíritos de avançado desenvolvimento esse fenômeno de sentir os pensamentos é relativamente comum, e a "plateia" já era numerosa. Eu mesmo já sentia os sentimentos das pessoas presentes em relação à história que ela contava; a maioria simpatizava com Cristine e tinha piedade por ela,

mas não eram poucos os que a julgavam, principalmente pelos dois abortos. Esse fluxo de ideias começou a interferir na narrativa de Edite, cansando-a além do necessário, ao que Serafim, um homem aparentando seus trinta e cinco anos, moreno claro, olhos intensos e muito azuis, entidade respeitada na Colônia, resolveu intervir. Levantando-se, com a voz calma, mas potente, dirigiu-se a nós:

- Acredito que somos aqui, na maioria, ao menos, cristãos. E é bom lembrarmos sempre das palavras do mestre Jesus, de sabedoria milenar, que nos advertiu seriamente: "Não julgai para não serdes julgados!".

A isso fez-se silêncio, e no rosto calmo de Edite surgiu um sorriso de agradecimento. Ele continuou, e falava com doçura:

- Qual de nós, que se recorda de algumas encarnações passadas, pode dizer que nunca incorreu em erros? A humildade talvez seja a mais necessária das virtudes, pois somos todos falíveis, e o Pai nos aceita sempre, guiando-nos para um novo caminho. E preciso também olhar a época e os costumes antes de julgar tão duramente. E certo que o erro aconteceu e que o aborto é um dos crimes mais detestáveis da humanidade, mas talvez Edite nos esclareça o que se passava na época.

Sentada em uma cadeira um pouco mais alta, Edite se sentiu disposta a falar com sua voz calma, mas perfeitamente audível graças à acústica da sala:

- Quem olhar hoje as gravuras da Paris de 1700 verá belas construções, a Catedral de Notre Dame, ruas largas, mulheres ricamente vestidas. Isso também era Paris. Mas existiam também milhares de vielas estreitas, becos imundos, pobreza, prostituição. Nada disso era retratado. As mulheres ou se casavam com quem a família escolhia, ou, quando de classe social muito baixa, trabalhavam por salários escavos, praticamente pela comida. Fora isso sobrava vender o corpo. As cortesãs como Cristine eram de fato invejadas, pois ao menos escolhiam os próprios amantes e dispunham de liberdade financeira, coisa que nem as nobres possuíam com facilidade. Mas, ter filhos com um nobre? Era um tabu.

Notando nas pessoas certa confusão mental (afinal, se Cristine tinha como manter a criança, que problema haveria?) Edite continuou:

Todas as portas se fechariam para ela. Teria que se retirar da vida social e não conseguiria mais nenhum companheiro. Afinal, que homem quer uma cortesã que lhe arrume filhos ilegítimos? Era uma regra não escrita em nenhum lugar, mas cortesãs que se atreviam a semelhantes atos, não raro terminavam a vida na miséria, a não ser que tivessem o apoio do amante. E ela não poderia

contar com isso. Por esse motivo a mágoa que tinha do conde: ela queria as crianças. No último aborto, ela escondeu a gestação até o quinto mês na esperança de que ele mudasse de ideia.

Ouvi ao meu lado um suspiro profundo e olhei para Esthefânia, minha companheira, que, envolvida com a história, tinha os olhos cheios de lágrimas. Apertei-lhe a mão enquanto ela me dizia:

- Que triste, marido! Não sabia que cortesãs sofriam assim!

Do público, uma senhora de seus cinquenta anos terrestres, parecendo uma mãe de família italiana, morena clara, nobre e bonachona, mas com fisionomia transtornada, pediu licença e perguntou ao irmão Serafim:

- Aos cinco meses? Mas que crime horrendo! A criança já estava formada! Como pode uma mãe permitir tal coisa? Qual a punição para uma ação dessas, irmão Serafim?

O bom Serafim levantou-se para responder melhor. Seus penetrantes olhos azuis fixaram-se primeiro na senhora que fez a pergunta, depois na audiência em geral.

- Entristece-me muito, irmã, essa imagem que muitos temos do Pai, como se Ele estivesse sempre pronto a punir-nos pela menor falta. Por sermos pequenos, ignorantes e vingativos, imaginamos que o Senhor do universo também o seja. Acredita mesmo a irmã entender os desígnios do Senhor? Deus é amor, senhora. Um amor maior do que podemos nós com a nossa pequena inteligência conceber. O amor não pune, ele ensina.

A senhora ficou numa dúvida atroz, que expressou com palavras:

- Então podemos cometer os atos que quisermos que não seremos punidos? Que justiça há nisso?

Ele sorriu, conciliador:

- Não há punição, mas consequências. Essas, sim, plantadas por nós mesmos. Tolos são os homens que se imaginam maiores que os outros ou inatingíveis, pois desde que a luz do entendimento começou a esclarecer o pensamento humano essa verdade permeou, praticamente, todas as culturas do globo terrestre, primeiro no Oriente, depois no Ocidente: nada foge da lei do retorno.

No rosto da senhora vislumbrei o clarão do entendimento. A plateia, já numerosa (em torno de sessenta pessoas), continuava em silêncio. Sera-, fim continuou:

- Nossos irmãos hindus já há séculos pregam a reencarnação, assim como os tibetanos. Nosso mestre Jesus disse claramente sobre o "nascer de

novo", mandalas significando o eterno recomeço foram espalhadas em várias culturas, o "carma" positivo ou negativo foi sendo divulgado mesmo entre os ocidentais. Devíamos prestar atenção em certos ditos de nossos irmãos orientais; um deles prega que "a palavra tem poder". E é verdade. Tudo move energia. E toda energia retoma.

Olivia, até então sentada no alto de uma estante de madeira no fundo do salão, silenciosamente se colocou ao lado de Esthefânia com um sorriso, dizendo em pensamento para nós: "Prestem atenção, que ele agora vai explicar uma coisa importante". Endireitando-se na cadeira, minha mulher apertou-me a mão. Serafim continuou:

- Não disse o Cristo, mestre amado da maior parte do Ocidente, que "quem com ferro fere também será ferido?". Não notam aí a irrefutável lei do retorno? No plano terreno, muitos de nós já condenam o aborto pelo sofrimento físico causado ao feto. Comenta-se da extrema covardia do ato de uma mãe, que deveria proteger a prole contra todas as intempéries; assassinar dentro do próprio útero, de maneira atroz, o filho indefeso, muitas vezes despedaçando-o e colocando em risco a própria saúde. Tudo isso é verdade. O feto sofre fisicamente, a mãe também. Mas, se analisarmos friamente o ato do ponto de vista material, é uma enorme dor física, mas de poucos minutos para o feto. O real problema é no plano espiritual, e no energético.

Continuando a olhar para todos nós, em especial para Edite, ele prosseguiu:

Acredito que muitas das mulheres que praticaram semelhante ato, se tivessem tido apoio da sociedade em que viviam para terem seus filhos, não abortariam. Logo, a sociedade e os companheiros dividem essa culpa com elas. Muitas pessoas que as julgavam por terem abortado também as julgariam por serem mães fora do casamento, talvez de forma ainda mais pesada, pois o aborto ainda podia ser mantido em silêncio, e sofrido apenas por ela. O filho seria exposto socialmente, gerando direitos e deveres que incomodariam os que julgam. Aqui no plano espiritual podemos ver que quando somos chamados à reencarnação passamos por um processo lento de ligação ao corpo físico, que começa com a concepção, e só termina na hora do parto. Geralmente somos ligados ao corpo lentamente ao longo de meses, por isso mantemos as sensações intrauterinas que aparecem tão comumente em regressões realizadas por parapsicólogos e médicos, e um aborto corta esse vínculo de forma abrupta e dolorosa,

Era verdade. Em meus anos de Colônia, algumas vezes tinha visto

espíritos se encaminhando para uma construção grande, como se fosse um imenso ministério, que era onde se isolavam antes de reencarnar. Quanto tempo antes do nascimento? Francamente não sei, acredito que dependa de espírito para espírito. Mas sei que nesse estágio as memórias de encarnações passadas eram apagadas em sua maioria, para que não influenciassem negativamente na existência que viria. Claro que em alguns espíritos, muito raros por sinal, essas mesmas memórias não eram totalmente apagadas, mas nisso também existia um propósito, geralmente o do testemunho perante os homens da multiplicidade de existências, mas eram bem poucos. Afinal, por que nos lembraríamos de antigas rivalidades, mágoas ou desentendimentos? Ou ainda de antigas paixões que só nos atrasaram a vida? Servindo-se de um copo d'água, ele pareceu refletir:

- Um espírito não reencarna ao acaso. Alguns por aprendizado, alguns por missão. Cada caso é diferente. Dependendo do grau de evolução de cada um, a aceitação ou não do rompimento desse vínculo pode gerar consequências desastrosas. Se o espírito for iluminado, apenas lamentará, mas se não for, poderá se revoltar com a chance perdida. Essas dores, sim, levam anos para serem sanadas. Mas, vamos agora observar apenas o caso de nossa amada Cristine, que queria as crianças, mas não teve coragem para tê-las.

Fez-se um silêncio na sala, na expectativa do que iríamos ouvir. Que almas estariam destinadas a fazer parte da vida da cortesã? Como que ouvindo meu pensamento, o bom Serafim continuou:

- Uma alma estava destinada a acompanhar Cristine e o conde pela existência terrena. Seria uma menina, quando reencarnasse, e por duas vezes ela tentou se fixar no ventre da mãe sem sucesso, dadas as convenções sociais da época. Tratava-se de alma de rara iluminação, ainda que devesse ter saúde física frágil. Seria para quem a conhecesse um grande alento, pois possuía no meio espiritual grande inteligência e acentuada sensibilidade. Cristine queria tê-la, mas grande era o laço da menina com o conde, em encarnações anteriores, e foi justamente ele quem a impediu de reencarnar. Seria para ele alento na velhice que estava se aproximando, juntamente com Cristine, que provavelmente não o teria abandonado.

Nana, interessada na história, captou nas palavras do irmão a chance de mais um aprendizado, e ainda que um pouco tímida, perguntou:

- O senhor disse que ela teria saúde frágil. Então podemos prever o futuro dos que reencarnam, irmão?

Serafim sorriu pacientemente. Não eram poucos os que acreditavam nisso e ele ficou feliz em poder explicar.

- Minha querida Nana, caso o futuro já estivesse escrito, para que reencarnarmos? Seríamos então apenas marionetes do destino? Mas algumas características, é claro, já são por aqui mesmo definidas, por exemplo, a genética desses futuros seres. Como nossa boa irmã sabe, o corpo é uma vestimenta importante do espírito no caminho do aprendizado da alma, e nos valem disso para que algumas lições sejam aprendidas em seus pormenores.

O assunto logo me interessou bastante. Como médico, a genética tinha sido uma de minhas paixões, e eu queria desde muito tempo ter me dedicado a mais estudos, pois sempre achei o assunto fascinante. Ele continuou:

- Nada, no universo de Deus, vem ao acaso. Os antigos diziam que mesmo os fios de cabelo de tua cabeça estavam contados e que não cairiam se não fosse da vontade de Deus, e estavam certos. Não se nasce bonito, ou feio ao acaso. O ser que nasce cego pode ter a oportunidade de enxergar coisas que antes nunca enxergaria. A moça menos formosa pode desenvolver a bondade e assim tornar-se bela aos olhos de todos. Em tudo há um motivo. A criança de Cristine teria uma saúde frágil, mas uma vontade de viver férrea, e nenhum pendor para a reclamação. Viveria provavelmente trinta ou quarenta anos terrenos, mas seriam anos cheios de luz para quem a conhecesse, e depois voltaria para sua verdadeira casa, num nível acima da Colônia. Lá ela é chamada de Áurea. Reencarnaria em missão para com ambos os pais.

Fascinado com as explicações, pensei que futuramente o procuraria para elucidar várias dúvidas minhas, já que Serafim, embora prestasse serviços na Colônia, pertencia já a um nível superior e talvez se dispusesse a me iluminar mais nesse aspecto. Tinha fé de que, se ele julgasse adequado, atenderia a essa minha sede de conhecimento. Já sabia que a forma como nascem os seres humanos então era predeterminada. Mas, até que ponto?

- E que aconteceu com essa alma depois do aborto, irmão Serafim? perguntou uma senhora de cabelos muito louros, presumíveis trinta anos terrenos. Serafim sorriu tristemente.

- Entristeceu-se na última tentativa, pois sabia que seu intuito era apenas o de ajudar os encarnados com a sua presença. Era uma alma evoluída, e ia apenas em missão, para tornar mais fácil a vida de seus genitores nos embates que se seguiriam. Lamentou-se e orou por eles,

continuando em seu plano espiritual. Mas Cristine, com a segunda interrupção de gravidez, sofreu muito, tanto física como espiritualmente. Nunca mais teria filhos, como a parteira que praticou o aborto afiançou. Isso foi para ela duro golpe, mas sua dor estava apenas começando. Com o desequilíbrio químico começou o desequilíbrio energético, causando dores de cabeça fortes, aliadas a um desequilíbrio hormonal que a fez ter asco de qualquer contato físico com o conde. As consequências fizeram-se sentir sem demora, e assim Gastón perdeu o amor de sua vida.

Edite, sentada atrás dele, assentiu com a cabeça, e continuou:

- E verdade. Nunca Gastón esqueceu Cristine, nem deixou de se culpar pelo destino dela. Minha patroa, por sinal, sofria sempre que via passar por ela crianças pequenas, e tinha especial predileção por menininhas. Tantas vezes suspirava me dizendo como teria sido se a sua criança tivesse nascido no tempo certo. Acho mesmo que a paixão repentina pelo belo René foi mais uma fuga do que qualquer outra coisa. Mas, como prever o futuro, não é mesmo, irmão Serafim?

Ele sorriu para ela:

É verdade, Edite. Mas se agirmos sempre evitando o egoísmo e buscando o bem, evitaremos grandes aborrecimentos.

Dito is,so, nos despedimos para deixar Edite descansar um pouco e para refletirmos a respeito dos ensinamentos deixados pela amável figura de Serafim. No dia seguinte retomáramos aos trabalhos, com a alegria e a dedicação de sempre. Já íntima de Esthefânia, Olívia acenou para ela com um sorriso alegre, e nos disse: "Até amanhã", enquanto íamos para a nossa casa, de mãos dadas sob um pôr do sol violáceo como só se tem por aqui.

VII COZETTE

(Narrativa de Edite)

(NO DIA SEGUINTE, *Edite estava mais à vontade. Serafim a acompanhava, sentado ao seu lado em pequeno "palco" no qual também estava a lousa. Os dois pareciam ter desenvolvido singular amizade. Quando chegamos à sala, mais da metade das cadeiras estavam ocupadas. Clara e Nana estavam num canto aos risos com Olívia. O ambiente era de franca camaradagem e eu sentei-me à mesa de sempre para fazer minhas anotações, deixando Esthefânia com minhas velhas amigas.*

Sério em minha função, eu observava as quatro Olívia, Clara, Nana e a

minha mulher em animada conversa deixando escapar pequenas risadas. Com um sorriso, Edite levantou-se agradecendo a presença, olhou-me para avisar que iria começar a narrativa, e as pessoas se calaram.)

Era o ano de 1754, na França dos Luízes, que já contava com cerca de um milhão de habitantes e era a maior metrópole do mundo. Existem pessoas que vivem dizendo como as coisas eram melhores no passado, mas não posso dizer que concordo com elas. Que época terrível era aquela! Ou o extremo luxo, ou a extrema pobreza. Tão pouco era valorizada a vida humana! A hipocrisia dos costumes imperava nas altas rodas sociais é mesmo entre os que se diziam religiosos, sendo muito rara a caridade.

As doenças ceifavam vidas ininterruptamente. As pesquisas médicas eram vigiadas de perto pela igreja e poucas eram aceitas, quando não tachadas de heresia ou bruxaria. A falta de higiene e condições precárias faziam com que as crianças francesas percessem aos montes, para o desespero ou alívio de suas mães, que não suportavam mais vê-los famintos. Os saudosistas que me perdoem, mas não concordo com eles.

Cristine levantou-se naquele dia de outono pouco depois da uma da tarde. Encontrou-me na cozinha com Paulette, ela a depenar um frango para o jantar e eu a ajudá-la, descascando legumes. Minha patroa tinha o semblante calmo, relaxado, e tive que admitir que o tal remédio talvez lhe tivesse feito bem: as "olheiras" tinham desaparecido. Sentando-se ao meu lado, faceira, perguntou a Paulette:

- Paulette, tem algo para comer? Estou com uma fome que parece que não como há dias!

Feliz por se ver requisitada por alguém que não fosse René, ela logo soltou o frango meio depenado dentro do tanque, lavando as mãos, enxugando-as no avental de algodão e sorrindo para a patroa:

- Enfim Deus ouviu minhas preces! Patroa, faz dias que não come direito, por conta de suas dores! Não posso dizer o mesmo de "seu" René, que tem apetite por dois, mas a madame... francamente! Parece um passarinho. Espere um pouco só que já lhe ponho a mesa!

E olhando para mim, corada, me dizia "*allez... allez*"^z, para que eu a ajudasse. Em menos de dez minutos a mesa estava posta com três tipos de geleia, dois tipos de pão, bolo e biscoitos. Não feliz, ela ainda colocou dois queijos, manteiga e um pote de mel. Vendo a mesa farta, Cristine riu:

- De onde saiu isso tudo, mulher? Vai acabar me engordando!

- Ora, madame! Desde que o conde me contratou para servi-la,

deixou muito claro que não admitia economia de comida. Madame devia ter sempre seu menor desejo atendido. Isso sem falar nas visitas, que hoje andam escassas, mas que antes consumiam bastante!

Servindo-se de um pão doce amanteigado, Cristine lembrou-se de seus anos com Gastón. Era rara a semana em que não recebiam artistas para saraus e chás. Quem se incumbia do que servir era eu ou o conde, Cristine cuidava da parte artística e da decoração das festas, que eram famosas em toda Paris. Vi um sorriso triste no rosto dela.

- Sim, me lembro. Tivemos umas festas divertidas, não é mesmo, Paulette? Mas sempre achei que o conde comprasse prontas as guloseimas.

- Algumas ele comprava mesmo, mas a maior parte eu mesma dava conta. Trabalhei antes em uma padaria, o serviço daqui, para mim, é um fresco. E depois, os biscoitos e as geleias, se bem fechados, duram um bom tempo. Os pães e bolos é que estragam rápido.

Lembrando-me da quantidade semanal de pães que iam parar no lixo, perguntei a Cristine:

- Há tanta fome em algumas ruelas de Paris, madame. Não poderia levar esses pães já meio passados para eles? Fariam um bom proveito.

Talvez lembrando-se das dificuldades que enfrentou quando chegou na cidade, ela assentiu:

- Claro que pode levar, Edite. Mas tome cuidado. Vá com o cocheiro, pois se existem pobres e necessitados também existem malfeitores que podem lhe atacar nesses lugares ermos. E em horários que não atrapalhem o serviço aqui, pois sabe o quanto preciso de ti, boa amiga. Paulette, você que é mais experiente, não iria com ela?

- Claro madame! Terei muito gosto!

Eu e Paulette teríamos que inventar um modo de fazer caridade, que nos fizesse correr menos que da última vez, mas fiquei bastante feliz. Não esperava menos de Cristine, que era naturalmente generosa. Terminando seu lanche, ela esticou-se como um gato a espreguiçar-se e me disse:

- Edite, não quer ir comigo para umas compras? Andei com tantas dores que há séculos não vejo um vestido novo! Podemos ir ver Cozette!

Fazia tempo que não víamos a irmã mais velha de madame. Gostava dela, que tinha um temperamento fechado, mas um grande coração. Escondido pelo biombo do quarto, René dormia e soltava altos roncoss enquanto eu a ajudava a arrumar-se. Num sóbrio vestido azul marinho com golas brancas e pérolas no pescoço e nas delicadas orelhas, ela nem de longe

parecia uma cortesã, mas sim uma jovem senhora burguesa bela e casta. Ao sairmos, notei que ela colocava na pequena bolsa o frasco com os tabletes que o chinês lhe dera, dizendo: "Santo remédio. Se a dor começar/ tomo um logo!", e saímos as duas para a carruagem, com o cocheiro Clemente satisfeito a perguntar-lhe:

- Vai às compras, senhora?
- Sim, Clemente. E depois vamos à loja de Cozette.

Servindo Cristine há uns quatro anos, ele conhecia os itinerários da patroa. Quarentão, calado, dormia no alojamento dos empregados. Não tinha família. Eu soube por Paulette que Clemente era filho de portugueses, casado com uma francesa que falecera havia quase dez anos; vítima de uma gripe que dizimara muita gente. Acostumado com Paris, decidiu ficar ali mesmo. Era fiel, não se conformava com o afastamento do conde e a escolha de madame pelo "belo René", por quem não tinha consideração! Mas, se era o que ela queria, que fazer?

- Moça tão linda... merece coisa melhor.

Ouvi-o dizendo isso mais de uma vez, e não discordava. Apesar disso,(ele servia ao rapaz educadamente, afinal, para isso era pago. "E não deforariá madame sozinha com 'aquele tipo'", ele me segredava, e eu concon dava com a cabeça: era bom ter um homem honesto por perto, agora que o conde não estava mais. A Paris de então era o centro do mundo, a capital mais populosa da Europa, onde se discutia arte, moda, teatro. Se antes o mundo se curvava a Roma, agora se embevecia com Paris.

Passamos pela Rua Honoré e nos encaminhamos para o centro do comércio, parando assim que Cristine deu o sinal a Clemente, perto de uma confeitaria famosa, frequentada por intelectuais e políticos. Ao verem descer tão bela dama de vestido azul marinho e pérolas, muitos se levantaram nas mesas das calçadas e ergueram os chapéus. De trás de minha amiga? sorri com orgulho: ela sempre provocava esse efeito nos homens. Notei que alguns a reconheceram e cochicharam com aprovação, mas ela apenas sorriu com o canto dos lábios rosados e, altiva, só parava diante das vitrines, olhando um ou outro tecido.

Diante de certa vitrine finamente decorada por chapéus de vários estilos, ela ajustou o corpete, piscando um olho e me pergimtando:.

- E então? Estou bem?

Sabia a que ela se referiaíamos ver Cozette, sua irmã mais velha, que tinha horror à vulgaridade« Nem que quisesse, Cristine seria vulgar, mas

ainda assim abotoei o último botão do decote, ajeitei a camisa de renda e ela me sorriu, corada. Entramos na loja, ela, de cabeça erguida, perguntou a uma mocinha magra e séria pela proprietária. Esta levantou-se e trouxe, após alguns segundos, nossa estimada Cozette.

(Surgiu na delicada tela da lousa a imagem de uma senhora loura com os cabelos presos ao alto da cabeça, de uns trinta anos. Não chegava a ser bela, mas chamava a atenção pelo rosto inteligente de traços clássicos, nariz afilado, lábios finos, olhos grandes, queixo determinado.) :

Seu vestido de crepe negro era bem cortado e se ajustava no corpo magro e elegante da irmã de Cristine. Olhando as duas, era difícil crer que fossem irmãs, embora tivessem o mesmo tom de pele, e o louro dos cabelos fosse parecido. De resto, eram mulheres de estilos diversos. Enquanto minha amiga era toda ela de harmoniosas curvas, Cozette era de ângulos retos, mesmo o maxilar tinha um formato quadrado, o que nela não ficava mal, dandodhe uma expressão de superioridade. A mais velha também era mais alta e mais forte, tinha voz de contralto, não deixando de ser bastante feminina. Uma vez ouvi Cristine compará-la com uma inglesa, diretora de colégio, de tão séria: não era dada a gracejos mesmo! Seu trabalho era a coisa mais importante em sua vida, e tinha um bom gosto que chamava a atenção e atraía clientes como o mel atrai as abelhas.

Ao ver a irmã, franziu as sobrancelhas de modo característico. Cristine, no meio da loja quase sem clientes, deu uma volta sobre si mesma na ponta dos pés, para que ela visse sua roupa, e completou,, séria:

- Gostou? E meu vestido de ver Cozette!

Ao ver a irmã tão linda, vestida de forma tão conservadora só para agradá-la, um brilho passou pelos seus olhos cinzas. Cozette sorriu, abraçando-a: "Ande, já prá dentro que faz séculos que não a vejo!", e pediu à mesma moça que providenciasse chá e biscoitos. Ela não aprovava a vida de cortesã da irmã, mas a amava, e era grata por Cristine ter-lhe ajudado no início de seu negócio, que agora prosperava a olhos vistos.

- Tem notícias de Ernestine? perguntou a bailarina.

- Está grávida. Deve ter bebê nos próximos meses. Quando nascer, lhe aviso, pois devo ir visitá-la. E o "seu conde", como está?

Ela explicou que rompera com ele há meses, e agora estava de amores com um rapaz solteiro. Cozette, que nunca se conformara com o destino da irmã, encheu-se de esperança:

- Então, finalmente vai casar-se e me dar sobrinhos?

Cristine enrubescou violentamente, mas respondeu:

- Estamos há pouco tempo juntos, Cozette, ainda não falamos em casamento. E depois, não sei se posso ter filhos...

Cozette aguçou o olhar, como se quisesse descobrir mais do que ela dizia:

- Este René é de família tradicional? Que faz ele da vida?

Quase me engasguei com o biscoito imaginando a resposta que Cristine daria. Ela, muito vermelha, começou a explicar:

- Não tem laço de nobreza, é apenas da burguesia, como nós mesmas éramos. Atualmente estuda, quer ser advogado e vive da mesada de um tio mais abastado. E um ou dois anos mais novo do que eu, com o tempo se estabelecerá. E depois, como sabe, não tenho problemas financeiros, irmã.

Recostada numa cadeira de espaldar alto, Cozette cruzou os braços sobre o colo:

- Cristine, bem sabe que a burguesia costuma ser ainda mais preconceituosa que a nobreza. Quanto ao lado financeiro, agora que não conta mais com o conde, seria mais sensato ter quem cuidasse de seus investimentos para você. Não gosto do conde e nunca gostarei, pois a levou para um caminho que nossos pais nunca aprovariam, aproveitando-se da nossa situação. Mas ninguém pode dizer que ele lhe obrigou a nada. Além disso, devo reconhecer que dificilmente você teria um patrono mais generoso. Serviu-nos de mais uma xícara de chá. Gostava já de Cozette antes, mas ouvi-la falar de semelhantes assuntos, me deixou mais tranquila. Afinal, como poderia eu opinar? Ela continuou:

- Ter muito dinheiro não significa que vá tê-lo sempre. É preciso saber investi-lo com cuidado, para que na velhice não lhe falte o essencial. Quem tem tomado conta de seus bens?

Minha amiga ficou um tanto sem jeito, mas respondeu:

- Tenho tido fortes dores de cabeça, o que me impossibilita de me ocupar com essas coisas. René tem sido bastante prestativo e tem se ocupado com as contas da casa. Edite tem visto, não é mesmo? Nunca me preocupei muito com essas coisas. O conde sempre cuidou de tudo.

Notando o embaraço da irmã, Cozette colocou a mão direita sobre as mãos dela em cima da mesa e disse-lhe:

- Não vamos falar mais disso hoje, sinto que não está bem. Mas deixaria Edite me inteirar das contas da casa? Está a par, não está, Edite?

Sentindo uma esperança de ajuda, respondi sem titubear:

- Estou sim, senhora. Fazia anotações de tudo para o conde, continuei fazendo para madame. Ela anda adoentada, não tem ânimo de verificar.

Notei que Cristine franzira a testa e pediu água à moça que nos servia. Rapidamente tomou um daqueles tabletes do dr. Kayzen.

- São para minhas dores de cabeça, irmã. Mas, por que quer saber de minhas contas? Isso não vai lhe trazer ainda mais trabalho?

- Podem me chamar de muitas coisas, mas não de ingrata. Sem você eu seria no máximo serviçal de algum ateliê de costura, e não a proprietária. Que me custa colocar meus préstimos a seu serviço? Esse rapaz com quem está não conta com a minha experiência financeira, conta?

Cristine riu-se. Era difícil encontrar alguém com mais talento para os negócios que Cozette, o próprio conde lhe dizia isso. Dizia que o mesmo talento que uma tinha para a dança, a outra tinha para as finanças.

- Tem toda razão, irmã. Mas, não acha que René pode se ressentir?

- Ora, diga apenas que ele precisa dedicar mais tempo aos estudos, que isso é que importa. Duvido que ele vá abandonar mulher tão bela e famosa por conta disso. Mesmo porque, vou deixá-la ainda mais rica!

Cristine sorriu. Pediu a mim que escolhesse uns tecidos numa loja em frente e trouxesse para ela enquanto discutia alguns assuntos com Cozette, conversaram as duas por mais de uma hora. Amava e confiava na irmã, mas já conhecia o gênio de René. Não seria fácil dissuadi-lo de gerir seus negócios, mas não via nele a habilidade necessária. Era talvez jovem e inexperiente demais, sem falar no amor que tinha ao jogo. Teria que ser dura com ele, afinal tratava-se do futuro de ambos.

Isso ela me disse na volta à nossa casa, enquanto o remédio fazia efeito e a deixava com o olhar enevoado. Perguntei-lhe se a dor amainara.

- E uma bênção, Edite! Só quem sofre fortes dores sabe como é bom quando elas passam!

Assim falando, recostou a cabecinha no meu ombro e cochilou um pouco. Quando chegamos, Clemente admirou-se de vê-la dormindo no meio dos embrulhos de compras, tranquila como uma criança:

- Olhe! Dorme como uma menininha! Quer que a leve no colo, Edite?

- Não é preciso, Clemente, mas leve aqui esses embrulhos.

Deixando-o bem carregado, acordei de leve Cristine, que resistiu por um tempo; só depois de chamá-la mais alto, me ouviu e disse:

- Já chegamos, Edite? Mas que sono! Tenho que falar com René.

Vendo que ela não estava em condições de conversar, aconselhei:

- Nada que não possa ser dito amanhã pela manhã, não é mesmo? Assim estará mais descansada!

Sentando-se com certa dificuldade ela me disse:

- Tem razão. Esse remédio é forte. Vou tomar metade da próxima vez. Amanhã de manhã converso com René. Hoje vou comer algo e dormir.

Na sala, René esperava-nos vestido para sair, com seu colete e sua casaca impecáveis como de costume. Ao vê-la entrar, correu a acudi-la.

- Dores de cabeça novamente! Como sofre, pobrezinha! Justo hoje, que tinha marcado com alguns amigos no clube... não poderá ir?

Ela o olhou um tanto cansada:

- Não se cansa de sair toda noite, René?... Não estou com dores, o remédio do médico chinês é milagroso, mas me deixa com sono. Quando me acostumar a ele, sairei mais com você, mas por enquanto vou me deitar.

Ele pareceu ficar sem ação, como se não soubesse que atitude tomar.

- Deseja que fique com você? Mas, se vai dormir... não vejo por que deixar nossos amigos esperando.

Ela sentou-se num divã:

- Faça como achar que deve. Vou dormir. Amanhã devemos conversar. Estive com minha irmã Cozette e tomei algumas decisões para o nosso futuro que acho que lhe interessarão. Estou bem... vá se divertir, meu querido. Não vai jogar essa noite, não é mesmo?

Ele avermelhou-se como um pimentão. Sentindo que ficou incomodado com a minha presença, pedi licença e saí da sala, mas não resisti e fiquei ouvindo do corredor. Ele respondeu:

- Ora, Cristine. E o que são essas reuniões sem os jogos de cavalheiros?

Notei um silêncio embaraçoso na sala, e só então dei com Paulette a meu lado, fazendo sinal para que eu me mantivesse em silêncio, pois ela também queria ouvir. De início me assustei, já que não esperava vê-la ali, mas depois nos acomodamos. Ouvei a voz cansada de madame dizer:

- Está ainda recebendo os rendimentos de meus imóveis, não está, René? Como estão as nossas contas? Os empregados estão recebendo regularmente?

Claro que não estávamos! Fazia já três meses que ele não nos pagava. Mas, não discutíamos com madame, que sempre tinha sido excelente patroa. Aliás, na França da época, esses atrasos eram comuns; Cristine e o conde é

que eram extremamente pontuais.

- Amanhã discutiremos isso. Agora vejo que está cansada.
- Estou mesmo. Não chegue muito tarde, sim?

Ele retirou-se. Fui ter com ela para levá-la ao seu quarto, despi-la e colocá-la na cama. O remédio fazia efeito, e ela mal tocou no caldo que a cozinheira trouxe, antes de dormir. Fechei as cortinas e olhei para o belo rosto de respiração pesada na cama: como gostava de Cristine! Nunca ninguém tinha me tratado com tanta bondade, confiança e amizade. Paulette tinha por ela sentimentos parecidos, mas se eu gostava dela como de uma irmã que não tinha, nossa amiga a tinha como uma sobrinha ou mesmo uma filha. Ela lhe inspirava proteção e carinho. Quando saí de seu quarto, dei com Paulette torcendo as mãos, sinal de que precisava falar algo comigo. Desci com ela para a cozinha. Chegando lá, Paulette "despejou":

- Depois dizem que rezar não adianta! Como não adianta? Tenho rezado todas as noites para a patroa acordar desse pesadelo chamado René e ela está acordando! Eu sabia! Essas paixões violentas assim são que nem gripe: derrubam, mas passam logo!

Dei um longo suspiro e disse:

- Deus te ouça!
- Também, o rapaz é um tolo! Poucos meses e ele já a trata como se ela fosse uma moça comum, que ganha um grande presente só com a presença dele! Bem que dizem que a vaidade bota a perder até o mais esperto dos mortais! Não vê que está com uma das mulheres mais belas da França? Cristine foi cortejada por reis e manteve-se fiel ao conde! Esse podia ter defeitos, mas sempre a tratou como uma rainha!

Sabendo que Paulette estava com ela há anos, detive-me para ouvir.

- Certa vez, madame teve uma febre alta, uma pneumonia. O conde mudou-se para cá por semanas, médicos o dia inteiro, não saiu do lado dela nem por um minuto até que se restabelecesse. Assim que mostrou melhoras, foi com ela para o sul da Itália, onde o clima era melhor. Levou-me junto, para que não estranhasse a comida! Que tempos aqueles, Edite! Como ele amava madame!

Não duvidava disso. Via nos olhos do conde esse sentimento ainda hoje, depois de separados. Ela continuou:

- Já com este janota, a pobre sofre com dores de cabeça e ele reclama que quer estar com os amigos! Não há tolo maior do que aquele que se acha esperto! Ela está começando a enxergar!-

Ela começou a falar sobre os gastos e os salários atrasados, ao que eu a tranquilizei, contando sobre a ajuda de Cozette. Paulette, que já achava tudo perdido, disse que ia reforçar suas rezas, que Nossa Senhora não a desapontaria. Por via das dúvidas, pedi a ela mais uma vela para colocar aos pés da Madona, quem sabe com um pouco mais de oração a coisa não se acelerasse.

VIII LEMBRANÇAS E QUESTÕES DOMÉSTICAS

QUEM DE NÓS sabe por onde anda o coração do outro? Deitada em meu quarto, iluminado com uma pequena vela, não conseguia conciliar o sono e divagava olhando as sombras que se formavam no teto. Sempre tinha admirado Paulette por seu senso prático, apesar do bom coração, ela não se deixava levar facilmente, e René nunca caiu nas suas graças. Não que ele se esforçasse para isso, já que era ríspido com os serviçais quando não estava na presença de Cristine.

Perto das duas da manhã ouvi um cavalo chegando e a porta da entrada se abrir. Como os aposentos dos empregados eram próximos à cozinha, escutei quando René entrou na casa, passos rápidos, batendo a porta como se estivesse irritado. Estava chegando cedo, naquele dia: não voltava antes das quatro horas da manhã. Forcei-me a fechar os olhos, mas, preocupada que estava com madame (vai que ele a acordasse, querendo discutir finanças àquela hora), não teve jeito. Acabei por levantar e ir silenciosamente à cozinha beber um copo de leite quente para tentar dormir. Parecia que ele já havia subido para o quarto, assim não o veria e, ao mesmo tempo, estaria por perto caso Cristine precisasse. Agradei a Deus, ter Clemente sempre por perto, nunca se sabe quando se vai precisar de um homem.

Vestida de um quimono velho de madame, eu devia mais parecer uma assombração com a touca prendendo os cabelos e a vela a iluminar o caminho. Preparei rapidamente o meu leite quando ouvi uma voz grave às minhas costas e senti o cheiro característico de álcool:

- E então, camareira... passearam muito hoje, você e a patroa? Foram ver a irmã mais velha, como se chama mesmo? Cozette?

Embora me sentindo desconfortável de estar sozinha com um homem àquelas horas, decidi não agir com medo:

- Sim, senhor... madame quis ver a irmã, Cozette.

Ele sentou à mesa de madeira onde Paulette sovava as massas e preparava seus crepes, apoiou o queixo nas duas mãos como se fosse um menino e me deu um sorriso zombeteiro. Era de fato um bonito rapaz, mas não gostei daquilo. Senti um perigo no ar, e quis fugir quando ele disse:

- Sente-se, Edite, não mordo. Pelo menos, não mordo camareiras. Vamos conversar um pouco.

- Mas já é tarde, senhor, e tenho serviço amanhã.

Ele levantou-se, parecendo irritado:

- Sente-se logo, mulher! Estou ordenando!

Recriminei-me de não ter ficado no meu quarto. Que ideia estúpida a de ter ido buscar leite! Sentei-me, colocando o copo na minha frente e olhando para baixo, na esperança de que ele me liberasse logo.

- Pois não, senhor René. O que deseja?

Ele tornou a sentar-se, mais calmo:

- Queria saber sobre o que conversaram, minha amada e a irmã. Soube que Cozette é uma comerciante de sucesso, bastante astuta e respeitada. Falaram de mim?

Agradei intimamente por ser noite e estar pouco iluminado, pois sabia que havia empalidecido. Claro que falamos dele, mas não ia ser eu quem diria isso a ele! Pouco acostumada a mentiras, tive que me sair com esta:

- Senhor René, acha que uma dama da categoria de madame discutiria seus assuntos na frente de uma serviçal como eu? Ela me pediu que comprasse alguns tecidos, enquanto conversavam. Madame é muito discreta e, apesar de bondosa, não nos dá essas liberdades.

Ele pareceu pensar no assunto. Aproveitando que ele parecia um pouco lento, eu arrematei:

- Nenhuma dama que se preza permite que uma simples camareira se intrometa em sua vida familiar. Boa noite!

Vendo seus olhos arregalados, que pareciam concordar comigo, aproveitei e saí com o leite na mão o mais rápido possível, só parando quando tranquei a porta de meu quarto. Então, o sujeito estava preocupado? Por isso tinha chegado tão cedo. Naquela noite meus olhos se abriram para algo que não tinham percebido antes: o senhor René não era só um "aproveitador" como pensávamos eu e Paulette. Meus instintos, que tinham garantido a minha sobrevivência desde muito cedo como menina pobre, me diziam que ele era *perigoso*. Na estalagem de madame Pointier tinha visto muitas vezes

tipos que me causavam medo: ladrões, assassinos, meliantes. O estabelecimento era aberto ao público e mesmo a dona me advertia pra ficar longe. Nem precisava, pois o comportamento deles e algo nos olhos os denunciavam, por mais simpáticos que tentassem ser. Depois de um tempo, se percebia. Não achava que o senhor René fosse um assassino, mas sabia que devia ter cuidado com ele.

Não seria fácil controlá-lo como pensou a irmã de madame. Ali a situação exigiria paciência. Até hoje ele tinha sido tratado como um príncipe, nada lhe tinha sido negado e por isso era gentil com Cristine, mas o que aconteceria se as regalias lhe fossem tiradas? Pensando nisso, só consegui cochilar um pouco lá pelas cinco horas da manhã, e assim mesmo, para acordar pouco depois das sete com Paulette a bater na minha porta:

- Edite! Ande, preguiçosa, que vai perder a hora!

Levantei a contragosto. Era o dia que a faxineira chegava, e eu tinha que dar as ordens. Minhas costas doíam, a cabeça doía, mas pus-me de pé, pois serviçais não podem ter dores. As onze da manhã, Cristine chamou-me, já vestida. Parecia descansada: o tal remédio estava lhe fazendo bem, ela estava renovada como uma manhã de maio. Pediu seu café no escritório e arrastou-me para lá.

- Edite, quero que traga para mim suas anotações sobre as contas da casa antes que René acorde. Quero estudá-las com você. Depois da conversa com Cozette notei que tenho relaxado muito nessas coisas, e agora não temos mais o conde para providenciar isso, minha amiga!

Fiquei feliz de constatar que a conversa com Cozette tinha dado frutos. Peguei minhas anotações no caderno de contas da casa, que por sinal já estavam bastante atrasadas, e me sentei de frente a ela na escrivaninha, onde tantas vezes tinha se sentado o conde.

- Como René tem lhe dado o dinheiro para as despesas? Semanalmente ou mensalmente?

Fiquei muda. Como responder àquilo? Vendo meu silêncio, ela disse:

- Que foi, Edite? Ficou tímida de repente? Fale!

Meio sem jeito, comecei:

- Ele nunca me deu dinheiro para isso, madame.

Senti que ela empalideceu um pouco:

- Como assim? Não falta nada nessa casa! A comida é farta como sempre. E René já está tomando conta de tudo há quase quatro meses!

- Madame tem crédito, nunca atrasou nenhum pagamento antes! Mas

alguns comerciantes já estão um pouco reticentes. O açougue mesmo já mandou alguns recados, assim como o padeiro. Falei com o senhor René, mas ele disse que resolveria depois com eles.

Ela levantou-se, foi até a janela, observando a pequena moça que fazia a limpeza da sala e que sorriu para ela. Virou-se para mim perguntando com a voz baixa, mas já com algum nervosismo:

- E o salário de vocês, tem sido pago?

Não havia como mentir:

- Não, madame. Mas podemos esperar. As outras contas são urgentes.

- Mostre-me seu caderno, Edite.

Tudo colocado em colunas, como o conde tinha me ensinado a fazer, ali estavam as despesas. Ela me pediu que fizesse as somas das despesas e que depois somasse também os salários dos empregados, incluindo o daquela moça que vinha três vezes por semana para limpar a casa e deixar tudo brilhando. Havia as despesas com os cavalos, o gás, a estrebaria... Cristine olhava aquilo com espanto e depois me olhava novamente.

- Cozette me disse que não era coisa complicada, e que era até divertido! Por Deus, que cruz! Nunca vi tantos números! Parece que vou me afundar neles. Edite, você consegue entender toda essa coisa?

Vendo-a tão atarantada, tive pena. Era a maior artista da França em sua especialidade, como querer que fosse também uma administradora brilhante como Cozette? Era uma artista!

- Não se preocupe, senhora! Só me faltam algumas informações, que posso conseguir com o conde! Terei prazer em ajudá-la. Madame é uma artista, não deve se aborrecer com essas coisas! Madame Cozette me ajudará se eu precisar, não? O principal é quitar as pequenas dívidas. Não se assuste com elas. Logo levantaremos o dinheiro. Madame tem suas rendas!

Ela pareceu se acalmar um pouco, e me olhou com mais tranquilidade.

- Acredita que conseguiremos administrar essas coisas sem o conde? René parece não estar se saindo nada bem!

- Claro, madame. Mas, se me permite a franqueza, se deixarmos o sr. René à frente de seus negócios, em breve não teremos mais o que negociar. O vício do jogo é mau companheiro, e mesmo algumas de suas joias têm desaparecido.

Ela sentou-se em confortável poltrona perto de uma janela, e me confidenciou:

- Ele tem me pedido joias para uns investimentos, Edite, e nunca me

explica direito o que são. Mas tenho dado falta de outras. Convivo nesse meio há mais de uma década e sei o que o vício do jogo faz. Não sou tão tola, amiga, mas o amor nos deixa um tanto cegas.

Andou pelo centro da sala, as mãozinhas delicadas ajeitando os cachos que teimavam em cair do coque, testa franzida pela preocupação. Pensei que não devia ser fácil fazer o que Cozette fazia com facilidade: administrar seu próprio negócio. Tentei acalmá-la, conversei com ela:

- Madame, não fique desesperada! Tenho certeza de que o conde e o mesmo Cozette nos auxiliarão! E depois, tantos fazem isso: gerir seus próprios negócios. O conde sempre disse que a deixaria de forma tal, que a senhora nunca precisasse se preocupar com sua própria sobrevivência.

Ela me olhou um tanto triste:

- Gastón... tanto me fez sofrer! Mas também acostumou-me mal! Nunca fui de lhe pedir nada, mas bastava que eu gostasse de qualquer coisa, eu a tinha quase imediatamente. Uma vez, num passeio no campo, contei a ele do sítio de meu pai, da saudade que tinha da infância despreocupada, e ganhei um com o dobro do tamanho! Se via uma joia deslumbrante, dizia que o ouro combinava com o ouro dos meus cabelos. Viu o número de esmeraldas?

Eu sorri. Era raro o dia em que ele entrava em casa sem um mimo para ela, que adorava presentes e batia palmas quando gostava. Cristine era alegre antes do último aborto; depois, os sorrisos ficaram cada vez mais raros, e por mais que os presentes chegassem, ela não sorria mais. Chegava a ralar com ele para que não trouxesse mais tantos mimos. Ela continuou:

- Nunca menti a Gastón. Nunca o enganei. Mas não quero contar com ele agora. Não seria justo, e ele poderia entender como um retorno. Edite, pegue para mim um daqueles tabletes em meu quarto, minha dor de cabeça principia.

- Mas não lhe traz sono, madame?

- Tomando apenas meio, consigo me manter acordada. Depois, tenho que conversar com René quando ele acordar. Viu que horas ele chegou?

- Creio que perto das duas da manhã, madame.

Ela deu um sorriso amargo:

- Cedo, não? Que será que houve?

Singular coisa acontecia com madame: ela não era nada ciumenta com o amante. Belíssima, sabia que suas únicas rivais com René seriam as cartas do baralho, ou a roleta. Mas em seu relacionamento com Gastón, tinha tido

ciúme algumas vezes, inclusive da mulher do conde. Contando-lhe isso, ele riu muito e resolveu o problema de forma admirável: para que Cristine não criasse fantasias sobre sua esposa, explicou-lhe que seu casamento fora um arranjo entre famílias, e que não havia romance entre eles, nem poderia haver, já que fisicamente eles não eram compatíveis.

Cristine estranhou a frase, mas não se conformou. O conde disse que iria com a mulher e os dois filhos num passeio na hípica; sua esposa tinha paixão pelos cavalos da família, e adorava as propriedades rurais, só vindo a Paris nesta época do ano, para a exposição dos cavalos de raça.

A população de Paris cortejava o evento, e lá se foi Cristine, decentemente vestida como uma burguesa rica, passear no meio das baias e conhecer os animais e seus proprietários, quando deu com o brasão de Gastón e resolveu entrar na tenda onde os cavalos estavam expostos. Eram lindos cavalos árabes, bem tratados, pelos brilhantes, mas ela quase não os notou. Viu ao longe Gastón, bem-vestido e elegante a conversar com alguns senhores de aparência árabe, parecendo negociar. Ao canto da tenda, recostada em larga cadeira de madeira com almofadas, uma senhora de prováveis cinquenta anos (o conde, na época, devia ter quarenta), bem-vestida numa manta vermelha, mas imensamente gorda. A pobre tinha dificuldade de se locomover e apertava-se na vestimenta, também vermelha com debruns dourados. As mãos estavam cheias de anéis de variados tipos nos dedos, e ela dava ordens aos criados sem cortesia, parecia irritadiça, de gênio difícil. Sem conseguir tirar os olhos dela, Cristine estacou, muda de espanto. Seria aquela a condessa? Parecia a mulher mais rica do recinto, mas também parecia muito mais velha que Gastón. Será que não era a mãe dele?

O conde, educado, ao ver sua "*déesse blonde*" parada como uma estátua no meio da tenda, já chamando (e muito) a atenção dos árabes com os quais conversava, dirigiu-se a um rapaz e conversou com ele afastado de todos. O moço dirigiu-se a Cristine discretamente.

- Madame, o conde pediu que lhe fizesse companhia. Não é adequado a uma dama tão bela ficar sozinha em público.

Ela assentiu. Perguntando-lhe quem era, ele respondeu que era um "secretário" do conde, e que ela ficasse à vontade. Nada fazia com que Cristine tirasse os olhos da senhora de vermelho, que agora falava aos gritos com um casal de jovens fisicamente parecido com ela (morenos, de pele clara, nariz adunco, lábios finos), mas sem a gordura que a afligia. Quem seriam? Ela perguntou ao rapaz.

- A senhora, trata-se da condessa, e os dois são seus filhos. A moça chama-se Pilar e o rapaz é Leon. A condessa é de descendência espanhola por parte de mãe e francesa por parte de pai. Muito rica, comerciantes de longa data. É apaixonada por cavalos desde a infância.

De acordo com o que me contou madame, o casal não podia ser mais disparatado. O conde era magro, elegante, extremamente educado, discreto no vestir e tinha horror à ostentação. Sua senhora era o inverso: imensa, vestia-se faustamente, sem elegância. Ostentava riqueza de todas as formas possíveis, falava alto e as palavras nem sempre eram educadas ou convenientes. Por que teriam se casado? Cristine teve que perguntar:

- A família do conde estava falida? Ele teve que se casar por dinheiro?

- Não, longe disso. A família do conde é de filantropos, mecenas de vários artistas. Mas, não deixam de ser comerciantes ávidos também. Para os ricos, senhora, quanto mais, melhor. Eles guardam entre o si o patrimônio, fazem acordos, e de certa forma são felizes assim. O acordo rendeu frutos vultosos para ambos os lados, até em navios eles investem agora, if

Ela não sentiu-se bem ali. Ficou triste com aquilo. Que graça tinha o dinheiro, se tinham que viver com pessoas que nada tinham a ver com eles mesmos? E o amor? Gente esquisita, pensou ela. Foi para casa acompanhada pelo secretário e despediu-se pensativa. Não passaram três horas e Gastón chegou, desconfiado, pois não sabia que reação ela teria. Mas ela lhe pulou no pescoço e beijou seus lábios. Feliz, ele disse:

i Viu como não tinha razão de ter ciúmes? A condessa nem queixo tem!

Ela afastou-se dele, horrorizada:

- Como não tem? Só de longe, de onde eu estava, eu contei uns cinco!

E assim resolveu-se a questão. Lembrei-me disso enquanto subia a escada para pegar o remédio. Devia estar na penteadeira, e eu não queria acordar o senhor René. Depois da noite anterior não me sentiria nada à vontade na presença dele. Sabia que as coisas não permaneceriam as mesmas e tinha receio, mas não podia deixar Cristine com suas dores.

Entrei no quarto escurecido pelas grossas cortinas e vi o biombo que protegia a área da cama de casal. Agradei a Deus por ele estar ali. No mais absoluto silêncio me encaminhei para a gaveta da penteadeira e comecei a vasculhar até que achei o frasco, e ia me retirando quando ouvi uma voz ainda rouca de sono a chamar:

Cristine? Acordou cedo? Onde está?

Parada no meio do quarto, frasco na mão, pensei em sair correndo escada abaixo antes que ele me visse, mas depois me contive. Não seria digno. Ergui-me e disse decentemente:

- Não é a madame, senhor. Ela está tomando seu lanche. Deseja algo?

Ele irritou-se:

- Que faz aqui? Nesse silêncio até parece que rouba!

- Vim a pedido de madame pegar seu remédio. Desculpe se incomodei.

Ele levantou-se e pôs-se diante de mim apenas vestido de calções, sem camisa. Baixei os olhos, envergonhada, mas ele não pareceu se incomodar.

- Já está com as dores, é? Que faz acordada tão cedo? Vai às compras de novo? Como as mulheres gastam dinheiro!

- Não. creio que madame pretenda ir às compras, senhor. Posso me retirar?

Ele me olhou desconfiado, só então me deixou ir com um gesto que percebi com o canto dos olhos. Que saudades do conde! Nunca se apresentaria assim na frente de uma moça solteira! Mas, que se há de fazer, não são todos que acham necessário ser educados com os serviçais. Feliz de sair dali, fui ter com madame no andar de baixo, e a encontrei sentada na escrivaninha a fazer contas furiosamente e anotar em uma parte já separada do caderno. Quando cheguei, ela me sorriu:

- Já estou tendo uma ideia de quanto precisamos por mês, Edite. Agora tenho que ver de quanto dispomos. Sei dos imóveis urbanos, dos sítios, mas temos que ver o quanto isso nos rende! Cozette tem certa razão: não é tão complicado! Lembra onde o conde guardava os contratos?

Sim, eu me lembrava. Gastón era organizado como poucos. Buscando uma banqueta, alcancei na estante uma caixa de madeira larga e a abri. Nela, separada por compartimentos, estavam as cópias dos contratos. Ordenados por data, com as escrituras dos terrenos, desde a compra destes, todos em nome de Cristine de Besançon, intransferíveis (graças a Deus!). Conferi as escrituras e com alegria vi que todas estavam lá, intactas. Ela possuía um total de dezesseis imóveis, mas não a casa em que morava. Sua fortuna somava a milhares de "livres" (unidade monetária francesa da época); o conde tinha inclusive deixado os recibos dos impostos, todos pagos.

Assim que conferi todas as escrituras, me acalmei, e a tranquilizei também. Ela possuía casas de comércio alugadas, e até um casarão onde estava uma pequena indústria de tecidos, sem falar em pequenas áreas rurais,

arrendadas por ano. O conde tinha sido mais do que generoso com ela, que poderia viver folgadamente desde que não se desfizesse de seus bens.

- Temia não achar as escrituras, madame, mas estão todas aqui, intransferíveis; ele na verdade não poderia vender nada. A única forma da senhora ficar pobre da noite para o dia é em uma mesa de jogo.

Ela me olhou com aqueles olhos esverdeados entendendo perfeitamente a que me referia, e me disse:

- Tem toda razão, Edite. Tive sorte até agora. Preciso tomar conta de minha vida agora que estou sem Gastón, e noto que não posso confiar em René. Ele está acordado?

- Sim, madame. Quando peguei o remédio, ele já estava acordado e perguntou pela senhora.

- Pois diga que quero falar com ele, de preferência já. Tomaremos o lanche aqui mesmo no escritório.

E dizendo isso chamou Paulette, pediu água e tomou meio comprimido para suas dores. Tive que perguntar:

- Quer que eu fique para a conversa, madame?

- Sim. Ia ser cansativo ter que repetir toda a conversa para você. E depois, não dou conta de conduzir meus negócios sozinha. Preciso de você. Nunca foi minha camareira, sempre foi minha melhor amiga!

Meus olhos encheram-se de lágrimas. Eu também a considerava assim. Mais que isso, Cristine era uma irmã mais moça, a pessoa a quem eu mais devia.

- Pois pode contar comigo, madame. Nos sairemos bem, tenho certeza!

E subi as escadas para chamar seu René.

IX INVESTIMENTOS

(NO PLANO ESPIRITUAL observei Edite a trocar algumas palavras com Serafim, que sorriu e concordou com ela. Ele se dirigiu então para as pessoas e pediu:

- Se incomodariam se nos sentássemos num círculo? Edite disse que se sentiria melhor, pois assim veria a todos vocês e seria um pouco mais informal. A tela continuaria aqui atrás, para quando ela quisesse nos mostrar algo.

Me levantei e nos arrumamos em dois círculos concêntricos, no modelo

dos antigos teatros gregos. Vi em Edite, que era tímida, visível alegria de estar no mesmo nível dos seus. Não se sentia bem em destaque, e a voz dela, de um contralto suave, no meio do salão também vibrava com uma boa acústica e podia ser bem ouvida por todos. Assim que nos sentamos, ela sorriu e nos disse:

- Sei que muitos de vocês ficaram curiosos para "ver" projetada a imagem da condessa, mas infelizmente eu nunca a vi, logo, não tenho como projetá-la. Mas sei que era uma senhora de gênio bastante forte, tão forte como seu físico. Se o casamento do conde foi um bom arranjo financeiro, infelizmente não foi feliz em outros aspectos. Afama da condessa não era boa.

Senti que muitos da plateia tiveram curiosidade de ver "projetada" a imagem da condessa, depois do comentário divertido de Cristine. Observei Esthefânia com suas novas amigas já sentadas juntas, a esperar a continuação da narrativa, olhinhos brilhando. Adoravam as histórias e agora estavam mais "comportadas": nada de muitos risos. Edite continuou sua história.)*

Desde o início eu não simpatizara com séu René. Como se explica isso? Aqui aprendemos que, às vezes, são inimigos de épocas passadas que se reencontram, outras são pessoas com campos energéticos diferentes que se repelem automaticamente. O esquecimento do pãssado é abençoado* pois assim podemos começar novamente, sem mágoas ou ressentimentos, mas, ainda assim, fica uma "má impressão".

Subindo a escadaria atapetada, ia pensando em como ele reagiria à conversa com madame, e não esperava boa coisa. Vaidoso como era, nesses quatro meses, ele que não possuía nada de seu, tinha se acostumado a dispor de uma fortuna razoável, além de desfilar publicamente com uma das mais belas cortesãs da França. Acostumado a manipular Cristine, que tinha ficado ébria pela paixão, ou pelo álcool, a maior parte desse tempo, como seria quando ele conhecesse a verdadeira Cristine, que bebia apenas esporadicamente, e que estava longe de ser tola?

Lembrava-me dela discutindo literatura inglesa eruditamente com alguns intelectuais amigos do conde. Não tinha dificuldade com idiomas. Tinha horror à matemática e nunca tomara conta de seus negócios, mas daí a ser embotada intelectualmente? Nem pensar. René que prestasse muita atenção, pois quando ela queria aprender uma coisa, só parava quando conseguia o que queria, e era bem rápida nisso. O conde dizia que não cansava de se

surpreender com ela, que por trás do "beau visage *blonde*"⁸ estava uma cabeça pensante como poucas.

Parada na porta do quarto, ergui a mão para bater na madeira quando de repente ela se abriu, e surgiu o rosto de René um tanto contrafeito de me encontrar ali; afastei-me para lhe dar passagem e disse:

Madame me pediu para lhe chamar ao escritório para o café. Deseja conversar com o senhor.

Ele franziu as sobrancelhas, estranhando:

- No escritório? Mas aquela biblioteca nunca é usada. Que faz lá?
- Acredito que ela mesma lhe responderá, senhor e afastei-me.

Ele passou por mim a passos largos, cheirando a álcool da noite anterior e a barba por fazer. Ainda assim, que moço bonito ele era! Esperava que Paulette tivesse razão e que a paixão de Cristine fosse mesmo como um resfriado, desses que aparecem, derrubam a pessoa, e depois passam! Fui seguindo timidamente atrás dele o mais silenciosa possível para que não notasse minha presença. Ao vê-lo, ela disse com um sorriso:

- Bom dia, meu querido. Que bom que acordou! Sente-se. Edite, por favor, providencie uma bandeja com café e o que seu René quiser para uma refeição leve. Se importaria de conversar comigo agora ou tem algum compromisso?

Pego de surpresa, ele titubeou:

- Na realidade tinha que ir ver meu tio. Mas isso pode ser deixado para depois. É algo urgente?

Apesar de bastante preocupada, os anos de palco ensinaram algo a Cristine, e ela sorriu encantadamente:

- Mas, claro! Trata-se de nossa sobrevivência. Como sabe, estive com Cozette ontem, e ela me deu algumas ideias. Tenho deixado muitas responsabilidades nas suas costas, pois quem antes tomava conta desses assuntos para mim era o conde. Mas agora, minha irmã acredita que devo participar da administração de minhas posses. Como você está tomando conta de meus negócios, gostaria de saber como eles estão.

Ele empalideceu. A barba morena por fazer ficou ainda mais aparente e notei gotas de suor em sua testa. A resposta veio em seguida:

- Não vejo a urgência disso! Está tudo muito bem-cuidado. Que foi? Cozette desconfia de mim? Dei algum motivo? Acaso me acha menos competente que o conde?

0 rosto de minha amiga, que mais parecia o de uma boneca de

porcelana, fez-se pálido também. Ela sentou-se na escrivaninha, olhou-o nos olhos e disse, sem nenhum receio:

- Não sou uma mulher de meias palavras, René. O dia em que desconfiar de você, não ficará mais nessa casa, nem partilhará da minha cama. Quanto ao conde, pode-se dizer tudo de Gastón, menos questionar sua competência nos negócios, pois ele tem uma das maiores fortunas da França. Acredito ter o direito de saber como estão minhas posses, ou acha que não?

Ele sentou-se e colocou a cabeça entre as mãos. Súbito, notou que eu ainda estava na sala, e disse visivelmente magoado:

- Deseja me expor assim na frente de seus serviçais?

Com o intuito de desanuviar o ambiente, ela me disse:

- Edite, vá por favor buscar o chá de René, e depois volte. Vou precisar de seus préstimos, pois antes as contas da casa eram feitas por você e pelo conde. Acredito que a achará indispensável com o tempo, meu querido.

Com alívio saí da biblioteca. Detestava climas tensos e, por incrível que possa parecer, comecei a sentir certa pena do moço. Entrei na cozinha e dei com Paulette sovando pão com a energia de sempre, uma nuvem de fumaça de farinha branca em volta, e pensei comigo que nenhum pão se atreveria a não ficar macio depois de toda aquela "surra".

- Acredita que já estou até com pena do moço?

- Pena? Do enfasiado? E por quê?

Sentei-me à mesa:

- Acredito que hoje madame terá a real noção de com quem está. Hoje cai a máscara do sr. René.

Ela largou logo a massa, lavou as mãos na pia e enxugando-as rapidamente sentou-se ao meu lado, muito interessada:

- Jura? Não acredito! Que é que está havendo?

Expliquei que madame pedira que ele explicasse as contas da casa, ela me ouviu e depois, como boa francesa, foi prática:

- E de quem tem pena? Tenho pena é de madame, que não podia ter se metido numa encrenca maior! E um jogador compulsivo, Edite! Esse tipo de gente não presta! Tomara que ela acorde de uma vez!

Tinha razão, é claro. Fiz a bandeja e encaminhei-me para a biblioteca, agora transformada em escritório, e dei com uma cena que me deixou desconfortável: lá estava o rapagão ajoelhado aos pés de Cristine, que sentada na cadeira da escrivaninha tinha os olhos cheios de lágrimas. Tossi alto para chamar a atenção e ele levantou-se e se recompôs rapidamente.

Coloquei o chá na mesa, e madame secou os olhos com as costas das mãos.

- Sente-se aqui, Edite. Assim que René comer vamos tratar de nossos negócios. Se incomodaria de me conseguir mais um copo de água? O remédio parece que está fraco, minha cabeça doi muito.

E devia doer mesmo. Que cena! O que aquele farsante estava aprontando enquanto fui à cozinha? Providenciei a água e ela tomou a outra metade do tablete. Então, no fim de dez minutos de silêncio, ao ver que ele terminava de lanchar, ela começou:

- Ao que me lembro, Gastón me disse que recebia meus rendimentos da seguinte forma: os imóveis urbanos semestralmente, e os rurais anualmente. Estou correta? Foi isso que lhe passei há três meses, quando venciam alguns, não foi?

Senti que ele estava incomodado com a minha presença, mas ainda assim respondeu entredentes:

- Sabe que sim. Só não lhe prestei contas antes porque achei o assunto aborrecido e não queria preocupar essa bela cabecinha.

- Não me preocupava antes, René. Mas chegou ao meu conhecimento que algumas contas não têm sido pagas como antes. Isso é verdade?

Ele empalideceu e me olhou raivosamente:

- A que se refere? Ao salário dos empregados?

Ela sentou-se muito ereta, um vinco de preocupação na testa.

- Não só isso. Alguns fornecedores também, de contas miúdas. Isso nunca tinha acontecido antes. Quer me explicar o motivo do atraso desses pagamentos?

Ele levantou-se, irritadiço:

- Ora, Cristine! Bem se vê que pertence à burguesia! E mais do que normal pagar os empregados semestralmente, assim como as pequenas contas! Todos os nobres agem assim! Quanto aos empregados, se não estão satisfeitos, podem se retirar! Não demoraremos a arrumar outros!

Ela ficou pálida, levantou-se.

- Não me envergonho de minha origem burguesa, René. Caso não saiba, a burguesia é quem sustenta a França. E o conde, que tem laços nobres, foi quem me orientou a agir diferente da "nobreza", ou seja, a pagar as contas no máximo mensalmente. Dizia que as pessoas simples que nos prestam serviços têm necessidade de receber. E como o dinheiro me pertence, quero que as coisas sejam feitas desta forma. Sempre tiveram prazer em me atender e quero que continuem assim. Não sou uma nobre, sou uma cortesã. Minha

reputação deve ser ilibada comercialmente, já que não possuo nome, nem proteção de família.

O conde a instruíra bem, e o que ela disse fazia todo sentido. Ante a resposta, ele sentou-se, e começou a explicar de quais pessoas já recebera os rendimentos e o que tinha feito com eles. Para meu alívio, esqueceram-se de mim, que a tudo ouvia sentada mais distante, e tomava nota de tudo que era dito. Resumindo: ele já recebera mais da metade dos rendimentos naqueles três meses, mas não havia nem sombra do dinheiro. "Investimentos", ele disse. Cristine quis ver o comprovante desses rendimentos e ele titubeou um pouco, depois pediu licença e subiu para o quarto dizendo que "ia procurar uns papeis". Ela me olhou desanimada.

- Como vamos fazer, Edite? Ele não passa de um menino querendo fazer papel de homem! Tão ingênuo! Vai saber que tipo de investimentos fez, coitado! Não devia tê-lo deixado tomando conta de tudo sozinho! Não é uma raposa velha como Gastón!

Olhei para ela um tanto surpreendida: coitado? Ingênuo? Só pensava na fortuna desaparecida em três meses, provavelmente em mesas de jogo. E de que investimentos ele falava? Ele voltou meio despenteado, com uns papeis meio amassados que colocou em cima da mesa, dizendo-lhe:

- Lembra-se do senhor de Valerant? Que fazia transações com vinhos?

Cristine franziu a testa tentando se lembrar, mas nada lhe ocorria. Ele insistiu:

- Um senhor de meia-idade, um tanto coxo, gordo. Tinha uma casa de teatro nos arredores de Paris. Não era uma casa de gente respeitável, se é que me entende.

- Ele chegou a frequentar a minha casa, em saraus ou festas?

- Nem em sonho. Não é assim tão fino, mas é um comerciante voraz. Fui apresentado a ele no cabaré, ele agora está investindo em navios para as Américas. Está fazendo fortuna rapidamente e me convidou para investir com ele. Foi lá que investi oitenta por cento de seu capital. O lucro é de mais que o dobro em um ano!

Cristine começava a lembrar-se do homem, e franziu a testa:

- Não está falando do sr. Yves de Valerant, está? Este, se bem me lembro, é coxo.

- Isso. Ele mesmo. Yves de Valerant, comerciante de vinhos, acho que o conde conhecia, afinal, era um "expert" no assunto.

- Conhecia e não gostava. A casa dele fora de Paris não é um teatro. E um prostíbulo da pior espécie. Esse senhor gosta de comerciar crianças! E com ele que investiu, René?

Ele ficou contrariado:

- Ora, Cristine, não acredite em tudo que lhe dizem. É um senhor bastante educado, e depois, não são crianças! São bem grandinhas e são livres! Não lhe esperava tão puritana. De qualquer forma, não investi seu dinheiro num prostíbulo, mas em dois navios que devem dar muito lucro.

Desconfiada, ela perguntou:

- Muito lucro por quê, René? Que tipo de mercadorias levam?

- São navios negreiros, Cristine. Ouro negro, como dizem agora. Vão à costa da África, pegam os negros prisioneiros de guerras entre as aldeias deles mesmos, e os vendem na América para trabalho escravo. Ganham-se fortunas. Em um ano seu capital será duplicado!

Ela ficou pálida. Liberal de pensamento, tinha pavor às injustiças, e agora, sem saber, financiava a escravidão. Sentou-se, a cabeça apoiada nas mãos.

- Como pôde, René?

Ele parecia não entender.

- Está preocupada? Mas em todo negócio existe certo risco! E depois, para as despesas mais urgentes podemos sempre vender uma joia ou duas. Você tem tantas! Depois as compraremos de novo!

Os olhos dela estavam cheios de lágrimas:

- Negociar com o sofrimento humano? Não pode ser bom! Minha cabeça está zozna. Edite, me leve para o quarto. René cesse os recebimentos por enquanto. Temos que colocar essas contas em ordem o mais rápido possível. Mas por agora tenho que dormir um pouco. Escravos negros! Meu Deus, que triste! Tinha ouvido falar, mas saber que estou envolvida... Ainda se arrependerá disso, René...

Confuso com a reação, visto que esperava que ela ficasse talvez "animada" com a expectativa de lucros, René ficou decepcionado. Só conseguia dizer em voz baixa:

- São apenas negócios, Cristine. Todos estão fazendo! Pensei em investir da melhor forma o "nosso" dinheiro. Estão tendo lucros enormes, não vejo por que não deveríamos ter também. Acredito que mesmo Gastón deve estar investindo desta forma!

Ela levantou-se com certa dificuldade, o remédio já fazendo efeito, e

balbuciou para ele:

P Estive com Gastón diversas vezes no Marrocos, e na Argélia, em viagens comerciais, e realmente se falava de tráfico de escravos. Os árabes não gostam disso. Diziam ser contra a lei de Deus, apesar da igreja católica não se opor abertamente. Numa coisa eu sempre concordei com eles, querido: quem causa dor, recebe dor.

Ele aborreceu-se:

- Ora, Cristine... crendices! É apenas comércio!

Notando-a tonta, amparei-a e fui caminhando com ela para a escada* ria. Perguntei se queria que eu chamasse Clemente para levá-la. Ela aprumou-se:

- Não é preciso e chamou alto René!

Ele apareceu na porta da biblioteca, contrafeito.

- Sim?

- Passe as informações que pedi para Edite, ela anotará tudo: as datas e as quantias recebidas, de quem ainda falta receber, e o tanto que foi aplicado nesses "navios negreiros" com o senhor Yves. Mais tarde conversa* remos. Minha dor passou, mas estou com muito sono!

Ele pareceu ainda mais aborrecido:

- Discutir esses assuntos com uma camareira? Enlouqueceu?

Ela finalmente irritou-se:

- Se o conde discutia, e a elogiava pela inteligência e organização, por que você não? Nunca lhe disseram para não julgar um livro pela capa? Pois é um bom conselho! Vamos, Edite. Depois volte para falar com ele.

Tempos havia que ela não se irritava tanto! Tirei os espartilhos, coloquei-a em larga camisola de seda, soltando os cachos louros, e borrfihei o rosto com uma lavanda leve. Foi o que bastou para que ela caísse em pesado sono. A respiração era tão leve que mais parecia um sono mortal e eu não gostava nada daquilo. Mas o médico tinha dito que era assim mesmo. E depois, ela acordava ótima. Desci as escadas pensando na "cruz" que me aguardava: não seria fácil tirar informações corretas de René.

Por outro lado, não seria fácil ele escapar de minhas perguntas. Com meu caderno de anotações e pena em riste suspirei, e entrei na biblioteca. Lá estava ele, sentado relaxadamente onde Cristine estava antes, olhando papeis espalhados pela escrivaninha.

- Que quer saber? me perguntou.

Se esperava que eu me intimidasse, se surpreendeu: organizando os

papeis, fui dizendo as propriedades, nomes dos inquilinos e perguntando sobre datas e recibos. Para meu desespero, alguns ele tinha, outros tinham desaparecido e ele citou "de memória". Estes eu teria que verificar com Clemente depois. Nos papeis do senhor Yves eu notei que apenas metade do dinheiro tinha sido gasto em "investimentos" com os navios negreiros. Questionando sobre a outra metade, ele me disse que teve pequenos gastos com a vida social dele e de Cristine. Notei que apenas vinte por cento dos rendimentos ainda não tinham sido recebidos, por serem rurais e estarem longe de Paris. Isso sem contar as peças de joias que tinham se "evaporado".

Desanimada, tentei me confortar com a ideia de que ao menos ele não tinha vendido nenhuma propriedade dela. Isso, sim, seria terrível. Esse prejuízo era remediável, mas se continuasse ali, contando com toda liberdade, aquele sujeito em pouco tempo acabaria com seu patrimônio. Contrafeito por ter sido tão duramente inquirido, ele levantou-se e foi até a janela, olhando para a rua tranquila, onde raros transeuntes passavam. Quebrando um silêncio constrangedor que já durava alguns minutos, disse:

- Não pense, camareira, que controlará Cristine. Não deixarei que qualquer pessoa com "pensamentos pequenos" e burgueses a impeçam de duplicar sua fortuna! Não posso esperar que mulheres entendam de negócios como nós, homens, naturalmente talhados para isso.

De cabeça baixa, assim continuei, mirando o chão. Não discutiria tal assunto, mesmo porque, não adiantaria. Levantei-me para deixar a sala, cansada que estava. Pensava nas contas mais urgentes e na falta de verbas a cumpri-las enquanto o janota ficava a desfilhar seus sonhos de grandeza.

IP Daqui a alguns meses, quando os navios voltarem, verá o capital de sua patroa voltar no mínimo duplicado, e então me dará razão.

- Deus queira, senhor. Peço licença pois tenho que ver os preparativos para a ceia.

Ele me dispensou enquanto franzia o cenho e fitava a rua com serie?:dade, Gomo se pensasse em seus "grandes negócios". Cansada, me dirigi para a cozinha, dando com Paulette à minha espera e Clemente sentado à mesa sorvendo um chá de jasmim enquanto os cavalos se alimentavam na baía próxima. Ela limpou as mãos no avental muito branco e se levantou:

- E então? Como estão as coisas? Madame está pobre?

- Não, Paulette. Madame está longe de ficar pobre! eu ri.

Ela levou as mãos ao peito aliviada:

-Graças aos céus! Então vamos receber nossos salários? Estava já desistindo, achando que aquele janota tinha roubado tudo dela!

Pensei se valia a pena explicar, mas por uma questão de lealdade resolvi que seria melhor ser mais discreta. Não podia deixar os dois sem salário por mais tempo. Como fazer? Conversaria com madame. Meu salário podia esperar, mas Paulette ajudava os irmãos, e Clemente devia ter lá suas despesas. Penhoraria alguma joia, faria algo, Deus me iluminaria.

Isso sem falar na padaria, no verdureiro, no açougueiro. Todos ainda muito simpáticos, mas que não ficariam assim por muito tempo. Alimentei-me rápido pensando em como agir até que de súbito parece que fui

iluminada: procuraria o conde! Ele não menos me orientaria!

Madame que nem desconfiasse disso, ou ficaria muito zangada, mas como fazer? Mulheres negociando eram facilmente enganadas, e o conde conhecia os meandros das transações comerciais melhor do que ninguém. Clemente me levaria lá, já tinha ido ao seu escritório no centro tantas vezes! Gastón não me viraria às costas, e já tinha me dito que quando precisasse, estava à disposição.

Pensando assim escolhi um costume bastante austero, limpei-o o melhor que pude e tratei com Clemente de, no outro dia bem cedo, ir ver meu amigo. Não me negaria ajuda, nem conselhos, tinha certeza!

Tinha que tomar cuidado com madame, mas isso não era difícil. Deixaria que ela tomasse uma dose de seu remédio e que seu René saísse a cavalo, como de costume. Paulette ficaria alerta caso ela precisasse de algo.

X CONSELHOS DE UM VELHO AMIGO

(SAÍMOS DA AMPLA sala no final da tarde, um vento suave e fresco soprava. Esperei Esthefânia que vinha caminhando junto com Clara, Olívia e Nana, entretidas comentando a história e seus possíveis desenlaces. Não pude censurá-las pois mesmo eu ficara curioso de saber certos desfechos. No dia seguinte seguimos cedo para a sala já arrumada em círculo. Edite, disposta e animada, chegou logo depois, acompanhada por Serafim, que trazia algumas anotações. Ela continuou sua narrativa, usando a "lousa" quando achava necessário nos ilustrar com imagens.)

O senhor René e Cristine saíram naquela noite, levados por Clemente, e voltaram perto das duas da manhã. Ouvei as risadas de minha amiga e notei que ela estava alterada pelo vinho, mas parecia feliz, apesar dos problemas financeiros. Ao que parecia, o rapaz estava conseguindo fazê-la esquecer as obrigações com os credores.

Aparecendo na sala, perguntei se queriam algo, mais vinho ou comida, e ela riu muito, alterada nos braços do rapaz, corada pelo vinho:

Não, minha querida! Acredita que René hoje teve sorte nas cartas? E como ele mesmo diz: um dia é da caça, outro do caçador. Para que nos preocuparmos, não é mesmo?

Sorri e pedi licença para me retirar. A cena me incomodava um pouco e

ele me sorria de forma irônica. Antes de ir para meu cômodo fui ter com Clemente, que estava acomodando os cavalos, e disse-lhe:

- Clemente, eles devem dormir até mais tarde amanhã. Lá pelas nove da manhã esteja pronto para me levar ao centro.

- Ao centro exatamente onde, Edite? Vamos ver o conde?

- Isso mesmo. E não comente com ninguém. É segredo nosso!

Ele franziu a sobrancelha grossa e escura:

- Não sei... madame pode ficar chateada se descobrir.

Vendo que ele estava indeciso, resolvi ser mais incisiva:

- Pois é justo para ajudar madame! E a nós também. Não quer receber seu salário? Não quer que madame continue rica?

Ao ouvir meus argumentos, ele ergueu os ombros, prático como ele só:

- Claro, claro. Se for assim, vamos. Às nove, não é mesmo?

Fiz que sim com a cabeça e fomos dormir. Levantei-me cedo, tomei um chá às pressas com Paulette e Clemente e fomos, fazendo o mínimo de barulho possível, faltando ainda quinze minutos para as nove. Eram aproximadamente trinta minutos de coche até o centro, e logo paramos diante do prédio bonito, novo, de três andares, moderníssimo para a época. Já sabendo o caminho, deixei Clemente me esperando e subi para o segundo andar, onde ficava na ala esquerda o escritório do conde, e fui logo recebida por um rapaz de aparência limpa, porém insípida. Aquele eu não conhecia, devia ser novo por ali.

- Aqui ainda é a sala do conde Gastón de Laureac?

O rapaz me olhou de modo avaliativo, e eu senti que colocava preço nas minhas roupas e sapatos. Eu era uma camareira, e me parecia com uma. Estava vestida decentemente, com tecidos de qualidade, mas era óbvio que não pertencia à nobreza e nem me passaria por um membro da burguesia. Ergui o queixo o mais que pude, mas não surtiu efeito.

- Sim. De fato respondeu ele -, mas para falar com o conde apenas marcando hora. De que se trata? Emprego? Não estamos contratando.

Agradei aos céus não ter mais ninguém além de nós dois no local, pois senti que não ia ser fácil ver Gastón. Ainda assim resolvi não desistir:

- Ele se encontra?

Surpreso por eu ainda estar ali, ele respondeu:

- Sim. Mas está ocupadíssimo. Qual o assunto? Marcou horário? <

- Não marquei horário, e o assunto é particular. Trata-se de assunto de interesse do conde.

- Mesmo?

Fiquei irritada. Precisava falar com ele logo, ou Cristine poderia acordar e dar pela minha falta e a da carruagem.

- Se o senhor se recusa a avisar que estou aqui, a responsabilidade será sua. Como já disse é interesse dele, e não meu. O conde é uma pessoa educada e gentil, mas não gosta de ser contrariado. Vejo que trabalha com ele há pouco tempo, mas logo notará isso. Passar bem!

E fui retirando-me a passos largos. Surtiu efeito: o rapaz saiu de trás da mesa e me pediu que sentasse, que ele ia avisar ao conde que eu estava ali. Assim que ouviu meu nome, Gastón chegou até a porta e me deu largo sorriso dizendo: "Edite, mapetite maure, entre!". Ao nos ver tão "íntimos", o rapaz admirou-se, e eu entrei.

A sala tinha sido reformada: estava atapetada, com uma grande mesa de reuniões num canto. Uma escrivaninha e poltronas de couro ficavam perto de uma janela de onde víamos o rio Sena. Atrás do conde, o brasão da família, secular e imponente. Deslumbrei-me com o luxo. Olhei meu amigo, cuja educação me fazia sentir tão à vontade com ele, mesmo sendo de classe social tão superior à minha, e pensei que só uma pessoa realmente grande pode abrilhantar os pequenos.

Cavalheiro, ele me indicou a poltrona de couro e pediu ao rapaz que nos trouxesse água e chá de jasmim com biscoitos amanteigados. Eu me desculpei por não ter marcado horário e incomodar, ao que ele disse ao rapaz:

- Gérard, escute bem: essa é Edite, velha amiga! Sempre que ela chegar não precisa de horário, é só me avisar! E se eu estiver ocupado, dê um jeito de me fazer saber, pois ela nunca vem por motivo fútil. Me entendeu?

Pálido e sem jeito, ele assentiu com a cabeça e foi providenciar o chá e os biscoitos. Olhei para Gastón e percebi um brilho em seus olhos, só então me dei conta que minha presença ali poderia ser mal interpretada.

- Cristine me mandou algum recado? Eia está bem?

O amor dele por ela não tinha terminado, ao contrário, parecia ter se multiplicado com os meses de ausência. Triste e sem jeito, respondi:

- Não, senhor conde. De fato, ela sequer sabe que estou aqui. E não está nada bem. O rapaz que com ela vive agora está dilapidando seu patrimônio numa velocidade espantosa.

Ele recostou-se no espaldar de sua poltrona de couro me olhando com os olhos muito sérios, nos quais eu via agora um rasgo de raiva. As mãos, contraíram-se cerrando os dedos até que esses ficaram muito brancos num

gesto característico que eu já conhecia de quando se irritava; ele me disse com a voz em tom ainda baixo, mas rouco:

I Desconfiava disso. É um rematado idiota, carreirista, tolo. Motivo de piada grotesca no cabaré. O problema é que arrasta Cristine consigo. Nos últimos meses ela tem andado tão ébria que parece não notar, justo ela que sempre foi tão inteligente! Não sabe como me culpo por isso, Edite! Se tivesse deixado ela ter seu último bebê, nada disso estaria acontecendo«

Não queria tocar em assunto tão delicado, mesmo porque, concordavas com ele. Apesar de quase não citar o assunto, via nos olhos dela a tristeza que o tempo e a bebida não tinham conseguido apagar. Talvez René não passasse de uma fuga, enfim. Ele perguntou:

- Acha que ela o ama de fato?

Lembrei-me de Paulette, e respondi:

- No início achava que sim, senhor conde. Mas agora, acho que comcordo com Paulette. No fundo, o que ela sente por ele não passa de um "resfriado forte". Derruba, mas é só ilusão. Com o tempo passará. Ek é inteligente, culta, e o rapaz é um tolo completo. Quando uma mulher não admira um homem, o amor acaba.

O semblante dele desanuviou-se:

- Acredita mesmo nisso? Será que ela pode vir a deixá-lo?

- Não vejo por que não. Ela já anda se decepcionando bastante com ele. Mas isso só o tempo dirá, senhor. Vim aqui para pedir-lhe algo.

- Precisa de dinheiro? Pode falar que eu ajudo, mas sem aquele miserável saber. É só dizer quanto.

-Não, senhor conde. Preciso de seus conselhos.

Expus a situação como ela se desenrolava. Contei do acerto de contas da véspera, dos credores em atraso, da negociação feita com o senhor Yves. O conde, ao ouvir falar do último, cerrou as sobrancelhas:

- Pobre Cristine. Dinheiro investido com Yves de Valerant!

‘Sabia pela conversa do dia anterior que o homem não era boa coisa, mas a expressão do conde me deixou preocupada: - Não é honesto, senhor? Pode lesar madame nos negócios?’

O conde levantou-se, e caminhou até a grande janela. Suspirou fundo:

- Esse rapaz que está com ela meteu-se com um dos comerciantes mais astutos e vorazes da França. Mesmo no cabaré, apesar do dinheiro que tem, ele não é benquisto. Traficante de escravos negros da África e de escravas brancas no Oriente, diz-se mercador de vinhos para encobrir seus

negócios verdadeiros. Está a cada ano mais rico, e conta-se que financia até navios piratas na costa da Espanha. Tolo foi René, de se envolver com ele. Não verá mais o dinheiro de Cristine. Ambicioso, deveria ter se informado melhor de com quem estava negociando: vai virar motivo de chacota!

Senti-me empalidecer na poltrona. René tinha falado daquele investimento com tanto orgulho, o que faria quando descobrisse a verdade? Vaidoso como era, as coisas não terminariam bem. O conde serviu-se de uma taça de vinho enquanto Gérard me trazia um chá de jasmim que tomei sem demora. Precisava pensar, as notícias não eram nada boas.

- Negócios não são para vaidosos, nem para amadores, Edite! É fácil jogar com o dinheiro alheio! Esse pequeno burguês é presa fácil no meio de especuladores experientes e da nobreza já viciada em ganhar sempre os favores do rei e do clero! E para completar, ainda é viciado em jogo.

Calei-me lembrando da cena da noite anterior, uma Cristine linda e ébria nos braços de um René jogador, que finalmente tivera alguma sorte nas cartas. Quanto já não tinha perdido antes e não perderia depois? Olhei para o meu amigo tão experiente e perguntei-lhe:

- O que me aconselha? Tenho ao menos que quitar as dívidas mais urgentes, e não sei como fazer.

- Disse-me que ele não recebeu os rendimentos dos imóveis rurais, não é mesmo? Pois vá receber você mesma. Mas não vá só, que os arrendatários não respeitarão uma mulher. Leve Clemente e as cópias dos contratos. Seja educada com eles, mas não seja gentil, seja firme. Vou lhe dar uma autorização em meu nome para receber as importâncias, pois, embora as terras estejam em nome de Cristine, ninguém duvidará de uma ordem minha, e assim estará protegida. Ninguém ali se oporá a um nobre. Com esse dinheiro pagará as dívidas e ainda se manterá até o próximo ano. Seja esperta, e guarde quantias para comida e salários longe dos olhos de René.

Eu conversaria com Cristine e conseguiria alguns dias para viajar e fazer aquilo. O conde era inteligente, e me dava um caminho a seguir. Finalmente eu via luz no final do túnel. Sorvendo seu vinho, ele continuou:

- Cristine é linda como uma rosa, sensível e inteligente para as artes, mas não nasceu para o comércio. A irmã dela, Cozette, é que tem esse dom. Vai ter que ajudá-la, Edite. Resta saber se o sujeito vai deixar que isso aconteça! Ao que parece já se apoderou de forma desastrosa do que já considera seu. Se ela não abrir os olhos, terá problemas sérios.

Sabia de tudo aquilo, mas madame me parecia tão frágil! Pensei que,

com a nova medicação, talvez se afastasse um pouco do álcool, mas na noite anterior voltara a se embriagar incentivada por René. Não a criticava. Em seu meio, mulheres bebiam, e ela sempre tinha se mantido à parte de tudo isso. O conde a mantinha serena e feliz, mas agora com René, a quem interessava que ela estivesse o menos sóbria possível, não sabia como as coisas se dariam. Gastón me observava por trás da cadeira de espaldar alto, mãos no queixo, com jeito de quem acabava de ter uma ideia:

- E as joias? Ainda são muitas, não são? Viveu comigo por mais de dez anos, e eu me lembro dela sendo presenteada por sultões e reis pela sua dança, além de mim, que constantemente trazia-lhe mimos, alguns dignos de rainhas. Sei que ele tem lançado ao jogo algumas, a preços ínfimos por sinal. Rubis e diamantes não nascem em árvores, Edite.

- Sei bem disso, senhor. Algumas tenho conseguido esconder, mas não sei se terei sucesso nisso por muito tempo.

- Pois o único jeito de salvá-las será vendê-las. Não podemos deixar que ele as perca nas noites de carteadado enquanto se embriaga! Diga a Cristine que conheço um joalheiro que pagará bem por elas, e traga-as aqui. Se ela vender num joalheiro comum não conseguirá pelas joias um terço do que valem, eu pagarei a metade do valor, e ainda as guardarei. Não salvaremos tudo, mas pelo menos resgataremos algo.

Atônita com a esperteza e a boa vontade dele, agradei aos céus pelo amor que ainda dedicava à madame. Despedi-me emocionada pelas palavras de ânimo e pela direção que me incentivava a tomar. Tentaria proteger Cristine, pois, sem ela, o que seria de mim e de Paulette? René ainda era novo, e tinha o tio, mas madame não podia se dar ao luxo de ser explorada assim, afinal, até quando poderíamos contar com o conde?

Chegamos à casa perto do meio-dia e pelo rosto despreocupado de Paulette vi que ninguém ainda tinha acordado. Esperei que Cristine acordasse para então falar com ela. O que aconteceu perto das três horas da tarde, quando René veio me chamar, para que levasse a ela uma bandeja com uma refeição, pois não se sentia disposta a se levantar. Ele, ao contrário, banhouse e saiu perto das cinco horas da tarde, dizendo que ia visitar o tio.

Abri as janelas do meu quarto vagorosamente para que a luz do final da tarde finalmente entrasse no ambiente. De camisola rendada e branca, os cabelos louros em desalinho, muito pálida, madame me olhou com ares de poucos amigos quando viu a frágil iluminação se firmar. Ela comia pouco da bandeja ricamente posta, o que me encheu de preocupação, e então me disse:

- Edite, não me sinto bem. A cabeça doi como se mil alfinetes estivessem nela. Pegue um daqueles tabletes do chinês para mim? Não consigo nem vislumbrar um pouco de luz!

No meio da desordem do quarto procurei até achar a bolsa dela com os tabletes. Estava quase vazia. Ou madame estava tomando muitos, ou tinha perdido alguns. Minha dúvida logo foi sanada:

- Traga-me logo dois, Edite. A dor está forte demais.

- Mas com dois a dose pode ser muito forte! Madame deve comer antes.

Ela me olhou um tanto chateada, mãos nas têmporas:

- Fala assim porque não tem dor! Mas está certo, vou comer. Dê-me o remédio!

Entreguei-lhe o remédio enquanto tomava o leite morno, fazendo uma "careta" encantadora. Depois de algum custo convenci-a a comer alguns biscoitos com creme, e pãezinhos. Ao final de quarenta minutos ela já estava bem-humorada, embora meio sonolenta.

- Graças aos céus, a dor passou! Tivemos uma noite e tanto ontem! Quer que te conte?

Sempre adorei ouvir suas histórias, pois tinha um talento natural para entreter ouvintes tornando-as mais divertidas e interessantes, mas tanta coisa tinha na cabeça para conversar com ela que não conseguia prestar atenção. Fui arrumando o quarto aos poucos, enquanto ela me contava dos vestidos das amigas, do show, dos comentários dos senhores, e por fim do dinheiro que René ganhou no jogo. Não foi grande coisa, mas ao menos pagou a despesa da noite, disse-me ela. Achei graça pensando nas dezenas de noites em que eles saíram e a conta foi paga por ela, mas nada disse.

Vendo-a de bom humor, resolvi lhe dizer que tinha ido ver o conde e que ele me aconselhara a receber os rendimentos rurais com Clemente e quitar as dívidas urgentes. Ela não ficou satisfeita de saber de minha entrevista com Gastón, mas concordou que a ideia de eu cuidar disso com um homem de confiança era boa. Mostrei a carta que ele tinha dado para minha proteção e ela ficou aborrecida, mas depois admitiu que a proteção de um membro da nobreza seria útil.

- Não quero mais laços com ele, Edite. Nem de amizade! Deus sabe o que sofri por conta de Gastón, quero esquecer! Não o procure novamente.

Disse que não o procuraria, mas nada prometi. Tinha que contar a conversa a ela, tinha que conseguir sua aprovação para ir com o cocheiro

cobrar os rendimentos, não fosse isso, não a aborreceria. Com seu aval, marquei com Clemente sairmos no dia seguinte, numa viagem que duraria pelo menos duas semanas, mas que resolveria os problemas mais urgentes. Não poderíamos ir à propriedade de Lyon, distante demais, mas com o tempo daria um jeito de aparecer por lá.

Só uma coisa me deixava preocupada: sem mim na casa, quem olharia por madame?

XI SHERAZADE

PARTI NO DIA seguinte cedo, com Clemente. Era o final de um inverno não muito intenso e a primavera parecia se iniciar. Paulette fez-nos uma cesta de mantimentos tão grande que parecia que íamos passar um mês fora. O clima ainda estava frio, mas algumas árvores começavam a brotar e eu me lembrei das noites geladas de inverno na taberna onde trabalhara. Pedi a Clemente que parasse a carruagem assim que saímos de Paris e fui com ele no assento duplo de cocheiro, sentindo um ar frio e refrescante no rosto. O cheiro de neve derretida e de lavanda era bom e me animava.

Não sei se madame tinha avisado ao senhor René de minha partida, mas não era de minha conta. Precisava da autorização dela, e era isso que contava. Na saída de casa, confirmei uma impressão minha de tempos nos olhos da querida Paulette: ela estava se enamorando de Clemente, pois quando se viu sozinha comigo recomendou-me:

- Se vir alguma desavergonhada querendo saber demais sobre ele, diga que é comprometido!

- E ele é comprometido? Não sabia.

Ela me puxou para o lado, piscando o olho:

- Ainda não é, mas vai ser. Conto contigo nisso!

Dei uma boa risada. Finalmente entendia o porquê dos bolos e mimos no café da manhã. Abracei-a de leve e disse-lhe ao ouvido:

Pois pode contar comigo! É um bom homem, escolheu bem!

Dei uma boa olhada em Paulette, continuava bonita a seu modo: seios, fartos, pernas grossas, mãos de quem trabalhava desde muito cedo. Tinha um cheiro que lembrava baunilha e limão, doce, talvez pelos confeitos que gostava de fazer. Embora na época fosse considerada "madura", ainda podia ter filhos.

Já Clemente devia ter seus quarenta e poucos anos, também moreno;

claro, tipo hispânico, português, alto. Cabelos negros anelados, agora grisalhos, forte e de tronco largo. Tinha o nariz meio comprido, um bigode bem cultivado, preto como carvão, e era simpático e confiável. Não havia por que não dar certo. Lembrava-me de tudo isso agora, sentada ao seu lado; tomara que funcionasse, pois ficar só podia ser muito triste.

Minha vida tinha sido em sua maior parte uma luta tão grande em sobreviver, que eu mal tive tempo de me sentir sozinha. Sabia-me sem muitos atrativos e isso não me incomodava, o "monstro dos olhos verdes" que é como chamavam a inveja, não era minha companheira. Desde cedo tinha visto moças bonitas na taberna, e acompanhado seus destinos. Nem sempre a beleza era sinônimo de felicidade ou conforto.

Algumas eu vira serem enganadas por filhos de burgueses ou de nobres, engravidando ou se prostituindo. Outras acabavam em casamentos com homens violentos, e a aparência tão valorizada findava em pouco tempo. Se não tinha nascido bela, também não tinha nascido feia, e não chamar a atenção tinha as suas vantagens: tinham-me deixado em paz. : Meu coração guardava apenas um segredo, tão delicado que eu não o contava nem para mim mesma e o disfarçava de todas as formas possíveis, pois para que sofrer com o que não se pode ter? E assim mesmo, não era uma paixão feroz e urgente, era um amor do tipo que se doa e procura tomar feliz aquele a quem se ama.

Eu estava com Cristine já fazia seis anos, tinha acompanhado suas lutas, alegrias e decepções! Era a minha amiga querida, minha irmã mais nova, a pessoa a quem eu mais devia. Tudo eu faria por ela, já que me sentia ligada por laços que iam muito além que os de patroa e empregada.

Nunca tinha dito uma palavra que me humilhasse ou ofendesse, sabia eu de sua força e de suas fraquezas, e a admirava pela sensibilidade e bondade que tantas vezes tinha visto. Temia por ela agora e preferia que perdoasse e ficasse com Gastón, mas a mágoa não deixaria. Que fazer? Como trazer de volta um tempo que passou?

Conheci Gastón uma semana depois que ela me trouxe da taberna. Estava num canto do quarto quando ele entrou e deu comigo ali, encolhida, querendo ficar invisível, dobrando as roupas de madame. Espantou-se e perguntou a Cristine quem eu era; feitas as apresentações, ele sorriu com minha timidez: "Mas parece uma pequena moura!"' •

Senti o vento frio no meu rosto e ele secou uma lágrima. Que mistérios são esses que fazem com que nos identifiquemos com uma pessoa de

imediatamente, ao passo que com outras, ainda que vivamos anos juntas, nos sentimos ao relento? Junto de Gastón eu me sentia aquecida, feliz como nunca estivera. Demorei a entender o que me acontecia e, por engraçado que fosse, sabendo-o apaixonado por Cristine, eu o defendia para ela. Nem por um momento pensei em separá-los, e como poderia? Madame era a alegria de Gastón, eu o amava e o queria feliz! E não é isso mesmo o amor? Desejar a felicidade do outro a ponto de ser feliz por ele?

Contei a Paulette uma vez sobre meus sentimentos, já que ela, perspicaz e bondosa, tinha me visto olhar para ele enquanto todos estavam distraídos com outra coisa qualquer. O olhar denuncia, não é mesmo? Minha querida amiga me apertou a mão e me disse em voz baixa:

- Ele sabe de seus sentimentos?

Rubra como uma rosa vermelha, perdi o fôlego ao me ver assim descoberta, em coisa que eu julgava tão bem escondida há anos. Amigas como éramos, ainda assim isso era segredo meu, e não achava que alguém conseguisse entender amor puro como o que eu tinha. Logo, ainda que soubesse da inutilidade das palavras, protestei:

- Não diga tolices! Se nos ouvem, o que podem pensar de mim?

Pois então vamos ao meu quarto. Lá poderemos falar em paz. Segui-a sem muita vontade, afinal, como explicar o que não se explica, apenas se sente? E depois, amor em igual intensidade, embora diferente, eu tinha por Cristine. Será que ela não notava isso, ou achava que eu fingia? Como não amar aquela "deusa loura" que tudo tinha me dado e que compartilhava comigo seus segredos? Como não se comover com sua inocência e sua bondade, apesar do mundo em que convivia? Cristine não era uma cortesã comum... ia tão além disso! Minha lealdade a ela era absoluta. Chegando ao quarto de Paulette, limpo e asseado, cheio de bibelôs baratos mas bonitinhos, eu me senti como se estivesse no quarto de uma irmã, e dei com o olhar daquela figura que muitos achavam rude, mas que tinha a alma cheia de compreensão. Ela me disse:

- Está apaixonada pelo conde, não?

Ergui o queixo o mais que pude em gesto de orgulho pueril:

- Não, senhora. Não há paixão nenhuma. Não tenho a menor ilusão de tê-lo, mesmo porque seria ridículo. O conde ama madame mais do que tudo, e não olharia para outras mulheres... quem dirá para mim.

Ela franziu as sobrancelhas e colocou a mão nos quadris, continuando a falar em voz baixa, mas já visivelmente irritada:

- Que idade acha que tenho, Edite? Estou longe dos vinte anos! Não sou tola. Seus sentimentos pelo conde não são de amizade. Quer negar isso?

Baixei a cabeça:

- De forma alguma. Mas está longe de ser a louca e desvairada paixão que observo nos amigos de madame e leio nos romances. E amor, Paulette, de uma forma que nunca vi descrita, e que parece que apenas eu sei sentir. Amo o conde e não tenho nenhuma esperança de ser para ele como Cristine é, mas sei que é feliz com ela como nunca seria comigo, e isso me alegra, pois vejo a alegria dele quando a vê nessa casa.

Ela me observou como se eu fosse um ser de outro planeta:

- Não sente ciúme, então?

- Quando descobri meu sentimento, há alguns anos senti um pouco sim. Queria descobrir como seria estar nos braços dele, que mulher não pensaria assim, ainda que fosse uma pequena moura como eu?

Ela me olhou com o que pareceu ser um pouco de pena, mas para que entendesse melhor, eu continuei:

- Não sinta piedade de mim, boa amiga. Sou muito feliz aqui. Trabalhou em padarias e em outras casas antes dessa, não foi?

Ela assentiu com a cabeça.

- Em alguma foi tão bem tratada ou teve tanta liberdade de escolher o que fazer? Madame alguma vez foi ríspida ou lhe tratou com brutalidade?

Ela empertigou-se:

- Não. Jamais! Pode ser uma cortesã, mas tem a educação de uma *lady* inglesa! E é generosa, de nada faz questão. Observa se estou precisando de algo, como sapatos, me dá xales novos. Madame é uma santa! E sempre que faço uma coisa nova me elogia. Trabalharia para ela mesmo sem ordenado, pois moça como essa não há em toda França. E tão educada! Não acredito que tenha tido origem humilde...

- Teve origem burguesa, a mãe era uma dama e a educou até os quatorze anos, quando morreu e perderam tudo. Não nasceu para ser cortesã. O conde é o seu primeiro e único homem.

Ela me olhou admirada, era a primeira vez que ouvia a história da patroa.

- Ah! Agora as coisas se explicam! Pobre menina! Tão delicada. Mas parece feliz com o conde!

-E é. Sem Cristine eu já teria sido descartada da taberna onde trabalhava e definharia. Vivia doente lá, de frio e fome pelos restos de comida que ceava

e que nem sempre eram limpos. Acha que não sou grata a ela e que não a amo de coração? Ela me ensinou a ler e a fazer contas, esqueceu?

Paulette calou-se.

- De sua forma, ela ama Gastón, que também a ama, e eu adoro os dois. Não sou tola, e entendo bem as coisas e as aceito tais quais elas são. Deus deve ter um motivo para tê-las feito assim e eu agradeço a Ele a oportunidade de conviver com pessoas generosas e boas. Tenho, sim, um grande amor por Gastón e ele perfuma os meus dias quando vem visitá-la e conversa comigo, às vezes por horas. Somos bons amigos, uma camareira e um conde. Eu com meu cheiro suave de lavanda, Cristine com suas essências raras, sândalo, almíscar, madeiras do oriente. Minha amiga é única, a felicidade dele é tê-la por perto, e a minha, é vê-lo feliz. Não sou tola. e-o amor verdadeiro não é egoísta. Espero que o conde saiba a preciosa sidade que tem e que a trate sempre com o respeito que ela merece.

Paulette me entendeu. Tudo isso parece fazer tanto tempo! Tivesse ele ouvido meus conselhos e tido o segundo bebê, a despeito das convenções, ' ainda estariam juntos, e muito sofrimento teria sido evitado. Mós duas esperávamos tanto pela criança, muito embora eu temesse a opinião dele.

Na casa de Cristine tive pela primeira vez em minha vida a noção de Natal. Na taberna onde passei a infância e grande parte da juventude, tudo ficava vazio e em silêncio no frio europeu desta data, e me lembro de minha patroa saindo à noite para a missa do galo, reclamando muito da noite sem lucros. Ela na realidade era de origem judaica, mas isso afastaria os clientes, então se passava por católica. Cristine era cristã. Não podia ir à igreja, pois não seria bem vista, já que era dançarina, mas enchia <a casa de pequenas velas e as acendia todas no dia 23 de dezembro e no dia 24. Por que no dia 23? Como Gastón tinha que passar o Natal com a família, ela comemorava com ele no dia 23, e depois conosco e Cozette no dia 24; algumas vezes, sua irmã caçula aparecia (antes de se casar, já que depois; o marido proibiu as visitas, embora tenha adorado o dote).

Paulette, apesar da "ceia dupla", adorava a data! E não era para menos, já que no dia 23 ganhávamos alguma lembrança do conde (dinheiro, impreterivelmente) e no dia 24 um mimo de Cristine. Tínhamos música (um pianista quase sempre aparecia), licor de ovos, doces variados, bolos, e na manhã seguinte íamos 1 frente da Catedral distribuir "os restos" (e que restos requintados!) da ceia, com as freiras, se a neve permitisse.

Lembro de uma vez em que o conde chegou de casaco de veludo negro,

com um embrulho enorme que Clemente ajudou a trazer para dentro. Enrolado em papel de seda, imaginei logo o que seria e Cristine aproximou-se curiosa, louca para abrir o pacote.

- O que é? perguntou ela, os olhos verdes faiscando de curiosidade.

- Não adivinha?

Ela tentou levantar o embrulho do chão sem sucesso, pois era pesado para ela, franziu as sobrancelhas e sorriu:

Pensei que podiam ser vestidos. A embalagem não condiz, é pesada e grande demais! Mas, tão achatada! Que é isso, Gastón? Um espelho?

- Quase. Ia deixar para você abrir na noite de Natal, mas não posso me furtar de saborear a sua surpresa. Vamos, abra. Edite, venha cá, ajude-a que também quero sua opinião.

Pus-me a tirar o papel de seda com ela e dei com um duro papelão por baixo, e ainda mais papel de seda envolvendo uma rica moldura de madeira escura, com detalhes dourados. Aos poucos percebemos um quadro e fomos rasgando o papel na curiosidade de ver a obra, quando minha amiga, finalmente, rasgou certa parte e viu dois olhos verdes, uma boca vermelha e cabelos de um dourado inequívoco retratados na tela. Com os pelos do braço arrepiados, ela parou em frente à tela e olhou para o conde: Gastón... é meu retrato?

- Ele estava feliz. Curiosa® para ver o resto, nós duas fomos arrancando o papel quase que descuidadamente e em poucos segundos eis o quadro desnudo em nossa frente. Cristine sem fôlego, contemplando uma tela que a retratava em trajes orientais quase transparentes, cabelos louros longos, iluminados pelas velas, ricas tapeçarias em volta, rubis no pescoço, nas orelhas e nos dedos, e na testa, enorme esmeralda. Ficamos os três em silêncio, a olhar a deslumbrante tela em pintura a óleo, na qual o rosto dela tinha uma expressão de alegria e inocência quase infantil, como se não tivesse consciência da própria beleza e fascínio. Gastón olhou para nós:

- Lembra? É você como Sherazade, a rainha das mil e uma noites...

{Sentindo nossa curiosidade, Edite colocou a mão sobre o sensor, fechou os olhos concentrando-se e na tela apareceu a obra: um quadro de mais de dois metros de altura deslumbrante, no qual a loura Cristine aparecia em trajes de dança ousados para a época, mas que não a deixavam desnuda, apenas insinuavam o corpo através de múltiplos véus. Os braços muito brancos erguidos em passo de dança e o rosto virado para o artista, em linda e inesquecível expressão de ternura e inocência. Até mesmo nossa plateia

emudeceu.)

Ela nada respondeu, olhando a pintura, sentou-se numa "namoradeira" (cadeira de madeira de dois lugares, móvel de época bastante popular) para observar a tela de longe, séria e pensativa. Ele preocupou-se:

- Não gostou? Achei que o artista trabalhou tão bem! Parece que captou-lhe a alma! Mas não fique triste, posso devolver.

- Mas nem pensar! Nunca vi tela tão linda! Quem foi o artista, Gastón? levantou-se ela.

- Mas então gostou! E por que a carinha tão séria? Lembra-se de sua última temporada, em que eu fiquei no camarote, logo acima do palco? Havia um senhor moreno claro comigo, de cabelos cacheados negros, um tanto grisalhos. E um famoso pintor italiano, está em Paris para retratar alguns membros da nobreza.

- Membros da nobreza? Sua família também? perguntou ela.

- Sim respondeu ele -, está fazendo o retrato de minha filha, eia idade de arranjar casamento. Achei o trabalho tão bom que pedi para ele retratá-la. Levei-o diversas vezes a assistir a seus números, e ele ficou extasiado. Cheguei a ficar enciumado, mas valeu a pena. Ele captou o olhar que você me dá quando dança e disse que é a sua obra-prima, embora não possa expô-la. Disse que é a mulher mais linda que já retratou.

- Nunca tinha me visto desta forma. Não acha engraçado, Edite, que a forma como nos vemos seja tão diferente da forma como os outros nos veem? Ainda me vejo como uma menina; nesse quadro, os olhos são de menina, mas o corpo é de mulher. Esse artista realmente me viu, esqueceu-se da cortesã.

Eu concordava. Não era uma cortesã na tela, mas uma rainha coro olhos indescritíveis, que olhavam com a inocência de uma criança. Era a nossa Cristine, de dentro de casa, que nos encantava tanto e que batia palmas quando recebia presentes. Desta vez, no entanto, não ouvi as palmas, estava extasiada demais.

Paulette e Clemente apareceram na sala e observaram a tela de longe. O condutor ficou estático, boca aberta destacando ainda mais o bigode negro, admirado por ver sua patroa em deslumbrante teia de mais de dois metros. A cozinheira, que nunca tinha sido discreta, logo deu sua opinião: Valha-me Deus, madame! Finalmente um retrato que faz justiça à dona! Está um deslumbre. Onde vai colocar isso? Aqui na saia?

- Ainda acho o original muito mais interessante, Paulette. Mas é verdade, onde pretende colocá-lo, minha querida? perguntou o conde.

- Em nosso quarto, Gastón.

Ele estranhou. Geralmente essas obras de arte ficavam expostas na sala para a admiração de quem entrasse, para louvar-lhes a riqueza e o bom gosto.

- Na sala não seria mais adequado, Cristine? Está tão linda!

c Vendo-se cercada de olhares curiosos, inclusive o meu, explicou-se:

- Recebemos muitas pessoas aqui. Seus parceiros comerciais, atrizes, artistas da noite, poetas, atores. Para todos esses eu sou Cristine, a dançarina, que vive de forma livre com o conde de Laureac. Essa do quadro sou eu, que na realidade nunca fui cortesã, mas fui mulher de um só homem e me adaptei à realidade que me foi imposta. Minha inocência e meus valores são segredos nossos, não me exporia dessa forma.

Ante o silêncio, ela pediu a Clemente que levasse a tela para seu quarto e a instalou na parede em frente à cama do casal. Concordei com ela, mas senti a reflexão que isso causou em Gastón. Quisera que ele tivesse refletido melhor e não fosse orgulhoso, pois o que ela disse era a pura verdade: não era da natureza de Cristine ser a amante, mais fiel que muitas mulheres casadas, devia ter sido permitido a ela ter os filhos.

Por outro lado comentava-se em Paris que a condessa de Laureac estava longe de ter uma vida recatada, mas aos ricos e bem nascidos tudo se perdoa. Se o conde sabia ou não do que se falava "à boca pequena" sobre o comportamento dela no palácio do casal, não vem ao caso, mas ele era motivo de piadas, já que ela estava longe de ser discreta. Havia na época, em Paris, diversos perfumistas, pagos a preço de ouro, e o boato mais recente era de que ela encomendara um perfume masculino para um de seus amantes, que antes fora criado de sua mansão. O povo era maldoso, mas ao que parece, o conde não se importava com isso. Diferente teria sido se alguém se interessasse ou faltasse com o respeito com Cristine.

Respeitou René apenas por ela ter se interessado por ele, o que nunca acontecera antes, e pela culpa de tê-la feito sofrer. Os códigos morais da França da época eram de fato estranhos...

Sofri com o sofrimento dele, e mais ainda com a saudade de não vê-lo com frequência. Doeu-me o coração notar que emagrecia e não poder consolá-lo, afinal, quem era eu? Apenas uma camareira...

; E agora eu aqui estava, tentando salvar minha amiga de um vexame financeiro provocado por um sujeito que mal sabia o tesouro que tinha em mãos, Respirei o ar fresco e senti o cheiro de lavanda no ar. Deus me guiaria! Sabia do amor de Gastón por Cristine, e só por ele eu já tomaria conta dela!

Como são tolos os ricos, Senhor. Como abrem mão de coisas tão importantes em nome de coisas tão pequeninas!

XII UM ACERTO DE CONTAS

RETORNEI A PARIS com Clemente depois de duas semanas. Tivemos êxito no recolhimento dos alugueis. O conde tinha sido cauteloso ao escolher as pessoas para quem alugava os imóveis,, tanto os urbanos como os rurais, e, auxiliada por Clemente, com seu vasto bigode negro e sua pose séria, não tive dificuldades em receber.

Tivemos algumas cenas engraçadas, pois eu sou de natureza tímida e cobrar os outros nunca tinha sido de meu feitio. Segui o conselho de Gastón e mandei meu amigo cocheiro na frente, dizendo-lhe que fizesse uma expressão severa e apresentasse a carta do conde autorizando-o a receber.

Nada de sorrisos! avisei.

Postei-me logo atrás dele (com uma expressão mais séria ainda), no caso de precisar argumentar algo, já que Clemente nada sabia dos negócios de madame. Deu certo. Ao verem meu grande amigo com cara de português de cenho franzido a exhibir carta de um nobre, falando grosso e dizendo que tinha vindo cobrar o dinheiro, eles iam pegar os envelopes, nos entregavam, eu conferia e íamos embora, bem rápido.

De posse do dinheiro, antes de tomar à casa, decidi primeiro quitar as dívidas de Cristine: nada mais de olhares desconfiados quando nos entregassem as encomendas de pão, carne ou verduras. Felizes por estarem recebendo, nossos credores voltaram a ser gentis. Por via das dúvidas, tratei de esconder, com meu amigo, outro tanto da quantia para prover dois meses futuros. Não queria saber mais de ficar devendo, Sabe-se lá quando René sairia daquela casa, oU "se" sairia!

Ficamos muito amigos, eu e Clemente. Para minha alegria ele me segredou estar interessado em Paulette há longa data, e me disse que só não falava com ela porque tinha medo do seu gênio. Não o culpei: minha amiga tinha um coração doce, mas quando ficava irritada dizia palavras que fariam corar a um marinheiro. Mais de uma vez tinha chamado a atenção dela, que devia moderar sua linguagem, que não ficava bem para uma moça, mas, criada desde cedo em trabalho duro, com pessoas do povo quando seu sangue fervia as palavras "saíam" sem que tivesse controlei?!

Isso sem falar na fabulosa "mira" dela. Paulette tinha horror a-ratos/?

mas enquanto eu corria como uma desesperada quando via algum, ela, rápida como um raio, agarrava logo um caneco ou algo que tivesse à mão e lançava no animal. "Pontaria mais certa não existe!", contomme ele} que uma vez escapou de ser atingido, para ver uma ratazana de tamanho razoável ser apanhada na cabeça por formidável caneco de ferro. Segunda Clemente, quando o viu ela ficou muito sem jeito, mas depois se desculpe pou: "detesto esses bichos!".

Por essas e por outras, Clemente tinha medo de aproximar-se. Fiel à minha amiga, não disse nada a ele sobre os sentimentos dela, mas conversaríamos depois quando eu chegasse. Ao menos já sabia que era recíproco e, depois, o cocheiro daria um excelente marido.

Chegamos perto das cinco da tarde e eu fiquei feliz de ver a casa que considerava meu lar. Observei que as luzes estavam acesas no quarto de madame, na cozinha e na sala. Como estaria Cristine? Queria tanto dar-lhe as boas-novas das contas pagas! Clemente parou os cavalos e abriu o portão colocando a carruagem no pátio interno; teriam que descansar, uma vez que trabalharam muito naqueles dias, e eu, agasalhada pelo meu xale de lã negra, entrei na cozinha aquecida, quase esbarrando com Paulette, que, ouvindo o portão, tinha vindo nos receber. Ao me ver, ela me abraçou:

- Enfim chegaram! Mas que demora. E então, conseguiram receber alguma coisa? Deu tudo certo? E Clemente, onde está?

Respondi que estava tudo certo, que Clemente tinha ido alimentar os cavalos e que as coisas correram bem. Depois de responder a mil pequenas perguntas sobre as novidades e tranquilizá-la sobre a fidelidade de Clemente em relação a outras mulheres na viagem, ela me deixou perguntar: E madame? Está no quarto? Está melhor das dores?

Paulette deu um suspiro de resignação:

- Por que não sobe, Edite, e dá uma olhada no quarto? Ela está acordada. Já espera por você há alguns dias, ficará feliz em vê-la.

- Subi as escadas, feliz, mas notando certa desarrumação na sala, o que me desagradou um pouco. A faxineira não viera? Copos e garrafas estavam espalhados e alguns móveis de madame estavam marcados por copos descuidadamente deixados. É, eu tinha feito falta. Comigo ali aquelas coisas não aconteceriam, discretamente eu sempre recolhia tudo. Parecia que houvera algumas festas, mas isso mesmo no tempo do conde era normal, só não era normal a bagunça deixada pelos convidados. Os de Gastón eram bem mais alinhados. Notei que mesmo algumas cortinas precisavam de reparos

por algumas manchas de vinho.

Alguma coisa me afligiu o peito, não sei bem a causa. Tinha chegado tão feliz com as novidades, via uma saída para nós, mas agora... parei na porta do quarto de Cristine e senti novamente aquele cheiro amargo e característico: estaria René fumando de novo aquele cachimbo horroroso? Bati à porta com vigor, pois ouvi o som de risadas, e senti que podia estar interrompendo algo, e enfim a porta se abriu:

- Edite! Enfim aparece a minha querida! Não sabe a falta que me fez. Temos tanto a conversar, *ma petite amie*⁹ Impossível ficar sem você!

Recebida tão efusivamente, fui colocada quarto adentro por uma Cristine mais magra, de pele translúcida, os olhos verdes parecendo incrivelmente grandes e emotivos com as pupilas dilatadas. A pele estava pálida e a boca rosa com a maquiagem usada na época. Estranho dizer que nunca *tinha* visto minha amiga mais bela, mas aquela beleza me assustou como *se fosse* o canto final do cisne.

(Edite colocou as mãos sobre o visor e vimos uma Cristine de tez incrivelmente clara, cabelos louros, maquiada com esmero e uns poucos quilos mais magra, o que realçava ainda mais os traços; ainda que perdesse com isso o encanto de menina, via-se agora o encanto da mulher. Vestida num vestido vermelho com o decote ornado de rendas negras, e formidável rubi enfeitando o colo em pesado colar de ouro, era uma aparição de beleza mais madura, deslumbrante.)

Está deslumbrante, madame. Vai a alguma festa? perguntei timidamente, observando René se vestir por trás do biombo e o quarto muito mal arrumado, com aquele cheiro insuportável.

Mãos na cintura, ela me olhou e depois me deu um abraço, apertando - me contra o peito. Senti seu perfume inebriante e me perguntei o que andara acontecendo durante a minha ausência. Por trás de seu cheiro habitual, outro mais acre se desenvolvia, e imaginei se ela não andava fumando aquele cachimbo com o companheiro. Ela me sentou na cama, mas depois levantou-se, olhando para o biombo:

- Vamos para o escritório, tenho tanto a conversar com você. René, querido, lhe espero lá embaixo, ainda temos tempo, como sabe.

Vi o rosto dele aparecer por trás da madeira pintada, pálido e com olheiras. Se Cristine estava bela, não podia dizer o mesmo dele: parecia abatido. Vendo-me, fingiu surpresa:

- Então, camareira, apareceu? Conseguiu receber daqueles aldeões? É

bom! Precisamos de dinheiro, como bem sabe. Bem-vinda, Edite!

A moda da época era de perucas, adereços e maquiagens. Dona de cabelos formidáveis e bastos, Cristine não fazia uso delas, pois seu louro natural refletia tanto a luz do sol como a luz de velas de forma esplêndida. René, de cabeleira negra não tão abundante, parecia agora ter aderido à moda e tinha na cabeça uma peruca branca empoada, e que parecia cara.

Era uma época estranha, em que os homens também faziam uso de maquiagens e artifícios, às vezes ainda mais que as mulheres. Apaixonados por novidades, os franceses amavam perfumes e cosméticos, pomadas dos mais variados tipos, com corantes vários. O jovem René parecia precocemente envelhecido, mas satisfeito com o resultado.

Saímos descendo a escada apressadamente, eu olhando madame e tentando entender o que se passava. No meu íntimo, dei graças a Deus por já haver pago as dívidas e adiantado o dinheiro a nossos credores, as coisas pareciam bastante desvairadas por ali. Entrando na biblioteca que fazia as vezes de escritório, Cristine fechou a porta e me perguntou:

- E então? Como foi?

- Contei a ela que tudo tinha corrido muito bem, graças a Clemente, que com seu jeito sério tinha conseguido receber todas as quantias.

- E o dinheiro, está contigo?

Uma bolsa de seda vermelha estava atada a meu vestido por baixo da capa, e eu entreguei a ela, mas só depois de contar que já tinha pago as nossas dívidas e deixado com nossos credores algum dinheiro por conta. Havia também separado os salários de Clemente, da faxineira e de Paulette. Contando o dinheiro, ela me perguntou:

- E Não separou o seu? Por quê?

- Orá, madame. Não é o momento. Pode me pagar quando o senhor René receber o investimento nos navios. Por enquanto não é preciso!

Conferindo as contas, ela me sorriu:

I Fez excelentes negócios, com a honestidade e a sabedoria de sempre. Mas não é justo que fique sem seu pagamento. Ande, pegue aqui.

E me deu o resto do dinheiro que estava na bolsa. Era bem mais que o meu salário, pelo menos duas vezes o valor, contando com os atrasados. Fiquei lívida com a surpresa, e respondi:

- De forma nenhuma, madame. Esse dinheiro pode fazer falta. Não passaremos por dificuldades nos próximos meses, mas sem dúvida eu posso esperar! Nunca cobraria madame, a quem tanto devo!

Ela me olhou de forma séria, as mãozinhas brancas postas sobre a mesa, como se tratasse de negócios durante toda a sua vida:

- Se eu fosse contratar outra pessoa para receber esses valores, tem ideia de quanto eu pagaria?

- Não é esse o caso, madame. Sou sua amiga, tenho obrigação de ajudar.

- E acredita que essa pessoa, que provavelmente me cobraria uma percentagem, seria totalmente honesta? Creio que não, Edite. E depois, pagando a você faça um favor a mim mesma, não vê?

- Como?

- *Ma petite amie*, acha que sou insensível? A quem acha que recorrerá caso tudo me faltasse no mundo? É a pessoa que conheço que tem mais juízo, com exceção talvez de minha irmã Cozette. Mas não recorrerá a ela, teria vergonha. Minha irmã de fato é você!

Senti meus olhos se encherem d'água, mas fiquei preocupada. René com certeza esperava algum dinheiro da viagem.

- Mas o senhor René vai ficar desapontado. Que diremos a ele?

Ela suspirou, parando na frente de um espelho de meio corpo próximo de pequena mesa, e se olhou ajustando o cabelo preso em elegante penteado.

- Ele não vai ter que se preocupar com isso, querida. René gasta demais, e sabe disso. Sua dívida no cabaré em jogos e bebidas ultrapassa em muito a quantia que você me trouxe, e se eu quiser mantê-lo vivo, devo usar de outros expedientes.

Por dentro de mim veio uma raiva difícil de conter. Por que madame devia pagar pelas dívidas dele? Vendo meu semblante contrafeito, Cristine leu meu pensamento:

- Sem mim ele não teria nenhum crédito, Edite. Valeu-se disso, o tolo. Como havia trancado todas as minhas joias por desconfiar que algumas estavam desaparecendo, ele assinou cartas de crédito, e Albert franqueou? - lhe as bebidas do bar do cassino. Com amigos assim, quem precisa de inimigos? Sabem perfeitamente que Gastón não me deixou desamparada.

Ela sentou-se numa poltrona de espaldar de couro que antes era usada pelo conde, semblante contrafeito pelas memórias.

- Tenho vinte e oito anos agora. Sofro de dores infernais, como bem sabe. Os tablettes do chinês me dão certo alívio, mas me deixam sonolenta e esquecida, porém não consigo mais ficar sem eles. Aliás, dou graças a Deus que existam, pois as dores eram tão fortes que eu ia enlouquecer.

Quando fumo o remédio, o alívio vem muito mais rápido, mas não consigo gostar do cheiro. René é que anda fumando também, diz que o acalma. Dorme, o que é bom. Pelo menos nessas noites, deixa de jogar.

Continuei ouvindo em silêncio, entendendo a desordem e o cheiro do quarto. O rapaz também estava fazendo uso do narcótico... Isso explicava algumas coisas. Ela continuou:

- O problema é que quando dei por mim, a maior parte de minhas joias de valor haviam de fato desaparecido. Lembra-se da quantidade de esmeraldas que Gastón me deu? Não achei mais nenhuma! Sem falar em meus anéis de diamante, pulseiras... esse meu colar de rubi foi uma das poucas peças que sobraram pois estava em outra gaveta, e algumas pérolas de Vedor mais baixo. Fiquei furiosa com René, mas tudo já tinha ido embora! E agora, essa dívida!

Ela parou, como se lembrasse de algo:

- E o pior você nem imagina: sabe que algumas das peças que Gastón me deu eram falsas? Isso mesmo! Diamantes imensos, mas falsos! Safiras lindas em incrustações perfeitas, falsas! Fiquei tão decepcionada!

Eram as cópias das joias de maior valor, que tinha feito para salvar das mãos de René caso ele as roubasse, orientada por Gastón, que indicou um joalheiro que fez imitações perfeitas.

- Como soube que eram falsas, madame? Isso não parece coisa que o conde faria.

Ela sorriu triste:

- Pois não é? Mas René as pegou sem minha permissão para pagar dívidas de jogo e quase morreu de apanhar nas mãos dos credores. Disseram que era vidro, imagine! Vidro! Nunca imaginei que Gastón me enganasse assim! Vai ver seu amor era falso como essas joias.

Tinha que contar a verdade, suspirei fundo:

- Não fale assim do conde, madame. Ele errou com a senhora, mas o amor dele era verdadeiro, assim como as joias.

- Ainda o defende, Edite? Jogaram as joias na cara de René, e elas quebraram como vidro! Diamantes não se quebram assim. Eu vi o que sobrou!

Com um fio de voz, respondi:

- Aquelas eram cópias, madame. As verdadeiras eu escondi, o conde nunca lhe daria joias falsas!

- Cópias? Mas como assim?

Disse a ela então que tinha notado no tempo em que ela estava doente que suas joias estavam sumindo com rapidez, e que tinha encomendada a um joalheiro cópia de suas joias e as substituído para o caso dele roubá-las, como acabou acontecendo. Não imaginava que ele levaria uma surra, nem que as levaria todas. Omiti que o conde tinha me ajudado, pois a confusão já era grande o bastante. Ela me ouviu contar tudo arregalando os olhos verdes, muito pálida e no final me disse:

Mostre-me as joias verdadeiras, Edite:

Caminhei, como quem vai para uma forca, para o meu pequerte quarto e tirei, escondida no fundo falso de uma gaveta da minha cômoda*, uma caixa de madeira fechada, com tranca de cadeado já meio velho, mas potente. Aberta a caixa, dentro dela havia um saco de algodão branco e dentro desse saco, outro de veludo vermelho. Verifiquei se as portas e as janelas estavam fechadas, pois não queria saber de curiosos; sabia que madame me passaria no mínimo uma séria descompostura.

Prendendo a respiração, passei a mão sobre a colcha verde*de minha cama, já bem esticada, e despejei o conteúdo do saco sobre ela.

O quarto, iluminado por apenas cinco velas, pareceu acender-se dado o brilho das peças: três grossos colares de esmeraldas e brilhantes, cada qual mais trabalhado que o outro, cintilavam em companhia de um outro colar de safiras azuis e diamantes, esse mais delicado, mas de indefinível valor. Uma pulseira de rubis incrustados em ouro amarelo, pesada e que Cristine havia descrito como "exagerada", também lá estava, brilhante como o ouro verdadeiro costuma ser. Uma quantidade de anéis, todos com pedras de variados tamanhos, de safiras a águas marinhas. Ela colocou uma peça no dedo anelar, grande esmeralda ladeada de brilhantes, que o conde dera em seu vigésimo aniversário e fazia par com brincos® um colar ali guardados. Brincos em formatos de candelabros, parecendo cascatas de pedras, ganhas no Oriente em suas apresentações, e algumas peças de pesado ouro marroquino. Na caixa estavam pelo menos dois quilos em joias que eu retirara aos poucos; de algumas ela nem dera falta, outras eu substituíra por cópias.

Ainda sentada em minha pobre cama, madame olhava como se tentasse se lembrar da ocasião em que as ganhara. Foram muitos anos com o conde e era rara a semana que não recebia um mimo, por pequeno que fosse. Nas apresentações a nobres, marajás e sultões, outras tantas joias tinham sido amealhadas, pois os orientais, quando apreciavam uma mulher, o

demonstravam com ouro. Ficamos alguns minutos em silêncio, o que aumentava minha angústia, pelo segredo mantido; sem aguentar mais, falei:

- Peço que me perdoe, madame. Mas não confiava em seu René. A senhora estava doente e ele estava pegando suas joias; pensei em proteger seu patrimônio. Não fique muito brava comigo! Se quiser, arrumo minhas coisas agora mesmo. Só não podia deixar a senhora pensar mal do conde. Joias falsas, imagine!

Ela me olhou como se acordasse de um longo transe, e fez algo que nem em sonho eu esperava: começou a rir! Não era uma risada educada, nem polida como de costume; ela ria desbragadamente como se tivesse ouvido a história mais engraçada dos últimos tempos. Chegava a curvar-se, e eu fiquei olhando sem saber o que fazer. Acabei rindo também.

- Mas, madame não está brava? Achei que ia ficar muito zangada comigo. Não quer que eu vá embora?

Ao ouvir minhas palavras ela ria ainda mais, pediu minha ajuda e colocou as joias no saco de veludo e em seguida no de algodão, colocando tudo na velha e forte caixa de madeira, em meio aos risos.

- Quer que eu guarde de novo em minha cômoda?

A isso ela fez que sim com a cabeça, e depois me disse:

- Edite, *mon amie*¹⁰, sente-se aqui! Esconda novamente isso! Ninguém sabe que isso está aí, sabe?

- Não! Nem pensar, que não sou tola! Há uma fortuna de madame ali dentro, é para seu futuro!

Ela recuperava o fôlego, e dispôs-se a me contar o que queria:

- Depois que vocês viajaram, uns dois dias, René me deixou dormindo em casa como de costume e foi ao cassino do cabaré jogar. Já devia mui tó> e tinha dado muitas de minhas joias como garantia sem me consultar, como de costume. Não faça essa cara, querida. Do jeito que andei doente, não conseguia ver metade do que acontecia, e ele se aproveitou.

Aliviada por ela estar enxergando a realidade, continuei ouvindo.

- Não digo que não me ame, até acredito que goste de mim, mas é viciado em jogo. Já vivi na noite tempo suficiente para reconhecer a "febre do jogo" quando a vejo, e nosso tolo René é assim. Acho mesmo que se ganhasse me cobriria de joias, e acredita que fará fortuna, mas na mão de jogadores profissionais não passa de um boneco estúpido.

Não tinha pelo rapaz nenhuma simpatia, e sequer pena, mas em respeito a ela, calei-me.

- Sabendo de minha situação e que eu ajudaria o rapaz, deram a ele um crédito quase ilimitado durante semanas. Foram aos poucos o iludindo: alguns dias ele ganhava um pouco, atijando-lhe a cobiça, para no dia seguinte perder o dobro. É um truque antigo que funciona há séculos. Achando-se dono da situação, o tolo endividou-se a tal ponto que a banca do cassino, tendo uma ideia de minha situação financeira, finalmente negou-lhe o crédito. Sabe o que aconteceu então?

- Acredito que o tenham pressionado, senhora respondi.

- Você é elegante, minha amiga! Disseram a ele que se não pagasse em 24 horas, ele morreria e apareceria boiando no rio Sena. Já fizeram isso antes, a polícia já se acostumou. Tratando-se de dívida de jogo e não sendo um nobre ou o clero envolvido, fica tudo esquecido. Todos em Paris sabem disso.

Calei-me pensativa. Não gostava de seu René, mas não gostaria de vê-lo boiando no Sena. Imaginei como isso teria repercutido em madame, de coração tão generoso.

Então deu as Joias a ele, madame?

Ela resmungou, bem zangada:

- Sabe que tenho andado um tanto doente, minha amiga, e que isso me tem "tirado o juízo", ou teria prestado atenção. René além de tolo, é orgulhoso, e nada me disse sobre sua situação. Chegou em casa mais cedo, o que me deixou surpresa, mas não desconfiada, serviu-me de um vinho que me pôs para dormir pesadamente, só acordando doze horas depois, para vê-lo entrar com a roupa em farrapos, um grande corte na sobrancelha esquerda e alguns dentes a menos, também do lado esquerdo. O rosto estava terrivelmente inchado e acredito que algumas costelas também tivessem sido quebradas. A aparência era lamentável. Acordada por Paulette, nós duas pensamos que ele tivesse sofrido um assalto ou coisa parecida, quando ele nos disse: "Esse seu conde era o maior dos farsantes!".

- Madame tinha talento para contar histórias, e imitou a voz de René quase à perfeição. Eu a ouvia encantada tentando entender o que acontecera, quando ela soltou a mais cristalina risada, e depois continuou:

Bem sabe que tenho motivos para ter mágoas de Gastón, mas sua honestidade é inquestionável. Olhando sério para René, eu e Paulette paramos de acudi-lo e o interpelamos: "Farsante por quê?".

Ainda imitando o agredido, ela ergueu-se, como quem mal se mantinha em pé e levantou o braço como se estivesse bêbada:

- "Pois esse maldito conde lhe deu joias falsas! Todas eram de vidro! Quer ver? Vidro!", e jogou o conteúdo de minha grande caixa de joias todo no chão da sala! E estavam na maior parte arreventadas, como que para mostrar que eram mesmo de vidro!

Tentei imaginar a cena, Cristine acordando, Paulette, e vendo todas as suas joias jogadas no chão da sala, estilhaçadas como vidro barato. Joias dadas por Gastón ao longo de anos, por marajás e sultões! Tudo vidro barato! Não entendia ela rir tanto, se deveria era estar furiosa comigo! Excelente atriz, ela ajoelhou-se no chão, olhar aturdido, bem na minha frente, como se os catos de joias falsas ainda estivessem ali.

., Olhei para as joias em pedaços e apalpei-as sem poder acreditar! Tantas lembranças, agora todas em pedaços. Lágrimas mé vieram aos olhos. Paulette, sempre mais prática, sem entender nada, perguntou a René: "Mas, madame deu ao senhor essas joias?". Só então levantei os olhos e dei por mim da situação: que estava fazendo aquele ladrão miserável tom as minhas joias? "Claro que não!", respondi. "Explique-se miserável, antes que eu o ponha para fora dessa casa!".

Não tivesse eu visto René de peruca, todo empoado no quarto de madame há poucos minutos, teria dançado de alegria. Mas, ouvi o resto: -

Então começou o choro e as lamentações. Desculpas, o vício maldito pelo jogo, a vida em perigo... eu sei que o risco é verdadeiro, Edite, já vi muitos como René "desaparecerem" sem deixar vestígios. Chorei, primeiro por me descobrir mais pobre do que imaginava > depois por ser enganada por Gastón, sinto por ele ainda grande carinho, mas tudo isso teve algo de bom: a ilusão do que sentia por René passou. Hoje só sinto pena por ele! É um pobre coitado que será morto se eu não o ajudar.

Entendi o bom coração dela, mas não achava que devia dar as joias para pagar as dívidas de jogo. Mesmo porque, deviam valer muito mais.

- Vai dar as joias para pagar a dívida dele, madame?

Ela me olhou com um susto nos olhos, depois riu como uma menina:

- Não entendeu por que ri tanto, não é, minha amiga? Claro que não! Ri porque minha honesta Edite "roubou" um ladrão! Imagine que vou dar os presentes que ganhei de pessoas a quem estimo tanto para uma pessoa que me drogou e roubou enquanto eu estava doente! Sou boa, más não sou tola. Ri porque a surra que ele levou foi providencial. René agora dorme no quarto de hóspedes até que eu resolva essa situação. Não disse que tenho outros meios? Em minhas joias ninguém toca, chega de sandices! Ficarão muito bem

guardadas contigo, ninguém pensará em procurá-las aqui, não diga isso nem a Paulette!

Assenti com a cabeça, agradecendo a Deus por tudo estar finalmente saindo bem. Mas tive que perguntar:

- E como fará, madame?

- Ela olhou-me, as pupilas ainda dilatadas demais:

- Fui conversar com Albert, o gerente do cabaré e do cassino, dias depois. Ele já me esperava e, ao me ver entrar, foi gentil como sempre, afinal, quer receber a dívida de René. Perguntou-me se eu não venderia alguns imóveis para quitar a dívida e eu disse que o Sena não se importaria de receber mais um corpo se dependesse disso, mas lhe fiz uma proposta.

- E qual foi?

Ela sorriu, travessa:

- Tão simples, querida. Faz um bom tempo que não danço, mas o cabaré até hoje não me esqueceu. Albert sugeriu que eu fizesse uma temporada de dez shows pela dívida de René, e tudo estaria pago. Serão dez danças, duas por mês. No fim de tudo, será divertido. Não notou como a casa está um tanto desarrumada?

Fiz que sim com a cabeça. Realmente, eu e a faxineira teríamos um bom trabalho pela frente.

- Albert financiará os ensaios e as festas, e lucrará muito com eles. Os ensaios acontecerão em boa parte nessa casa, me sinto mais segura aqui. René depois disso irá embora. Por enquanto ficará, pois uma figura masculina desencoraja alguns atrevidos, mas não vejo por que continuar depois disso.

Não sabia se achava uma boa ideia, mas Cristine parecia animada.

- Mas, não será cansativo para madame?

Ela suspirou:

- Estava um tanto sem motivação depois de minha última perda, *mott amie*. Sabe como foi duro. E sempre amei a dança! O novo remédio tem me tirado a dor, e o sono tem passado. E é bom ver os antigos amigos, dançarinos e músicos. Albert disse que nunca me viu mais bela, que estou mais esguia, mais intuitiva. Devo estrear em duas semanas, e os ensaios têm me tomado tempo. Melhor, pois assim deixo de pensar bobagens. E depois, a champanhe me anima!

- Então não está mesmo brava comigo?

- Isso poderia ter causado uma confusão, mas foi providencial! Não vê como tudo deu certo no final? Continuo rica como antes, vou voltar a

dançar, me desapeguei de René que só me fazia mal... melhor que isso não há! Depois dessa última temporada penso em irmos para o campo, Edite, para minha propriedade em Lyon, com Paulette e Clemente, você gostaria?

Estranhei... para o campo? Justo madame, tão chique e cosmopolita?

- Claro, madame. Acho que os ares do campo lhe farão muito bem. Mas, se acostumará com a quietude?

Ela olhou para o pátio, onde os cavalos comiam sua refeição depois da longa viagem.

- Se esquece que sou do meio rural, minha amiga? E depois, frequentei festas por uma vida inteira! Tenho pensado em crianças, gosto tanto delas, queria tanto ter uma! Quem sabe não adotamos algumas? Há tantos pequenos abandonados em Paris. Me ajudaria nisso?

Meus olhos se encheram d'água: eu mesma não tinha sido uma dessas abandonadas?

- Claro que sim, madame! Sei inclusive de uma propriedade da senhora que serviria muito bem para esse propósito. Recolhi os rendimentos dela com Clemente, fica perto de Orléans. Tem uma casa bem espaçosa lá!

Ela ajeitou-se para sair, faces um pouco mais coradas:

- Quem sabe, não é, Edite? Veja só, eu mal sei o que tenho! Acho que a de Lyon, que você ainda não conhece, seria mais adequada. No futuro veremos isso. Por enquanto, como dei minha palavra, vamos ao trabalho! E não foi pouco o trabalho.

XIII RESPOSTAS SOBRE O AMOR E A RIQUEZA

(Narrativa de Ariel)

NO PLANO ESPIRITUAL, Edite mostrou-se um pouco cansada, após uma sessão de perguntas. Eram vibrações vindas de todos os lados já eram mais decem ouvintes. Ela ficara com um número considerável de questionamentos na cabeça.

Sft<->Não são todos os espíritos que têm a faculdade de "ouvir" os pensamentos. Assim como na Terra, uns têm talentos desenvolvidos, e outros não. Mas na medida em que nos aperfeiçoamos, isso se toma praticamente um dom natural. Na Colônia é relativamente comum, principalmente entre os instrutores e os que prestam serviços de maior complexidade, mas em nossa

"plateia" não eram muitos com essa capacidade já desenvolvida. É preciso explicar também que essa capacidade não depende da bondade do espírito. Infelizmente, entre os que se perderam no mal também há irmãos bastante inteligentes que ao longo de muitas encarnações sucessivas alcançaram esse tipo de "perspicácia". Essa qualidade não é um prêmio, mas uma responsabilidade que deve ser exercida com humildade, levando sempre em conta o bem do próximo.

Vendo nossa querida Edite um tanto cansada, Serafim pediu a um assistente um copo de água clara, e deitou as mãos sobre o líquido tornando-o um pouco mais opaco, dizendo a Edite em voz baixa: "Tome que lhe fará bem!". Agradecida, ela sorveu o líquido, e vi logo a cor voltar-lhe às faces. Serafim dirigiu-se à nossa audiência:

- Vejo que aqui há muitas perguntas, e sabem que estamos mais que dispostos a esclarecer quaisquer questionamentos. Lembrem que às vezes a curiosidade de um de vocês pode ser também a de um colega que se cala, então, quem quiser perguntar algo, é só erguer o braço.

Diante de pedido tão simpático, acompanhado de um sorriso, uma moça de seus trinta anos, de aparência frágil e ar de quem passara sérios sofrimentos, perguntou:

- Estranho uma cortesã interessar-se por caridade. Cristine tinha uma religião?

Já refeita do cansaço momentâneo, Edite respondeu:

— Como já disse, Cristine foi criada no campo, mas a família dela tinha a fé católica. Na época, cortesãs e atrizes não eram bem-vindas missa, com as Senhoras de classe social, pois isso era considerado um insulto à moral destas. Cristine apesar da criação católica, quase nunca falava de religião, embora tivesse entre seus amigos alguns homens do clero.

Senti que a moça estava um tanto confusa, pois insistiu na pergunta;

- Mas, se não ia à igreja, por que interessava-se por caridade? A senhora a incentivava para salvar sua alma?

Edite sorriu:

- Cristine sempre foi caridosa por essência. Me ensinou a ler e escrever, pois tínhamos tempo de sobra. Nunca humilhou nenhum serviçal, sempre apiedou-se das crianças que víamos famintas pelas ruas da França em meio à sujeira e à degradação. Chegou a passar fome por um curto período em sua vida, por isso entendia os pobres e apiedava-se deles. Nunca precisei incentivá-la a fazer o que fosse. Além disso, ela era minha patroa.

Serafim interveio:

- Como se chama, senhorita?

A moça da audiência corou, mas vendo o sorriso dele, respondeu:

- Meu nome é Natália, senhor. Estou nesta Colônia já há vinte anos e desencarnei há pelo menos cinquenta. Minha vida na Terra foi muito dura, mas fui moça honesta e faleci virgem, aos trinta anos, de cólera. Nunca imaginei que uma moça de má-fama pudesse se interessar por caridade! Também tive uma vida difícil, mas nunca sucumbi ao vício nem à devassidão. Se a história é como dona Edite conta, ela era muito diferente das "moças da vida" que conheci.

Senti naquela pobre alma o preconceito e orgulho que provavelmente devem ter atrasado seu acolhimento na Colônia, já que, pelas contas dela, passara trinta anos no umbral. Serafim me olhou como quem estivesse tendo o mesmo tipo de pensamento, e achou por bem esclarecer certas coisas: idimFaz parte da natureza humana, irmã Natália, julgar as pessoas apressadamente. É certo que Cristine poderia ter escolhido outro caminho, mas não me sinto apto para julgá-la. Não teve eia o comportamento vulgar que se esperava das pessoas de seu meio, mas mesmo as que tiveram não devem ser julgadas. Se Cristo não as julgou, como é que eu, sabedor de minhas vidas passadas e de meus inúmeros erros, posso julgá-la? Acredito que qualquer um aqui, que saiba de suas vidas anteriores, dificilmente afará.

Fez-se um silêncio pesado na sala, e ele continuou:

- Agradeço imensamente a pergunta, pois me dá a oportunidade de chamar a atenção para certos fatos. Abençoado é aquele que consegue ver além das aparências, como diz o mestre, pois o dono de um coração luminoso pode estar momentaneamente envolvido em lodo, enquanto outros, que necessitam ainda de desenvolvimento, se trajam de benfeitores, usando a caridade para seus próprios egoísticos fins. Na Colônia, felizmente, o desnível social é quase inexistente e nada nos falta, lar feliz que nos proporciona o Criador após batalhas férreas travadas na Terra, lugar de santo aprendizado. Mas na sociedade carnal, muito drama se desenrola por conta do egoísmo, da vaidade, e do excessivo valor que damos aos "nomes de família" e aos bens terrenos.

Enquanto ele falava, luz suave saía de sua frente, como se inspirado por espíritos superiores.

- É claro que devemos honrar, quando encarnados, o nome da família à qual pertencemos. Por que cobrir de vergonha pai e mãe que nos

aco* lhem em seu seio? Mas aqui sabemos que a nossa real família é a humana, essa é a família do Cristo. Nomes e bens se perderão com o tempo, mas a atitude pura de amparo ao necessitado, essa perdurará sempre; Nem sempre no coração de quem recebeu a dádiva, mas em seu próprio espírito, que assim se aproximará de Deus.

Ele sentou-se, ao lado de Edite, que o observava com lágrimas nos olhos, e continuou:

- Sendo assim, não me espanto com a bondade no coração da cortesã, como também não estranho a falta de caridade que vejo em alguns-altos religiosos. As vestes do corpo são temporárias> e apenas o espírito brilha sempre, fagulha que é de Deus. Se observarem, verão que, encarnadas em criaturas de posição humilde, muitas vezes se encontram almas gene« rosas, inteligentes, límpidas. Ao contrário dos homens, o bom Deus não pode ser enganado com vestes luxuosas e palavras ao vento. Não julgai, irmãos, pois uma única vida não define uma alma, assim como um dia não representa toda uma existência.

Um senhor de seus cinquenta anos terrenos, negro e muito bem apessoado, ao final de uma das filas, perguntou a Serafim:

- O irmão falou das "vestes luxuosas"... É certo quê aos ricos é muito raro conseguir entrar no "reino dos céus"? Deus prefere os pobres?

Observei Serafim e a luz inequívoca e prateada de amor que dele emanava. Sorrindo levemente, ele respondeu ao simpático senhor, que fazia uma pergunta tantas vezes feitas por milhões de cristãos sobre a Terra<\$>

- Deus não abandona ninguém. Acredita o irmão que um rico caridoso, de alma pura, deva ser impedido de viver em harmonia com o Criador, enquanto um pobre que por falta de desenvolvimento causa o mal indiscriminadamente deva ser acolhido nesta Colônia, causando dor em muitos que aqui ainda lutam para se aprimorarem? Qual deles o irmão acolheria em sua casa sem receio?

Fez-se um silêncio de reflexão. Muitos ainda tinham dúvidas sérias, e outro senhor, moreno claro, de uns sessenta anos terrenos, argumentou:

- Fui religioso em minha vida na Terra, e sempre fui orientado a acolher os humildes. Dizem as Escrituras que é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha, que um rico entrar no reino dos céus. Jesus sempre preferiu os pobres!

Serafim sentou-se, e eu não pude prever a resposta que ele daria em seguida, com a tranquilidade costumeira:

- Os ensinamentos do Cristo são o que há de mais sagrado em nossa fé, mas sabemos perfeitamente que textos podem sofrer mudanças, ainda que pequenas, mas significativas com o tempo. O Cristo era perfeição, os homens, não. Mesmo erros de tradução do grego e do aramaico podem ter sido cometidos, mas observemos a vida do profeta, e veremos nele um amor que não distinguia classes sociais, que não condenava coletores de impostos, nem prostitutas. Sabemos ainda que dois grandes amigos do Nazareno eram pessoas ricas: Nicodemos, que tanto amou o mestre, e Lázaro, o ressuscitado.

Fez-se um silêncio grande na sala. Observei a doce Olívia sentada em alta estante para poder acompanhar melhor a cena: pequena, graciosa, seu rosto mostrava a admiração que tinha por Serafim. Ele continuou:

É A Jesus preferia os aflitos e os arrependidos, independente de sua condição social! Sua piedade e amor eram imensos enquanto esteve pela Terra, e enquanto encarnados devemos apoiar qualquer ser que necessite de ajuda e amparo, sempre com retidão de caráter e visando o desenvolvimento daquele que nos procura. O esforço e a determinação costumam ser fruto de aprendizado de muitas encarnações, e devem ser utilizados com responsabilidade. Aquele que gera trabalho não deve ser excluído apenas por ter enriquecido, desde que com esforço sincero, sem o prejuízo de ninguém. Nem todos na Terra desenvolveram o talento que traz emprego e subsistência para outros menos favorecidos. Esse "dom", se utilizado para o bem, é valioso e necessário.

Ele levantou-se, expondo-se no semicírculo que se formava no meio da audiência, e caminhou naquele espaço para que todos pudessem vê-lo melhor.

A prova da riqueza, como sabem, não é fácil para o desenvolvimento do espírito. O ouro, com seu brilho, também atrai a inveja e a dissimulação, e não poucas vezes o herdeiro de fortunas, apesar de poupado da fome e do frio, cai no despenhadeiro da vaidade, acreditando valer mais do que seus semelhantes. Ilusão vã, que o tempo dissipa, da mesma forma como desaparecem os falsos amigos que antes cercavam o rico, quando o ouro se vai.

Em minha mente vieram imagens de conhecidos que caíram em desespero quando findaram com suas heranças gastas de forma irresponsável. Concordei com ele: se o filho do pobre corria riscos, o do rico também corria os seus. Mocinha encantadora, ruiva, de olhos verdes e sardas ao rosto, perguntou a Edite:

- Não gostaria de ser indiscreta, mas a senhora Edite nunca sonhou em ficar com o conde? Cristine já tinha desistido dele, e sua mulher lhe era infiel, não é mesmo?

Aturdido com a indiscrição da pergunta, olhei para Edite, que estava vermelha como um pimentão, mas sorriu ao ver o rosto mimoso da moça; que parecia ter desencarnado no máximo aos quinze anos. Muito tímida, ela perguntou:

- Como se chama, minha criança?
- Carolina, minha senhora.
- Desencarnou cedo, não foi?
- Aos dezesseis anos, de tuberculose. Padei por seis meses, acompanhada de minha família, que hoje está comigo, ao menos em parte, e foram muito bondosos. Mas minha companhia durante a doença foram os romances. Achei seu amor tão bonito, mas não entendi a senhora não ter lutado por ele! Se eu tivesse tido saúde e amasse alguém assim, lutaria!

Olhando um minuto para as mãos bem feitas sobre o colo, ela levantou os olhos castanhos luminosos e olhou para a moça:

- Mas eu lutei muito, Carolina. Não faz ideia de quanto!
- Lutou? Mas como? Não me parece que a senhora tenha se declarado!

Ela deu uma suave risada, e um olhar de amor para a moça, como se ela fosse uma filha querida lhe fazendo uma pergunta já há muito respondida.

- Alguns amores são tão grandes que dispensam ser declarados, Carolina. Eles devem ser vividos. Respirados no dia a dia. Meu amor era assim, incondicional. Uma dessas coisas raras das quais só se ouve falar, mas que nem por isso deixa de existir. Ele nunca me olharia como mulher, e eu sabia disso. Machucou no início, mas depois eu notei: quantos homens desejavam as mulheres e depois as tratavam como empecilhos ou tralhas? Eu não seria uma tralha, seria sempre uma amiga preciosa, para quem ele abriria um sorriso quando lembrasse ou visse na rua.

Notei a mocinha retesar-se na cadeira, como se tentasse entender melhor, e um silêncio vindo da sala. Edite continuou, com sua tranquilidade costumeira:

~ Algumas mulheres inspiram grandes paixões, são rosas rubras, orquídeas raras. Outras são Simples margaridas do campo, mas nem por isso deixam de ter sua beleza. Quantas delas amam dê fato? E quantos homens querem realmente desvendar a flor e não apenas aspirar-lhes o perfume? Amor

verdadeiro é coisa de gente generosa, por isso é tão raro. Já a paixão caminha em cada esquina, em cada porta. O amor ajuda e ampara, a paixão exige. Um dura e o outro se esvai como os vapores do álcool. Os apaixonados se cobram o tempo inteiro, o amor observa e se doa incondicionalmente. Eu tive sorte, eu amei.

A meiga Carolina ouvia com atenção, e perguntou:

E ser amada, não era importante?

Sentada em sua cadeira de espaldar um pouco mais alta e macia, a meiga Edite recostou-se, olhou-a como se relembresse de tempos distantes, e sorrindo disse-lhe:

E quem disse à nossa bonita Carolina que não fui?

XIV ARRUMAÇÕES E CAFE...

(Narrativa de Edite)

DESDE SUA SEPARAÇÃO de Gastón não via a casa tão movimentada. Aliás, sendo bastante franca, *nunca* a casa estivera em tal estado de excitação. Com as dores controladas pelo remédio do doutor Kayzen e agora com menos sono, madame estava respirando, alimentando-se e movendo-se para a dança. A casa era ampla, a sala imensa, com pelo menos três ambientes distintos: sala de jantar com grande mesa de madeira para doze convidados (Deus nos guardasse de ter treze às refeições, todo mundo sabia que não dava sorte!), sala de estar com amplas namoradeiras (sofás de dois ou três lugares, estofados e decorados em tons de lilás) e cadeiras espalhadas, e ainda outra sala, onde madame recebia suas amigas para o chá (esta, com vista para um jardim de inverno, decorada com mesinhas graciosas, em marchetaria cara, trazida da Argélia em viagens com o conde).

Pois num belo dia madame acordou, linda como um raio de sol, antes de mim para o meu susto, e chamou-me em meu quarto:

Edite! Querida, preciso de sua ajuda! Chame Clemente, que precisarei de braços masculinos!

Olhei para o relógio um tanto confusa, afinal eram apenas seis e meia da manhã, e eu tinha visto Cristine chegar depois da meia-noite. Ouvindo os pratos da cozinha, notei que Paulette já estava a postos em seus afazeres, e apressei-me em me vestir. Jogando água no rosto apressadamente, dei com ela na cozinha engolindo um café e tagarelando mais do que de costume.

- Faça alguns sanduíches, minha querida! Hoje os dançarinos e

músicos virão. Temos que ensaiar uma coreografia que andei imaginando.

Coçando a cabeça por baixo do lenço que continha os cachos castanhos, Paulette tentava acompanhar-lhe o raciocínio:

- Quantas pessoas serão, madame? Quer algo para beber, também?

Vestida num quimono negro com as bordas vermelhas, ela sentou-se sobre a mesa da cozinha e começou a fazer as contas nos dedos:

- Vejamos, teremos Maurice, os três bailarinos do Lautrec, as meninas de Ninette, e cinco músicos. Bom, vamos ver: quinze pessoas. Contando conosco e o coreógrafo, vinte! Precisaremos de espaço! A parte da sala de estar e a de chá devem desaparecer! Chamou Clemente, Edite?

Tenho fama de ser esperta, mas não sou tão rápida! Tendo ido se deitar depois da uma, Clemente ainda devia estar dormindo, de forma que saí da cozinha imediatamente, indo bater na porta de seu alojamento, perto dos cavalos. Ele acordou rápido e bastante surpreso, os bigodes desalinhados, me olhando curioso e perguntando:

- Que houve? Madame está se sentindo mal?

- Não, apenas precisa de braços fortes.

Colocando seu casaco e abotoando-se de acordo, sem nem mesmo lavar o rosto ele apareceu na cozinha.

- Pois não, madame!

Ao vê-lo, ela deu o mais encantador dos sorrisos:

- Clemente! Graças a Deus que o tenho em casa! Preciso muito de você hoje!

Vendo Clemente ainda acordando, Paulette o socorreu:

- Madame, não acha melhor ele comer antes? Ele me parece meio pálido.

A linda loura voltou sobre os próprios passos e olhou Clemente como se o examinasse, depois sorriu, levou-o para a mesa e o sentou no banco:

- Mas é claro, Paulette! Pobrezinho! Coma bastante, que vai precisar de energia! Temos muito que fazer hoje!

Paulette a olhou um tanto preocupada:

- Madame, não comeu quase nada! Não quer realmente um brioche, ou um amanteigado? Fiz ainda ontem, estão frescos! Não pode ficar só tomando esta bebida doce.

- Pois saiba que o café é a nova moda da Corte! E me enche de disposição! Comerei algo mais tarde, mas por enquanto, Edite, coma alguma coisa, pois precisarei muito de você.

Sentei-me com Clemente e comi apressadamente um brioche com chá. Gostava do cheiro da bebida de madame, que a consumia com bastante açúcar, o que a deixava disposta. Era "a sensação" na França, e se a deixava feliz e sem sono, por mim tudo estava bem. Tendo visto pouco o senhor René nos últimos dias, perguntei-lhe:

- Madame, o senhor René está bem? Ontem à noite mal o vi, mas parece que agora se tornou adepto da maquiagem. Nem parece o mesmo!

Ela riu, mas depois pareceu entristecer-se um pouco:

- Ele precisa da maquiagem, *mon amiel* A surra lhe deixou sem alguns dentes e com uma falha na sobrancelha. De início pensei, "bem-feito!", afinal de contas tinha me roubado, mas agora me dá tristeza toda vez que olho para ele! Parece um galo sem as penas!

Não conseguia ter pena do tratante, mas conhecendo o bom coração de madame, entendi o sentimento. Ainda assim perguntei:

- Ele anda fumando muito aquelas ervas, não? O quarto ficou com o cheiro.

- E verdade. Quebrou umas costelas na surra e reclama muito da dor. Começou a fumar por diversão, mas agora não fica mais sem o cachimbo. O cheiro é forte, não é? O remédio faz passar mesmo as dores, Edite, não sei o que faria sem ele. Mas René tem tomado doses muito altas.

Não gostei daquilo. Aliás, não tinha gostado do doutor Kayzen desde o início, mas o que sabia eu? Disse a ela:

- Acredito que quando as dores passarem ele deixará o cachimbo, madame. Mas, me permite uma opinião?

Ela olhava ao longe, distraída, mas me respondeu com um sorriso: >;•

- Claro, querida.

- Não fume o cachimbo. O cheiro é horrível, e madame é tão cheirosa! Não combina, definitivamente! E depois, os tabletes têm outros efeitos, indesejados, não têm?

Ela me arregalou os olhos esverdeados:

- O cachimbo me deixa com cheiro? "Aquele" cheiro?

Eu assenti:

- Claro, madame. O preparado é forte. Não combina com a senhora!

Vaidosa como sempre, ela me tranquilizou:

- Graças a Deus pelas amigas verdadeiras! Se o cachimbo me deixa com aquele cheiro, nem no meu quarto entra mais! Só os tabletes de agora em diante. Demora mais pra fazer efeito, mas uma dama não pode cheira® mal.

Nem em sonhos!

Sabia que meu comentário faria aquele efeito. Ao contrário da maior parte das francesas de sua época, Cristine era obcecada por limpeza e por cheirar bem. No frio inverno francês eram três banhos por semana, numa banheira cheia de sais, e depois um ritual de óleos vegetais perfumados espalhados pelo corpo, enquanto suas conterrâneas ficavam o mais longe que pudessem da água, chegando a tomar apenas um ou dois banhos por mês, contentando-se com a higiene de toalhas. No verão, dia sim, dia não,» lá íamos eu e Paulette encher a banheira, onde ela passava pelo menos meia hora mergulhada, feliz como um peixe. Eu achava meio cansatiVái aquela história de carregar baldes, mas Clemente ajudava, e depois, madame ficava tão feliz!

Paulette, por sua vez, exclamava: "Não sei como consegue se manter tão linda! Todo mundo sabe que banho demais gasta a pele!".

Mas o cheiro que ficava no segundo andar, de óleos aromáticos misturados com flores exóticas, perfumava a casa inteira.

Assim que terminei o meu brioche, ela pegou-me pela mão e arrastou-me até a sala, apontando para os móveis e me dizendo que quase todos seriam retirados. Arqueei as sobrancelhas, dizendo:

As salas vão ficar nuas, madame! Como vai receber os convidados?

Ela me deu um sorriso irresistível:

- Ao estilo árabe, minha querida! Vamos até o sótão.

Subimos três lances de escada, ela com uma energia, que mais parecia uma criança, eu arfando atrás. Chegando ao espaçoso sótão ela me apontou para uma pilha de tapetes e almofadas que trouxera de sua última viagem à Argélia com o conde, havia mais de um ano.

- Vamos precisar de todos esses tapetes. São todos tecidos à mão, lembra-se? As almofadas também. Vamos precisar de espaço, senão, como ensaiaremos?

- Mas, não vai ensaiar no cabaré, como fazia antes?

- Tentando sacudir um tapete de dois por três metros, ela me respondeu:

: De jeito nenhum! Cada novo número será uma surpresa! Albert não me queria como estrela de novo? Antes ele fiscalizava os números, mas agora exige carta branca! Quem mandou depenar René? *Morveux*!

Fiquei na dúvida sobre a quem ela se referia:

- Quem? Albert?

Ela bateu as mãos no quimono, tirando a poeira que saía do tapete:

- Não! Albert é uma raposa, mas gosto dele! Refiro-me a René e repetiu: *Morveux*\

E daí por diante foi assim que passou a chamar René, entredentes. Nunca na frente dele, embora tivesse muito pouca paciência com ele. Engraçado como, quando a paixão acaba, e enxergamos os outros como realmente são, nos aborrecemos com a simples presença da pessoa. O rapaz já não dormia no quarto com ela, e o trato era que depois da dívida paga ele teria que ir embora. Duvidava que fosse, mas sabia que Clemente apenas aguardaria a ordem e a situação estaria mais do que resolvida, e se isso não bastasse, eu iria até Gastón. É certo que não estavam mais juntos, mas ele adoraria tirar o *morveux* dali.

Para mim constituía-se um mistério a presença dele ainda na casa. Ela me disse que o tio não o aceitara de volta, e que ele tinha implorado, chorado, dizendo que se mataria, usando de todas as formas possíveis de inspirar piedade. Seu estado físico também não era dos melhores depois da surra, e com isso madame se viu compelida a abrigá-lo pelo menos por um tempo. Não adiantava, eu não conseguia sentir a menor pena!

- Não consigo entender por que o mantém aqui, madame.

Ela me olhou com os olhos um tanto tristes.

- Vou lhe contar algo, mas não quero que comente com ninguém mais.

- Não comentarei, madame. E que me causa surpresa que fique por aqui depois de tantos aborrecimentos!

- Quando fui negociar com os credores por sua vida, muitos eram os que o queriam no fundo do Sena. Não fez muitos amigos, como bem sabe. Enfim, acertei com Albert os números de dança, mas a palavra de uma cortesã não é aceita como a de um nobre. Aceitaram, mas tiveram medo que ele fugisse. Então, o único jeito que vi foi ele ficar como meu "hóspede" até o fim da temporada, para que eu não desistisse de dançar e também não o deixasse escapar dos credores. René na realidade é um refém de suas dívidas, de sua própria estupidez! ela disse de forma amarga.

Fiquei boquiaberta, mas fazia algum sentido. Sem a proteção do conde, Cristine perdia muito de seu poder de barganha.

- Mas por que a senhora aceitou isso? Será que ele merece?

- E você concordaria em ver o cadáver de um rapaz tão moço inchado e boiando no rio? Nenhuma de nós deixaria isso acontecer com alguém. Eu | conheço bem para saber que faria da mesma forma. E depois, serão dez

números. Passará depressa!

Esperava que sim. O biltre levantava-se depois do meio-dia, dava ordens como se fosse um príncipe (como dizia Paulette, tivéramos um conde em casa que nunca nos dera trabalho... para nos causar aquele desconforto, só mesmo se fosse da realeza), e ainda tínhamos que vigiar a prataria da casa, joias depois da história das joias, nenhuma de nós confiava nele. Só mesmo madame com aquele coração de santa para abrigar tal criatura!

Lembrando-me destes fatos enquanto descia as escadas, chamei Clemente e Paulette para ajudarem a descer os tapetes (numerados) e as almofadas. O cocheiro desceu a carga, bem-humorado como sempre, e chegando à sala, perguntou a Cristine:

- E onde quer que coloque tudo isso, madame? É para doação?
- Não, Clemente, é para a sala, aqui mesmo.

O cocheiro olhou para a sala cheia de móveis, confuso.

- Mas, madame... não há espaço...
- Não há, mas terá! e apontando para um conjunto de namoradeiras de madeira, estofadas com almofadas de cetim, disse: Quero isso e todos aqueles móveis bem acomodados no barracão de madeira atrás do estábulo. Vá até a praça e contrate alguns carregadores, mas faça chegar esses móveis sem um arranhão até lá e depois os cubra bem com uma lona grossa, para que não arranhem, nem se sujem, entendido?

- Sim, madame foi a resposta do cocheiro, muito educado para comentar algo sobre se desfazer de tão belos móveis para colocar tapetes e almofadas...

Assim que ele saiu, ela começou a marcar com um giz os móveis que seriam levados, e só então lembrou-se de algo:

- Edite, acabo de me lembrar: temos dinheiro para os carregadores?

Eu sorri, lembrando-me das moedas que tinha insistido em entregar a ela e que ela me devolvera.

- É claro, madame.

Ela colocou a mãozinha branca sob o queixo e me disse:

- Pois pague e me anote quanto foi. Assim como os gastos de Paulette na cozinha hoje e nos dias que se seguirem, meticulosamente. Tudo isso eu vou cobrar de Albert! Afinal, são as despesas e ele vai lucrar muito, não é justo que eu também tenha que arcar com custos.

Olhando-a admirada, respondi, já procurando minha caderneta:

- É claro, madame!

Cristine não era tola, mas seu raciocínio estava bem mais rápido. Talvez aquela bebida que deixava as xícaras de porcelana todas manchadas de um pó marrom escuro fosse boa para algo, afinal. Como era mesmo o nome? Ah, sim... café!

Depois de muitas idas e vindas de carregadores, notei madame meio agastada, mão direita na testa, sinal das dores que chegavam. Pegando uma pequena caixa de dentro do quimono, ela tirou um dos tabletes e o mastigou fazendo uma "careta" e resmungando: "Coisa amarga", me pedindo um copo de água com bastante açúcar. Estranhei, pois antes ela apenas engolia os tabletes.

- Por que não os engole como antes, madame?

- Kayzen me disse que triturados eles fazem efeito mais rápido. E engraçado. Antes, um por dia fazia a dor passar, mas agora tenho que tomar dois ou mais. Ele disse que é normal, que o corpo se acostuma ao remédio.

Não gostei nada daquilo. Parecia que o remédio também lhe tirava o apetite, e embora madame estivesse belíssima, precisava comer bem se quisesse dançar como antes! A dança despendia muita energia, embora ela parecesse flutuar nos movimentos. Lembrei-me também do sono que os remédios provocavam:

- Mas esses remédios não lhe dão muito sono, madame?

Ela sorriu, misteriosa.

- E verdade. Mas existem outros preparados que tomo, feitos por ele mesmo, que fazem o sono evaporar quando quero. Esse doutor é um sábio! Minha vida mudou com ele. Mas agora estou cansada. Vou me deitar um pouco. Quando terminarem de retirar os móveis, coloque os tapetes que depois decidiremos tudo.

Subiu as escadas e meu coração se apertou por ela. Pobre Cristine! Ao menos parecia mais animada com aquela agitação. Olhei para os tapetes jogados num canto e lembrei-me das viagens em que a tinha acompanhado com Gastón. Eram países de clima quente, gente ainda mais morena do que eu, de mulheres que andavam pela rua completamente cobertas. Saíamos as duas sempre acompanhadas pelo conde, com roupas típicas do lugar, cabeças cobertas para não chamar a atenção. Principalmente madame, com aquela pele branca e os cabelos louros como o sol.

Isso não nos impediu de ir aos mercados, comer as frutas açucaradas, e nos deslumbrar com a quantidade de joias expostas. Os árabes amavam o ouro, e trabalhavam suas joias como ninguém! Mas o que deslumbrou

Cristine foram as tapeçarias.

Escondidas dentro de tendas, mulheres cobertas teciam à mão longos mosaicos coloridos, de olhos negros acentuados com kajal, única parte do corpo que víamos além das mãos, morenas e muito limpas. Joias ela tinha em quantidade, mas as almofadas e os tapetes deixaram madame quase que hipnotizada. Ela sentou-se na frente de uma das mulheres e descobriu o rosto, dando-lhe um de seus sorrisos mais bonitos.

A mulher, ao ver a outra tão linda e rica, sorrindo para ela com tal meiguice, descobriu o rosto também, já que só havia mulheres na tenda, e nos mostrou um belo rosto árabe de uns cinquenta anos, quase sem rugas ou marcas, olhos imensos e dentes perfeitos, brancos. Tomou a mão de Cristine e a fez deslizar sobre a tapeçaria, o que ela fez, fechando os olhos de prazer, sentindo a trama, em plena cumplicidade.

Gastón entrou na tenda e a mulher árabe se cobriu imediatamente. Ao ver sua amada tão feliz junto aos tapetes, comprou quantos ela quis, e agora eles ali estavam, com as almofadas compradas em outras tendas. Na época ele riu muito e comentou com ela que aquilo em nada combinava com a decoração da casa. Ela argumentou que arte sempre tinha lugar, que qualquer hora ela usaria. E não era mesmo verdade? Meu querido conde gostaria de saber que sua generosidade finalmente estava sendo apreciada comentara comigo que os tapetes (pelo menos uns oito) custavam mais caro do que joias. Estranhei, e ele me explicou o porquê:

- Alguns levam meses, às vezes mais de ano para serem feitos. A lã é tecida de forma a não desbotar com o tempo e, se você notar, ela tem a textura da seda, mas uma resistência notável. Os corantes usados nas tapeçarias são segredos seculares, e nossa Cristine tem bom gosto, escolheu a tenda de uma das artesãs mais afamadas do país. Samara é uma artista. Cada peça dela vale o preço de uma joia rara. São únicas, não existe uma que seja igual à outra.

- Foram tão caros assim, senhor?

- Está estranhando que eu comente o preço de um presente, não é? E tem razão, nunca fiz isso. Mas vou lhe dizer.

Sentou-se comigo e disse em tom amigo:

Essas peças são mais frágeis que as joias que dou a ela. Cuide para que não fiquem expostas ao tempo ou se incendeiem. Nas mãos certas, mesmo na França, podem tirar você e Cristine de uma dificuldade futura.

São obras de arte tecidas, não deixe que se percam. Sabe que sou bem mais

velho e não quero descuidar do futuro de vocês.

Fiquei emocionada ao me ver incluída nos planos dele, com Cristine. Ele continuou:

Quanto ao preço, não se preocupe. Não me custou dez por cento do lucro que terei nesta viagem com o comércio desses magníficos cavalos. Sabe que não sou exatamente "pobre", não é?

Enrubesci. Falar de dinheiro com o conde! Só mesmo sendo muito atrevida! Vendo minha falta de jeito ele me piscou um olho, divertido* e foi ter com sua amada, linda com os cabelos louros ao sol. Faria o que ele me disse: guardaria bem aquelas peças. E, assim que chegamos a Paris, depois que Cristine decidiu que queria um tempo para pensar onde as colocaria, acomodei-as em um canto seco do sótão, longe das traças, perto do sol.

Agora, ali estavam os tapetes. Madame desceu lá pelas três da tarde* vestindo uma túnica de seda larga de tom verde esmeralda que usava para ensaiar; comeu seu lanche, bem disposta, e arrumamos os tapetes no espaço já limpo. Almofadas foram espalhadas por todos os lados, e ela sugeriu o uso de velas.

- Claro, madame. Desde que não as coloquemos perto dos tapetei Não vamos querer um incêndio por aqui, não é mesmo?

Lembrando dos convidados, disse:

- Nem pensar! Coloque-as em lugar seguro, que você conhece os ra* pazes do Lautrec!

Conhecia, é claro. Três rapazes dos quais eu nunca conseguia lembrar o nome: dois morenos um louro, bailarinos incríveis, que davam ao número um ar ainda mais exótico. Eles eram delicados como moças adolescentes, mas no palco o que se via eram três homens de aspecto e gestualidade viril. Paulette os olhava encantada toda vez que entravam: de início, educadíssimos, até terceira ou quarta taça de vinho tinto, depois, como por alguma magia, a voz deles ficava mais alterada, os movimentos mais "artísticos" e amplos não raro resultando em taças quebradas e candelabros peio chão. Velas perto deles? Nem pensar!

Lautrec era o coreógrafo, iluminador, cenógrafo, figurinista, enfim: o faz-tudo. Imaginava os cenários, coordenava os músicos, conversava com Cristine até a exaustão sobre a coreografia dela. Era um senhor de seus quarenta e cinco anos, cabelos encaracolados em que o grisalho se misturava ao louro. Olhando os dois de longe, podia-se pensar que ele fosse parente de madame. Magro, esguio, apreciador de um bom vinho, ele só bebia quando

todo o trabalho acabava. Também não era um "apreciador do belo sexo", como se dizia na época, mas amava Cristine como a uma irmã. Embora não fosse "afetado", quando se irritava nos arrancava risos, pois tinha uma língua afiada como poucos.

As dançarinas mudavam sempre, Lautrec as escolhia conforme a necessidade do número, mas nunca passavam de quatro. Não as escolhia pela beleza do rosto, mas pela leveza, já que não tolerava "mulheres de passo pesado". Já os músicos eram a "parte comportada" da trupe, geralmente simpáticos: um violinista, um violoncelista (ocasional), percusionistas (tambores, guizos)... tudo dependia do número apresentado. Lembrei-me uma vez de ter se apresentado conosco uma harpista de grande talento. Pena ela não estar mais em Paris!

Eles chegariam às cinco da tarde. Eu e Paulette aproveitamos a mesa grande e dispusemos nela diversos petiscos frios, queijos, pães, frutas. Sabíamos do gosto de madame, e isso não nos foi difícil. Deixamos prontos também, no fogão aquecido, água para chá e o já famoso café, coqueluche entre os nobres, e separamos alguns doces em compota. A sala ficou ampla e colorida com os tapetes deslumbrantes e as almofadas tecidas à mão, dispostas pelos cantos, e eu imaginei que reação teria Gastón se visse a morada de Cristine, que ele considerava seu verdadeiro lar, transformado de forma tão radical, mas tão maravilhosa!

Parecia a luxuosa tenda de um marajá, só que muito mais bonita: os quadros continuavam nas paredes, assim como os cristais nos móveis encostados, as cortinas pesadas indo ao chão e Cristine descalça nos tapetes, os cabelos louros espalhados pela túnica verde, dando seus últimos toques como boa anfitriã. Como ele gostaria de ver sua Sherazade!

XV UMA HISTÓRIA DE SANGUE E PERDAS

O ENSAIO CORREU bem, era divertido ver artistas reunidos, e a ampla sala de madame serviu perfeitamente. Um único incidente marcou a noite, quando, lá pelas seis horas da tarde, René desceu as escadas: mais magro, maquiado, sem a peruca, entediado. Observei a sobrelha esquerda, que tinha ficado com feia falha, embora ele tentasse disfarçar com kajal, e pensei que, para um rapaz de no máximo vinte e cinco anos, ele parecia bastante

debilitado.

Como ficara no quarto o dia inteiro, olhou com certo espanto para a sala modificada e me perguntou:

Onde estão os móveis? Cristine enlouqueceu? Aquelas mobílias valiam muito dinheiro... ela as vendeu?

Deu-me muita vontade de dizer que madame tinha vendido tudo para sanar dívidas dele, mas segurei a língua. Também tive receio de que, sabendo onde estavam os móveis, ele se aproveitasse e sumisse com alguns, então eu disse:

Estão no sótão, bem guardados. Deixamos a chave com Clemente. Foram retirados para o ensaio.

Ele olhou as longas escadarias da casa pensando provavelmente em como seria difícil retirar móveis tão pesados do terceiro andar, depois olhou para Clemente, que ao lado de Paulette se divertia muito vendo os ensaios. Nosso cocheiro impunha respeito. Não havia chance de ele tentar conseguir as chaves do sótão para pegar os móveis que, na verdade, estavam atrás da estrebaria, no barracão de madeira. Eu podia ser simples, mas não era tola: não seria fácil para ele roubar madame de novo!

Tendo sua resposta, ele se empertigou o mais que pôde e foi cumprimentar Lautrec, que respondeu rapidamente, mais preocupado com a marcação de seus rapazes. Tinham decidido, em conjunto com Cristine, abrir mão das dançarinas, e elas fariam apenas um número inicial, sem ela. Logo, não precisariam participar dos ensaios na casa. Duas delas, no entanto, tinham ficado, admirando o luxo de tudo e comentando desde os tapetes até as cortinas. Eram bonitas as duas, uma loura e outra morena clara, de olhos verdes, mas não gostei delas ali. Olhavam madame, pelas costas, sem respeito, e a tratavam com exagerada cortesia pela frente; senti a picada da inveja e pensei em pedir a Lautrec que as mantivesse longe da casa.

Notei René indo para a cozinha de mau humor, como se a música o incomodasse. Paulette foi servi-lo e eu resolvi acompanhá-la, tinha que avisar a Clemente de minha história sobre os móveis, antes que René perguntasse algo. Enquanto ele se servia de pães e carnes frias, fui para perto de Clemente, chamando-o a um canto:

- Clemente, caso ele pergunte algo, os móveis estão no sótão, e você está com a chave!

Ele arqueou as sobrancelhas com surpresa para mim:

- No sótão? Mas estão atrás da estrebaria, no barracão, bem cobertos...

quer que leve para o sótão?

Notei que ele tinha ficado preocupado com a perspectiva de subir três andares com pesados móveis de marchetaria e madeira maciça nas costas, e disse:

- Não seja bobo! Disse isso a ele para que não se atreva a pegar nenhum móvel de madame! Se ele souber que estão aqui embaixo, bem que pode ter algumas ideias. Você não quer isso, quer?

Ele me olhou, tentando entender:

- Então é mesmo verdade que esse malandro anda roubando madame? Achei que fosse exagero de Paulette!

Ele respirou fundo, tentando absorver a informação:

- Não entendo como madame o mantém aqui. Tão linda, podia ter o homem que quisesse! Pode deixar, vou cobrir com mais uma lona pesada e espalhar feno por cima. Esse cretino não vai chegar nem perto deles. E por mim, os móveis estão no sótão.

Satisfeita com sua atitude, fui saindo, e ainda o ouvi resmungar:

- Bom mesmo era o conde voltar! Aquilo sim era um cavalheiro. Mas, vá se entender as mulheres.

René ali era mesmo um mistério para nós três. Nem eu, nem Clemente e muito menos Paulette entendíamos o que fazia ali aquele rapaz que só desgosto trouxera. A cozinheira dizia que ela podia ter "uma pequena queda" por ele, e eu quase acreditava, até que naquela mesma tarde presenciei algo que me tirou da dúvida.

O ensaio estava no fim; Cristine, cansada, sentada sobre várias almofadas nos tapetes; Lautrec, na mesa principal tomando vinho. As dançarinas que tinham ficado conversavam em voz baixa com René, sentados na escada principal. Os músicos já haviam sido dispensados e voltariam dali a dois dias, quando outro ensaio se realizaria. Paulette e Clemente, na cozinha, começavam a lavar as taças e os pratos usados. A morena de olhos verdes, curvilínea, de seus dezoito anos, bonita, mas de uma forma comum, encantava-se com René e sussurrava coisas ao seu ouvido, enquanto este olhava para Cristine com um ar de satisfação, por ser alvo da atenção descarada da moça dentro da casa de madame. A outra moça, nessa hora, já tinha se despedido.

Eu observava a cena pensando: se eu fosse minha patroa, atiraria na tratante algum objeto próximo, uma xícara ou uma taça. Eu nunca a vira com ciúmes de René, mas já presenciara uma cena em que ela jogou chá no rosto

de uma mundana por suas atenções "exageradas" com o conde. Por isso, achei que a situação não acabaria bem. A postura dos dois era indecorosa. Apesar de educada, Cristine não aturava falta de respeito.

"Certas pessoas só entendem esse tipo de linguagem, Edite", tinha ela me dito depois de a mulher atingida com o chá se levantar dando pulinhos e sair da sala rapidamente. O conde ria disso com frequência, desde que madame não estivesse por perto. Gastón também não era nenhum tolo.

Muito me surpreendeu quando ela levantou-se do chão com graciosidade, esticando-se como uma garça, passou ao lado de René e da dançarina como se não os tivesse visto, e sentou-se em frente a Lautrec, que sorriu com aprovação diante da atitude dela. Começou a conversar com ele sobre alguns aspectos do número, entre uma taça de vinho e outra, até que o amigo não se conteve e perguntou:

- Como estão as coisas entre você e esse rapaz, minha querida?

Ela colocou os cotovelos na mesa e apoiou o rostinho nas mãos:

- Não estão. Enganei-me redondamente com ele, não era nada do que eu imaginava. Sabe do motivo pelo qual estou voltando a dançar, não?

Lautrec recostou-se na cadeira de espaldar alto:

- Paris inteira comenta que você sacrifica-se para pagar as dívidas de jogo dele. Imaginam que deva estar imensamente apaixonada! Falam também que Gastón a enganou por anos, dando-lhe joias falsas.

Ela me olhou enquanto eu retirava a mesa e os ouvia, e me disse:

- Sente-se Edite. Deixe que mais tarde ajeitamos tudo. Quero que fique aqui comigo.

Sentei-me sem demora. Que absurdo estarem falando aquilo de Gastón! Olhei para ela um tanto irritada. Ela disse ao coreógrafo:

- Paris adora uma boa história, e quanto mais desoladora melhor! A cortesã enganada pelo nobre e explorada pelo amante! ela riu. O que eu lhe contar, já que somos amigos, ficará aqui?

Lautrec empertigou-se na mesa. Eu sabia o quanto ele gostava de madame:

- Ora, Cristine! Não precisa nem pedir. Há quanto tempo lhe conto meus segredos?

Mesmo assim, ela não lhe contou a verdade completa:

- Pedi a Edite que ficasse, pois é minha amiga mais querida e sabe a verdade. Gastón nunca me enganou. O patrimônio que ele me deixou é muito mais em imóveis que em joias. As cópias das joias, fui eu quem mandou

fazer. Não gosto de investir em coisas que podem ser tão facilmente roubadas, meu querido. E depois, vidro também brilha! Joias eu tenho, claro. Mas são apenas as essenciais.

Lembrei-me da caixa de madeira no meu quarto e sorri com a mentira. Ele a olhou meio assombrado:

- Mas não as deu a René para pagar as dívidas?
- Claro que não! Tentar enganar credores astutos com imitações? Não sou tão tola! Ele as roubou achando que eram verdadeiras.
- Roubou? Mas que patife!

Ela olhou o rapaz, que continuava em conversa baixa com a morena na escada:

- Agora está lá querendo me fazer ciúmes. Não é um tolo? Quem é a moça?
- Chama-se Justine. Tem um rostinho bonito, mas é tola como uma menina de cinco anos. E adora dinheiro! Faz bonito no palco, mas nunca será uma estrela. É só uma figurante.

- Adora dinheiro? E acha que René tem algum? Por favor, Lautrec, avise a moça... as roupas caras dele podem enganá-la. Não tem onde cair morto, nem o tio o quer de volta! Eu o deixo ficar por aqui como um favor!

Lautrec, que com seus mais de quarenta anos já conhecia a noite parisiense de longa data, virou-se para ela com um sorriso malicioso:

- Então realmente não o quer mais? Mas, quem diria... o comentário geral é que você está loucamente apaixonada!

Ela baixou os olhos, tirou de pequena bolsa um de seus tabletes e mastigou-o com uma pequena careta.

- Gastón machucou-me muito. Agarrei-me a René mais para esquecer-lo do que qualquer outra coisa. Agora sinto pena dele! E tão imaturo! Sequer sabe manter uma conversação de nível. Não é engraçado que antes o que parecia ser charmoso, com o tempo, torne-se enfadonho? Eu o trouxe para um mundo onde ele queria entrar, mas que não pertence a ele. A noite parisiense não é para qualquer um.

Agora ele tentava chamar a atenção de Cristine exagerando nas risadas e nos trejeitos com Justine. Lautrec, bem mais realista que minha amiga, retrucou:

Pois deixe que se encante com Justine. Quem sabe ela não lhe arranja um quarto onde ficar? Afinal, apesar da falta de alguns dentes, ele ainda tem uma boa estampa.

~ Quem me dera! Assim pelo menos me resolveria um problema. Nà

realidade, não é apaixonado por mim, mas pelo luxo que me cerca. Quanto à dança, é certo que o ajudo, mas também me ocupo e me divirto!

Continuei a retirar a mesa enquanto os dois discutiam detalhes a respeito do figurino, um completando a ideia do outro. Davam-se bem, -mas Cristine só confiava em mim, e mesmo assim não era tudo que me contava. Quando voltei da cozinha, depois de ter ajudado Paulette com a limpeza da prataria, os dois ainda estavam recostados, tomando-vinho, madame visivelmente embriagada. Imaginei que fosse efeito do remédio com o álcool e fiquei por perto. Tinha medo que passasse mal. Vendo-a assim fragilizada, Lautrec, que também já estava "alegre", disse-lhe:

- Sabe que tenho estado muito com Gastón? Ele vai ao cabaré pelo menos três vezes por semana.

Ela o olhou com interesse:

- Já tem uma nova preferida? Gastón ainda é jovem, mal tem cinquenta anos. E o dinheiro é um charme extra.

- Não faltam candidatas, querida. Chega a ser ridículo: se amontoam aos pés dele, que pede bons vinhos, paga a-conta e se retira sempre sozinho; Não acho que a tenha esquecido, e, como sabe, ele detesta vulgaridade.

Ela levantou-se, cansada de ficar sentada. Mas, com muito sono: para se manter ereta, deitou-se languidamente nas almofadas, a boca rubra de vinho, os olhos esverdeados mirando o teto. Lautrec sentou-se nos tapetes, perto dela, que lhe confidenciou:

- A maior parte das pessoas acha que fiquei com Gastón apenas pelo* dinheiro. Nada mais longe da verdade. No início, eu em meus quatorze anos, tinha por ele um pouco de medo, que logo foi dissipado por uma inegável simpatia, Depois, ele sempre foi tão gentil que a admiração veio, e acabei me apaixonando.

O amigo recostou-se numa coluna para ouvi-la melhor, em seu olhar eu via simpatia e curiosidade. Ela continuou:

- É claro, havia a condessa. Mas eles são como água e óleo de tão diferentes... e os filhos. Ele me diz que sempre tentou se aproximar dos filhos, mas que eles herdaram o temperamento e o gosto da mãe. Assim, sentia que seu verdadeiro lar era aqui, junto de sua cortesã. Fui a mulher dele por mais ;de dez anos, acompanhei-o em viagens, dormi ao seu lado, e homem nenhum na França ou em outro lugar pode dizer que me teve em seus braços. E por um tempo fui feliz com ele, não posso negar.

E•. Pensei em levá-la para o quarto, mas parecia feliz ali com o coreógrafo,

que a escutava enlevado. Deitou-se ao lado dela como só amigos chegados ® fazem e segurou sua mão:

ijif-Querida, é óbvio que ainda se amam. Por que não volta para ele? E uma perda de tempo tão lamentável! O amor é um luxo raro, Cristine, e não vem de graça. Alguns sacrifícios são necessários, entre eles o perdão. *. Os olhos de Cristine encheram-se de lágrimas, e ela pareceu recordar: jgjíEle disse que me daria tudo que eu quisesse, menos filhos. Desde o nosso primeiro beijo, deixou isso claro como água. Eu era tão jovem, então... Ele é que se ocupava de evitar crianças; com o tempo, porém, mesmo eu aprendi certos métodos. Mas olhava as crianças na rua, Lautrec, tão lindas! Não queria mais joias, nem propriedades: queria um filho!

Ele se manteve em silêncio, ela continuou:

- A primeira vez que engravidei tinha dezenove anos. Não foi planejado: aconteceu. Esses métodos, como você bem sabe, às vezes falham, e quando ele viu, eu estava tonta de tantos enjoos e sem ter a menor ideia do que estava acontecendo. Uma criada minha da época me alertou que eu devia estar grávida, foi um choque para mim. Não sei de onde veio a vontade de ter o bebê. Gastón me visitou naquela mesma tarde, e eu pedi, implorei. Pela primeira vez ele me negou algo. Disse que eu era muito nova, e que ele tinha prometido ao pai não ter filhos fora do casamento. Que tinha eu com as promessas que ele fizera ao pai?

Lautrec a olhou com espanto:

- Ele deu a palavra ao pai?

No meio de suas lágrimas, vi um olhar de raiva contida:

- Sim. Parece que o pai tivera um irmão ilegítimo, que quase desgraçou a família. Gastón então jurou a ele que não colocaria os filhos em risco, e se empenha em manter a palavra. Mas eu queria tanto o bebê!

- Cristine, entre famílias antigas, palavra é coisa séria. Não se rompe promessa dessa forma, por isso ele lhe prometeu tudo, menos filhos, *

Ela me pediu um café, que eu fui providenciar. Quando voltei, mada* me continuava com o rostinho inchado, molhado de lágrimas, Lautrec á segurar sua mão.

- Da primeira vez foi fácil, meu amigo. Mal tinha dois meses de gestação, tomei um preparado e as regras desceram no dia seguinte, com muitas cólicas, mas tudo se normalizou. Ainda assim demorei a esquecer a mágoa. Ele me levou a viagens, me encheu de mimos, ainda assim não conseguia esquecer. A dança apareceu na minha vida nesta época, e; me

entregando a ela, consegui superar.

Ela me olhou, num olhar cheio de carinho:

- Alguns anos depois, Edite chegou em minha vida! E tem sido» um anjo da guarda desde então. Jurei que não engravidaria mais, tinha parado de chorar quando • via Crianças, mas de repente, aos vinte e três, notei novamente os sintomas, e disse a ela.

Sentei-me ao lado de Cristine, recordando a época de então.

- Achei que ela fosse apoiar o conde, mas concordou comigo. Eu tinha dinheiro, por que não ter o bebê? Gastón, depois de certo tempo, concordaria; não sabia viver sem mim. Era o que achávamos. Escondemos-minha barriga ó máximo possível, com faixas que não apertassem demais, até que um dia Gastón me viu saindo da banheira, aos cinco meses de gravidezA

Vi no rosto dela, pupilas dilatadas, pálida como uma boneca de porcelana, o ódio pelas lembranças:

- Impossível descrever o que ele me disse. Edite ouviu apenas o final, mas nunca, em toda a minha vida, sonhei em ouvir tamanhos insultos; Imaginou que eu queria mantê-lo preso, tirar a herança de seus filhos, como se isso fosse possível. Me fez sentir como uma rameira, justo a mim, que nunca tinha sequer olhado outro homem. O "gentil" Gastón parecia tomado de fúria, disse que me mandaria uma parteira no dia seguinte, e que eu não criasse dificuldades. Que eu me lembrasse de quem ele era, e de que podia tornar minha vida o pior dos calvários.

Lembrava-me das últimas palavras e do conde furioso, inclusive comigo, que tinha acobertado o segredo, apoiando Cristine. Nobres como ele, naquela época, tinham um poder de vida e morte sobre gente comum, e ele deixou claro o que aconteceria caso ela insistisse. Impossível esquecer aquela noite e o dia posterior.

- Chorei o tanto que podia assim que ele saiu. Edite pensou em fugirmos para uma de minhas propriedades/ mas eu sabia que isso seria inútil, que ele nos acharia. Tomei tamanho asco por ele que comecei ali mesmo a rejeitar o bebê em meu ventre: tal homem não merecia um filho meu! Que ficasse com os seus filhos legítimos!

Lautrec custava a acreditar no que ouvia:

- Mas quem diria: Gastón sempre foi tão gentil contigo! Nunca imaginei que a trataria assim.

- Acostumado com pessoas que só estão com ele por dinheiro, acreditou que eu o estava enganando, que queria mais dinheiro. Sentiu-se

traído e matou o que eu sentia por ele. No dia seguinte chegou uma senhora de seus cinquenta anos, muito asseada, mas de tez amarelada. Pediu a Edite toalhas e água quente, e aos prantos eu permiti que me fizesse o aborto.

Pensei no quarto com os lençóis empapados de sangue. Como esquecer os gritos de Cristine, os ferros finos como agulhas de tricô com pequenos e assassinos ganchos na ponta, que a senhora usara, e o medo que tive de que ela não sobrevivesse? Naquele dia eu mesma odiei Gastón, que apareceu à noite para saber se tudo "tinha corrido bem". Respondi a ele | verdade, que sua amada tinha passado por dores excruciantes, perdido para sempre a possibilidade de ter filhos, e estava lutando entre a vida e a morte, com febre e hemorragia. Não conseguia olhar para ele, disse que se perdêssemos Cristine eu não o perdoaria.

Pensei nas roupinhas de criança que madame Já tinha começado a comprar, nos planos que fazíamos juntas, e desatei num choro baixo. Caindo em si pela primeira vez desde o seu desatino, ele perguntou:

- Ela está entre a vida e a morte?

Olhando-o finalmente, eu respondi:

- Ela disse que *quer* morrer. Ela viu o bebê quase "pronto", era uma menina, como ela desejava. Foi cortada por dentro, teve o útero em pedaços. Faz ideia das dores? *Ela quer morrer!*

Achei que ele fosse entrar pela casa até o quarto dela, mas equivo* queime. Saiu pela rua desatinado, entrou na carruagem e voltou quarenta minutos depois com um senhor de aparência séria, que me disse ser um médico experimentado. Esse senhor ficou com Cristine por mais de uma semana, estancando o sangue na primeira noite, e levando dias para baixar a febre.

Foi por esses dias que consegui perdoar Gastón. Não comia, não dormia e não podia entrar no quarto dela, pois, quando entrava, ela pedia ou gritava que ele se retirasse. Ficou como uma sombra pela casa> esquecendo-se de compromissos sociais, mulher, filhos, qualquer outra coisa« Cochilava em cadeira dura do lado de fora da porta do quarto dela, atento aos gemidos de dor que ela dava, perdido em seus remorsos. Na terceira noite cheguei perto, ajoelhando-me para falar com ele, que estava sentado na cadeira já havia três dias.

- Senhor conde disse-lhe -, sei que se preocupa, mas parece que a febre de madame está baixando. Vamos para o quarto de hóspedes, que a cozinheira preparou uma canja. O senhor precisa se alimentar.

Ele me olhou como se não me enxergasse: v /~E ela, já está comendo?

Menti um pouco, pois ela se alimentava mal e ainda vomitava:

- Sim, senhor. Hoje mesmo tomou dois pratos de sopa. Ela vai melhorar, senhor!

Saiu da cadeira com alguma dificuldade, dado o incômodo da posição por muitas horas, mas finalmente se dirigiu para o quarto de hóspedes. Eu trouxe uma bandeja com a canja que ele tomou sem apetite, sem poder me olhar nos olhos, e depois me disse:

-r Como pude dizer aquelas coisas a ela, Edite? Que tipo de demônio se apossou de mim? Me senti tão enganado... Disse desde o início que lhe daria tudo, menos filhos! Se tivesse me dito no começo da gravidez, nada disso teria ocorrido!

Não quis responder nada. A injustiça me doía ainda. Estavam perdidos os planos que nós duas tínhamos feito para a menina. Homem tolo! Cristine nunca lhe pediu nada, ele é que a cobriu de presentes durante toda a vida! Não sabia diferenciar uma rameira de uma mulher como madame? Achava que tinha sido o único nobre a se interessar por ela? Ofertas nunca faltaram, mas ela sempre dissera "não", fiel a Gastón, como sua mulher verdadeira nunca tinha sido. Ele me perguntou, de olhos baixos:

Acha que ela se recuperará, Edite? Com certeza, senhor. O baque foi duro, mas madame é jovem. Pena que não poderá mais ter filhos.

A essa minha resposta, ele soltou uma lágrima:

- E me perdoará?:

Lembrei-me do sangue no quarto, dos gritos de dor dela, do desespero ao ver a criança mutilada, e não consegui mentir:

- Com o tempo, senhor... quem sabe, não é mesmo?

Mas desde então ele nunca mais conseguiu tocar em Cristine. Ele continuou visitando-a, trazendo presentes que ela devolvia, pagando as despesas da casa, dormindo no quarto de hóspedes« Ela conversava com ele, o tratava bem, mas deixou claro que já havia se machucado o suficiente: se ela não era digna de ter filhos dele, não o queria em sua cama, e ponto final Ah começaram as dores de cabeça, fracas no início, com o tempo, cada vez mais fortes. E depois, desesperada por Gastón não se afastar dela, resolveu envolver-se com René, aquele mesmo rapaz que agora estava ao pé da escada flertando com a bonita morena para impressionar Cristine, mas que já olhava desconfiado para o nosso trio, sentado no tapete.

Foi quando Lautrec, secando suas lágrimas, abraçou-a colocando sua cabeça em seu ombro. Tão perdida em lembranças dolorosas quanto ela,

sequer reparei que o tolo rapaz se encaminhava em nossa direção, irritado, e com um puxão tirou Cristine dos braços do amigo:

Bem que desconfiava! Afeminado, pois sim! Não sabe que Cristine é minha senhora? Acha que estou aqui só de enfeite?

Madame, que estava um tanto adormecida pelo Temédio, a essa reação acordou e safou-se das mãos dele:

- Pois trate de me respeitar, René! Afeminado ou não é meu amigo de muitos anos. Que foi, enjoou-se de Justine? Aja assim novamente e Clemente terá um serviço extra lhe colocando na rua. Francamente! Eu, sua senhora? Já não lhe disse que não estamos mais juntos? Clemente!

Ao ver o cocheiro entrar com um ar nada amigável, ele logo se retraiu. As surras que tinha levado o tinham deixado receoso. ir^J Pois não, madame.

- Acompanhe seu René até a rua. É hora dele levar Justine para casa.

Sem entender, Clemente levou René e Justine, os quais, de olhos arregalados, também tentavam entender a cena. Pela expressão da moça, vi sua confusão: não era ele o amante de Cristine? A casa não era dele?

Lautrec observava tudo divertido, ao final colocou as mãos nos quadris.

- Querida, pobre do conde por ter perdido uma mulher como você! Gosto de Gastón, mas se preservou tanto a herança dos filhos verdadeiros, espero que eles não o decepcionem.

- Ela lhe deu um abraço apertado. Ele continuou:

- Sabe que pode contar comigo, não sabe? E você também, Edite, precisando, é só chamar! Nos vemos em dois dias!

Ê foi-se. Coloquei madame, já sonolenta, na cama, e fiquei olhando-a dormir, a respiração fraca, a tez pálida. Não demorou e ouvi René voltar, batendo a porta, irritadiço. Gritou com Paulette por comida ou algo mais, pelo jeito o vício do jogo estava falando alto. Percebi seus passos pelo corredor, senti o cheiro acre do cachimbo e pensei: pelo menos vai dormir, *

Não achava nada bom aquele moço continuar ali. Madame não notava, mas a cada dia ele estava mais instável e intratável. Impedido de jogar, parecia uma fera enjaulada, e trocava sua fome de jogo pelo uso incessante da droga, que já deixava os seus dedos amarelados pelo uso. Seriam cinco meses de temporada de Cristine no cabaré, não achava boa ideia aquele sujeito por perto até que madame sanasse sua dívida.

Pensei em falar com Gastón, mas Cristine ficaria irritada comigo. Clemente era forte, mas agia de forma limpa; na taverna onde eu trabalhara, já vira muito bom lutador sucumbir a uma falseta do adversário, e René não

era confiável. Sentia-me vivendo com uma cobra dentro de casa.

Senti uma vontade de rezar, e orei, pedindo proteção para todos nós. Mais calma, dirigi-me até o meu quarto, fora da casa, e pareceu-me escutar cariciosa voz nos meus ouvidos: "Todo cuidado é pouco, Edite..".

"Eu sei...", respondi.

XVI CONVERSA COM UM VELHO AMIGO

FALTAVAM POUCOS DIAS para a estreia de madame e começava a primavera em Paris. Passando pela frente do cabaré, encarregada de levar alguns adereços para o palco, com Clemente, dei com o cartaz que anunciava o evento: um retrato de Cristine de corpo inteiro, exibindo o rosto de perfil, usando o traje de dança, num fundo lilás escuro. Em letras grandes e douradas o nome dela. O cartaz chamava a atenção, primeiro pelo tamanho (muito maior que os normalmente usados), depois por um detalhe especial: estava envolto num fino véu de seda transparente, que remetia ao Oriente e se levantava quando a brisa batia. O efeito era de tirar o fôlego. Imaginei se aquilo não teria sido ideia de Lautrec, inspirado pelos véus usados por madame em seus números.

Ficamos parados eu e Clemente, olhando o artefato de publicidade um tanto estupefatos, como que enfeitiçados pela beleza da coisa em si, esquecidos dos inúmeros pacotes que tínhamos que levar para dentro do estabelecimento, quando ouvi uma voz conhecida pelas minhas costas:

- Está cada dia mais bela, *n'est-ce pas*¹²?

Olhei e vi o rosto de Gastón embevecido pelo retrato de sua amada, ele continuou:

- O tempo tem sido um bálsamo para ela. Mas para mim, quanta diferença!

Realmente estava abatido o meu amigo, parecia mais magro e ainda mais triste. Pedi a Clemente que entrasse com os pacotes enquanto eu conversava com nosso querido conde.

- Não fale assim, senhor! Não sabe como lhe ficam bem esses cabelos grisalhos, e depois, para os homens tudo é diferente! Enquanto nós mulheres envelhecemos, alguns de vocês ficam apenas mais experientes..

Ele me ofereceu o braço. Sabendo que o cocheiro demoraria um tempo

com Lautrec, aceitei, satisfeita de ter a oportunidade de falar com ele. Que falta me fazia conversar com Gastón, como as coisas podiam ser diferentes! Convidou-me a sentar numa confeitaria para conversarmos, o que eu prontamente aceitei. Puxou-me a cadeira, como se eu pertencesse mesma classe social. Cavalheiros como o conde eram raros! ;

- Como está a nossa querida? Soube que fará longa temporada para pagar as dívidas de jogo daquele homem.

Baixei os olhos, mas já desconfiava que ele soubesse de tudo. jj Está melhor, senhor. Parece que as dores de cabeça dela finalmentf estão melhores com os remédios daquele médico chinês, e ela está muito, animada em dançar novamente. Sabe como gosta de dançar!

Ele me olhou sério:

- Confio naquele médico chinês como confiaria numa cobra. Mas se você diz que ela está melhor... O que se comenta é que os pacientes dele estão sempre comprando cada vez mais tabletes, e que não se curam nunca. Não posso criticá-lo, pois os remédios comuns não aliviavam a dor dela, mas a vigie de perto, Edite. Esses remédios viciam! Alguns dizem que são piores do que o álcool.

Ouvi o que ele me disse e, embora tenha ficado preocupada, fiquei surpresa. Cristine vinha tomando cada vez mais tabletes, e agora estava misturando com outras medicações que eu não fazia ideia do que eram. Uma garrafinha de líquido claro era sua companhia constante, para quando o: sono a atingia de forma mais pesada e ela tinha que ensaiar. Preferi não dizer nada ao conde. Ele continuou:

- Ela não anda "aspirando" o remédio; não é?

- Não senhor! Sabe como madame é asseada e detesta mau cheiro. Ela só toma os tabletes para a dor.

Menos mal. Aspirado pela fumaça ele pode até ser letal. O rapaz tem cuidado bem dela?

- Lembrei do irresponsável René, que vivia, ele sim, "fumando" ópio ,durante boa parte do dia, e fiquei na dúvida do que dizer. Optei por uma ."verdade educada":

- Ele,não a agrediu ou foi desrespeitoso com ela, senhor. Quanto a "cuidar dela", acho um tanto improvável, já que mal cuida de seus próprios interesses.

Gastón suspirou, triste e irritado:

- Não consigo entender o que ela tanto gosta nele! Se fosse inteligente,

artista, bem nascido... eu até entenderia! Não precisaria ter dinheiro, que nunca achei Cristine interesseira. O que lhe dei de presente ela nunca me pediu, dei porque quis! Mas ficar com um rapaz que mal sabe conversar, um tolo completo, e ainda viciado em jogo! Tudo isso só pela aparência jovem?

Calei-me diante daquele desabafo, imaginando que seria a única pessoa com quem ele tinha a liberdade de falar assim. Ele continuou:

- E ainda por cima lhe dá suas joias, e arranja um jeito de pagar suas dívidas de jogo! Deve estar loucamente apaixonada para estar tão cega.

- Lembrando-me de René já há muito no quarto de hóspedes, sem alguns dentes, e da confissão de Cristine de que mal o suportava, eu ri. Ele me olhou assustado:

- Quer me dizer o que há de engraçado nisso?

Segurei o riso:

- As coisas não são o que parecem, senhor.

Ele me olhou curioso:

- Como assim?

Devia fidelidade à madame, mas ela não havia me pedido nenhum segredo de sua situação, e depois, apesar dos seus erros, sabia que o condí a amava. Num impulso, resolvi contar:

- Madame não sente mais amor pelo rapaz, senhor, só pena. Teve uma pequena paixão por conta da fragilidade em que estava, mas, mesmo nessa época, não foi nada tão forte como o senhor pode pensar.

Ele tinha se afastado na cadeira da confeitaria e me olhava com uma atenção que nunca tinha me dado antes. Continuei:

- Não dirá nada à madame? Não quero que ela brigue comigo.

Gastón se apoiou na mesa, segurando minha mão esquerda com leveza, mas de forma firme:

- Nada sairá desta boca, Edite. Conte-me.

Retirei a mão suavemente, suspirei fundo:

- Paulette diz que o que madame teve foi uma "gripe". De início achei graça, mas hoje tenho que concordar. Como um desses vírus que vêm e passam sem maiores consequências. Lembro-me de Cristine com o senhor, e não era nada parecido. Ela nunca se interessou em saber aonde o rapaz estava ou com quem. Nunca teve ciúmes. Achava-o divertido, bonito e até um tanto tolo. Tinha simpatia por ele, e como estava fragilizada ele se aproveitou.

- Se aproveitou de que forma?

- Ora, senhor! Ela é bela, inteligente, querida! E ainda por cima não

tem dificuldades financeiras. Acostumado que estava a seduzir mocinhas tolas, ele se viu com a cortesã mais bela da França, não havia como não se deslumbrar! Cristine é uma criatura gentil, mas não é tola. Ele se achou no direito de usufruir de tudo que ela conquistara. Junte-se a isso a ganância e o vício do jogo!

Gastón estava tentando juntar os fatos, entender determinadas coisas.

- Ela deu a ele suas joias, não foi? Disseram-me que ele levou uma surra feia. O que houve? Não era o bastante para sanar a dívida?

Eu lembrei-me das joias falsas e da confusão ocorrida.

- Na realidade, ela deu algumas joias, senhor. Muito poucas. Mas, se lembra que o senhor mesmo me aconselhou a fazer réplicas, não?

-Sim.

- Pois as fiz. Das peças mais valiosas e importantes, sem que madame soubesse, e guardei no lugar habitual. Ele as pegou sem consentimento, os credores do jogo as avaliaram e descobriram que eram cópias. Daí veio a surra...

- O conde riu a não mais poder, chamando a atenção dos clientes em volta. Em voz baixa eu completei:

- Desde que descobriu o roubo, Cristine, que já não o achava tão interessante, colocou-o fora de seu quarto. Ele só está na casa para garantir aos credores que não fugirá, enquanto ela não paga a dívida. Ela não comenta isso com mais ninguém, mas sei que esse é o motivo: por pena dele, que estava ameaçado de morte, aceitou fazer a temporada. Albert está arcando com os gastos, mas René está desesperado, pois, por conta do roubo, madame o despreza como nunca desprezou ninguém.

Corado depois do acesso de riso, o conde parecia dez anos mais moço. Olhou-me com simpatia renovada e disse:

- Ah, *ma petite mame*, parece que há séculos que a vida não tinha algum sentido! Deus sabe o quanto tenho pago pelos meus erros! Olhei para ele em dúvida se não tinha falado demais. Para que não se iludisse, tive que dizer:

Senhor, não creio que madame queira viver novamente com o senhor. Que não ama o rapaz, é certo. Mas, se o senhor quer seu perdão, é um longo caminho de volta. Ela sofreu demais!

- Os olhos dele se tornaram marejados de lágrimas, que ele não se preocupou em esconder:

- Sei do meu crime, minha querida. Vivi anos tentando fazê-la feliz, e tive um dia de verdugo atroz. O que não daria para voltar atrás, mas não

posso! Meus filhos só me dão desgostos, herdaram em tudo o temperamento da mãe, que me detesta e fez com que me detestassem também. Quem sabe não seria essa menina que matei de forma covarde e sem sentido quem me ampararia na velhice? É verdade, Edite, a velhice chega para todos nós. E sempre que vou à casa que devia ser a casa de minha família, sinto solidão, além da impressão de não ser bem-vindo.

Sorvi um pouco do chá com limão, que já estava um tanto frio.

- Lembra-se que durante as semanas em que Cristine esteve entre a vida e a morte, por minha exclusiva culpa, não saí de perto dela? Isso aprofundou uma ruptura já existente em minha família, mas não me arrependo. Como somos diferentes, eu e meus filhos! Pilar é tola e voluntariosa como a mãe, brigam a todo instante. Tem sido difícil lhe arranjar casamento, apesar da fortuna, pois tem um gênio difícil e os pretendentes fogem como ratos assustados. Sem dizer que está ganhando peso com uma enorme rapidez!

Lembrei-me do comentário de Cristine sobre a aparência da mulher do conde. Deus quisesse que a filha não fosse pelo mesmo caminho Ele continuou:

- Já Leon acredita-se um grande comerciante! Mas como perde dinheiro!

- Ele também tem o vício do jogo, senhor?

- Graças a Deus, não! Mas com que facilidade é enganado! Nunca realizou uma negociação que desse lucro, pequeno que fosse. Tenho minhas desconfianças, falei delas com a mãe deles, que ficou escandalizada. Mas esse dinheiro todo perdido na mão de rapazes jovens não me cheira a boa coisa! Tivemos um caso assim na família, e eu tenho medo até de pensar que a história se repita!

Não sabia dessas particularidades, que ele, aliás, nunca citava em nossa casa. Cristine uma vez tinha me dito que a casa verdadeira de Gastón era junto dela, e eu agora tinha a confirmação disso. Mas, se tinha preconceito com o filho, não se podia dizer que discriminasse os amigos de Cristine. Por exemplo, Lautrec.

Artista de vários talentos (pintava, escrevia, esculpia, entendia comó ninguém de dança), Lautrec era inteligente e educado. Vestia-se à moda masculina, sem grandes afetações, sempre de forma impecável. Filho de burgueses remediados, tinha estudado com padres até seus dezesseis anos, quando decidiu ingressar nos teatros ambulantes e foi-se tornando ator e

dançarino, como se tivesse nascido para a coisa, para escândalo de seus pais, que por um bom tempo o exilaram.

O exílio terminou com a viuvez da mãe, que se viu perdida entre inúmeros credores e acabou sustentada pelo único filho, este já bem arranjado financeiramente, que a acolheu com carinho, alugando-lhe aprazível casinha, onde a mantinha com uma criada. O tempo dá suas respostas. Fosse Lautrec vingativo, a pobre senhora teria passado fome na velhice. Mas ele cuidara dela, e agora tinha uma dedicada mãe, que, se antes se envergonhava dele, agora só lhe tecia elogios.

Erudito como poucos, autodidata, Lautrec e o conde davam-se muito bem> embora este, às vezes, comentasse comigo e com Cristine:

Esse rapaz é mesmo um assombro! Não fosse pelos seus "gostos estranhos"/ poderia ser qualquer coisa na vida!

Cristine ria e dizia que Lautrec era exatamente aquilo que queria ser, e era feliz assim. Tantos pequenos favores prestou ao conde que acabaram 'amigos, apesar dos preconceitos de Gastón, e agora ele parecia passar pelo mesmo "problema" com o rapaz Leon. O-mundo dá voltas! A próxima pergunta dele me pegou de surpresa:

- Cristine então pretende viver permanentemente de sua dança, depois do compromisso com os credores? Não, senhor... Madame tem outros planos.

Ele ficou curioso:

que planos seriam esses, Edite? Com a dança ela ficaria mais rica, além de atrair mais admiradores.

Madame ama a dança, isso sempre fez parte dela. Mas a perda da menina lhe despertou um lado desconhecido. Disse-me que deseja ir para o interior e ajudar crianças desprotegidas. Fiquei feliz com a ideia, já que adoramos crianças e são tantas as que necessitam!

Gastón pareceu ficar em choque, não esperava isso da dançarina... Empalideceu com o que me pareceu ser vergonha de sua atitude com ela, ficou uns instantes em silêncio, para depois me dizer:

- Nunca desistirei dela, Edite. Se quer saber, acho a ideia admirável. Quem sabe assim não expio um pouco de meus pecados? Me aproximarei dela de novo, aos poucos, e vocês podem contar com mais um colaborador depois da temporada. Ao menos como amigo, ela me deixará ficar por perto, não acha?

Não sabia se Cristine o veria como amigo, mas valia a pena tentar. Ele sofrera bastante, e aprendera valiosas lições. Isso sem falar no *morveux* René,

que estava na casa e me causava medo e desconforto. Ter o conde por perto talvez o deixasse menos atrevido.

- Aproxime-se mesmo, senhor, aos poucos. Sabe como madame é>.. Estamos tendo ensaios com Lautrec, quem sabe ele não o leva um dia desses?

- Com Lautrec? Isso facilita bastante!

Clemente vinha chegando, e já me olhava com o ar preocupado de quem estava atrasado para outros afazeres. Levantei-me e fiz a reverência* habitual.

- Não conversamos, lembra-se?

- E claro, pequena amiga! Apenas nos vimos na rua!

E assim me despedi. Pedi a Clemente discução e, quando ele perguntou o porquê, expliquei que René não inspirava confiança, e -talvez madame precisasse de um velho amigo. Educado e inteligente, ele assentiu>

- Com aquele lá, todo cuidado é pouco.

Em casa, encontramos Paulette na cozinha "lutando" com uma massa de pão, os cabelos quase negros cheios de farinha. Ainda assim estava bonita e corada:

- Esse vai ser para o lanche da tarde! Com tanta visita não há comida que baste!

Notei Clemente interessado num doce de amora que estava no fogão? e antes que tirasse meu chapéu ouvi um estrondo que fez com que nós três corrêssemos para a sala. Cristine estava estirada no chão, em cima dos tapetes, René no primeiro lance de escadas, com o rosto pálido por baixo da maquiagem, e o relógio alemão, imenso móvel de madeira e vidro, estilhaçado no chão, ao lado da dançarina. Vendo o vidro perto do rosto de Cristine, corri a acudi-la, mas o cocheiro foi mais rápido, levantando-a do chão e colocando-a nas almofadas. Estava tão pálida, o rosado dos lábios tão branco, que eu achei que ela não acordaria.

_ Que foi que aconteceu aqui? perguntei a René.

Atrapalhado, ele não sabia o que fazer, se chegava perto dela, ou se corria para seu quarto. Balbuciando, ele respondeu:

- Não sei, estava descendo as escadas, começamos a conversar e de repente ela ficou branca como a neve, agarrou-se no móvel e caiu!

Três pares de olhos acusadores olhavam para ele, quando Cristine começou a voltar a si. Olhou-nos como quem não sabia onde estava ou quem éramos, o que me deu uma angústia no peito, uma dor:

Cristine... Paulette, traga água! Querida, que aconteceu? Esse bruto lhe empurrou? Você bateu a cabeça?

Ela colocou as duas mãos na cabeça como se tentasse tomar ciência da situação, olhou-nos e a René, que já ia argumentar contra a acusação, e. então falou:

pktrCalma, ninguém me empurrou. Ia subir a escada, estava discutindo com ele, mas tenho tomado tantos remédios! Fiquei tonta e aí me agarrei em algo!

Ela olhou o relógio despedaçado no chão, o vidro ainda espalhado, e tomou com sofreguidão a água oferecida por Paulette, v:, São apenas três da tarde. Quantos tabletes tomou hoje, querida?

. Ela me olhou um tanto confusa: jpttrNão me lembro bem, acho. que uns seis!

Paulette me segredou que ela não havia comido nada desde que acordou, ao que ela respondeu:

- É que eles me tiram a fome. Mas, tem razão! Me traga alguma coisa, Paulette. Hoje ainda tenho ensaio, não posso ficar tão fraca! Traga também café, bem doce!

Bandejas foram trazidas com frutas, queijos, carne defumada, pães e café. Ela comeu bem, ainda que parecesse estar se obrigando a isso. René olhava tudo sentado em outra almofada. De cachimbo na mão, pronto para acendê-lo, ela reclamou:

- Nem pense em acender isso aqui! Não quero esse cheiro na minha sala. Já chega o tanto que me faz gastar com isso, pelo menos fume em seu quarto!

Irritado, ele saiu. Notando a animosidade entre os dois, perguntei:

Ele a tem agredido, madame?

- É agressivo, mas não é tolo, Edite! Quem lhe pagará os luxos caso eu não esteja aqui? Está irritado porque não tenho ciúmes dele/ se sente humilhado. Mas não se sentiu assim quando me roubou, não é mesmo? Se Justine o levasse, eu lhe daria um prêmio!

As cores voltavam ao seu rosto. Seis tabletes! Será que eram seis mesmo? Lembrei-me de Gris tine logo que a conheci; era raro nela um comentário mordaz, ou o humor ácido. E isso agora estava se tomando' uma constante. Depois de seu sofrimento e do uso do medicamento, ela tinha variações de humor entre a alegria desmedida e a ironia triste. A alegria eu via quando ela dançava, leve como uma pluma, livre em seuS passoS; O mau humor e a melancolia até Lautrec estava notando, muito embora associasse isso ao sofrimento causado pelo último aborto.

Ainda assim continuava encantadora. Droga nenhuma tiraria dela a bondade natural, a delicadeza no trato com tís humildes. Parecia apenas

amplificar seus sentimentos: uma vez rimos muito ao vê-la entrar na cozinha e abraçar demoradamente Paulette, dizendo o quanto gostava dela. A Cristine de antes demonstrava seu afeto com pequenas delicadezas, a de agora dava "beijos estalados". A cozinheira ficara vermelha, mas adorara!

Com Clemente ela continuava "mantendo a compostura", fora uma vez em que vimos passar uma pequena menina de cabelos louros, enfeitados por fitas, justo na hora em que eia subia na carruagem. o que eu achava que já era superado voltou; ela teve um choro convulsivo. O cocheiro ficou muito sem jeito ao lidar com moça tão bela a soluçar em seu ombro. As pessoas passavam e o olhavam com cara fechada. Ele, duro como um pedaço de madeira, já que não podia se permitir abraçar madame para consolá-la: era como se ele a tivesse feito chorar muito, já que ela dava nele "pequenos socos" no peito, como que para se conformar da menina perdida.

Foi um alívio quando ela finalmente entrou no coche. Algumas pessoas já tinham parado, pensando em tirar satisfação daquele senhor de bigodes! Por fim, ela secou as lágrimas e falou em outro assunto, o que aliviou nosso desconforto.

Tá com René ela tinha pouca ou nenhuma paciência. Acostumado com uma mulher apaixonada, o biltre agora tinha que lidar com a linda Cris-**A ÚLTIMA DANÇA**

tine a lhe chamar de "imprestável" e "ladrão". Não que fosse mentira, mas antes ela apenas lhe viraria o rosto. Finalmente notando que a havia perdido, ele desesperava-se e drogava-se o tempo inteiro, tendo alterações de humor ainda mais profundas. Só que o rapaz não era bondoso como madame e descarregava sua raiva chutando móveis, quebrando objetos e sendo descortês com o resto de nós. A impressão que me dava é que pouéo faltava para que ele um dia a agredisse. Não concordava com Cristine: sua falta de juízo era tamanha que um dia poderia atacá-la, e eu temia não estar presente.

Não tinha como controlar a quantidade de tabletes que madame tomavã, mas sabia do amor dela por mim, logo usei de outro expediente: me fiz de triste por umas boas horas, até que ela, notando, perguntou-me: sps¹Que tem, Edite? Parece preocupada.

- E estou madame. Penso que estou perdendo minha maior amiga! ÉtáriOra, não diga bobagens! Tudo isso só por conta de um desmaio?

- Não é apenas o desmaio, ihadame. A senhora não tem comido quase nada! Sei que é linda, mas como terá forças para sua dança se continuar assim? *Quer tomar os tabletes para aliviar sua dor, tome, mas alimente-se!

Os franceses não gostam de mulheres muito magras, madame!

Ela olhou-me desconfiada e foi se ver no espelho. A imagem mostrou uma linda mulher, de seus vinte e oito anos, que mal aparentava vinte, mas realmente magra. franzindo as sobrancelhas, ela perguntou-me:

Acha que estou feia, Edite? : •-

Preparei-me para exagerar, pois minha preocupação era genuína. Cheguei perto dela e apertei a roupa sobre seu corpo, mostrando as curvas e ás linhas das pernas:

Sejamos francas, madame, pois sou sua amiga: onde estão aqueles quadris arredondados e aquelas pernas longas, mas torneadas? Continua linda, mas está magra demais. Sei que o remédio lhe tira a fome, mas lhe dá enjoo?

- Não, querida! De forma nenhuma! Ao contrário, meu estômago está bem. Só me esqueço de comer, e depois, não quero ficar gorda como a mulher do conde!

Iluminei seu rosto sem marcas com uma vela, e menti:

- Pois não nota que mulheres magras demais costumam ficar enrugadas cedo? Não vê sua amiga Madeleine?

Referia-me a cortesã famosa que realmente envelhecera cedo pelo uso abusivo do álcool, por doenças e magreza.

Ela colocou as mãos sobre o rosto:

- Deus me livre! Está certa, minha amiga! Pode deixar que vou voltar a me alimentar bem! Tenho horror de ficar velha cedo! Pobre, Madeleinéfe

E com isso ela voltou a comer ao menos três refeições por dia. Nada como a vaidade para incentivar as mulheres!

Cristine mandava Clemente pegar seus remédios de dez em dez dias com Kayzen no centro da cidade. Um dia, com a desculpa de compra» aviamentos, fui com elé: queria conversar com o médico, estava preo#* pada com madame. Ele já alugara duas salas em um edifício novo do centro, prédio respeitável, e adquirira licença como boticário. Ao ver entrar Clemente, sorriu:

- Madame precisa de mais remédios? As dores têm piorado.?

A sala era bem decorada, prateleiras limpas, diversos recipientes e compostos enfileirados. Em pouco tempo ele parecia ter prosperado muit# Diversas senhoras, que pareciam pertencer à alta burguesia, estavam sentadas, aguardando consulta, e um biombo chinês, ao fundo, resguardando um local onde ele devia atender suas pacientes. Será que tinha me enganando com o médico, será que ele era realmente competente? A sala e a clientela

eram da mais absoluta respeitabilidade! Vestido de túnica bege clara, de seda, que parecia muito cara, mas adequada ao ambiente, ele me olhou com curiosidade, e eu notei que não se lembrava de mim. Pedi a Clemente que esperasse um pouco, pois já o atenderia, e nos sentamos em confortáveis* cadeiras sem braços, de madeira, com assentos de veludo brocado.

Ele atendeu três clientes em praticamente uma hora, e então sorriu para nós. Continuei não gostando do sorriso.

- Quem é a dama? Nova cliente?

Disse isso analisando meu vestuário, que apesar de ser de boa qualidade, não era rico como o de suas clientes. Apressei-me em explicar:

- Sou governanta de Cristine de Besançon, vim para poder auxiliar em seu tratamento. Para isso, preciso de sua sabedoria. Clemente, me espera lá embaixo?

Clemente assentiu e desceu as escadas. Ele me olhou desconfiado,

- Madame tem se queixado de dores apesar da medicação? Soube que fará nova temporada... Ela a mandou aqui? Geralmente, apenas o cavalheiro leva seus tabletes.

Resolvi responder ao meu modo:

- Madame elogia muito sua medicação, que lhe tem trazido alívio de suas dores, o que outros remédios não faziam. Soube também que o senhor lhe receitou outro medicamento para combater o sono, o que lhe possibilita ensaiar. De maneira geral, está feliz com o resultado, preocupada apenas em ter que tomar cada vez mais tabletes. Isso não lhe fará mal?

- É amiga de madame há muito tempo, não? Gosta muito dela?

Fiquei um tcnito embaraçada, mas não tive outro jeito senão responder: *••• Somos amigas de longa data e Cristine é mais que uma irmã para mim. Por isso me preocupo com ela. Desejo apenas saber se esses medicamentos não lhe causarão nenhum mal.

Kayzen sentou-se em uma cadeira e, para meu espanto, dedicou-me especial atenção, coisa que cavalheiros não costumavam fazer com simples governantas.

- Um remédio muitas vezes é parecido com um ser humano, senhorita. Tem seu lado bom, e seu lado mau. O lado bom do remédio de madame é que suas dores cruéis passam. Sabe como é difícil viver com dores insuportáveis? Apesar disso, existem dosagens mais fortes e mais fracas, pois esse remédio também pode causar esquecimentos e dependência física. A dosagem que preparo para madame de Besançon é uma das mais baixas que

já fiz, e tem surtido efeito. Se quiser, posso aumentar a dose da medicação nos tabletes, assim ela tomará menos cápsulas, mas o efeito pode ser mais devastador.

Um frio me passou pela espinha:

- Prefiro que continue com a dosagem de sempre, doutor.
- Eu poderia colocar, em alguns tabletes, compostos fitoterápicos de menor poder hipnótico. Não sei se aliviarão por completo a dor dela, mas dormirá. Diga a ela para tomar no máximo oito tabletes por dia, e tomar muito cuidado com o álcool. Na realidade, madame não me preocupa. O rapaz que vive com ela, sim.

' Refere-se à René? Mas ele não toma seus tabletes.

- Meus tabletes contêm ópio diluído a um grau infinitesimal. O que o rapaz fuma é puro. A fumaça lhe enche os pulmões e lhe atíça o cérebro. Em meu país, essa droga era usada com parcimônia, apenas em casos medicinais, como os de madame. Depois tornou-se uma epidemia. Desde que ela não fume, estará bem, principalmente com o outro medicamento associado, que combate os efeitos do primeiro.

Entendi que falava não com um farsante, como pensara de início. Notando já há algum tempo o comportamento errático de René, pergunteiê

- Esse medicamento, quando fumado, causa agressividade?

Ele levantou-se e pegou dois frascos de cor âmbar no armário; com os tabletes de Cristine.

- Os efeitos podem ser desde agressividade a euforia. Pode causar alucinações, mas também provoca sensações de bem-estar provisório que iludem o usuário. Em doentes terminais, pode ser de excelente utilidade, mas em rapazes fortes, que além disso o associam ao álcool, o efeito é imprevisível. O rapaz tem emagrecido?

- Sim. E seu humor é bastante instável. Antes preocupava-se em ser ao menos neutro com os criados, mas agora é francamente grosseiro. Tenho receio dele com madame, que só o suporta devido a compromissos assumidos. Ele compra as drogas com o senhor?

Kayzen me olhou com seus olhos castanhos quase negros, orientais, como se achasse a pergunta ofensiva:

- Minha clientela é seleta. Furneci ao senhor René pequena quantidade certa vez, depois dele muito me pedir, mas não vendo esse tipo de droga, como costumam afirmar na sociedade, a pessoas que não sofrem de dores crônicas ou que não estejam muito mal. Pelo que sei, ele compra de

outro fornecedor, e a procedência dessas drogas não é garantida. Se eu fosse a senhorita, protegeria melhor sua madame. Não acho esse rapaz confiável.

Vendo que o tinha ofendido de alguma forma, desculpei-me:

Não era minha intenção ofendê-lo, senhor. Se assim o fiz, peço que me perdoe. A droga o tornará uma pessoa má?

Sua fisionomia abrandou-se, mas eu nunca mais esqueci suas palavras:

- Uma droga, qualquer que seja, não toma alguém mau ou bom, senhorita. Apenas amplifica o que já há na pessoa. Se a pessoa é generosa, pode se tornar perdulária. Se é ressentido, medroso, orgulhoso ou egoísta, pode tornar-se violento, ou até mesmo assassino. Se é triste, pode se tornar suicida. Muitas vezes o alegre torna-se ridículo, o apaixonado, Inconveniente, e por aí vai. Mas um ser humano bondoso não sai a esfaquear pessoas por conta do uso de drogas, a não ser que esteja tomado por alucinações. O jovem René é imaturo, tolo, mau e agora pode estar tendo pueinações. Você é uma mulher inteligente, senhorita. Tire suas próprias conclusões.

Agradei a ele, vesti meu casaco e, pegando os frascos de Cristine, descii as escadas de sua sala. Um senhor de aspecto burguês, bem-vestido, aparentando cinquenta anos, aguardava sua consulta, com uma moça que devia ser sua filha, de tão parecidos que eram.

Vendo-me pálida, com os frascos embrulhados em papel de seda, Clemente me olhou desconfiado:

- Então, Edite, foi tudo bem lá? Pegou os remédios de madame? Epfteguei sim. Tinha uma ideia errada do doutor. Não é mau como pensei.

- Então por que esse ar fúnebre?

Entrei na carruagem, mas antes disse a ele em voz baixa:

- Estou tentando "tirar minhas conclusões"..

- Olhando-me como se não entendesse, ele seguiu.

XVII DÚVIDAS DE NANA

(Narrativa de Ariel)

FORAM VÁRIOS DIAS de narrativa em que Edite nos contava sua história. Sem que ela desconfiasse, outras pessoas da Colônia também ouviam sua narrativa e as explicações de Serafim, através de transmissores instalados no Centro de Literatura, que os levavam a vários lares dali. Tímida, não se sentiria bem se soubesse do interesse de tantas pessoas, e nosso irmão achou que era hora dela saber de seus ouvintes anônimos. Ela arregalou os olhos

castanhos, espantada:

- Quer dizer que além dos que nos ouvem pessoalmente, mais pessoas na Colônia nos escutam?

- Não é nosso objetivo, querida irmã, passar os ensinamentos do mestre através de experiências vividas em nosso plano terrestre? Sei de sua timidez, mas sua história tem feito parte da vida de muitos em nossa Colônia, e muitos aqui já se sentem agradecidos por esse compartilhamento. Depois, tudo tem corrido bem, não é mesmo? Muitas pessoas talvez atrapalhassem o desenvolvimento de seu raciocínio, que tem sido muito claro.

Ela o olhou como se tivesse desvendado um mistério:

- Então é por isso que tantas pessoas me sorriem e me cumprimentam quando eu passo? Elas têm me ouvido desde o início?

- Praticamente. Boa parte da Colônia adora ouvir relatos, ainda mais como os seus. Sias imagens também têm sido precisas e comoventes. Também aqui aprendemos, Edite, e você tem ajudado muito!

Ela baixou os olhos, envergonhada com Q elogio, mas o aceitou.

- Fico feliz de poder auxiliar de alguma forma quem quer que seja, Serafim. Só espero fazer jus à responsabilidade.

- O bom Deus nos guiará, tenha certeza.

Aproximaram-se de nós Esthefânia, Nana, Clara e Olívia, em animada conversação. Minha esposa expressava particular encantamento pela nossa "menina-fada", divertia-se com ela, que brilhava sempre um pouquinho mais que o resto da sala. Vendo-nos sós, Nana, que fora negra em sua última encarnação, e muito reservada, comentou com Edite:

- Mas que coisa, hein? O cende, tão tradicional... Quer dizer que o rapaz filho dele era afeminado? Que choque deve ter sido para ele. ;;

De fato, o rapaz era "afeminado", como diz. Mas tínhamos muitos amigos assim: no mundo das artes da França, na época, isso não era raro. Lautrec e seus rapazes também tinham essa característica e nem por isso eram menos respeitados. Embora o conde fosse preconceituoso, eu e Cris? Não fizemos esse tipo de distinção.

Nana escutava boquiaberta, pois, embora fosse de natureza bondosa* não conseguia entender como "tais coisas aconteciam". Clara observava a antiga babá de forma divertida, já que também não tinha preconceitos alguma curiosidade sobre o tema; Esthefânia teceu um comentário que a deixou ainda mais pensativa:

- Embora meu marido na época não soubesse, tive um amigo que era

homossexual. E assim que se chama Nana: homossexual, não "afeminado". Era inteligente, educado, caridoso e sofria intensamente com o-preconceito alheio.

Olhei Esthefânia um tanto perplexo. Não me lembrava de nenhum amigo dela homossexual. Lendo meus pensamentos, ela me esclareceu:

- Claro que o conheceu. Não se lembra do Antunes, meu querido?

- Antunes? O jornalista? É verdade que era mais seu amigo do que meu, mas era só um solteirão, não um homossexual!

- Era uma época difícil é preconceituosa, meu esposo. É verdade que ele não aparentava, mas também não mentia. Nunca teve namoradas, nem H casou e levou uma vida dupla, como alguns faziam. Sofreu com essa sua inclinação, a refreou o quanto pôde, mas se apaixonou, como todos nós. Sofreu muito, tudo calado. Eu era sua única confidente. Sabiamente você nunca teve ciúme de nossas longas conversas.

- É verdade. Embora tivesse o ciúme natural de um marido de mulher bonita, do Antunes nunca me resenti. Sentia como se ele fosse seu irmão. Tem notícias dele?

- Ao que soube, reencarnado. No nosso Rio de Janeiro, como mulher dessa vez. Espero que esteja feliz, pois bem o merece. É uma alma boa.

Nana estava de boca aberta ante essas informações, e Serafim divertia-se observando a cena. Ele lia as dúvidas no pensamento dela; acompanhei seu olhar a Olívia, que interferiu, brincalhona:

- Ora vamos, Serafim! Explique logo a Nana antes que ela fique sem dormir ou nos julgue loucos!-

Alma simples e pura, criada em sua última existência com valores morais do início do século vinte, era mesmo complicado para Nana, babá de Clara, entender tantas informações. Serafim resolveu ser claro e paciente para que ela entendesse melhor.

Sabe que o bom Deus nos dá diversas vidas para que aprimoremos o nosso espírito e ingressemos no caminho do bem, que é o que traz a nossa felicidade, rião é Nana?

Ela, humilde, e que respeitava Serafim como a um mestre, respondeu:

- Claro, irmão. Isso já me foi ensinado. O bom Deus nos dá diversas vidas, como um pai que dá chances a um filho para acertar seu caminho.

- Você não nota, Nana, que há nos homens e nas mulheres características diferentes? Não que todos os homens entre si sejam iguais, nem as mulheres, longe disso. Mas espera-se que numa mulher existam

qualidades como a paciência, que a faz esperar nove meses pelo filho, a doçura, a meiguice. Já dos homens é esperada a força física, a bravura, a disposição para o trabalho árduo que proverá a família. Não era assim em seu tempo na Terra?

Segurei o riso com a reação dela, assim como Olívia e Clara:

- Era para ser, não é? Mas nem sempre isso acontecia disse uma Nana meio irritada. Cansei de ver mulher impaciente e homem preguiçoso! Valha-me Deus, irmão! Tinha que se ter muito jeito para viver na Terra, ainda mais nascendo negra, como nasci. Não era todo mundo como a menina Clara aqui, bondosa como ela só. Passei por muita coisa...

- Tudo tem uma explicação, Nana. Na realidade reencarnamos diversas vezes como homens e como mulheres. Quem sabe alguns dos "homens preguiçosos" não teriam vindo no sexo masculino justamente para que a família cobrasse deles desde cedo a responsabilidade para o trabalho fora do lar, aprimorando-lhes assim o caráter? Durante muito tempo isso não foi cobrado das mulheres, o labor fora de casa.

Nana arregalou os olhos redondos com espanto:

- Quer dizer então que são mulheres reencarnadas? São afeminados?

Foi a vez de Serafim rir, com Olívia, da simplicidade da pergunta: °

- Claro que não são afeminados, Nana. São espíritos preguiçosos, egoístas e indolentes. Existe na preguiça um egoísmo que independe da condição sexual, pois o preguiçoso muitas vezes não passa de "vampiro" que manipula o outro para sua própria subsistência. Os "afeminados", pu homossexuais de qualquer gênero, são uma situação distinta.

Foi a vez de Edite participar da conversa:

- Aliás, entre nossos conhecidos homossexuais raramente vi a preguiça. Eram todos ativos e trabalhavam bastante... inteligentes, também. No meio artístico da França do século XVIII eram comuns, e aceitos com naturalidade. Entre a burguesia e a nobreza os valores eram diferentes. O comum era que se escondessem e se casassem. Soubemos de muitos escândalos abafados. Não teve contato com esses nossos amigos, teve, Nana?

Ela olhou Edite como se tentasse lembrar algo, mas logo respondeu,

- Fiquei sempre restrita em nosso meio familiar, fui empregada minha vida inteira na família de Clara e lá não tínhamos contato com gente assim. Mas ouvíamos falar de uma vizinha que tinha umas preferências diferentes. Fui donzela minha vida toda, não entendo muito disso, mas não sei como um homem pode preferir ficar com outro homem, ou uma mulher

com outra mulher. Me parece um pecado dos mais sérios!

Vi em Serafim aquela mesma luz prateada, enquanto ele dava um triste sorriso. Parecia se recordar de tristes histórias em tempos longínquos, e seu breve silêncio nos deixou quietos e pensativos. Enfim ele falou:

, Pecado, Nana, é tudo aquilo que ofende a Deus. Nosso mestre Cristo tanto nos pediu que não julgássemos o nosso semelhante, que o amássemos e o amparássemos sempre. Em sua casa entravam o coletor de impostos e a prostituta, e ele tinha para esses, que eram os maiores "pecadores" de seu tempo, uma palavra amiga, um sorriso e um consolo. Isso causou. escândalo em seu tempo, muitos foram os judeus que se afastaram do Messias por conta disso, julgando-o "impuro". Rechaçaram assim o filho do homem, por seu coração sem preconceitos.

Admirada com a luz que saía dele, Nana perguntou:

- Não havia afeminados no tempo de Jesus? Nunca ouvi falar do Cristo com nenhum deles.

- O sorriso de Serafim permaneceu triste:

- Sempre existiram "afeminados", Nana. Mas a pena para os que se revelavam em Israel era a morte. Por isso não é de se estranhar que não sejam citados. Mas deve se lembrar do mestre com outra "condenada à morte" pelas leis judaicas. Lembra-se da adúltera?

- O rosto de Nana iluminou-se:

Claro: "Que atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado" disse, orgulhosa de mostrar seu conhecimento.

- E existe alguém sem pecado que possa julgar esses nossos irmãos que nascem de forma tão peculiar, apenas por ser minoria?

Vi no semblante dela uma dúvida:

- Então eles "nascem" assim? Não "escolhem" ser assim?

A resposta de Serafim veio rápida e simples:

- E acha que alguém escolheria ser discriminado, muitas vezes ofendido, incompreendido? Nascem dessa forma, minha querida. Não são nem melhores nem piores que ninguém. São seres humanos, criações divinas com seus próprios ímpetos, vontades, qualidades e defeitos como qualquer um de nós. Filhos de Deus muito amados, como todos os seres do planeta, que muitos dos preconceituosos me escutem: pecado é julgar-se acima de Deus, e condenar suas criaturas. Que pai gosta de ver seus filhos maltratados por uma simples condição de nascimento?

Ela ainda parecia confusa:

- E se é para sofrer, por que nascem assim?

- E qual de nós não sofreu sobre a Terra, Nana? Nosso próprio mestre não foi vítima de tantos preconceitos por ser filho de um simples carpinteiro? Achavam que o Messias devia vir de família rica, ser um rei, como Davi. E depois, por que nascemos ricos ou pobres, feios ou bonitos, saudáveis ou não? Tudo tem seu motivo. E alguns desses nossos irmãos, como todos os outros, têm vidas felizes e cheias de realizações, a despeito do falatório alheio. É uma característica, não um defeito. No Oriente, e em algumas culturas, eles são bem mais aceitos desde a antiguidade.

Lembrei-me que em minha última encarnação terrena eles eram vistos com severidade por outros motivos:

- O que acontece na cultura ocidental, irmão Serafim, é que muitas vezes os associam com promiscuidade. E o fato é que alguns deles levavam uma vida sexual nada regrada, se é que me entende.

Ele me olhou com certo espanto:

- Sabe o meu amigo que a promiscuidade sexual infelizmente nada traz de bom, devido às pessoas que você recolhe no umbral. O sexo é uma energia poderosa que não devia ser tratada de forma vil. Mas são apenas os homossexuais que padecem desse mal?

Lembrei-me imediatamente de inúmeros casos:

- De forma nenhuma, o amigo tem completa razão. A maior parte de pessoas que recolhi por males dessa natureza nada tinha a ver com homossexualidade, embora alguns heterossexuais os procurassem para satisfazer seus desejos por curiosidade ou perversão. As taras, como sabe, independem de sexo, idade ou posição social.

- Ele completou seu raciocínio:

- Ainda assim devemos acolhê-los e tratá-los. Não acolhemos o homicida que se arrepende? Quem de nós tem um passado de tantas encarnações sem mácula?

"Clara, sempre discreta, citou um caso que nos deixou pensativos:

- Em nosso trabalho no umbral soubemos de uma senhora extremamente preconceituosa, que chegou a arruinar a vida do filho por seu temperamento e que hoje, graças à chance da reencarnação, habita um corpo masculino com tendências bastante femininas. Sua família espiritual tem tido bastante trabalho para que haja da parte desse espírito a aceitação de sua condição, mas tem sido duro. Embora homossexual, continua preconceituosa, mesmo vivendo em família de cunho liberal.

Nana olhou Clara inquisitivamente:

Reencarnou corno afeminado? Foi castigo?

BpClaro que não, Nana! Pa@a aprendizado! Se não continuasse tão prepotente e preconceituosa, já teria tido a oportunidade de uma vida mais felk, melhor que a anterior? O engraçado é que o filho que ela expulsou de casa aos treze anos de idade, na vida anteriornunca teve ódio dela, e hoje é seu pai, um homem "normal" que faz tudo para que ela evolua! Tenho fé de que com o tempo as coisas se resolverão. p Olívia disse:

• • Éverdade, alguns são mais resistentes. Mas com o tempo tudo se resolve. Daqui há uns duzentos anos tudo vai estar bem.

Éntfpomo já conhecia essa frase dela, não me espantei, mas Nana sim.

- Duzentos anos? Valha-me Deus, tudo isso?

‘Olívia deu de ombros:

- As vezes um pouco mais, um pouco menos. Gente teimosa é difícil, sabe?

Notando que era muita informação para a doce Nana, Serafim resolveu encerrar a conversa:

- O que devemos combater, Nana, não é a condição sexual de cada um, mas a maldade, o preconceito, a promiscuidade, o egoísmo e a ignorância. Esses sim são pecados reais. E você os verá em muitas criaturas, independente do sexo que vistam no momento. Não seria muito melhor uma Terra, ou mesmo uma Colônia, sem o orgulho ou a inveja, que tanta tristeza traz? Que ser humano pode se achar melhor que o outro quando tem ciência de outras vidas e do quanto já errou?

Ante o nosso silêncio ele levantou-se e começou a caminhar, instando-nos a fazer o mesmo:

Bom mesmo é que treinemos o amor ao próximo e a compaixão. Quanto mais puro o coração humano, maior a felicidade. Enquanto o mau se perde na contemplação das pequenas coisas cotidianas, como os bens materiais e a vida alheia, o bom caminha ciente do quanto ainda tem que aprender,

sabendo que as coisas nem sempre são o que parecem e que somos pequenos demais para nos perdermos em julgamentos que pertencem apenas ao Senhor. E assim, na prática da caridade e do perdão constante, afasta-se naturalmente dos maus, sabendo que um dia retomarão ao seio do pai.

E sorrindo para Olívia, terminou:
Ainda que leve uns duzentos anos...

XVIII ADELE

(Narrativa de Edite)

QUANDO CRIANÇA, ACOLHIDA como criada, sem salário na estalagem de madame Pointier, algumas vezes chorei durante a noite lamentando o fato de não ter família. Observava as crianças da vila bem-vestidas, tendo tempo para as brincadeiras, e me perguntava o porquê de não ter tido semelhante sorte. Nada de mimos, nem de carinhos para a pequena Edite, e eu lamentei isso até os meus vinte anos. Se não chorei mais foi pelo trabalho ser tanto que, quando me deitava na dura cama de palha, forrada por sacos de algodão, adormecia logo, embora às vezes as costas me doessem por conta do esforço diário.

; Cristine me deu uma coisa que eu achava que nunca teria, e que valia muito mais que qualquer estabilidade financeira (que quando mais jovem eu também não tinha). Com ela, em sua casa, eu ganhei uma família. Éramos uma família estranha: um cocheiro de origem portuguesa, bigodes largos e gênio calmo; uma cozinheira francesa, quituteira de mão-cheia, alegre e faladeira; eu, uma moura calada e, modéstia à parte, esperta; e uma deusa loura, que às vezes parecia uma criança de tão doce, noutras uma mulher vivida e sofrida, chamada Cristine, irmã de meu coração.

Em nenhuma família de vínculo real eu via uma afeição como na nossa, muito por conta de madame, que nos tratava não como "a criadagem", mas como amigos de longa data. Jendo apenas Cozette de parente por perto, e vendo-a raramente, acho que ela nos via assim: Clemente era seu "irmão mais velho", a quem ela sempre recorria quando precisava de proteção. Confiaria nele cegamente a sua vida, como não confiava a homem nenhum, nem ao conde, com certa razão. Paulette era servil, humilde até, mas isso nunca a impediu de ser sincera nem de dizer o que pensava. Ela e Clemente começavam a tomar-se um casal, o que divertia bastante Cristine, que sempre me cutucava quando os via trocando olhares. Emborá Paulette fosse mais

velha, acredito que madame a encarava como "uma irmã mais nova", sempre lhe dava um mimo e mais de uma vez comentava comigo sobre garantir-lhe uma casa no futuro, quando ela se casasse com Clemente. "Um teto é coisa importante", Cristine me dizia. E tinha razão. A cozinheira havia de ficar feliz se soubesse disso, mas esperávamos por um desfecho do romance. Quanto a nós duas, o vínculo era tão forte que mesmo o conde não conseguia nos enxergar separadas. Muito embora soubesse de Cozette, Gastón mais de uma vez me disse que eu era "como a irmã mais velha" de Cristine. Ela confiava a mim sua saúde, seu dinheiro e seus segredos. Não havia vínculo maior que este. Se Cristine: era o "coração" da casa, eu devia ser a "cabeça" e ter juízo por nós duas. ;

Eu achava que nossa vida familiar estava bem alicerçada;« quando aconteceu algo que mudaria tudo em nossa casa, e começou com um chasi mado no portão, às três horas da tarde, num dia de chuva fraca:

- Edite! Há alguém na casa?

Reconheci a voz de Cozette, e peguei uma sombrinha e a chave para abrir o portão. Junto a ela divisei um vulto de mulher, com quem ela falava:

- Acredito que ao menos Edite esteja. Aguardemos um pouco

Mas Clemente adiantou-se e, reconhecendo Cozette, abriu o portão, enquanto eu, sombrinha fechada na mão, abria a porta para a irmã de madame, que entrou correndo com a outra mulher, um tanto molhadas, enquanto o coche de aluguel se afastava. As sombrinhas que usavam tinham protegido a cabeça, mas não as barras das saias; as botinas de couro fechadas até os tornozelos estavam encharcadas. Sem saber ainda quem era a mulher com Cozette, abriguei as duas dentro de casa e pedi a Clemente que acendesse a lareira, afinal, era outono, e elas precisariam se secar. Depois de acomodadas, a irmã de Cristine me olhou:

Onde está minha irmã? Saiu?

Não, senhora, está no banho. Pensando na estreia de amanhã. Clemente, peça a Paulette mais toalhas para secar as senhoras!

- Solícito, ele logo me atendeu, saindo.

No banho, hein? Continua com a mania de três a quatro banhos por semana?

Eu sorri, e disse que sim.

Não sei como tem aquela pele! Minha mãe sempre disse que sabão demais acaba com a cutis, mas Cristine parece ter no máximo dezoito anos. Acha que estou exagerando? Pois você verá, Adele!

Pensei que as espumas e óleos perfumados de madame dificilmente poderiam ser chamados de "sabão", mas finalmente prestei atenção na senhora ao lado de Cozette.

(Edite colocou as mãos sobre o visor e nos passou a seguinte imagem: a mulher aparentava quarenta anos, morena bem clara, olhos verdes cintilantes como o jade claro, mesmo naquele clima chuvoso. O vestido estava justo demais, na cintura e no busto farto, de onde eu via um crucifixo de ouro com um pequeno rubi incrustado. O tecido era de boa qualidade, mas não era caro. As botinas eram de couro, mas estavam gastas, precisando de solas, principalmente no pequeno salto, e os cabelos, que originalmente deviam ser castanho-escuros, agora apresentavam mechas arruivadas, que deduzi serem pintura de henna indiana, que as mulheres da burguesia usavam como artifício para "camuflar" os fios, brancos. Fixando-se no rosto, vimos alguns sinais do tempo, como pequenas rugas, uma certa flacidez, mas percebia-se que devia ter sido bonita moça.)

"Definitivamente burguesa", pensei. E não estava errada. Acostumada a ver gente de todas as classes sociais, identificava os detalhes com facilidade. Apesar de burguesa, devia estar passando por dificuldades, mas com certeza já tivera vida melhor. Devia ter sido muito bonita quando jovem também, mas nem de longe tinha o refinamento de Cozette, cujos fios brancos se misturavam com o louro dos cabelos-sem tinta alguma, e os cosméticos eram aplicados com comedimento. A senhora Adele parecia gostar de cores mais fortes; tudo isso pensei em alguns segundos, enquanto ela com razoável espanto pela casa de Cristine, dizia à amiga, sem sequer notar minha presença:

- Meu Deus, Cozette! Ela está rica de fato! Mas acho que está passando por uma fase ruim, olhe essa sala... quase sem móveis! Os tapetes são bonitos, é verdade. Mas móveis, quase nenhum! Será que teve de vender?

Tive que segurar o riso, pois um só daqueles tapetes mobiliaria com folga uma casa de médio porte, dado o seu valor. Mas, notando que a senhora dava muita importância à aparência das coisas, resolvi intervir:

- Madame estreia amanhã e os móveis foram retirados para que ela ensaiasse seus números de dança. Estão guardados e voltarão a seu lugar assim que passe a temporada. Os músicos e dançarinos vêm ao menos três vezes por semana. Sentem-se melhor assim, com espaço para os movimentos. Creio que as senhoras ficarão bem acomodadas no jardim de inverno.

Assim dizendo as encaminhei para a sala em frente ao jardim cujo átrio interno recebia a luz do sol. Era uma novidade arquitetônica da época, que o conde mandara construir, e uma das partes preferidas de Cristine, única parte da extensa sala que tinha ficado com duas pequenas mesas e com cadeiras. Foram confortavelmente instaladas. Cozette olhava a estranha com certa reserva, e disse-lhe:

- Os anos não te mudaram tanto, Adele. Apesar de o físico estar diferente, afinal, todas mudamos. Mas, em mais de dez anos, continua como mesmo jeito. Gostou dos tapetes, então?

- Claro... disse ela, examinando-os com certa dificuldade, que eu intuí ser um problema na vista mas parecem coloridos demais! É moda em Paris, agora?

Cozette sorriu, um tanto esnobe:

- Não, minha querida. São árabes. Alguns valem o preço de sua antiga propriedade. Presentes do conde.

Foi de segurar o riso: ela levantou os pés de imediato e depois se pôs a examinar o tapete que estava debaixo da mesa.

- E a maluca os usa assim? Devia trancá-los! Já tinha ouvido falar, mas nunca tinha visto um desses!

^J Pois essa é a forma certa, minha querida. Ou então usá-los como painéis. Parecem tecidos por fios de seda, mas são duráveis, duram séculos, mas precisam "respirar" e, olhando para mim, que observava e me divertia, pediu: Edite, querida, avise Cristine que estou aqui com uma amiga, mas não cite nomes. Quero fazer uma surpresa à minha amada irmã.

- Com uma leve reverência retirei-me e dei com Paulette, da cozinha, espiando a cena:

- Está bonita, dona Cozette! Elegante como sempre. Mas vir aqui com essa chuva? E essa com ela, quem é?

- Não faço ideia, nunca a vi antes. Ninguém do mundo artístico. Eu reconheceria pelas roupas, mas essa parece burguesa. Paulette, sirva uns biscoitos amanteigados e um café com creme. Não é de bom tom não servir nada. Vou chamar madame! Sirva no bule de prata, ouviu?

Ela estranhou eu pedir o bule de prata, mesmo porque não erá o preferido de Cristine. Mas, como achei que Cozette tinha gostado de impressionar a senhora, nada melhor. O conjunto era de chamar atenção. Subi para chamar madame, que já devia estar terminando o banho, e passei pela porta do quarto de René, sentindo o mesmo cheiro de sempre. Estava às

voltas com seu cachimbo de novo.

Bati na porta do quarto de banho de madame, um cômodo interessante: banheira de ferro esmaltado, amplas janelas, biombo, cama de solteiro e algumas cômodas. Do lado da banheira, prateleiras de madeira maciça expunham diversos vidros de óleos perfumados e pomadas que, esfregadas no corpo durante o banho, formavam uma espuma cheirosa e cremosa. No meio de toda essa espuma e água quente, estava Cristine, corada com o calor da água, com pequena toalha cobrindo os olhos. Fiquei até com pena de chamá-la, mas não via outro jeito. Falei em voz baixa:

- Madame... Cozette está lá embaixo. Está com uma senhora, deseja vê-la...

Ela ergueu a toalha e me olhou com aqueles olhos esverdeados, cabelos molhados, tentando entender:

- Cozette? Com essa chuva? E trouxe uma senhora? Quem?

- Ela disse que quer lhe fazer uma surpresa. Não conheço a senhora, ela nunca esteve aqui.

- Não disse o nome?

Não querendo estragar a surpresa de Cozette, menti:

- Não ouvi. Quer que mande esperar mais um pouco? Pedi que Paulette servisse café e biscoitos.

Curiosa, ela levantou, secou-se atrás do biombo enquanto respondia:

- Fez bem. Acha que é gente de cerimônia? Devo colocar traje completo?

- Acho que não. Seu roupão é muito bonito e para receber em casa está bem. Não me parece alguém da nobreza, parece uma senhora burguesa.

Ela franziu as sobrancelhas tentando adivinhar quem seria, e ia me dizendo enquanto isso:

- Não seria uma chapeleira nova? Cozette tinha ficado de me arranjar uma...

- Não acredito, madame, não me pareceu uma chapeleira (o chapéu dela não era lá muito novo ou bonito).

- Talvez uma nova modista. Cozette deve estar cheia de encomendas. Lembrando o vestido de tecido bom, mas com feitio duvidoso e justo demais, discordei novamente:

- Não me parece modista, madame. É melhor ir ver pessoalmente.

Intrigada e curiosa, ela enrolou os longos cabelos louros e encaracolados num turbante e vestiu o roupão. Perfumou-se como de costume, calçou suas lindas chinelas bordadas e saiu do quarto de banho parecendo uma rainha

árabe. Desceu as escadas esticando o pescoço, curiosa com sua visitante misteriosa. Arrependi-me de não ter lhe contado o nome, pois a reação dela não foi a que eu esperava. Vendo as duas sentadas, ela chamou a irmã, que veio sorrindo até ela, mas era um sorriso meio amarelo:

- Sei que estreia amanhã e que hoje tem de descansar. Mas não tive escolha! Se não a trouxesse aqui, ela daria um jeito de vir sozinha, então resolvi trazê-la.

- Curiosa, Cristine olhou a mulher sem a reconhecer, estranhando aquela desconhecida lhe abrir os braços, praticamente gritar e correr para ela:

- Cristine! Minha irmãzinha! Tanto rezei para que nos encontrássemos de novo!

- Tive um choque ao ouvir a palavra "irmãzinha". Então aquela era a irmã mais velha que tinha se casado com o tio e abandonado O' resto da família na pobreza? Entendi o ar frio de Cozette com ela, mas Cristine tinha me dito que ela era a mais bela da família! Tinha bonitos traços, é verdade, mas longe de ser bela como madame! Sem dizer que o excesso de peso e as rugas faziam-na aparentar uma idade que não devia ter. Mais assustada que eu, madame afastou-se dela a duras penas para poder olhá-la melhor, como se não acreditasse no que via:

- Adele? Mas é você mesmo? Como está diferente! Devia ter me avisado, Cozette, prepararia alguma coisa melhor para receber minha irmã mais velha! SB' No coração de Cristine pelo visto não havia lugar para mágoas, Cozette desculpou-se:

Ela chegou ontem, tarde da noite, não tive tempo. Mas creio que ela lhe contará melhor sua história.

Ainda se refazendo do susto, ela sentou-se e pediu que a irmã sentasse, Chamando Paulette e pedindo um lanche completo. A mim pediu um de seus famosos tabletes para dor de cabeça, enquanto olhava a irmã como se não acreditasse no que via. Parecia pálida, a testa contraída em dor, mas mesmo assim foi gentil:

- Seu marido, nosso tio, veio com você?

- Cozette tinha um olhar frio, enquanto a outra fez cara de choro:

- Estou viúva, minha cara! Não sabe o que tem sido a minha vida desde que nos separamos... maldito Darcy! Arrancou-me de minha família! Mas, agora está com Deus, ou com o que quer que seja! Nunca vi homem tão mau, não sabe o que sofri.

E nos contou sua triste vida: o marido, trinta anos mais velho, tinha

falecido havia algum tempo e ela, sem talento para os negócios, ficou em dificuldades.

Disse que o marido era muito mesquinho, que ficara muito tempo sem dormir pensando na sorte da mãe e das irmãs, mas que nada podia fazer, já que ele trancava o dinheiro a sete chaves. Pediu que as irmãs não a odiassem, pois ela já fora punida em excesso tendo que viver com semelhante homem, que ainda por cima, era violento.

- Violento como? perguntou Cristine.

- Batia-me por qualquer razão. Se a casa não estava do jeito que ele gostava, porque a empregada não tinha ido; se eu cumprimentasse algum homem mais jovem; se saísse, ainda que fosse para ir à igreja, e quando ele chegasse eu não estivesse... não sabe o que é viver com um monstro desses!

- E como morreu?

- Dizem que foi do coração. Um dia, no almoço, enquanto terminava de lanchar, foi ficando azul e caiu de costas. Fiquei muito assustada, estávamos sem criados naquele dia, apenas o cocheiro nos acudiu. Mas quando o médico chegou, já era tarde. Darcy tinha morrido.

Eu, Cristine e Cozette nos entreolhamos sem saber se dávamos as condolências ou a felicitávamos, já que ela parecia detestar tanto o marido. Antes, porém, que esboçássemos qualquer reação, ela continuou:

- Era um demônio, achei que finalmente viveria a minha vida. Pensei até em vir para Paris, mas sempre fui uma tola para questões práticas. Ao contrário de você, Cozette, sempre tão inteligente, eu era apenas a "beldade da família"

Cozette respondeu à sua maneira:

- Você sempre foi bonita, Adele, com esses seus olhos que ao sol lembram turquesas. Mas a beldade da família, se me permite, viria depois, Cristine.

Foi engraçado ver madame ruborizar, e Adele finalmente voltar os olhos para examinar melhor a irmã, deslumbrante sem nenhuma maquiagem, num roupão marroquino com os cabelos molhados envoltos num turbante. Adele levantou-se observando-a de perto, parecia ter dificuldade de enxergar ao longe.

- Realmente ficou bela a minha fadinha! Lembra-se de como brincava com você lhe dando retalhos para as roupas de boneca?

- Cozette exagera em tudo! Nunca serei bonita como você, irmã, morena, com esses olhos de siamesa! Mas me lembro de uns retalhos que

Cozette costurava para mim, era você quem dava?

— Eram sobras de vestidos. Nosso pai sempre quis que a mais velha se vestisse bem. Queria para mim um bom casamento, pobre pai! Rejeitei tantos rapazes para acabar nas mãos de nosso tio!

— Parecendo irritada, Cozette levantou-se:

Melhor do que enfrentar o que enfrentamos em Paris, sem dinheiro, eu, Cristine, nossa mãe e Emestine, que era só uma menininha! Faz ideia do que sofremos ao perder nossa casa, toda a nossa segurança, apenas mulheres sem nenhum conhecimento vindo acabar em Paris?

— Adele calou-se, parecendo amuada, Cozette continuou: fcvNossa mãe não durou muito. No início achava que você daria um jeito de nos socorrer, informou a vizinhos onde estávamos, mas a ajuda nunca vinha. Até no dia de sua morte lamentou sua falta. Podia ter ficado com nosso tio, Adele, mas ao menos tinha que ter se despedido dela!

Notando o clima tenso, Cristine interveio:

- Não adianta falar nisso agora, Cozette. Mesmo porque estraga a alegria deste reencontro! Nunca achei que a veria de novo, irmã!

Adele tinha o rosto rubro, parecia contrariada, sem saber o que fazer. Mas, ainda assim sorriu para Cristine:

- Pois eu fico muito feliz em vê-la, fadinha! Ainda mais em tão bela casa! Disseram-me que é companheira de um conde, é verdade?

- Fui. Mas isso são águas passadas. Gastón foi bom para mim e me deixou independente financeiramente. Não estou rica, mas não passo por apuros. Sabia que amanhã começa minha temporada de dança no cabaré mais famoso de Paris? Chegou bem em tempo! Tem onde ficar aqui na corte?

Ela enrubesceu pela primeira vez:

- Na verdade, não tenho mais onde viver, minha irmã. Nem na corte, nem em lugar algum. Pensei em ficar com Cozette, mas vejo que ela tem apenas um quarto e uma sala no apartamento sobre sua loja. Mas me arranjarei de alguma forma.

Pela expressão de madame, ela se compadecera imediatamente:

- Mas, como assim? Não tem mais o sítio? Nosso tio não tinha outros imóveis e rendas?

Ela baixou os olhos e puxou um lenço rendado como se enxugasse uma lágrima:

- Não sabe como tem sido minha vida, querida irmã! Não faltam malfeitores para enganar uma pobre viúva. Perdi tudo aos poucos! Tudo o

que tenho está em dois baús que estão na casa de Cozette.

Cristine não se conformava com a triste sorte da irmã:

- Mas, nem joias o tratante do tio Darcy lhe deixou?

Ela riu, com amargura:

- Até parece! Darcy era mesquinho como uma cobra! Não me dava quase nada, as joias que tenho são essas poucas que vê.

Pensei que, se eram apenas aqueles anéis, o brinco discreto e o crucifixo, realmente Adele não estava bem de vida. Cristine não pensou duas vezes:

- Pois minha casa é a sua casa! Tenho aqui o meu quarto de hóspedes, mas ainda está ocupado. Por enquanto ficará no meu quarto de banho, que é bem aprazível, tem cama e armários. Depois, quando o outro quarto ficar desocupado, passará para ele, que é maior e mais arejado. Importa-se? É o que posso lhe oferecer no momento.

- Ah, minha fadinha! Depois de ter abandonado minha família, você com esse seu coração de ouro me acolhe! Ficaria até mesmo na sua dependência de empregados, minha irmã!

Não sei bem por que nessa hora observei Cozette, que olhava as duas irmãs com uma expressão que não pude identificar de imediato. De início parecia aliviada, pela irmã sair de seu apartamento, mas depois seu semblante se nublou de preocupação e uma fina ruga se formou em sua fronte, Adele e Cristine se abraçaram, madame feliz de poder ajudar a irmã, e eu, por mais cristã que fosse, com um leve aperto no peito. A expressão de Cozette, em quem eu sempre confiei, tinha me deixado apreensiva. Seria mágoa de a mais velha ter abandonado a família no momento da maior precisão? Talvez...

O mundo dá mesmo voltas, pensei eu. Menos de quinze anos atrás estavam as duas irmãs mais moças em situação desesperadora, enquanto a mais velha se casava com o tio rico e se esquecia da família. Agora a situação se invertia, e a terceira irmã acolhia quem a tinha abandonado à própria sorte. Tolo do ser humano que se acha maior que o próximo, nunca se sabe quando a sorte vai mudar. Parecendo lembrar-se de algo, Cristine soltou-se do abraço da irmã e a sentou de frente para ela:

- Mas, antes que fique aqui, preciso contar-lhe algo. Tenho outro hóspede, que não é de fácil convívio. Foi meu companheiro por um tempo, mas agora apenas mora aqui.

- Adele estranhou, não sabia que Cristine tinha um homem na casa:

- Mas, achei que ainda recebesse visitas do conde em segredo... Quem é o homem?

- Na vida de uma cortesã, segredo não é muito necessário, chere soeur¹³. Ao menos dentro desta casa. Diferente das mulheres casadas, temos a vida que escolhemos. Quando disse que nada mais tinha com Gastón, era a pura verdade.

- Ele cansou-se de você? Que pena! Cozette riu:

- Gastón cansado de Cristine? Só se for de ficar longe dela! É apaixonadíssimo por nossa irmã.

Adele ficou pensativa, depois disse:

- Então arrumou esse outro porque é mais rico. O que este é, um duque? Separou-se da família, foi?

Foi a vez de eu e Cristine rirmos:

- René, um duque? Não, chere soeur, é um plebeu! Está mais para um pequeno burguês, e de família pobre. O único com um pouco de dinheiro era o tio, que pagava seus estudos com alguma dificuldade aqui em Paris. Adele pareceu ficar um revoltada:

- E trocou um conde, ao que eu sei riquíssimo e apaixonado, por um homem desses? Que tem esse René, afinal?

Cozette calou-se por educação, mas madame respondeu:

- Eu andava muito triste, e ele me divertia. Era belo como um deus grego, também... e uma conversa! Mas, tinha um vício muito feio em jogo, o que acaba com qualquer paixão. Agora, concordei em hospedá-lo até que a dívida que fez nas cartas esteja paga.

- E isso vai demorar muito?

- Alguns meses, não mais que isso.

Madame combinou com Clemente ir com Cozette até a sua loja e trazer os baús de Adele, assim que as duas terminassem o lanche. Olhando para mim com o carinho costumeiro, Cristine disse à irmã:

- Quero que conheça melhor uma pessoa, sem a qual minha vida não funciona: essa é Edite. Não é só minha camareira ou minha governanta, é minha melhor e mais querida amiga. Estamos juntas há muitos anos, e não há ser humano mais bondoso, nem mulher mais prestativa. Quero que a trate muito bem. Para mim ela é muito mais que uma empregada.

Fiquei bastante sem jeito com aquelas palavras calorosas, e um tanto surpresa com a observação feita por Cozette:

- E bom deixar claro que apenas Cristine dá ordens a Edite. Lembre-se sempre que você é uma hóspede nesta casa, Adele, e não patroa dos empregados!

Notei os olhos claros de Adele fuzilando Cozette com uma ira contida, mas ela manteve o verniz da educação:

- Ora, Cozette. Por quem me toma? Acha que não respeitaria a casa de minha irmã, ou lhe arranjaria problemas com a criadagem? De onde tirou essas ideias?

Cozette não se deu por vencida:

- Cristine era ainda muito nova, mas me lembro bem de como você era com os caseiros do sítio. Eles aqui em Paris não são como no interior, falo para o seu bem. Essas pessoas são como a família de Cristine.

Ao ver as duas já com as mãos nas cadeiras, Cristine contemporizou e chamou Clemente, que veio, solícito como sempre, da cozinha, com Paulette em seus calcanhares, olhando tudo com curiosidade, principalmente a nova senhora. Engraçado foi ver a reação de Adele, momentos antes um tanto agressiva com Cozette, agora parecendo frágil e desprotegida diante do enorme cocheiro, dando instruções:

- Não queria dar tanto trabalho, mas como querer que uma pobre mulher como eu transporte pesados baús, não é mesmo? Ainda bem que nessa casa há um homem forte como o senhor para nos prestar esse serviço. Tome cuidado com eles, há dentro coisas preciosas para mim. É tudo que me restou!

Vi Cristine puxando Cozette para um canto e dizendo em voz baixa:

- Irmã, que é isso! A pobre parece que passou por maus bocados, temos que ter paciência com ela e acolhê-la. É o que nossa mãe faria!

Puxando seu lenço de seda, e enxugando a fronte que estava molhada de suor, ela respondeu:

- Acho que puxei nosso pai, que se guiava mais pela razão que pelos sentimentos. Edite, chegue aqui!

Aproximei-me rapidamente, e ela continuou:

- Espero não ter trazido uma cobra para casa de minha irmã mais moça. Talvez a penúria a tenha mudado, mas não acredito em mudanças tão radicais! Brigávamos muito quando crianças e quando moças, Adele tinha de dissimular o que tinha de bonita, muito embora nossa mãe não notasse isso. Fazer o quê? Coração de mãe costuma pintar o filhos com as melhores tintas.

Cristine tentou acalmá-la:

- Ora, Cozette. Convivi na corte e no cabaré mais elegante de Paris por muito tempo, acha que não sei me defender caso precise?

Ela olhou Cristine com carinho:

- Antes você tinha Gastón como escudo. Agora tem Edite. Tem um coração muito grande, irmã, não vê o mal nas pessoas. Não quero magoá-la, mas se esquece do que aconteceu com René e do quanto está difícil de resolver? Meu conselho, como irmã mais velha, que ama muito a você, é que caso sinta que pode se prejudicar, mande-a para um convento ou coloque-a na rua. Está me entendendo, Edite?

Fiz que sim com a cabeça, o que mais poderia fazer? No íntimo agradei pelo aviso, não ia querer ninguém prejudicando madame, bastava René e seus problemas. Cozette encaminhou-se para a porta, onde a chuva cessara é o cheiro do jardim molhado invadia a casa. Parou na frente de Adele para despedir-se:

- Eu a acolhi quando chegou. Sabe que em nossa infância e juventude não nos dávamos bem, mas não lhe tenho rancor. Valorize a chance que Cristine está lhe dando para recomeçar a vida, e esqueça o que ouviu falar sobre a vida dissoluta das cortesãs: nossa irmã não é desse tipo. Só teve dois homens em sua vida, o conde e René, e nunca traiu nenhum dos dois. Muita mulher casada que conheço não tem a metade da decência dela, por isso o conde a valoriza tanto.

Ela olhou um tanto admirada para Cristine, que estava longe, dando instruções a Paulette sobre o quarto de banho, e não ouvia a conversa. Adele respondeu admirada:

- É mesmo? Acredito. Com a educação que nossa mãe nos deu, não podia ter sido diferente. Mesmo eu sempre fui muito honesta, é coisa de família.

Cozette deu-lhe um olhar frio, mas ao menos não tinha mais rancor:

- Querendo, apareça na minha loja. Está precisando de uns vestidos; pelo menos uns dois eu tenho que posso arrumar para você. Essa sua roupa é de boa qualidade, mas não está muito na moda em Paris, e se vai sair com Cristine, precisa estar bem arrumada. Não quero uma irmã minha vestida como provinciana.

Adele animou-se:

- É mesmo? Pois vou sim, obrigada Cozette! Assim que puder apareço na loja. Agora vou me refrescar um pouco e tentar dormir. Não consegui pregar o olho ontem, aquele colchão era muito duro!

Feliz por se despedir, Cozette saiu com Clemente. Vendo Cristine e Adele subirem para o andar dê cima, animadas e conversando, senti minhas pernas doerem de cansaço, afinal, eu tinha ficado em pé durante um bom

tempo observando, para ver se nada faltava às visitas. Resolvi me encaminhar para a cozinha, onde encontrei Paulette com uma machadinha bastante afiada, cortando as costelas de um cordeiro para o almoço do dia seguinte. Minha amiga batia com uma força e uma mira tão certa que a um simples golpe o osso se partia e ela conseguia ir tirando os pedaços sem muita dificuldade. Sentei-me na mesa de madeira da cozinha, onde ela fazia suas massas, e observei fascinada a machadinha indo e voltando, fazendo um som parecido com "vupf" quando levantava, e depois "pof" quando batia nos ossos. Sua expressão estava séria como a de um carrasco.

- Tudo bem por aqui?

Ela ergueu a machadinha acima dos ombros: vupt.

- Claro! Por que não estaria? Vamos ter uma nova hóspede, então?

- É verdade...

Pof.

- Vai ficar muito tempo? (vupt). f

- Hum... Não tem onde morar, é a irmã mais velha de madame. É capaz que sim... (pof, pof).

- Como não tem onde morar? Não era casada? (vupt).

- Enviuvou. Parece que perdeu tudo e agora vai morar aqui. v Ela largou por um instante a machadinha e me olhou numa expressão indefinível. Lembrei do jeito de Adele com Clemente, toda frágil, e me perguntei o quanto a ciumenta Paulette tinha visto. Minha dúvida foi logo dissipada: ela pegou de novo a machadinha e continuou o trabalho, só então me dizendo:

- Vida de pobre é difícil mesmo, a gente tem que aturar cada coisa E olhou para o teto da cozinha. Tinha que ser irmã de madame? Viu o jeito dela com Clemente? "Homem forte"... aquele português que se dê ao respeito!

Tentei defender Clemente:

- Ora, Paulette. Está cansada e dependendo dos outros. E depois, Clemente não lhe deu atenção.

Era verdade, o pobre cocheiro tinha se saído com um sorriso amarelo. A machadinha tomou a subir, vupt.

- Pois ela que se ponha em seu lugar, ou vai perder mais do que já perdeu!

Pof, pof.

XIX O BAÚ DE ADELE

NO DIA DA estreia de madame acordamos todos um pouco mais tarde, a

noite anterior tinha rendido... Clemente voltou depois de quase duas horas pelejando com os baús de Adele, que eram enormes. Precisou de ajuda para trazê-los para o quarto de banho. Fiquei imaginando o que teria acontecido a René, que ainda não aparecera até aquele horário, quase cinco horas da tarde, mas sabendo que em seu quarto ele guardava sempre alguns doces (tinha uma preferência incrível por esse tipo de comida, achava-os até entre seus travesseiros quando arrumava sua cama) e água, além do seu inseparável cachimbo, não me preocupei.

Ele fazia sua toailete em seus aposentos. Quando desceu para a sala eram sete horas da noite, bem-vestido, perfumado em excesso para disfarçar o cheiro do ópio, e penteado. Dispensou a peruca e usava o cabelo curto; o feio corte em sua sobrancelha já cicatrizara, ficando apenas uma falha, que, se era aparente, ao menos não o desfigurava. Trajando a última moda, quem não o conhecesse podia até tomá-lo por nobre, ou um burguês abastado, atraente e um pouco mais magro do que quando Cristine o conhecera, mas isso não lhe ficava de todo mal.

Foi essa figura de homem que Adele viu, no final da tarde, descer a escada e interromper a conversa animada que estava tendo com a irmã.

Olhou o rapas como se estivesse hipnotizada por ele, que, por sua vez, olhou com curiosidade a senhora vestida em brilhante tecido vermelho muito justo, maquiada e com olhos de um verde tão claro que chamavam atenção. Franziu as sobrancelhas tentando adivinhar quem seria, e custava a se decidir se perguntava ou não à Cristine.

- Ah! disse ela olhando para onde a irmã fixava os olhos imensos. Esse é René! René, venha conhecer minha irmã mais velha, Adele.

Ele terminou de descer os degraus elegantemente e abriu seu sorriso mais encantador. Chegando até Adele, curvou-se elegantemente e disse:

- Encantado, madame. Está nos visitando em Paris?

Encantada ficou ela, pensei eu. Rubra, abanando-se com um leque que surgiu Deus sabe de onde em pleno mês de março, ela abriu um sorriso sedutor e eu pensei que, quando mais nova, devia ter sido realmente bela. Pena que certas mulheres com o tempo percam o viço com rapidez, mas, sob determinada luz, ela ainda podia fazer sucesso. Respondeu a ele numa voz que eu não supunha ser capaz de tanta doçura:

- É um prazer, senhor. Não imaginava que ele fosse tão elegante, Cristine! Não quer se juntar a nós? Ficaria encantada de ouvir as novidades dê Paris de uma boca masculina, afinal, desde que cheguei, só tenho estado com minhas irmãs...

Cristine se divertia com a cena, e René parecia perguntar com os olhos se devia ficar ou não. Ele e madame não andavam em bons tempos; ela, nervosa com a estreia e já não suportando a companhia do rapaz, o qual, passada a paixão que sentira por ele, tinha ficado enfadonho como realmente era; ele, esperto e não querendo perder suas regalias na casa; falava com ela o mínimo necessário e com muito jeito. Mas Cristine o surpreendeu desta vez, quando disse, parecendo querer agradecer a irmã:

- Sente-se com Adele, René. Tenho certeza de que se darão bem. Estou começando a ter uma dor de cabeça bem familiar e vou com Edite para o quarto verificar algumas peças de roupa e depois dormir um pouco. Fiquem à vontade.

Ia me retirando com ela quando a ouvi dizer a Paulette:

- Paulette, providencie qualquer coisa que eles queiram e, voltando-se para a irmã: Devo dormir um pouco, depois lhe farei mais companhia. Deixo-lhe com um homem educado.

A última frase soou como um pedido estrategicamente formulado para René, que se empertigou na cadeira. Segurando o riso, subi com ela, que se atirou na cama assim que chegamos ao quarto.

- Edite, depois a ajude a arrumar o conteúdo daqueles dois baús nas éômodas do quarto de banho. Vou providenciar mais uns cabideiros. Viu o tamanho dos baús? Fiquei com medo que Clemente e o rapaz que subiram com eles caíssem da escada. Que será que ela traz ali dentro?

- Não faço ideia, madame. Provavelmente lembranças de toda uma vida. Não se preocupe que daremos um jeito no quarto dela.

- Ela colocou as mãozinhas na frente como se quisesse esfregá-la.

- Minha cabeça doi muito hoje, me veja um daqueles meus tabletes. Já faz mais de três horas que tomei o último. Não sei se quero acordar para o jantar, devo descansar, que amanhã o dia vai ser puxado. Que achou de minha irmã?

Dei a ela uma taça de água e o remédio, que ela engoliu rápido. Não gostei muito da irmã de madame, mas podia estar errada, então respondi:

- Tem uns olhos muito bonitos...

Lembro-me de quando era moça, rapazes faziam fila na porta de nossa casa querendo namorar Adele. Eu era muito menina, minha mãe a mimava sempre. Cozette sempre foi bonita também, mas era meio "apagada". Adele fazia questão das melhores roupas, das fitas mais caras. Cozette era preocupada em não dar despesas.

Estava esfriando rápido. Coloquei os pés dela em cima da cama e os cobri com uma manta. Ela continuou me contando:

- Papai ficava bravo com ela e mamãe, às vezes, por conta dos pretendentes. Adele esnobava todos, queria um marido rico. Papai dizia que o importante é que fosse trabalhador, que riqueza herdada podia ser perdida rápido, mas que a vontade para o trabalho e a inteligência, essas duravam. Mas mamãe tinha sonhos, queria que a mais velha se casasse com um nobre ou um homem muito rico. Veja que tolice: acabou se casando com nosso tio, que expulsou nossa mãe e nem era tão rico assim.

Pensei em Cozette, e retruquei:

IE a nossa querida Cozette, que pensava sempre em economizar e era "apagada", hoje é uma das mulheres mais chiques de toda Paris. Ela está se tomando uma modista famosa, sabia?

Fechei as cortinas para impedir qualquer luz da rua, e ela me disse:

- E como sei! Faz coisas lindas, não é mesmo? Mas me disse que não quer costurar para os nobres, prefere ficar com as burguesas, que são suas clientes há anos.

- E mesmo? estranhei; Cozette tinha um trabalho belíssimo. E por quê?

Cristine deu uma pequena risada:

- Ora, Edite, todo mundo sabe como alguns nobres são terríveis na hora de pagar as contas!

Era verdade. O rei Luís XV era famoso pela extravagância junto à marquesa de Pompadour, a mais famosa cortesã da história. As leis na época eram simples: apenas o rei podia punir os nobres, que escapavam assim de quaisquer dívidas adquiridas com os comerciantes (burgueses), tomando a maioria da nobreza muito desonesta. Joalheiros, modistas, perfumistas, entre eles não eram muitos que apreciavam semelhantes fregueses. Gastón já nos falara disso algumas vezes e fazia questão de manter seu crédito impecável, pelo simples fato de não ser tolo: gostava de ser bem tratado, além de ter aprendido com o velho costume árabe: "Um mau comerciante tem como destino a miséria". E acontecia mesmo: às vezes levava gerações, mas já não eram raros os nobres pobres e endividados.

Felizmente madame dormiu o sono dos anjos, enquanto René e Adele pareciam se entreter mutuamente na sala, para alívio de Paulette, para quem ela tinha os olhos voltados para Clemente. O belo René compensava a falta de dentes cobrindo o sorriso com a mão esquerda e um lenço bordado, e

falando sempre de cabeça baixa, sua estratégia. Tendo que terminar alguns bordados na roupa que madame usaria na noite seguinte, pensei em ir ao meu quarto e ficar no meu silêncio adorado, mas qual! Quando quis me despedir, eis a voz estridente de Adele nos meus ouvidos:

- Edite, por favor, providencie vinho e uns frios para que eu possa conhecer melhor esse hóspede de minha irmã querida! E venha, junte-se a nós, não fica bem uma dama como eu ficar sozinha com um rapaz!

Senti-me encurralada, como um camundongo preso à parede por um gato de enormes olhos verdes chamado Adele, e não tive jeito senão aceder. Era a primeira noite dela na casa, não podia fazer feio, desculpei-me para ir ter com Paulette na cozinha, e fiquei com um pouco de inveja dela e Clemente, conversando amistosamente, enquanto eu ia ter que ficar com aqueles dois na sala:

- Paulette, faça uma bandeja com frios e vinhos, que eu mesma levarei. Enquanto isso vou pegar um dos véus de madame que precisa de bordado; a estreia é amanhã e devo ajudar Cozette, que tem suas bordadeiras ocupadas com o resto do traje.

Hg Deixe que eu leve a bandeja. Com que, então, a dama está se entretendo com René, hein? Será que terá algum sucesso?

Preocupada em correr ao meu quarto, respondi:
Vai saber. Ao menos ele está livre, não é?

Mas por dentro achava que Adele não teria muita chance, afinal, chegava a Paris falida, e René era um amante da boa vida. Quando voltei, e me sentei numa das cadeiras vagas, munida de um recipiente de pequenos cristais tchecos, agulha, linha e um véu finíssimo de seda, vi a bandeja já posta em cima da mesa, com os frios e vinhos branco e tinto. Adele ficou encantada com o fino véu:

- Mas que é isso que tem nas mãos? Que preciosidade! Vai bordá-lo com cristais? Mas já não é chamativo o bastante?

- O véu de seda e cor amarela realmente era chamativo e belo, mas expliquei que era uma roupa para apresentação de Cristine, e que os cristais refletiriam a luz das velas cuidadosamente colocadas pelo palco.

- Minha nossa, vai ficar belíssimo. E o vestido, como será?

- Amanhã você verá. Cozette resolveu fazer um presente para a irmã e tem outras bordadeiras trabalhando no traje neste momento. Tudo sairá a contento.

E assim falando, concentrei-me em meu trabalho, puxando um castiçal para

perto e deixando os dois a conversar. Espertamente, Adele não falou de sua pobreza recente, referindo-se a si mesma apenas como uma viúva solitária que buscava a companhia da irmã em Paris. René, por sua vez, disse que ele e Cristine estavam apenas "estremecidos", que eram "coisas de mulher" que passariam com o tempo, e que continuava apaixonadíssimo por madame, na espera de que seu "temperamento difícil" cedesse "à paixão que os avassalava".

Refleti na fragilidade humana dos seres que precisam de posição financeira para se julgarem melhores do que os outros. René citava o tio como se fosse um abastado burguês, que tudo faria para que o sobrinho voltasse para casa (uma mentira; eu sabia, pelas conversas ouvidas, que o tio não queria nem ouvir falar dele, e que além disso possuía de seu apenas uma pobre loja de secos e molhados, onde trabalhava duramente para seu sustento). Já Adele falava do falecido marido como se a tivesse deixado muito confortável na vida, a ponto de nunca mais ter que se preocupar com dinheiro.

Ser uma "sombra", uma pessoa que os outros quase nunca notam, é muitas vezes confortável. Sabiam os dois que eu estava inteirada da verdade de ambos, meus mentir na minha frente não foi para eles nada difícil, confiantes na minha posição de discreta subalterna.

O rapaz citou sua argúcia para os negócios e disse que em poucos meses Cristine teria o seu capital triplicado pelo investimento feito por ele em navios negreiros, negócio de muito lucro, em voga nas colônias americanas. Adele, ao contrário de Cristine que tinha ficado escandalizada, vibrou com a "esperteza" do moço, e disse:

Acho um desperdício aqui na França não podermos ter esses negros tão úteis. Eu mesma compraria para mim duas mucamas jovens, para cuidar de meu guarda-roupa e pentear-me. Nesse ponto, invejo minhas amigas das colônias!

Desde que não me visse como uma escrava, as coisas seriam suportáveis. Pensei que, se tivessem dito a verdade um para o outro, René se levantaria e trataria logo de assuntos de seu interesse; já Adele, apesar da falta de dinheiro dele, tentaria atraí-lo, pela bela figura do moço, apesar da falta disfarçada de alguns dentes superiores. Ela parecia ter saudade do tempo em que "enfeitiçava" os rapazes de sua pequena *vila*, e estava deixando o moço alegre e interessado. As velas afastadas por ela, assim como o vinho que não parava de servir a elé, pareciam apagar as marcas do tempo do rosto

da senhora.

Conversaram e bebericaram as bebidas de Cristine por bem umas três horas, quando René retirou-se alegando compromissos inadiáveis (o cassino, onde ele agora apenas olhava os jogos). Adele, dando-se por satisfeita e já tonta com a bebida, curvou-se e despediu-se. Como num passe de mágica, sua expressão mudou de dama suave para patroa mandona, e ela me disse: HC*; Agora que o rapaz se foi, vamos subir que tenho que tirar algumas coisas do baú. Deixe-me ver seu bordado...

tirou de minhas mãos a delicada seda, que brilhava com os pequenos cristais.

, É disse-me ela -, sabe mesmo trabalhar nessas coisas. Venha comigo, quero umas ideias. Afinal, amanhã é a estreia de minha irmã e não quero fazer feio.

Eu estava curiosa em ver o que estaria atulhando aqueles dois baús tão pesados, que precisavam cada um de dois homens para carregá-los. Subi com ela, que já estava um tanto trôpega pelo vinho, se apoiando no corrimão da escada. Quando entramos no quarto de banho ela fez uma cara que me parecia ser de desdém:

É um quarto pequeno demais para uma dama, não acha?

Não achava o quarto pequeno, ainda mais que dava vista para um jardim encantador, mas usei de diplomacia:

Quando o senhor René se for, a senhora passará para um quarto maior. Isso é apenas provisório. Quer ajuda?

- Afogueada, ela abriu a tranca de um dos baús e pediu-me que levantasse a tampa de madeira maciça, coisa que fiz com muito custo, pois era de fato pesada. Dentro, um amaranhado de tecidos, arrumados como que às pressas, me esperava, com alguns candelabros de metal, que podiam ser de latão, mas que ela me disse serem de prata. Deixando o cansaço de lado, comecei a tirar vestidos e mais vestidos, alguns de tecidos de boa qualidade, outros nem tanto, mas todos de corte duvidoso, decotes muito acentuados, e enfeites que Cristine nem sonharia em comprar, de tão ordinários e baratos. Uma coisa tinha aprendido com Cozette: se for comprar um adereço, é melhor ter um de qualidade do que vários de qualidade duvidosa, e era justamente isso que via ali.

O cheiro de naftalina, sujeira e suor antigo impregnou o ar, e eu sacudia as roupas pensando em colocá-las todas no sol pela manhã, ou o odor se espalharia pela casa, para desgosto de madame. Enquanto eu tirava os vestidos, ela ia me dizendo:

- Sei que estão um pouco velhos e amassados, mas não são um deslumbre? Alguns têm mais de dez anos! Não tenho o costume de jogar nada fora, e sei que você vai me ajudar a deixá-los na última moda, não vai Edite, com essas mãos de fada? Se soubesse como sou desajeitada com a agulha! Cozette sempre teve mais jeito com essas coisas.

Alguns tinham a cintura muito fina, e pensei que seria complicado alargar aquelas roupas, já que Adele engordara bastante. Os espartilhos também já estavam em condição de miséria, e algumas flores de seda, muito em moda havia vinte anos, não tinham a menor chance de recuperação. Olhei para elas pensativa e disse:

- Talvez, se as tingíssemos a frio e as bordássemos com linhas de seda e cristais, ficassem bonitas. Mas isso vai levar muito tempo, senhora. Pretende usar que traje amanhã? Já foi a um cabaré francês?

Ela me olhou com os olhos verdes extasiados:

- Nunca! Como é? Muito elegante? As mulheres se vestem bem?
- Brilham mais que os candelabros do local. As parisienses são famc*
sas por sua elegância, e suas irmãs nunca ficaram a dever! observei com certo orgulho.

Ela pareceu ficar preocupada, franziu a sobrancelha, começou a remexer os baús com fúria e logo me vi envolvida num mar de babados, tules, pérolas falsas. Tudo com um cheiro estranho de roupa que há muito tempo não via água nem sol. Mas Adele tinha sido injusta com o marido: pelo menos de roupas ele a mantinha bem, eram dezenas, embora de gosto duvidoso.

No fundo do outro baú entendi o motivo do peso: dezenas de vidros Vazios de perfumes baratos. Por que será que ela guardava aquilo? A maior parte, suja de gordura ou empoeirada. Por mim iria tudo para o lixo, mas me contavam a história do passado dela: era gastadeira. Não em coisas de valor, mas bugigangas, aos montes. Pequenos enfeites de gesso, anjinhos barrocos decorados, sapatos gastos com fivelas de variados tipos (a maior parte sem salvação), ê leques, pelo menos uns quarenta. Desses eu gostei, embora alguns estivessem quebrados ou rasgados (eram feitos de seda ou papel crepom). De cores variadas e chamativas, deviam ter decorado o seu quarto de casal. Mas ela estava desesperada era atrás de um vestido que pudesse usar na estreia de Cristine, tanto que foi me dizendo:

- Não posso perder a chance de ver Cristine dançar! Ela ficaria muito triste! Mas não vejo aqui nada que sirva ou que esteja à altura da ocasião. Ela não teria um vestido para me emprestar? Deve ter muitos.

- Com certeza madame tinha muitos vestidos, e os emprestaria com prazer. O problema era outro.

- Acredito que a senhora tenha um busto mais avantajado que o de madame, senhora Adele. Os vestidos não servirão.

Ela me olhou como se eu a estivesse chamando de "gorda", o que de fato era, mas me emendei logo:

- Não são todas as mulheres que nascem dotadas dessas graças naturais, não é mesmo?

Ela riu com a lisonja.

IÉ mesmo verdade, pobre Cristine, a cara até que é bonita, mas meio pálida demais. E o busto, então, sem graça. Tem razão, vestidos dela não me servirão. O que fazer? Me ajude a procurar algo, deve haver algum que preste!

- Tudo na casa de Cristine era imaculado de limpo, arejado até a exaustão, por minha conta e de uma faxineira feroz que vinha três vezes por semana, levantando até mesmo pesados móveis com a ajuda de Clemente para espanar por baixo. Me senti meio alérgica à poeira e ao cheiro que emanava daquelas roupas: parecia um suor antigo, surrado. Pela primeira vez pensei em pedir um aumento para madame, ninguém devia ser obrigado a mexer naquilo. Com o nariz vermelho de tanto espirrar e uma dor de cabeça de ver estrelas, finalmente consegui encontrar, no meio de um mar de saias, um pedaço de cetim vinho e um tule lilás em outro vestido que pareciam combinar. Adele olhava tudo com desânimo até que puxei as duas peças.

- Vista este cor de vinho, senhora Adele. A cor é deslumbrante.

Era um vestido de corte largo, apertado apenas na parte abaixo do busto, e tinha um leve franzido. Simples ao extremo, em nada parecido com as outras roupas de Adele. Esta, ao ver o que escolhi, fez um ar de ironia;;

- Deixe de brincadeira, Edite. Isso é o forro de um vestido velho de minha mãe.

Ao menos explicou a qualidade do tecido e o corte bem feito. As outras duas Besançon, Cristine e Cozette, tinham a quem puxar parecia um vestido da última moda, ainda que simples.

- Pois vista, que quero ver uma coisa.

Ao me ver falando de modo autoritário, tirou o vestido vermelho espalhafatoso, deixando à mostra um espartilho horrendo de tão apertado# umas calçolas de seda já meio desgastadas. Mas o vestido caiu como uma luva, realçando os seios fartos, disfarçando a barriga, criando uma ilusão de

cintura e favorecendo os quadris. Ajeitei o decote enquanto ela se olhava no espelho grande do quarto de banho, um tanto atônita:

- Veste bem, é certo. E é do tipo que está na moda agora, não |§j Mas é sem graça demais!...

Sem pedir licença, me armei de uma tesoura afiada e cortei o forro lilás de um vestido do qual nada se aproveitaria, tendo assim uns quatro metros de tule. Arrumei-o como se fosse um xale decotado em torno dos ombros dela e preendi com uma rosa de seda roxa,

- *Ton sur ton, parfait!*¹⁴

O efeito ficava realmente bonito, o roxo escuro do vestido, o xale rico em lilás claro, Adele prendeu a respiração. Antes que ela reclamasse de algo, eu disse:

p Claro que essa rosa velha será substituída por um broche de esmeraldas, e que um colar enfeitará seu pescoço/ Você tem luvas longas negras de cetim, não tem?

- Claro, estão em algum lugar. Mas esse xale não está meio sem brilho? ; Eu sorri, vendo que não escaparia:

Deixe que eu borde uns cristais neles, em pontos selecionados, e vamos rezar para amanhã fazer sol; colocamos tudo debaixo da luz e assim acabamos com esse cheiro! Vai ficar maravilhosa, Adele! Esse tom de vinho fará seus olhos brilharem!

Ela me olhou curiosa:

- Agora vejo por que Cristine, a trata como uma irmã. Vale mesmo ouro, embora pareça uma moura. Tem certeza de que não vou fazer feio?

Pisquei para ela:

- Absoluta.

De repente ela pareceu simpatizar comigo, e me disse:

- Sente-se aqui. Já que a doce Cristine me acolheu com sua bondade, C gosta tanto de você, sinto que seremos boas amigas. Acabo de chegar e não quero chatear minha irmã, se importa se lhe fizer algumas perguntas? Vejo que em Paris os costumes são muito diferentes do interior onde gftfeprava.

Olhei para ela, curiosa. Na realidade, o meio onde madame transitava é que era diferente da burguesia, mais liberal, mas respondi prontamente: Claro, senhora Adele. No que puder auxiliar.

Ela fez um ar de enfado:

- Ora, vamos, você está sendo tão gentil e atenciosa, pode me chamar de Adele, esqueça o "senhora", Cristine e René realmente não são mais amantes?

E um rapaz tão bonito! Tem certeza de que ela não o quer mais?

- Sua irmã sempre é sincera, Adele. Quando diz que não se interessa por ele, é a pura verdade.

- Ela chegou a frequentar a corte?

Lembrei-me de meu adorado Gastón e seus cuidados com ela:

- Como notou, sua irmã é muito bela, e a corte é um lugar de muitas intrigas e jogos de poder. O conde é rico o suficiente para não precisar bajular o rei, e vai à corte apenas quando solicitado, mantendo com sua majestade uma relação cortês. Sua irmã foi ao palácio uma ou duas vezes, mas atraiu olhares demais, o que fez com que Gastón, que já não gostava daquele ambiente, o frequentasse cada vez menos.

- Então o conde era ciumento? Conte-me um pouco sobre ele, só o conheço de fama e me disseram ser muito rico.

Respirei fundo. Era difícil ser discreta com aquela criatura:

- O conde é um cavalheiro de família muito antiga. Casou-se, como todos em sua linhagem, por conveniência, e é apaixonado por sua irmã até hoje. É educado, generoso, liberal, honesto em seus negócios, e de certa forma muito apegado às suas tradições.

Ela não se continha:

- Que idade ele tem hoje, Edite?

- Acredito que pouco mais de cinquenta anos.

- E é muito feio?

- Gastón, feio? Não tem os traços belos como os de René, é verdade. Se o olhasse num retrato acharia que é um homem elegante, esbelto. Tem altura mediana, mãos elegantes e bem tratadas. Veste-se com discrição, detesta as perucas em moda e jamais se maquiaria como fazem alguns homens da corte. Tem bastos cabelos grisalhos, não precisa de adereços. Fazia um belo par com sua irmã, provocavam inveja em muita gente.

Ela me ouvia extasiada, e não pôde conter outra pergunta:

- Se era assim tão bom, por que Cristine o dispensou? Traiu-o com René?

Me senti ofendida por madame, que sempre foi honesta:

- De forma alguma. Sua mãe a educou bem. Embora seja cortesã, Cristine jamais trairia o conde. René veio quando já estavam separados, embora o conde tivesse suas esperanças.

Ela calou-se, como que para pensar nas informações recebidas. Exausta, eu aproveitei:

- Amanhã, na estreia de madame, você o conhecerá. Agora devo deixá-la repousar, pois o dia será longo, e você precisa estar com a pele linda!

- É verdade... ela me disse.
E escapei para o meu quarto o mais rápido que pude. Como pode uma pessoa juntar tanta tralha, pensei eu... E o cheiro! Seria preciso um colar bem grande (cópia, é claro) para disfarçar as rugas daquele pescoço. Era um truque usado por mulheres de certa idade na França, e que costumava funcionar. Fiquei feliz por madame estar dormindo, mas pensei na conversa de Adele com René e fiquei preocupada. Os dois tinham muitos pontos em comum: eram preguiçosos, não muito inteligentes, tinham boa aparência e a usavam para conseguir o que queriam, eram manipuladores, e adoravam dinheiro, embora não soubessem ganhá-lo. Não eram boas características. E não era bom para Cristine, que apesar da aparência de "mulher do mundo" era inocente e boa, ter duas pessoas dessa natureza dentro de casa. René sairia depois do último espetáculo, mas aquela Adele estava com jeito de hóspede permanente...

Ao menos tinha desviado os olhos de Clemente, para alívio de Paulette. Aliás, tolice dela, pois nunca vira um homem mais fiel: o cocheiro sequer erguia o olhar para outras moças na rua. Amava mesmo a sua cozinheira. Mas precisava dizer isso a ela qualquer hora...

Ri ao me lembrar do rosto de Clemente ao perceber o "charme" de Adele dirigido a ele. Pudesse, teria saído correndo. Toda vez que olhava aquela senhora franzia o nariz por cima do bigodão negro, como se ela o incomodasse. Antipatia natural? Vão-se explicar essas coisas... O fato é que, dali em diante, quando ela estava num cômodo da casa, ele prontamente se retirava para outro.

No dia seguinte felizmente fazia sol e eu coloquei as peças de Adele num varal para ver se o cheiro desagradável desaparecia, e dei com ele alimentando os cavalos. Aproximei-me por trás para brincar com ele, e falei com uma voz fina e esganiçada, imitando Adele:

- O que está dando para esses bichos, Clemente? Ambrosia?

Falei bem junto ao seu pescoço, com uma voz aguda e alta. Ele deu um pulo de lado, muito engraçado, soltando a alfafa que tinha nas mãos por cima da cabeça e dos ombros. Empalideceu tão rápido que não pude conter a risada:

- Valha-me Deus, senhorita Edite! Achei que fosse a bruxa!

- Bruxa? A quem se refere? Acaso temos bruxas nessa casa?

Limpendo-se da alfafa que tinha caído em suas roupas, principalmente

em seu colarinho, ele me respondeu meio sem jeito.

- Ora, a senhora sabe perfeitamente que sou português. Se tem uma coisa que minha mãe me ensinou a reconhecer, é uma mulher má. Tenho visto uma ou outra entrando por aqui, mas coisa pequena. Mas aquela irmã de madame! Fica só aqui entre nós, e Paulette, é coisa ruim mesmo! Bruxa das mais bravas! Minha mãe era cigana, tenho um pouco da "visão". E aquela lá não é boa coisa!

Franzi a testa. O luso não falava mal de ninguém, por isso estranhei. Eu não gostara da irmã de madame, mas como era da família dela, e como eu não sabia como eram laços de sangue, por nunca os ter tido, dava um crédito à parenta.

- Ora, Clemente, sendo irmã de madame e de Cozette, não pode ser tão má pessoa. E afetada e fraca, apenas isso.

Ele resmungou algo em português que eu não entendi, mas que me pareceu com: "Vá acreditando!". E me respondeu em nossa língua:

I Pois não conhece a história de Caim e Abel? Eram irmãos, não eram?

Ela que pensasse em fazer mal a Cristine!, pensei eu. Já bastava René, com seus acessos e seus vícios. Madame não precisava de mais problemas! Um tanto preocupada, fui à cozinha e dei com Paulette ocupada com suas massas e o almoço. Ela estranhou meu horário:

- Que foi Edite? Perdeu a hora? Já passa das dez, você está aqui sempre antes das oito. Não está doente, está?

Sorri da preocupação de minha amiga:

- Sou forte como um cavalo, apesar de magrinha, e você sabe disso. E que depois de "fazer sala" a Adele e René, tive que ajudá-la com os baús.

Ela se sentou:

- Aqueles imensos, que Clemente quase quebrou a espinha levando escada acima? E o que tinha dentro deles? Joias e vestidos bonitos como os de madame?

- Joias falsas, e desgastadas, de qualidade muito inferior. Vestidos apelativos, que devem ter sido moda há uns quinze anos. De tecidos bons, só alguns, mas de corte duvidoso. Dezenas de vidros de perfumes baratos e vazios. Sapatos surrados... E o pior não é isso, é o cheiro. As roupas parecem ter sido guardadas sujas, o que piorou com o tempo e o mofo. Não sei porque as pessoas juntam tanta tralha ou são tão descuidadas com as coisas que têm. Aliás, Paulette, devo lhe dizer uma coisa que não sei por que não disse antes.

Admirada das coisas que eu lhe contava, ela me perguntou:

- O quê, minha amiga?

Suspirei fundo e sorri para ela, colocando minha mão sobre a dela e a olhando nos olhos, irmãs de alma que éramos:

- Não se preocupe com a fidelidade do amor de Clemente. Viajamos juntos, lembra-se? E eu nunca o vi olhar para outra moça. Quando falava de você, os olhos brilhavam mais do que as palavras. E depois, com essa Adele, não há mesmo nenhum perigo.

A menção do nome da irmã de madame, ela franziu o cenho:

- E acha que dá para confiar naquela lá, com qualquer homem que seja? Clemente é bem bonito!

Levantei-me, pois ouvi Cristine na sala.

- Pode ser, mas ele tem horror a bruxas.

E saí, que madame podia estar precisando de mim.

XX BANHOS

AO ENTRAR NA sala encontrei madame fazendo seus exercícios, frente a amplo espelho de cristal, numa túnica larga que possibilitava seus movimentos. Não cansava de me deslumbrar com a elasticidade dela. As vezes me lembrava uma garça, tal a tensão que aplicava aos músculos para alongar-se. Ao me ver observando-a, não parou os movimentos elevando, a perna esquerda altura de uma mesa e apoiando-se nela, mantendo as duas pernas muito esticadas:

- Olá, dorminhoca! Acho que é a primeira vez que acordo antes de você. Adele e René conversaram muito, foi?

Falava de bom humor, rindo e passando de um exercício para o outro numa rapidez impressionante.

- Bastante. Sua irmã ficou impressionada com a beleza e a educação dele.,.

- Ele engana bem mesmo. Mas acho que se eu não estivesse tão magoada com Gastón e com tantas dores, não teria dado atenção a René. A mágoa, com o desespero, nos faz tomar atitudes estranhas. Em outros tempos, ele não teria a menor chance comigo. Ela notou a cicatriz ou a falta dos dentes?

- Não comentou, madame. Verdade que a luz de velas ajuda, mas René sabe disfarçar bem; e depois, Adele falou bem mais do que ouviu.

Outra risada, outro movimento de exercício:

- Não duvido disso. Conversaram muito tempo? Devem tê-la cansado.

- Devem ter ficado falando umas duas horas, mais ou menos, madame. Depois René foi atrás de seus negócios. Foi uma conversa interessante, aprendi mais um pouco sobre a natureza humana.

Ela parou um pouco e tomou uma taça de água, enxugando a fronte:

- Incrível como você às vezes me lembra Gastón. Ele sempre tinha um comentário inteligente sobre as coisas mais prosaicas. Não importava o quanto comum fosse o assunto, ele sempre via o lado filosófico da coisa.

Calei-me lembrando do meu querido amigo, que tantas saudades sentia daquela casa e daquela mulher tão linda quanto especial. Ela continuou:

- Sabe que sinto falta dele, às vezes? Gente inteligente e de bom gosto é artigo raro.

Um fio de esperança me passou como uma sensação.

- Quem sabe, madame, agora que rompeu com René, não possam ser pelo menos amigos. Acredito que o conde compreendeu a extensão de seu pecado, e nas vezes em que o encontrei casualmente ele sempre me perguntou de madame.

Ela me olhou, sentando-se numa cadeira:

- Tem se encontrado em segredo com Gastón, Edite?

Eu falara demais, Cristine não era tola. Resolvi contar uma meia-verdade:

- Não, madame. Mas em frente ao cabaré, uma vez que fui levar suas coisas com Clemente, ele me abordou, querendo notícias suas, de sua saúde e do senhor René.

Ela aguardava em silêncio que eu concluísse:

I Ele estava tão abatido, madame! Acho que o castigo para o crime de Gastón vem de Deus, mas ele com certeza entendeu a gravidade do que fez, e o remorso o corroi. A verdade é que durante os anos em que vivemos com ele, nunca, além daquele dia desditoso, o vimos ser mau com alguém. Ao contrário: a quantas pessoas Gastón ajudou ou foi generoso?

Vi uma lágrima surgir nos olhos dela:

- E não é estranho que justo comigo tenha feito sua maior crueldade?

Lágrimas vieram aos meus olhos também, pois eu mesma tinha criado ódio dele por um tempo, mas respondi:

- Lembro-me de quando estávamos no Marrocos e uma velha senhora nos contou, traduzida por Gastón, a lenda do Djim, que é como eles chamam

os maus espíritos por lá. O conde, naquele dia fatídico (sem querer desculpá-lo), parecia realmente possuído por um espírito mau. Nunca vi um casal mais invejado que vocês. Há coisas nesse mundo além de nossa compreensão. Ele não deseja o seu mal, Cristine, e apesar do assédio constante de outras mulheres, não consegue ficar com nenhuma delas. Deixe-o ao menos ser seu amigo.

Ela pareceu ponderar o que eu dizia. Francesas são práticas, mas não destituídas de intuição.

- Ele sabe que terminei com René?

- Sabe que não minto, madame. Gastón estava preocupado, pois o vício e a violência do rapaz andam ganhando fama.

Ela deu de ombros:

- Bobagem. Ele não faria nada comigo. Não mataria sua "galinha dos ovos de ouro".

Uma pessoa com juízo não faria tal coisa, mas o rapaz se perdia com o uso do ópio. Parecia que uma voz fazia se ouvir nos meus ouvidos, dizendo: "Traga Gastón de volta a esta casa", e eu dei ouvidos a ela:

- Acho, madame, que o conde poderia alojar René em outro lugar enquanto a senhora paga a dívida com os credores.

Ela olhou ao longe e depois fixou os olhos esverdeados em mim:

-Tem razão, Edite. Peça a Clemente que vá ao escritório de Gastón e o convide para minha estreia hoje. Vou lhe mandar um bilhete deixando claro que o convido como "uma velha amiga". Nunca dancei em público sem ele por perto.

- Ele iria de qualquer forma, madame. Mas ficará feliz com o bilhete.

E fui chamar Clemente, que petiscava um pernil na cozinha, flertando com Paulette na maior camaradagem. Ao saber da novidade, a cozinheira disse:

- Arrume-se logo, Clemente! Finalmente uma boa notícia!

Passei a tarde bordando cristais no tule cortado do vestido de Adele, que levantou às duas. Não tinha visto a hora que René chegara, mas continuava a sono solto, e ainda não tinha incomodado. Cozette chegou às quatro trazendo o traje de Cristine, bordado com fios de ouro e cristais, em sedas de diversas cores. A coreografia seria uma surpresa inclusive para mim, mas vi a satisfação estampada na expressão da costureira:

- Nunca, em toda minha vida, vi um traje tão rico e exótico. Ela fez questão de ter liberdade de movimentos e fluidez, não sabe o trabalho que

deu! Mas é minha obra-prima. A rainha daria um de seus colares para ter um desses!

Larguei o tule e levei Cozette ao quarto, contando a novidade do convite de Cristine ao conde. O que ela respondeu me surpreendeu, já que nunca tinha sido simpática a Gastón:

- Quem sabe eles não voltam, hein? Pelo menos esse René ia embora!

A lógica de Cozette era a do bem: entre Gastón e René não havia a menor

dúvida. Deixamos o traje no quarto de Cristine e a encontramos no quarto de Adele, pedindo delicadamente licença à irmã, pois era o dia de um de seus banhos, que levava ao menos duas horas. De início, Adele fez cara de incomodada, mas lembrando-se de quem era dona da casa, respondeu:

- Claro, Cristine. Longe de mim atrapalhar sua rotina. Depois posso tomar um também?

Imaginei o pobre Clemente a esvaziar a pequena banheira e carregar escada acima mais água quente em baldes de madeira. Cristine não queria ser mal-educada:

- Claro, Adele. Creio que lhe fará bem. Trouxe seus sais de banho, é claro...

Não havia sais de banho naqueles baús de cheiro ruim, mas ela não perdeu a pose:

- Não uso esses sais, irmã. Confio mais num bom sabão. Pode me arrumar um, Edite? Mais tarde vou precisar de um pouco de perfume. Acredita que os meus se quebraram?

Os perfumes de Cristine eram caríssimos e feitos exclusivamente para ela, assim como seus óleos árabes (tinha um ciúme danado deles). Ela se lembrou de um perfume que ganhara de um perfumista iniciante; cheirava a rosas e flor de laranjeiras, e ela aceitara por educação, mas nunca usava.

- Pena que se quebraram, mas tenho um aqui, de um perfumista que tem feito relativo sucesso.

E foi buscar o frasco, de tamanho médio, cor de rosa, com uma tampa chamativa e dourada. Acertou em cheio, Adele adorou:

- Que exótico. Cheira a rosas! Tem certeza de que posso ficar com ele? Deve ser caríssimo!

De fato, era bem mais caro do que os vidros vazios que ela tivera outrora.

- Claro. Prefiro os orientais.

Feliz da vida, Adele saiu do quarto, borrifando-se com certo exagero, deixando a casa toda cheirando a rosas. Cozette logo chamou sua atenção:

- Não é uma colônia, Adele. É um *parfum*¹⁵ \ Usam-se apenas algumas gotas! Vai incomodar todo mundo se o usar assim!

Ela espantou-se:

- Jura? Acha que alguém se incomodaria com um cheiro tão bom?

Sorri da diferença gritante entre as duas irmãs. Uma naturalmente *chic*, a outra com tanto mau gosto. Quanto a mim, que só usava as minhas discretas lavandas, estava feliz assim. Dei uma busca rápida nas joias falsas de madame que tinham sobrado do "assalto" de René e consegui salvar um lindo pingente de esmeralda falsa, cercado de brilhantes de vidro, mas de boa aparência. Com brincos do mesmo conjunto, fariam bom par coça a roupa de Adele. Insegura, mostrei a Cozette o vestido vinho e o tule bordado. Ela pôs as mãos nas cadeiras analisando com olhar crítico, e depois olhou as outras roupas espalhadas pelas cadeiras e baús do quarto, enquanto Clemente enchia a banheira.

- Minha nossa! disse ela. Quanto mau gosto! Tanto dinheiro gasto em quinquilharia! Ela disse que o marido era sovina? Pois mentiu!

- Cozette, semelhantes trajes, alguns até bem antigos, não são tão caros! Veja, sequer as rendas são boas!

Ela ajeitou os cachos no alto da cabeça, e a sacudiu violentamente:

- Você não foi criada no interior como nós, Edite. Essas coisas são baratas em Paris, onde são fabricadas, mas lá chegam bem mais caras! A confecção de um bom vestido lá é rara, principalmente quando a cliente é exigente e pede que o alteremos toda hora. A verdade é que os vestidos acabam ficando assim: vulgares, sem forma, e, é claro, mais caros.

Ela continuou mexendo sem dó no conteúdo dos baús:

- Minha mãe, que era mulher de um sitiante abastado, fazia no máximo um ou dois vestidos por ano. A maior parte desses vestidos é de quando ela era bem mais magra, logo, jovem. Se ele lhe dava dinheiro, para tanto, como nunca pensou em ajudar a mãe e as irmãs, que passaram tanta penúria no início? Apenas um desses vestidos ordinários nos pagaria o aluguel por alguns meses, e minha mãe não teria se exaurido nas costuras, nem Cristine seria levada a trabalhar tão cedo. Como se descobre cpisas observando o baú das pessoas!

Observei que aquilo lhe trazia mágoa e me questionei se tinha feito bem em lhe mostrar o traje que arrumei para Adele.

- Na verdade não esperava outra coisa dela, não sei porque me assusto! Desde criança era egoísta e dissimulada. Deve ter ganhado joias também, afinal, o que não falta são pérolas falsas, de vidro vagabundo. Quem sabe o que não fez com as verdadeiras. Tinha paixão por ostentação. E olhe esses vidros de perfume vazios: lá um vidro desses, que por aqui a pequena burguesia faz esforço para comprar, vale o mesmo que uma ovelha. Ela saqueou o velho sem pena! E tudo para juntar dois baús de tralhasí ,

- Clemente tudo ouvia e ia despejando a água de Cristine. Testei a temperatura da água, e despejei os sais de banho de madame, que espantaram logo o cheiro das roupas velhas de Adele do quarto. Cozette continuou:

- E ainda por cima relaxada! Custava lavar as roupas antes de guardá-las? Boa parte dos tecidos se perderam! Deixe ver de novo o que você conseguiu salvar.

Mostrei o vestido sem detalhe; na verdade fora o forro largo de um dos vestidos de festa da mãe de Cozette. Vi lágrimas nos olhos dela:

Era de minha mãe. Bom cetim, muito parecido com seda, não é mesmo? Minha mãe detestava qualquer coisa que deixasse o corpo â mostra. Lembrava fisicamente Adele, sabe? Cristine, eu e Ernestine puxamos a meu pai, que era louro, com os olhos verdes. A minha avó materna, que eu não conheci, era austríaca. Por isso saímos tão claras. Tem razão, o corte sem alteração o salva, e se parece com os vestidos que algumas usam hoje. • tule é para disfarçar o decote?

Sim, madame.

Ela riu, observou o bordado que eu tinha feito às pressas no tule : e medisse:

isSe um dia Cristine enlouquecer e não quiser você por perto, venha trabalhar comigo. Aquela víbora não merece tanto luxo, mas não quero uma Besançon malvestida. Coloque algo no pescoço dela para tapar aquela flacidez esas rugas..

- Achei que um colar falso de esmeraldas ficaria bem.

— Ótimo. Nada de joias verdadeiras ali, hein? Se continuar a mesma, ela tem a mania de não devolver nada que pede emprestado, ilr.Pode confiar, madame.

Clemente trouxe o. último balde de água, arejei o ambiente, tapei as roupas de Adele com umas colchas perfumadas e chamei Cristine para seu banho. Adele estava na cozinha, almoçando lautamente, apesar do horário, sob o olhar vigilante de Paulette. Sem mais, ela perguntou: Não seria bom levar

algo ao senhor René? Ele deve estar faminto. Paulette respondeu rápido:

- Querendo, a senhora pode tentar. Mas ele fica furioso quando o acordamos.
- Ela calou-se, concentrando-se no pernil, que estava apetitoso. Ao vê-la, Cozette chamou a cozinheira para um canto, assim como a mim:
- Como devem saber, banheira é um objeto muito pessoal, e eu não quero Cristine com o cheiro dessa aí. Assim que ela terminar seu banho, esfreguem tudo com muito sabão e passem álcool sem economia. Ouviu Edite?

- Sim, senhora Cozette. Fique tranquila.

- Outra coisa: ela nunca foi de banhos, deve ter meses que não toma um. Nada de sabonetes caros para ela. Paulette, dê um desses de cozinha, ou ela pode pegar gosto e o trabalho de vocês triplicará. E quanto à água do banho, sei que a de Cristine é quente, mas a dela deve ser quase fria, para que ela não goste muito da banheira. Edite, diga que é a última moda para firmar a pele. Adele sempre foi uma gata preguiçosa, detesta água fria, duvido muito que incomodará de novo.

Vi a aprovação no rosto de Paulette. Depois das duas horas de banho de madame, procedi como Cozette dissera, enchendo a banheira de água mais para fria, e Adele entrou num roupão como se fosse uma duquesa:

Ah! Nada como um banho para revitalizar a pele. Não que precise, que minha pele é um pêssego, mas um pouco de sabão não irá gastá-la.

Eu estava discretamente ao lado da banheira, com um balde de água fria como a do riacho no outono.

- E verdade, Adele. Más, notou a pele de sua irmã? Para isso ela usa um truque de beleza.

- E, mesmo? E qual?

Me fiz de solícita, pois antipatizava mesmo com ela e não a queria dando trabalho a Clemente e abusando de madame:

- Para preservar a beleza, é preciso sacrifício. A água está boa?
- Um tanto fria. Mas não pretendo ficar muito tempo.

Aproximei-me com o balde de madeira cheio, não conseguia esquecer da maldade dela com a mãe e as irmãs:

- A rainha descobriu uma nova técnica para remoçar. Afinal, ter que competir com Pompadour¹⁶ não é fácil. Faz isso sempre nos seus banhos. Está terminando?

A água da banheira já estava ficando gelada, e ela respondeu:

- Estou. Não sei como Cristine passa horas aqui. Está ficando gelado.
- Pois levante-se, madame, que terminarei o tratamento. Um último

balde de água para tirar o excesso de sabão que realmente estava demais -, e fortalecer seus músculos e pele.

- Achando, é claro, que a água estava morna> ela disse: r Pois pode enxaguar.

Quem sabe não lhe lavasse um pouco da alma? E joguei o conteúdo do balde inteiro de água gelada de uma só vez. O berro que ela deu acordou até téné, e eu corri a ajudada com as toalhas para que não se resfriasse, o que felizmente não aconteceu. Ela saiu dando pulos da banheira, agarrada às toalhas:

Êfcà/Çristine faz isso? Pois é doida! Nunca mais entro nessa banheira! pinhas toalhas fazem muito bem esse serviço!

Kàcalmei-a e a ajudei a se vestir, depois desinfetei a banheira conforme pozette orientara. Pedi perdão a Deus, mas nunca me senti tão alegre de fazer uma traquinagem. Após isso corri a ajudar madame, que já estava um tanto nervosa com a apresentação. Entrei em seu quarto e dei com ela [kpertando a frente pela dor de cabeça. Ungi minhas mãos com seu óleo preferido e lhe massageei o pescoço fino. Ela suspirou:

Tomei uma pílula para a dor e outra para me manter desperta. Estou feliz em dançar de novo. Acha que terá muito público?

Lembrei-me do imenso cartaz com a figura dela e as pessoas que se juntavam na frente dele comentando sua beleza.

- Não se preocupe com isso, madame. Serão dez danças, não é? Depois poderemos levar a vida que escolher. Mas pode esperar casa cheia. A senhora é uma artista incomum, madame. As vezes penso que nem precisava ser tão bela. Já não disseram que quando dança parece que nos transporta a um lugar mágico, que podia ser o Oriente que conhecemos, mas é bem melhor? E é verdade.

E O comentário era de Gastón. Olhamos as duas juntas para o retrato dela vestida de Sherazade. Vi lágrimas nos olhos de minha amiga, e Acha que Gastón podia mesmo estar influenciado por um "espírito mau" quando me fez aquela atrocidade?

Eu não frequentava igrejas. Quando pequena era pobre demais para isso, e depois, servindo uma cortesã, não seria barrada, mas me sentia incomodada com os olhares curiosos. Apesar disso, fazia minhas orações ao senhor Jesus com um fervor que era meu mesmo. Um grande amigo do conde nos passou os ensinamentos do mestre de uma forma que não podia ser esquecida. E se mesmo o senhor Jesus lutou contra o demônio, que seria de nós, pobres

mortais? Respondi a ela com sinceridade:

Não posso lhe dizer isso com certeza, *ma chere amie*. Esperávamos que ficasse zangado, lembra-se? Mas não daquela forma. Aquele olhar definitivamente não parecia ser o dele.

Comecei a pentear os longos cabelos dela como fazia todos os dias. Os cachos caíam, louros, algumas mechas tão claras que pareciam platinadas, pelo meio das costas.

XXI CLARA FALA SOBRE OBSESSORES E O UMBRAL

(Narrativa de Ariel)

AS PESSOAS NA grande sala já estavam curiosas para ver o número de dança de Cristine, mas senti o olhar de Serafim sobre mim e seu pensamento chegou como um raio: "Talvez seja hora de conversarmos com as pessoas sobre a influência dos obsessores nos encarnados. Chame Clara, precisarei dos dois".

Edite sentou-se, um pouco cansada da narrativa e de mostrar algumas imagens. Esthefânia ofereceu-lhe um copo de água ou algum alimento, pois o dia quase que chegava ao fim. Era bom ver o interesse das pessoas em sua narrativa, fluente, e em alguns pontos engraçada. Era uma contadora de histórias nata.

- E bem mais fácil quando é a sua própria história, Esthefânia respondeu ela à minha esposa. Quem sabe um dia não conta a sua?

Esthefânia enrubesceu como criança nova:

- Nem pensar. Não tenho esse seu dom nem vivi coisas parecidas...

Edite sorriu para ela, bondosa e perspicaz:

- Será? Eu também, naquela encarnação, fui só uma governanta de uma cortêsã...

Pensei que seria realmente um milagre se Edite conseguisse fazer com que Esthefânia falasse em público, até que me lembrei de como tivemos também que dissuadi-la para que o fizesse. Lembrando do pedido de Serafim, busquei Clara com os olhos na audiência e a encontrei ao lado de Nana e Olívia, que já me olhava com seus olhinhos de gato:

- Já vou levá-la até aí, Ariel.

E assim fez, trazendo Clara pelo braço, acompanhada por Nana, que

tinha o cenho cerrado de curiosidade: que poderiam estar querendo com a sua eterna menina?

Para quem não as conhece, minha amiga Clara desencarnou de forma rápida e indolor num desastre de automóvel no início dos anos 1930, Coração puro, foi logo acolhida na Colônia e, por saudades da filha que deixou na Terra em tenra idade, assim que se restabeleceu começou a trabalhar aqui com crianças. É de pequena estatura, cabelos castanhos longos e lisos, aparenta vinte e poucos anos, embora tenha desencarnado um pouco mais tarde; tem olhos grandes, sobrancelhas mais grossas que o habitual das mulheres, nariz afilado e boca pequena e bem desenhada. E magra de constituição, e Nana foi sua babá e fiel companheira do seu nascimento até a sua desencarnação, criando a filha de Clara, Júlia, até que ela mesma. Nana, desencarnou uns quinze anos depois de "sua menina".

Clara é companheira de Marcos, atualmente reencarnado na Terra, e aguarda seu retorno com paciência, mesmo porque ele não deve demorar. Na Terra, muitas vezes quando morre um jovem há imensa tristeza e incompreensão, mas o verdadeiro lar é aqui: quisera eu que a família que hoje acolhe o nosso Marcos soubesse quantos aguardam o seu retorno ao plano espiritual. As saudades de Clara que o digam.

Essa moça, que durante a vida terrena e mesmo aqui só fez o bem, depois de poucos anos de trabalho com as crianças, dedicou-se a resgatar do umbral almas em sofrimento, para reestabelecerem-se na nossa Colônia junto comigo. Espantei-me no início, pois o trabalho é difícil, o ambiente do umbral é "carregado" de energias negativas, e realmente provocaria medo em uma moça de aparência tão frágil, mas que companheira tem sido!

É bom explicar que não vamos ao umbral sozinhos. Isso não é considerado adequado nem seguro, logo, ela tem sido o meu par constante. Amiga de minha mulher, quando esta lhe perguntou se não tinha medo de ir para essas paragens, ela respondeu: "É meu trabalho, Esthefânia. E depois, seu marido é um bom companheiro.

- Minha mulher, sabendo de alguns casos feios que eu contava, ainda assim insistiu:

- Ariel é uma alma boa, mas são tantas entidades negativas! Não tem medo? Eu mesma me preocupo muito quando ele sai.

- Não é preciso ter medo, querida amiga, quando se tem fé.

Depois disso, Esthefânia tranquilizou-se quanto a meu trabalho, e embora as duplas quase sempre sejam mantidas, toda vez que saio ela me

pergunta:

- Vai com Clara?

Se respondo que sim, ela assente com a cabeça, mais tranquila, e me diz: "Então está bem". Beija-me a fronte e sai satisfeita. De início fiquei meio ofendido que ela pensasse que um homem do meu tamanho precisasse da proteção de uma mulher "tão frágil" como aquela. Mas depois tive que rir de mim mesmo. A fé de Clara a tomava maior que qualquer escudo.

- Chegando até mim, Clara perguntou, com os seus olhos castanhos um tanto preocupados:

— Que foi? Alguma missão de urgência?

— Não tranquilizei-a. Serafim deseja que fique por perto, parece que vai precisar de nós.

Captando como sempre os pensamentos da plateia presente, Serafim levantou-se:

- Quando Edite citou o comportamento violento do conde, sempre tão gentil e amoroso com Cristine, disse também que poderia ter sido influenciado espiritualmente. Notei que muitos dos irmãos que nos assistem têm dúvidas á respeito da obsessão que os "mortos" podem exercer sobre os que ainda estão encarnados sobre a Terra.

Um senhor de aparência nobre, cabelos grisalhos, olhos verdes, claros como o mar, levantou a mão e pediu a palavra:

- Irmão, acho o assunto importante. Na Terra fui religioso e testemunha do que alguns desses demônios podem causar aos vivos. Famílias foram destroçadas, assassinatos cometidos... Lutei com muitos deles* às vezes com sucesso, outras, sem resultado. Sempre disse aos meus fieis que o bom Deus coloca esses demônios em nosso caminho para testar a nóséa nossa fé, mas desde minha morte tenho visto tanta coisa nova, que gostaria de saber sua opinião, já que vejo que também é um religioso.

De Serafim emanava uma clara luz cor de prata. Ele olhou o homem com seus olhos amorosos e profundos:

- Irmão Hermann, é bom tê-lo conosco. Durante a vida foi um luterano fervoroso e um estudioso das doutrinas cristãs. Viveu boa parte de sua vida em Santa Catarina, não foi?

Feliz de ser reconhecido, mas curioso, o irmão Hermann, simpático, respondeu:

- Sim, senhor. Mas como sabe?

Serafim sorriu para ele prazenteiramente:

— Ora, irmão... O que não se sabe nesta Colônia? Desencarnou em 1850* vítima de uma febre de malária, não foi?

- Nem me fale! Doença horrorosa! Fui para a vila ajudar e acabei vítima também. Mas não me queixo. Deus foi bom comigo, logo fui acolhido por mãos cariciosas, que cuidaram de mim, e por muito tempo supus estar vivo, sabe? Só depois de um bom tempo me dei conta de que não erâ um hospital terreno. As dores cessaram logo, a febre cedeu, e desde eritão tenho estado aqui na Colônia, na vida que sempre gostei, trabalhando muito e estudando nas horas vagas. Me espantei com o mundo espiritual, fazia ideia diferente: mas sabe que é muito melhor do que o mundo que eu pregava em meus sermões? Nada de harpas, nem anjos com asas* nem julgamentos eternos...

Serafim riu, como boa parte da audiência, da sinceridade do pastor: E aqui, tem trabalhado onde? Corado de emoção, ele contou:

— No mesmo hospital que me acolheu. Fiz muitos amigos por lá e os que chegam trazidos da Terra precisam, além de passes, de palavras amigas e de conforto. Aprendi com o mestre Jesus a mágica da caridade, que torna os dias melhores, tanto de quem a pratica, como de quem a recebe, e aqui tenho sido muito mais feliz que na Terra. Ao menos não tenho que enfrentar os demônios que enfrentava, às vezes, perseguindo os meus fieis. & Serafim deu-lhe um sorriso misterioso, e depois disse:

— O irmão Hermann teve uma vida de caridade sobre a Terra. Foi um bom pastor e aqui todos respeitamos a fé alheia, por motivos que conhecemos bem. Desde que preguem a paz, o amor ao próximo e a caridade, tudo tem seu tempo e cada religião tem seu mérito. Mas temos aqui duas pessoas que convivem bastante, por conta de seu trabalho, com essas pobres almas ainda errantes que nosso irmão chama de demônios, e que habitam ora a superfície da Terra, ora o umbral, o qual muitos de nós conhecemos, e muitos temem.

O silêncio da audiência valia por mil palavras. Muitos ali já tinham conhecido ou estado no umbral. Alguns, como eu e Clara, tínhamos socorrido lá, outros temiam voltar para lá,

Alguns espíritos teimosos querem ficar na Terra, mesmo depois de conhecer a Colônia, pela saudade de seus entes queridos. Mas nunca vi nenhum espírito, depois que ascende à Colônia, querer ficar no umbral. Os vivos não fazem ideia da vastidão do umbral e de sua complexidade, Sendo franco, mesmo tendo ido lá incontáveis vezes, eu mesmo apenas suspeito. Mas uma coisa notei: almas com energias similares se atraem mesquinhos

atraem mesquinhos, homicidas atraem homicidas e, em alguns casos, pobres vítimas que eles mesmos fizeram e que se julgam cativas deles. A luxúria tem seus adeptos, assim como o materialismo. Enquanto na Terra as intenções se escondem, no mundo espiritual elas se tornam mais claras, e os iguais se juntam.

Existem ainda os culpados que se julgam sem perdão e assim decidem se perpetuar no mal, uma vez que se acham condenados pela eternidade.

Irmãos, eternidade é um tempo muito longo. Havendo arrependimento sincero, Deus dá inúmeras chances. Chegar até esses últimos não é fácil. E muitas vezes, há perigo.

Perguntaram-me uma vez como íamos ao resgate de almas, o que nos levava até lá. Existem irmãos abnegados que saem em patrulhas numerosas, que muitas vezes eu e Clara vemos quando em missão pelo umbral. Esses, como são em número elevado, levam um grande brilho quando passam por aquelas paragens, e muitas vezes conseguem resgatar vítimas de seus opressores, suicidas de boa índole, que se encontram em estado de dormência, entre outros. Essas patrulhas são abençoadas e causam alvoroço quando aparecem, pois os habitantes do local não gostam nada delas, pois muitas vezes perdem suas vítimas.

Clara e eu também causamos certo brilho no umbral, onde o campo energético é escuro e denso na maior parte das vezes (de se espantar mesmo é o brilho de Olívia, que mais parece um pequeno sol quando deseja), mas somos chamados em casos especiais: somos chamados pelas preces, ou dos vivos que se importam com o desencarnado, ou dos desencarnados* que ficam angustiados ao ver um ente querido preso em situação desesperadora. Ou ainda do próprio ser, que se lembra de Deus, e pede ajuda.

Impossível dimensionar a importância da prece verdadeira, feita em intenção do desvalido, e do benefício que ela traz, da energia que emana. Se o espírito não abrir seu coração, continuar querendo se punir, preso em sua mágoa, ou ainda desejando o mal alheio, nada podemos fazer. O livre-arbítrio é poderoso. Mas as preces feitas com o coração elevado costumam alcançar imenso êxito, e se não for conseguido o bem da primeira vez, não se deve abandonar o escolhido. A paciência é uma das maiores virtudes, e só o bom Deus conhece o valor do tempo.

Outra senhora, ao lado do irmão Hermann, muito simpática nos seus cinquenta anos, loura, e de aparência germânica, perguntou: Mas o conde estava sob a influência de maus espíritos?

Para minha surpresa, foi Edite quem respondeu:

Não de maus espíritos, mas de um espírito que buscava vingança incessantemente. Na época eu apenas desconfiava, pois não correspondia à índole de Gastón a brutalidade com que foi feito o aborto, mas depois, no plano espiritual, quando desencarnei, conheci William, meio-irmão do conde, filho de uma moça inglesa, morto por ele em situação de legítima defesa, e que obsidiou o conde em boa parte de sua vida. Influenciou também a parteira para que causasse a morte de Cristine, mas não era sua hora.

— Silêncio fez-se na audiência, ante a revelação. A senhora fez outra pergunta oportuna:

ierMas o conde não poderia ter tomado outra atitude? A culpa foi somente do'obsessor?

— Foi a vez de Serafim responder:

— Muitas vezes, entre o obsessor e o afligido, corre um fino liame de pensamentos. Mas a "culpa", se assim deseja chamar, foi de ambos. Tivesse o conde um pouco de fé, ou se mantido longe de pensamentos obscuros, o obsessor não teria encontrado um canal. Mas quem, na Terra, amado planeta e ao mesmo tempo ambiente tão conturbado, não tem por vezes pensamentos negativos? Orai e vigiai, disse o senhor, mas por vezes é difícil escapar da energia que nos cerca. Gastón podia ter se rebelado às sjspnvenções que trazia consigo desde a infância e dito "não" às sugestões de William, assim mudando seu destino. Mas o orgulho e o preconceito do*eonde entraram em sintonia com o ódio do obsessor, formando uma cegueira irresistível, e deu-se a tragédia.

-Notei que o assunto interessava a muitos ali presentes, e que alguns lembravam-se de fatos de suas vidas anteriores. Foi quando Serafim tomou novamente a palavra, e chamou por Clara.

Clara tem como ocupação o resgate de almas no umbral. Com isso, acaba algumas vezes visitando o plano terrestre, O que pode nos dizer sobre os obsessores, Clara?

Notei-a com o rosto angustiado. Tanta coisa tinha presenciado desse tipo, que ela me perguntava com os olhos o que poderia dizer, e o que deveria ficar esquecido, mas Serafim logo lhe tirou essa dúvida:

- Não tenha receio. Pedi que falasse para que as pessoas que aqui estão tivessem uma "visão feminina", logo, mais suave, de ambiente tão carregado de sofrimento. Mas pode contar sem receios o que viu lá.

Ela respirou fundo, levantou-se e se apresentou:

- Trabalho no umbral já há algumas décadas. Tive uma vida curta, mas privilegiada, na Terra, cercada pelo carinho de amigos e parentes, nascida em família próspera, filha única e muito amada por meus pais, que sempre afastaram de mim, assim como depois meu marido, todo mal que podiam. Mas o triste território do umbral foi para mim o maior dos aprendizados sobre o sofrimento humano.

As pessoas pareciam duvidar que aquela moça tão meiga e de aparência tão frágil pudesse ter escolhido trabalho tão doloroso e difícil. Apta a ler os pensamentos dos presentes, ela respondeu:

- Foi escolha minha mesmo. Aqui, como se sabe, nada se impõe. E, se é um trabalho difícil, também é gratificante quando resgatamos alguém de um sofrimento que ele julgava eterno, quando ele percebe que pode contar com o amparo dos amigos da Colônia. Testemunhar o encontro, deles com parentes angustiados com sua sorte é uma bênção divina, que agradeço ao Senhor todos os dias, e é Ele que me fortalece nessa missão.

Ela olhou para algumas pessoas da plateia que tínhamos ajudado a resgatar, e sorriu para elas, que sorriram de vólta.

- Os obsessores citados pelo irmão Serafim caminham por lá livremente. Muitos dos espíritos nessa situação acabam andando em grupos, e não raras vezes vão à Terra, onde se sentem mais livres. Chamados de demônios por alguns, se Os encarnados pudessem vê-los e ao campo energético que emana de seu perispírito, realmente ficariam assustados. É preciso entender que a forma do espírito é muitas vezes mais maleável do que a da carne, e alguns desses espíritos, embora imbuídos de maus propósitos, são inteligentes e bastante ativos. Não notam que assim aumentam seu próprio sofrimento, carregando mais dívidas. Influenciam não só as almas à sua volta, mas também um grande número de vivos, aos quais estão ligados ou por vidas passadas, ou pela vida em curso ou ainda por afinidade de pensamento.

Ela olhou firme para as pessoas presentes:

Uma das obsessões mais comuns é a do vício terreno em drogas ou álcool. Não há mais corpo logo, a dependência deveria acabar com o fim do corpo físico, mas não é assim que acontece» A exemplo do pobre desencarnado que ainda sente as dores que causaram sua morte, essas pobres almas viciadas se aproximam de um encarnado que tem acesso físico a essas drogas e as suga dele. Com isso, muitas vezes incentivam o vivo a consumir cada vez mais, já que nunca se sentem satisfeitos. Se têm ligação afetiva ou laços com a

vítima? Às vezes sim, mas isso não é necessário: simples afinidade do vício pode ligá-los a ele. Festas muito movimentadas, bares, ambientes sociais das mais variadas classes às vezes têm um número de espíritos maior que o de vivos.

- Lembrei-me de algumas situações em que resgatamos almas no plano terreno, onde elãs se encontravam no momento. Nosso trabalho não se restringia apenas ao umbral, mas ao local onde o irmão (ou irmã) precisando de ajuda estivesse. Clara continuou seu testemunho com a voz calma e doce:

Livrá-los do vício é difícil, mas está longe de ser impossível. Na realidade, basta querer: temos aqui mesmo alguns irmãos que com a imposição das mãos livra o indivíduo da vontade, quando este realmente
O quer. Se a fé move montanhas, o que não faz com o coração humano?

E embora o perispírito venha carregado de fluidos negativos com a desencarnação, a dependência "física" desaparece, já que o corpo não mais existe. Todo sofrimento pode ser aplacado, desde que haja vontade, humildade e fé. Vícios adquiridos no corpo nos preocupam, e muitas vezes perseguem o perispírito, mas o que nos aflige mesmo são os vícios da alma. O vício do corpo, numa outra encarnação, com o esquecimento necessário um corpo livre de toxinas, se esvai, mas os maus sentimentos, esses skn, às vezes, persistem por séculos.

Havia um grande interesse na plateia. Pessoas de várias religiões se reuniam para ouvir os ensinamentos.

| Vi obsessores influenciarem pequenas e grandes ações maldosas na Terra, como a inveja, a calúnia, o desamparo de inocentes. Alguns riem muito quando atingem seus objetivos, e sinceramente causavam-me pena, pois assim se afastavam cada vez mais da felicidade verdadeira, causando dor em seus desafetos, ou em pessoas com as quais simplesmente antipatizavam. A verdade é que, se querem se livrar dos obsessores, o caminho é um só: lute contra os maus sentimentos, combata a própria inveja, o ciúme, a maldade. A exemplo das pessoas vivas, eles só ficam perto de pessoas que lhes dão ouvidos. Quando notam que a pessoa tem bons sentimentos e caridade verdadeira, eles acabam influenciados ou indo embora. A sabedoria das palavras do mestre está inclusive nisto: ame ao próximo como a si mesmo, ainda que seja seu inimigo; não prejudique ninguém, que sua vida será melhor e muito mais feliz. Apenas seguindo os passos do Cristo encontramos a paz e a felicidade.

Serafim sorriu para ela em aprovação. O irmão Hermann tinha uma

pergunta:

- Mas não devemos, irmão Serafim, tentar nos aproximar dessas almas que eu mesmo chamei de demônios para convertê-los ao cristianismo?

Serafim expressava simpatia por Hermann, mas sua resposta não me causou surpresa, depois de décadas trabalhando no umbral:

- Amado irmão, essas almas, assim como nós, têm seu poder de escolha. Algumas são bastante inteligentes e estão há séculos na escolha do mal, por gostarem muito dos "pequenos prazeres" que acabam por causar "grandes dores". Não pense que quando saímos em patrulha não tentamos lhes dar atenção, mas a acolhida não costuma ser boa. Mesmo os "anjos da guarda" se afastam, temporariamente, quando notam que seu protegido insiste em trilhar um mau caminho. Esses abnegados guias protetores esperam que seu protegido caia em si e finalmente fique acessível aos bons ensinamentos. O que acaba acontecendo com a maior parte desses espíritos é a bênção da reencarnação, onde o esquecimento de vidas passadas lhes permite recomeçar em novo corpo, livre de vícios, em ambiente mais adequado ao seu aprendizado espiritual. A verdade é que a maior parte deles só percebe que vai reencarnar quase no momento exato, embora sintam os efeitos da ligação com a carne já pelo tempo da gestação. A eles não é dada a escolha de família, já que escolheriam mal, nem o ambiente. Tudo isso é feito numa esfera superior à da Colônia.

O irmão Hermann pareceu estupefato.

- Reencarnam, então, sem escolha?

- O irmão daria escolha a uma criança que mal sabe o que faz e que insiste em atravessar uma rua e ser atropelada continuamente? Costumam reencarnar, cada qual em seu caso, para que progrida e consiga, com o tempo, deixar de se ferir e ferir ao próximo. Não é incomum inimigos reencarnarem na mesma família para assim, com laços de sangue e convivência, sanarem antigas dívidas. As vezes a animosidade permanece, mas ainda assim costuma ser sanada depois, no plano espiritual. Essa escolha não deve ser encarada como punição, mas como nova chance de amor e aprendizado. Guias protetores são indicados para essas novas crianças, que não tinham acesso a ele quando no umbral. A reencarnação terrestre é uma bênção difícil de ser medida. Só mesmo o amor infinito do Criador pode explicá-la.

O irmão Hermann ainda tinha algumas dúvidas:

- E nós, aqui da Colônia, teremos todos que voltar ao plano terrestre?

Era uma pergunta que interessava a muitos dali, já que muitos estavam há séculos na Colônia, outros reencarnavam logo, e ainda outros iam para outros planos, como Olívia e Serafim.

- "A casa de meu pai tem muitas moradas", disse o Cristo. E cada uma delas tem lugar para seus filhos. O espírito fica onde ele evolui mais rápido e pode auxiliar melhor. Mesmo sendo muito evoluído, pode voltar à Terra em missão, para ajudar outros a evoluírem, mas nem todos da Colônia voltarão à Terra. Alguns realizam trabalhos tão necessários que seria tolice realocá-los em outro lugar, outros atingem tamanho grau de desenvolvimento que podem realizar trabalhos mais complexos e vão para níveis superiores. Temos moradores aqui de longos séculos, ainda que a maior parte tenha que voltar à Terra para um ou outro aprendizado. Mas não há motivo para receio. Também a Terra evolui, e é hoje um lugar com leis mais justas do que era há trezentos anos. E da vontade de Deus a evolução dos planetas, assim como a evolução do pensamento humano. Para isso renascem os homens.

Ele olhou para Clara como se pedisse que ela retomasse a palavra:

- Na Terra, quando encarnada, eu muitas vezes olhava um bebê lindo e indefeso como uma página em branco, cuja educação o moldaria. Hoje sei que está ali um ser que pode ter uma sabedoria infinitamente maior que a minha, ou precisar de supervisão acirrada para que não se perca em maus caminhos como se perdeu antes. O bom Deus os faz com a aparência de inocência e candura e nos enternecemos com eles. Isso é sábio e necessário, pois ali está uma nova alma que caminha pela Terra com algum propósito pessoal de aprendizado, ou em missão, para acompanhar um ente querido, fazendo-lhe mais fácil a jornada, ou ainda ajudar ao próximo, conhecido ou não. Na casa da caridade não existem portas.

A mesma simpática senhora ao lado do irmão Hermann perguntou:

Mas, Clara, tive quatro filhos. Todos criados da mesma forma, dei a eles uma educação rígida, mas amorosa, cerquei-os de todo afeto, dei-lhes bons exemplos. Um deles, no entanto, o segundo menino, se perdeu. Enriqueceu na vida, é certo, pois era inteligente, embora um tanto preguiçoso; casou-se com uma moça rica. Mas como me decepcionou! Bebia socialmente, não era de jogatina, e diante de todos parecia mesmo exemplar pai de família, mas era mau. Desde criança notava nele a dissimulação, a crueldade com os pequenos animais. A mulher, depois da morte dele num desastre, me contou que apanhava em silêncio, que ele era violento com ela e com os filhos. Em seu enterro tão poucos foram... Com nenhum dos irmãos se dava, sempre

humilhando aquele que trabalhasse em emprego mais simples. Fora as amantes que descobrimos! Depois de sua morte as coisas me foram sendo reveladas e eu sofri muito, pois senti que falhei no meu papel de mãe. Talvez se tivesse sido mais rígida...

Foi Serafim quem respondeu, consolando a meiga senhora:

- Por que pensar assim, dona Brígida? Não o cercou de afeto e atenção nos seus primeiros anos? Não lhe deu exemplos de honestidade, paciência e carinho? Conheço sua história e fico feliz de falar consigo. Acaso acha que as mães possuem um poder maior que o de Deus, podendo moldar o filho da forma que desejam? E caso conseguissem, o que esse espírito teria aprendido, se lhe fosse negado o direito de escolha?

Dona Brígida olhou para ele com os olhos marejados e espantados:

- Sabe meu nome, então? Mas, como?... Nos conhecemos antes?

Serafim sorriu lá com seus mistérios:

- Vamos dizer que "um anjo soprou nos meus ouvidos". Não se culpe por algo que estava muito além de seu poder, minha boa senhora! Seu filho Cristiano escolheu caminhos errados por conta própria. Ele teve sua orientação, assim como a do pai, mas fez seu próprio destino tão logo se tornou um homem. Pouco amigo do trabalho e vaidoso, casou-se por interesse. Teve seus vícios, sim, mas bem escondidos e alguns duradouros. Isso nunca foi culpa da senhora, nem poderia ter evitado. Milhões de mães passam e já passaram por esse tipo de sofrimento. Ore por ele, para que enxergue seus erros e aprenda a humildade. Assim o ajudará. Mas nunca se culpe. Acaso, quando criança, o abandonou ao relento? Faltou algo para o menino? Então... Deus está feliz com você, o que prometeu no plano espiritual foi cumprido. Deixe que com o tempo verá o trabalho que o senhor está realizando nele. Torno a dizer: ore.

Ele dirigiu o olhar a algumas mulheres da audiência com um imenso amor e um sorriso triste:

- Temos aqui o exemplo de uma boa mãe que se culpa por algo que absolutamente não estava sob seu controle. Mesmo o bom Deus deixa aos filhos o livre-arbítrio para que cresçam e evoluam. Protegidos de tudo, isso os atrasaria. Mas quantas mulheres abdicam ou, ainda pior, desempenham mal esse papel sagrado que lhes é confiado? O amor materno, tão cantado em verso e prosa, infelizmente não é a regra e, muitas vezes, vem cercado de egoísmo, abandono, preguiça, sensualidade. Quantas sacrificam os filhos para manter companheiros violentos ou imorais, por motivos que vão desde a

preguiça de prover a própria subsistência até o desejo irrefreado? Enquanto os filhos são pequenos, dependem de vocês, erguem as mãozinhas e os olhos em busca de compreensão e entendimento. Seja qual for a alma que esteja ali, vocês aceitaram recebê-la. Cumpram seus deveres com o Criador e as acolham dignamente ou as encaminhem a quem possa, ou o futuro será penoso. A primeira condição para a maternidade é o amor, e ele deve ser forte, independente e generoso. Brígida fez tudo isso pelos filhos.

Fiquei feliz de ouvir aquilo. Tantas vezes tinha visto boas mães se culpando por filhos que escolheram caminhos tortuosos, assim como mães que maltrataram seus filhos... Dona Brígida sentiu-se reconfortada. Clara sorria para ela:

- Entendo seus sentimentos. Eu também fui mãe, mas quem me dera todas as mães que encontrei tivessem sido como a senhora: não existiriam mães no umbral.

Clara olhou para as próprias mãos, como se quisesse se esquecer de algumas imagens, mas resolveu falar:

- Sim, existem mães, pais, avós, todo tipo de gente no umbral. Até mesmo alguns que parecem ser crianças, mas não são. A culpa lá é disfarçada por sentimentos de raiva, antagonismo, frustração; alguns até se fazem de vítima com algum sucesso. Ingênua de início, ainda sem desenvolver algumas faculdades espirituais, fui enganada por algumas delas, mas por pouco tempo. Como se sabe, por aqui a mentira só se engana, principalmente se você está diante de um espírito experiente e de inteligência aguçada. Tive até passagens engraçadas no umbral, com Ariel e meu amado Marcos como companheiros, e aprendi muito. Mas também vi coisas muito tristes. Uma das coisas que entendi é que nem tudo é como aparenta.

O olhar dela dirigiu-se ao longe:

- Uma vez, andando com a patrulha para aprendizado, dei com uma senhora cheia de chagas, num ambiente lúgubre, vestida de forma suntuosa, mas suja e despenteada. Ela chorava um choro contínuo e lamentoso e parecia esvair-se em dor, tanto emocional como física, e eu me compadeci imediatamente. Ariel, mais experiente, me tocou no braço como a me dizer que não fosse até ela, mas fiquei tão comovida, que não atendi ao apelo de meu amigo.

Ela suspirou com a lembrança, da qual eu também me recordava bem, e me perguntei se seria adequado contar ali, mas Clara continuou, com a aprovação mental de Serafim:

- Era uma gruta escondida, cercada por vegetação rasteira, terreno lodoso e cheiro nada convidativo. De perto notei que as vestes da senhora deviam ser do final do século XVIII, que ela tinha os cabelos ainda negros, embora um tanto raiados de branco, mas não devia ter quarenta anos. As chagas cobriam seus braços, algumas estavam no colo desnudo, onde trazia um colar valioso de ouro amarelo com uma grande cruz. Devia ter sido rica, pensei. Vestida da forma simples e clara como nos vestimos aqui, eu tentei conversar com ela, afastando-me do grupo, ficando apenas Ariel na entrada da gruta, que não era funda demais. Cheguei com o coração cheio de piedade: "Senhora, por que chora tanto? Posso ajudá-la?" Ela me olhou espantada, de cima a baixo, como a querer avaliar quem eu era e o que queria. Notando meu "brilho diferente", percebeu que eu não pertencia ao ambiente, e resolveu falar comigo: "Sofro demais! Sofri tanto em vida, e agora estou no inferno! Não é justo! Tantas doações fiz para a igreja, tantos escravos emprestei para a construção de uma nova, toda decorada com ouro, e agora estou aqui! Não entendo, essas chagas não me deixam, doem e coçam o dia inteiro. Sempre tive tanto cuidado com a minha pele, sempre tive horror à doença. Se bem me lembro devo ter morrido do coração, não entendo essas chagas, nem esses demônios atrás de mim!". Nem eu entendia. Pela situação dela, parecia ter morrido de lepra ou algo parecido. As chagas eram feias e cheiravam muito mal. Notando que eu a observava, ela puxou um pedaço de seu xale rendado e negro e tentou se cobrir: "Quando viva eu era uma das beldades da região. 'Lá vai a bela Eulália', diziam. Me banhava em leite uma vez por mês, tinha perfumes, tudo muito caro. Cresci em berço de ouro, sabia? Pais da nobreza, não era uma qualquer. Casei cedo, aos dezesseis anos, com um comendador bem mais velho. Velho e enfadonho! Mas me dava tudo que eu pedia, e ai dele se não desse! Ele que devia estar aqui, cheirava mal, eu detestava ficar perto dele. Se bem que, graças a Deus, não durou muito: dez anos de casada e eu já estava viúva. Viúva e muito rica, ainda que o imprestável tivesse me deixado com três filhos".

Clara prosseguia:

- Das paredes da gruta, ouvi um som que me parecia dizer: "Adúltera... assassina!", os fios do cabelo de minha nuca se eriçaram. Ela começou a se coçar, mas não pareceu ouvir as vozes. Das feridas começou a brotar um líquido pastoso e parecido com sangue. Ela continuou, como se em mim tivesse encontrado uma boa ouvinte: "Você não é daqui, é? Como faço para sair? Tem muitos ladrões por aqui, tenho que me esconder sempre... Podem

levar meus anéis, meus brincos, minha cruz... Custaram caro, sabe? Fiz questão de deixar em testamento que me enterrassem com elas. Tive filhos, lhe contei? Dois meninos e uma menina. Quem quiser ter paz na vida que não tenha filhos, mas meu marido queria tanto! Me arrependi. Soubesse, não teria tido nenhum". Ela começou a coçar o couro cabeludo com força, e eu intuía que ali também devia haver feridas. Entendi o motivo do penteado desfeito. Parecia que não conversava com ninguém há anos. E ela continuou: "Fui amante de um padre. E por isso que estou aqui?". Sabendo das leis de perdão, respondi: "Não creio, senhora. Não existe punição eterna. Os arrependidos sempre terão lugar no reino de Deus". Ela riu amargamente: "Quer dizer que até nisso o padre enganava o povo? Nada de punição eterna? Mas foi um bom amante... Meio caro, pedia sempre contribuições para a igreja. Meu filho mais novo era dele, mas durou pouco. Deixei aos cuidados de uma negra velha e a maldita não olhou direito. E certo que estava com febre, mas criança não morre assim fácil, não é mesmo? Acho que ela o matou. Era invejosa, incompetente. Eu mandei matá-la depois, no tronco, na chibata. Era o único filho que eu achava que ia gostar um pouco de mim, pois o resto, nunca nos demos bem".

Clara fez uma pausa, e falou de seu sentimento.

- Minha simpatia por ela diminuiu bastante. Lembrei-me de minha amada Nana, babá negra que foi minha mãe protetora durante toda vida. Ia me preparando para sair quando notei no fundo da gruta dois vultos de pequena estatura, e uma aparência medonha: pareciam crianças de quatro ou cinco anos, mas eram tão deformados que me chamaram | atenção. Vendo que eu olhava além dela, Eulália parou de se coçar e olhou por cima do ombro esquerdo, falando baixo para mim: "Está vendo os dois, não está? Sabia que não estava louca! Desde que morri me perseguem. Jogam-me pedras, puxam os meus cabelos. E que feios, não? Não sei quem são, demônios certamente!". Eram feios, sim, mas pelo ódio que os transmutava. "Assassina", as entidades pequenas me diziam. De súbito, uma cena se desenhou diante de meus olhos: eu vi a bela Eulália nos seus trinta anos, já viúva, dando à luz duas crianças e matando-as assim que nasciam. Sem saber como fazer o aborto, ou tendo medo de praticá-lo, ela ia para uma chácara longe da cidade, tinha seus filhos ilegítimos e depois os matava, pedindo a uma escrava de confiança que os enterrasse em segredo. Ela não os reconhecia, mas eles a conheciam bem. As duas almas me olhavam naquele momento e eu entendi o motivo da visão e a profundidade do crime. Quem

seriam eles antes? Por que estavam destinados uns aos outros? Levantei-me: "Quem pune um pecador acaba por se punir também. A vingança é uma faca de dois gumes. Querem mesmo ficar aqui? Perdem tempo precioso". Eles voltaram-me as costas, e foram para o fundo da gruta. Eu sinceramente lamentei. Olhei para Eulália, que me encarava assustada, sem ter noção de que eu conhecera mais um de seus segredos: "Quanto a você, Eulália, arrependa-se de seus crimes, ore e peça perdão aos ofendidos, que há um lugar melhor do que esse em que agora está. Comece por pedir humildade e fé a Deus, que Ele lhe atenderá, e quem sabe um de nossos irmãos não virá ajudá-la. Não há punição eterna, e todos tiveram seus pecados". Ela levantou-se, erguendo o queixo: "Humildade? Pedir perdão? Por quê? Acaso fiz algo que as mulheres do meu tempo julgassem errado? Fui uma dama e agora sou vítima desses demônios! Aquele miserável padre com certeza tem algo a ver com isso!". Saí da gruta triste, sentindo que falara com o vento. Mas as duas criaturinhas no fundo da gruta me deram mais pena do que Eulália e seus erros pavorosos. E falam tanto de 'coração de mãe'... Pensei na minha doce Nana, que sem me parir tinha enchido meus dias de afeto e atenção, e voltei para a patrulha, amparada por Ariel, que como eu estava pensativo com aquela história. Ele me sorriu e me disse, com aquela voz que eu conhecia tão bem, a me lembrar: "Deus não desampara, Clara!".

XXII A TERRA TAMBÉM TINHA OS SEUS ENCANTOS

(Narrativa de Edite)

ERA A NOITE de estreia de madame, e eu fui com ela duas horas antes do espetáculo começar, como de costume. Passamos pela frente do cabaré às nove da noite e já se formava uma pequena confusão à porta, de pessoas querendo lugares, que já estavam esgotados. Cristine ficou surpresa:

- E eu que tinha receio de não despertar mais interesse.

Olhei o belíssimo cartaz, agora colocado mais alto, e disse-lhe:

- Agora, aos vinte e oito anos, madame é muito mais bela do que era aos dezoito. Sem falar na sua arte, que evoluiu. Albert me disse que muitos nobres pagaram preço de ouro nas mesas. Arranjar lugar para Adele só foi possível na mesa de Gastón.

Os olhos dela brilharam um pouco mais:

- E ele virá mesmo?

- Ainda que estivesse coxo, viria se arrastando.

Rimos as duas, ela feliz de ter seu conde por perto, e eu contente por isso estar acontecendo. Tinha tantas saudades da harmonia que reinava Daquela casa antigamente, e lamentava tanto o miserável René nos infernizar os dias. Gastón já tinha sofrido as penas do inferno por seu crime, quem sabe ela o perdoasse? Só então veria o meu amado conde feliz novamente, e isso para mim era o bastante.

Entramos pela entrada lateral do cabaré e fomos direto ao camarim principal, onde o nome de Cristine estava fixado numa plaqueta na porta; embaixo estava escrito: "Entrée interdite"¹⁷, para que nenhum gaiato se achasse no direito de perturbar sem ser convidado. Um senhor gaulês de aspecto robusto, vestido a rigor, estava ao lado da porta e ao nos ver curvou-se e disse:

- Me chamo Pierre, e estou aqui para servi-las. Aonde madamefor, irei para protegê-la, ordens de Albert. piquem à vontade.

Cristine, de quem se via apenas o rosto de dentro de uma capa de veludo vermelha, agradeceu, e ele abriu a porta. Teve que abrir muitas outras vezes para Lautrec, que entrava e saía como uma borboleta, agitadoíssimo, contando quem estava na plateia, e para Cozette, que veio trazer a roupa da apresentação quinze minutos depois que chegamos e olhou com aprovação para o meu costume de cetim preto, sem decote, com rendas brancas nos punhos e na gola:

- Está muito elegante, Edite. Não fosse sua cor morena passaria por uma inglesa tranquilamente. Já lhe disseram que tem porte? Você precisa ver algumas das damas que estão na plateia, meu Deus! Por que nem sempre o dinheiro vem com o bom gosto? Nunca tinha entrado numa casa de shows antes, foi interessante. Mas o que me chocou de fato foi ver a quantidade de maquiagem e as senhoras de quarenta querendo aparentar quinze! Nem as luzes fracas conseguem enganar. Não há peruca por bonita que seja, que esconda essas coisas! Você, minha irmã, é concorrência desleal... Quase aos trinta e com essa pele, esse corpo!

Cristine examinava o traje com uma expressão maravilhada. Era uma quantidade imensa de véus finíssimos, coloridos, todos bordados em pontos estratégicos. Fiquei sem entender, pois onde estava o vestido?

Cristine quebrou o silêncio, dizendo a Cozette:

Irmã, você sempre foi talentosa, mas desta vez se superou. Pode cobrar

de Albert um preço bem caro por esta peça, pois é única!

Quando Lautrec me explicou o que queria, inicialmente fiquei escandalizada, mas depois entendi melhor, pela iluminação e os efeitos. E os bordados farão o seu papel respondeu Cozette. b' Cristine me olhou com aqueles olhos de gata:

- Edite, pegue para mim um tablete de cada, que as dores estão começando e eu preciso me concentrar. Depois, vá lá fora esperar Adele e a leve à mesa de Gastón. Sabe como ela é provinciana, quero que evite qualquer gafe. E mantenha René longe deles!

- Mas eu sempre vesti madame! Não quer que a vista desta vez? perguntei, preocupada, já que só via véus e nenhum vestido, jàsiNão respondeu sorrindo -, e mande um recado a Gastón. Diga que gostaria de vê-lo depois do espetáculo, que sinto falta de conversar com ele.

A essa resposta, feliz como um passarinho que encontra a liberdade, passei pela porta aberta por Pierre e até dei um sorriso a ele, que me olhou meio espantado, sem saber se sorria de volta ou não. Passando por corredores mal iluminados e um tanto estreitos, que eu já conhecia bem, entrei no salão principal e me deslumbrei com as mudanças feitas para a noite: até a parte do cassino fora transformada para a apresentação. No público tinha algumas pessoas conhecidas, Albertine mesmo estava lá, com algumas de suas meninas mais belas: a mais velha não devia ter dezoito anos, todas ricamente trajadas. As cortesãs mais famosas de Paris estavam todas lá, acompanhadas de seus pares, em mesas ornamentadas, num cintilar de joias que reluziam com os candelabros acesos. Lautrec parecia desesperado, entrava e saía detrás das cortinas, falava com os músicos, cumprimentava um e outro. Albert conversava com o conde, numa mesa de frente para o palco, como velhos amigos que eram. Vendo o gerente do lugar, lembrei do pedido de Cristine e o chamei para um canto discretamente.

Ele veio, com um ar preocupado:

- Aconteceu algo? Ela está mal?

- Fique tranquilo respondi. Cristine está bem. Seu número entrará para a história da cidade, mas ela me fez um pedido: quer que mantenha René longe do conde. Arranje um lugar para ele o mais distante possível, está bem?

Ele franziu as sobrancelhas:

- Ainda quer proteger aquele moleque infeliz? Vai se entender as mulheres.

Respondi zangada:

- Não seja tolo. Ela não quer é aborrecer Gastón. Ela e René não têm mais nada há tempos.

Ele ficou ainda mais preocupado:

- E ainda assim vai fazer as apresentações?

- Diferente daquele tratante, ela tem palavra. Se ela tratou, ela cumpre, mesmo porque adora sua dança. Só não era preciso o trato estapafúrdio de ele ficar na casa dela...

- Essa ideia não foi minha, Edite respondeu ele. Sempre tive simpatia e admiração por Cristine. Pode deixar. René ficará bem longe de Gastón. Isso me deixa muito feliz.

Com um problema resolvido, voltei meu olhar para a porta do salão, a tempo de ver a espalhafatosa Adele entrar, com os cabelos, antes castanhos, agora avermelhados pela tintura, no vestido vinho que eu providenciara, com o xale de tule bordado em pedrarias, o colar e os brincos de esmeraldas falsos, emprestados de Cristine. A cinta que usava fazia bem o seu papel, e de longe se via o clarão de seus olhos entre o azul e o verde. Maquiada em excesso, o que daria desgosto a Cozette, de longe fazia uma bela figura. A seu lado René, de peruca, maquiado como ditava a moda, segurando um lenço de cambraia que ressaltava seus dedos amarelados pelo uso do cachimbo de ópio. As mãos tremiam tanto, que de longe se percebia. Ao me ver, deu um meio sorriso de desprezo:

- Edite, sabe onde Albert reservou nossos lugares?

Tive que pensar rápido:

- Não sei onde Albert reservou seus lugares, mas o conde pede que sente à sua mesa, Adele. Albert está logo ali, René, tenho certeza de que lhe indicará um lugar. Afinal, não fosse você, esse número não aconteceria.

Ao ouvir falar no conde, a felina Adele se eriçou:

- O conde me chamou para sua mesa? Meu Deus, que honra! Finalmente vou conhecê-lo. Nunca imaginei que um dia me sentaria num lugar tão refinado com um membro da nobreza da França! Onde está ele, Edite?

René ficara pálido ao ver que Adele o dispensava com tanta facilidade. Pensei em tirá-la rápido dali, e a encaminhei para a mesa de Gastón, que se levantou ao me ver, com o sorriso feliz de bom amigo. Depois, ao ver ao meu lado aquela dama extravagante, agiu com seus modos habituais de cavalheiro, dizendo-me de forma mais fria, porém cortês:

- Seria essa a irmã de nossa adorada Cristine? Reservei um lugar para

a senhora. Encantado, sou o conde de Laureac, Gastón de Laureac.

A mesa do conde era sem dúvida a melhor da casa, e a mais ampla também. O salão estava apinhado de gente, e pensei que nunca vira tantos brilhantes falsos e verdadeiros juntos. Fascinada com a figura do conde, elegante nos seus cinquenta anos, sem a beleza física de René, mas com um magnetismo natural e uma aura de poder que só os bem-nascidos possuem, Adele portou-se como a camponesa que era: fez uma reverência exagerada, derrubando duas cadeiras atrás dela, causando um barulho que foi abafado pelo burburinho natural do salão (sendo um cabaré e não a corte, não comportava aquele tipo de cerimônia). Discreto, Gastón corou; enquanto eu levantava as cadeiras, ele colocava Adele ereta novamente, puxando-a pelos braços:

- Ora, vamos, senhora, não é preciso tanta cerimônia. Afinal, creio que seremos amigos!

Um tanto confusa, mas faladeira, ela respondeu:

- Amigos? Ah, sim, mas claro! Muito me honra, excelência!

Educadamente, Gastón puxou-lhe uma cadeira, e disse:

- Pode me chamar de Gastón. Os amigos me chamam assim. E Adele, não? Adele de Besançon. Faltava apenas essa irmã para eu conhecer. Edite, *mon petite*, venha, guardei para você essa cadeira, assistirá desta vez daqui, ao meu lado. Ordens de Cozette. Esse número parece bem misterioso, não?

Lembrando dos véus, respondi:

- Nem me fale. Lautrec esmerou-se. Duas bailarinas, três bailarinos, músicos... Cheio de ideias. Sabe como sempre amou a dança, dessa vez parece que haverá um roteiro.

Gastón olhou-me com certo espanto:

- Então não sabe ao certo corno será? Respondi com sinceridade:

- Vi alguns ensaios, mas não todos. Madame e Lautrec ficavam falando em voz baixa. Acho que imaginavam que eu poderia comentar como senhor. De qualquer forma, nunca fui indiscreta com madame. Ela sempre me contou apenas o que quis contar. Disse apenas que seria algo "inovador e ousado"»

Ele ergueu as sobrancelhas um tanto surpreso. O palco fora aumentado, a iluminação estava diferente, e algumas tochas foram espalhadas* Lembrei-me do recado:

- Madame pede que depois do número o senhor vá até a casa dela, que quer vê-lo.

Homens são transparentes, às vezes. Sua expressão anterior, de preocupação, mudou para a de felicidade.

- Quer ver-me? Sêrio?

- Contente com a felicidade dele, perguntei:

- E o senhor irá?

- Mesmo que estivesse com as duas pernas quebradas, eu me arrastaria até lá. Não fui antes por falta de convite. Sabe como nossa situação é delicada.

- Quem sabe, senhor, as coisas finalmente não melhorem?

Ele não teve tempo de responder. A voz aguda de Adele chamou nossa atenção:

- Não sabe como me sinto honrada, excelência, quer dizer, Gastón, de finalmente conhecê-lo. Não o imaginava tão jovem! Imaginava-o um senhor!

Olhando de perto aquela senhora emperiquitada, em quem as rugas tinham sido evidenciadas pelo pó branco em excesso, ele respondeu elegantemente:

- Pois olhe, madame, devia ter-me visto há um ano e meio atrás. Não tinha metade dos fios brancos que possuo hoje. A senhora tem bela figura, mas não lembra suas irmãs, tão louras, apesar da cabeleira basta, que dispensa essas perucas da moda. Eram castanhos quando mais jovem, não?

Adele mentiu descaradamente:

- Mas, veja, que idade acha que tenho? Nossa Cristine tem vinte e oito, como todos sabem, mas apesar de mais velha que ela, vim depois de Cozette, que na realidade é a mais velha. Acabei de fazer trinta e um e o meu cabelo é assim mesmo, mechas arruivadas. Coisas da família de meu pai. Não nota que sou bem mais nova que Cozette?

Assustada com a mentira, calei-me,, pensando que seria inútil e tolo discordar, principalmente diante do conde, homem do mundo, acostumado a ver mulheres com tinturas dos mais diversos tipos, usadas na época, pdúcadamente ele respondeu:

- Cozette não tem idade, não é mesmo? Em Paris não há quem não lhe elogie o corte das roupas e a classe, pois foram as quatro muito bem-educadas. Mesmo Cristine, aos vinte e oito, impressiona pelo frescor da pele, a alvura dos dentes e o corpo perfeito. Nada mais poderoso do que uma mulher que soube chegar a certa idade aperfeiçoando seus encantos, ao invés de perdendo-os, não acha?

Não era o caso dela, cujo excesso de peso aparecia e cuja pele mostrava

suas falhas. Mas Adele pareceu achar que o elogio era para ela, e ruborizou-se por baixo da pesada maquiagem, como uma colegial. Mais nova que Cozettel Tinha sorte de eu ser discreta...

- O conde entende a alma feminina como poucos!

Na mesa iam chegando outros amigos do conde. Alguns, para minha surpresa, marroquinos, negociantes de cavalos árabes; outros, negociantes de vinhos; cortesãs e mulheres bem-vestidas. Me senti deslocada, com meu vestido simples de camareira, mas ele me apresentou a todos como uma "querida-e prezada amiga", de modo que fui me sentindo obrigada ficar. Observei Lautrec andando feito um doido por trás das cortinas e virei para o fundo, tentando encontrar René, mas não consegui avistá-lo.

- Albert duas cadeiras atrás de mim e o chamei:

- Onde colocou René?

O gordo e simpático gerente me respondeu:

- Ficou zangado de não ver de perto, e foi para uma sala dos fundos fumar. Melhor, assim não incomoda ninguém. Não gosto desse sujeito, não sei o que Cristine pode ter visto nele. Está cada dia mais instável. Ainda acho que o fundo do Sena era um lugar mais apropriado para ele!

Arrepiei-me ao pensar na hipótese, sabia de alguns devedores do cassino que tinham "desaparecido", e, por mais que detestasse René, eu o queria longe, mas não no fundo do rio.

- Ora, não diga isso. Vai ver como algumas dívidas podem lhe gerar bons lucros! Depois que fuma, ele costuma sossegar, fique tranquilo.

- E bom que sossegue mesmo - ele me respondeu -, faz ideia de quantas cabeças da nobreza tenho aqui hoje? E ainda por cima estão pagando, Edite! Nem regatearam o preço!

Lembrando-me de que os nobres quase nunca pagavam por nada, dei uma nova olhada em volta, e analisei a plateia: havia mais brilhantes e pedras verdadeiras do que vidro falso, como de costume. Tentei acalmar Albert:

- Ele pode ser muitas coisas: canalha, ladrão, preguiçoso, mas não é tão tolo de arrumar confusão num ambiente como esse, ainda mais com você à frente.

Não tive tempo de falar muita coisa, pois um som de violinos começou a sair por trás das cortinas, a luz do público foi sendo diminuída por mãos silenciosas e algumas tochas atrás das cortinas começaram a ser acesas.

(Narrativa de Ariel)

Nesse ponto de seu relato, no plano espiritual, Edite levantou-se de sua

cadeira, percebendo os muitos pedidos da sala, em pensamento, e nos mostrou a apresentação de Cristine, que descrevo a seguir:

Pôs as duas mãos na pequena lousa de cristal líquido. Vimos numa tela tridimensional um palco, cortinas de seda vermelhas, um som de violinos pungentes, uma música triste, que mais parecia um lamento. Duas dançarinas morenas claras, de rara beleza, vestidas num estilo antigo; as cortinas amplas se abriam e elas pareciam se apresentar não para a plateia, mas para alguém no palco; as cortinas terminaram de se abrir aos poucos, e vimos um senhor sentado num trono, também antigo, coroa pesada na cabeça, grossos anéis, tudo parecendo do tempo de Cristo. As moças dançavam para ele, descalças, em trajes esvoaçantes, ventres nus, mas os corpos parcialmente cobertos.

Era uma sala do trono da Antiguidade, e o velho senhor, em seus cinquenta e poucos anos, obeso, parecia enfadado com o número, como se o visse todos os dias. Os tambores já soavam de forma uníssona, cadente, para marcar os passos de dança das moças, mas o rei decadente não parecia participar do enlevo da plateia, impressionada com a beleza e a perícia das dançarinas. Lautrec escolhera bem. As moças eram artistas sensíveis e bem treinadas, e pareciam tudo fazer para agradar ao soberano, que continuava enfadado.

Elas terminaram o número respeitosamente, curvaram-se diante do rei e, vendo que não o agradavam, saíram cabisbaixas. Um som de harpa começou a dominar o ambiente, num solo alegre e inocente, e o rei ficou como a meditar, em sua amargura, entre anéis e riquezas. A música soava inadequada ali, dada a melodia das notas, que lembrava a pureza da infância e do encantamento. Foi quando um véu imenso, lilás claro, saiu por trás das cortinas como uma terceira cortina, com letras colossais bordadas em prata: SALOMÉ, e então, exposta por menos de trinta segundos, veio ao chão.

Eram então Herodes e Salomé? Salomé era apenas uma criança de seus treze a quatorze anos quando, instigada por sua mãe Herodíades, pediu a cabeça do célebre profeta João Batista por isso a música de infância. Lautrec era culto, para saber esses detalhes. Baixado o véu lilás, que ficou no chão do palco sem ser notado, vimos uma figura feminina, vestida de forma árabe, luxuosa, com uma pequena coroa na cabeça, que prendia alguns véus bordados apenas nas pontas, dando um caimento que revelava o contorno do rosto. Mas à vista mesmo ficava apenas parte dos cabelos, louros, presos, e os olhos esverdeados marcados com um traço negro, mediterrâneo. Vinha atrás dela uma senhora, também suntuosamente vestida, que a colocou no meio do

palco, iluminado pelas tochas. Cochichou lgo rio ouvido do rei, sentou-se ao lado dele, enquanto Cristine se mantinha em atitude respeitosa, cabeça baixa, coberta por sua vestimenta dé véus. A impressão que Cristine causava era a de uma mocinha em seus verdes anos, tímida | e vestida, embora de forma suntuosa. Uma princesa adolescente.

Sabedor da história, como a maior parte da plateia, fiquei curioso com o que veria a seguir. Pois o gordo rei a rodeou e disse, enquanto a música infantil foi substituída por violinos e violoncelos pungentes: "Dance!".

Ela olhou para ele com uma expressão desafiante e voltou-lhe as costas, em ostensiva negativa, e ele continuou a rodeá-la, repetindo; "Dance!", até se ajoelhar aos seus pés e suplicar: "Dance...".

Só então a pequena beldade, cercada pelos véus, respondeu: "Ceda!"-.

Ele sorriu feliz, acenando dom a cabeça, e foi para o palco. Vimos o sorriso maldoso no rosto da mulher mais velha, e os tambores começarafn' num ritmo sincopado. Dois artistas masculinos, em trajes sumários, como os de escravos da época, maquiados de negro, cercaram-na e a ergueram,' e ela começou sua apresentação. Os primeiros véus a serem arrancados foram os dá faca: um rosto belíssimo, uma boca vermelha, quase sem maquiagem na pele, apenas boca e olhos realçados. A dança árabe sabe sêr sensual como poucas, e a pele dela, alva como a neve, em contraste com a dos bailarinos que a erguiam como se uma pena fosse, dava ao espetáculo ares de coisa proibida, um tabu não expresso, mas não era vulgar.

Súbito, ainda com o vestido de muitos véus sobre o corpo, os bailarinos se retiraram e ela soltou os longos e vistosos cabelos, ficando na cabeça apenas a coroa e pequenos brilhantes espalhados como cristais, que a cada movimento reluziam à luz das tochas. Os véus dos braços, verdes, num movimento muito feminino foram tirados em seguida, o que causou um frísson na plateia, ao finalmente entender que ela estava se despindo.

A partir daquele momento, a criança fora embora, dando lugar a uma mulher plena e ciente de seus encantos. A música ora ficava mais lenta, ora mais rápida, sempre os violoncelos, o violino e os tambores, integrados a cada passo dela, que parecia voar pelo palco. Vimos que estava descalça, apenas com grossas pulseiras de pedras nos tornozelos. A medida que os véus iam sendo tirados, eram postos aos pés do rei, que expressava êxtase profundo, como boa parte da plateia.

Véu ricamente bordado lhe cobria os seios e dava sustentação a diversos outros, que foram sendo tirados um a um, à medida que a dança se

desenvolvia. Só então notamos as joias da princesa Salomé, nos dedos, no pescoço, nos braços antes cobertos. Cristine parecia um sol no palco, coberta de dourado. Uma espécie de cinto cheio de moedas fazia um barulho característico quando ela chacoalhava os quadris, e por um minuto apenas aquele som foi ouvido, destacando a perícia da bailarina. A audiência foi ao delírio, com palmas, e se calou quando ela tirou mais um véu, que cobria o seu ventre bem torneado, deixando-o desnudo. No umbigo, brilhava um rubi, combinando com os lábios vermelhos e cheios.

O número já durava quase meia hora, e estava longe de ser cansativo, quando os tambores começaram a soar. num solo, ela começou a rodopiar com maestria e foi arrancando: o véu que cobria os seios, parte dos véus das saias, virando-se de costas para a plateia e deixando todos com a respiração suspensa, as costas e parte das pernas nuas, e por fim recolheu todos os véus e os colocou aos pés do rei, ainda de costas, escondendo a nudez dos seios. O rei chorava como um menino; por fim, disse: "Peça!".

Ela virou-se para a plateia, na qual nada se ouvia, seios cobertos por um bordado dourado, espesso, que parecia colado à pele, uma saia com os véus mais ricos, bordados também de dourado, como seus cabelos, longos e louros, soltos em cachos múltiplos, entremeados de cristais. A pequena coroa encimava a cabeça, os braços cobertos apenas por pulseiras de ouro puro, e o cinto de moedas douradas nos quadris. Caminhou até à borda do palco, com a graça da bailarina, e puxou uma cordinha que parecia invisível, deixando cair uma quantidade de papel vermelho picado em pedaços diminutos e brilhantes como confetes, que cobriram todo o palco, deixando tudo vermelho como sangue. De braços abertos, como se esperasse pelo sangue falso, fez primeiro uma expressão feliz, como de menina que ganha um brinquedo novo, depois de horror, e a cortina grossa, também vermelha, se fechou.

Observei os amigos do plano espiritual boquiabertos como eu diante da apresentação. Fiquei imaginando como teria sido ver aquilo ao vivo na França do século XVIII. Era inegável o talento dos artistas envolvidos, e a beleza de Cristine. Edite estava cansada, mas parecia feliz de ter conseguido reproduzir a cena com tamanha fidelidade, o que demandou dela imensa quantidade de energia. Continuávamos atônitos com o que tínhamos visto.

O show foi de extremo bom gosto, algo que muitos de nós julgávamos impossível para uma dança de cabaré. Apesar de sensual, em nenhum momento foi vulgar ou de mau gosto. Amparada por Serafim, Edite foi repousar, para refazer suas energias, e recebeu muitos agradecimento por seus

esforços. A experiência tinha sido única; poucos de nós tinham presenciado em alguma vida um espetáculo daquela natureza.

Sentado junto a Esthefânia, que ainda processava algumas cenas na memória, vimos Olívia chegar, radiante como sempre, trazendo Nana, de olhos arregalados, ansiosa para dar suas impressões:

- Minha nossa! Que artistas, hein? Sabe, tive medo que ela ficasse nua? Mas é claro que Cozette não deixaria!

Olhei para Nana, bem-humorado:

- Não acho que ficar nua seja o estilo de Cristine. Na realidade, para os cabarés da época, até que ela ficou vestida.

- Mas ficou um deslumbre, não foi?

No dia seguinte, a audiência tinha ainda mais pessoas para escutar Edite, animadas talvez pelas transmissões, que, segundo Serafim, tinham chamado muita atenção.

XXIII FIM DE CENA E LEMBRANÇAS DO PADRE ARMAND

IMPOSSÍVEL DESCREVER O silêncio da plateia depois que as cortinas vermelhas se fecharam, tão rápidas como se nada daquilo houvesse ocorrido. Foram uns vinte segundos de silêncio em que ficamos olhando atônitos para o palco como se esperássemos algo mais, até que uma voz masculina da plateia, forte e inebriada, bradou:

Hg Cristine, déesse Monde, viens à nous!¹⁸

O chamado forte me acordou, como ao resto da audiência, que logo o repetia aos gritos. Lautrec apareceu de mãos dadas com Cristine, coberta por uma capa, e fizeram uma reverência ao público, que ia ao delírio e jogava coisas no palco, de flores a joias. De início não entendi isso, já que estávamos em Paris e não no Oriente, mas os árabes amigos do conde tinham trazido pérolas e rubis, que agora estavam no palco, nos pés descalços de minha madame, que as recolheu e agradeceu com um gesto, acenando ao público e se retirando. Ainda estava cheia de confete vermelho nos cabelos, mas que linda! O suor lhe cobria a pele, e ao seu lado Lautrec, orgulhoso, ficou sozinho no palco colhendo os louros da fama (merecidos, por sinal).

O conde não cabia em si de espanto. O número fora belíssimio, mas Ousado. Ele aplaudia, mas não sabia direito o que pensar. Reparei então em Adele, que aplaudia, mas a contragosto. A inveja brilhava de forma inequívoca em seus olhos turquesa, e imaginei que, acostumada a ser o centro das atenções, não esperava da meiga Cristine aquele tipo de apresentação, sensual, quente, grandemente artística. O teatro parecia estar nas veias de minha amiga. Além de dançarina, havia também uma atriz no palco, e que atriz! E que beleza incomum! O título de "deusa louca" era mais que merecido.

Uma voz interna me disse "onde estará René?", e eu, cão de guarda fiel, olhei instintivamente para trás, tentando encontrá-lo no meio do rebuliço que se formara. As luzes do salão começaram a ser acesas e eu não tive dificuldade de avistá-lo encostado a uma pilastra próxima, pálido por baixo da maquiagem, olhos avermelhados e injetados pelo ópio. Não estava a mais de dez passos de distância de mim. As mãos tremiam perto do rosto jovem e já tão destruído pelo vício, e eu vi lágrimas formando sulcos na maquiagem pesada. Nunca vira uma imagem tão triste de ser humano, e isso me comoveu. Sem pensar, me aproximei dele, que me olhou sem se desviar nem esconder a própria tristeza.

- Viu toda a dança, senhor René? Madame estava linda, não?

Ele me olhou como se tentasse compreender o que eu estava fazendo ali, e disse, como se estivesse falando consigo mesmo:

- Era minha mulher, lembra? Tratava-me como se eu fosse um sol. Deu-me tudo, roupas, amparo, dinheiro. Essa mesma mulher deslumbrante, que todos pagariam uma fortuna para ter, veio para mim sem cobrar nada.

Um tanto ofendida com as palavras dele, retruquei:

- Madame nunca cobrou nada de ninguém, senhor. Está enganado se pensa assim. E sempre foi generosa, mesmo com o que ganhou.

Ele riu-se amargamente:

- Nunca conseguirei entendê-la. Mas sei que a perdi, não sou tolo. Se é que um dia a tive de fato. Vê-la assim, solta, livre no palco, uma força da natureza como o sol ou o vento... Não precisava de nada disso, meus investimentos pagariam a minha conta de jogo com folga, era só ter paciência. Se o conde não lhe tivesse dado joias falsas, eu as teria devolvido depois.

Pensei nas joias verdadeiras, guardadas, mas não ia lhe contar isso. Ele continuou:

- O senhor Yves disse que o navio deve retomar em poucas semanas, então Cristine dançará apenas para mim. Vou conquistá-la de volta, Edite. Você verá!

, Lembrei-me que o conde deveria visitá-la ainda nesta noite.

- Só lhe peço que se lembre que ela está na casa dela. Cristine receberá os amigos após a apresentação. Não crie problemas à madame, que só fez ajudá-lo durante todo o tempo que o conheceu. Não se fere a mão que o ampara!

Ferido em seu orgulho, ele me respondeu:

- Fique tranquila. Ficarei em meu quarto, tendo meu fumo como companhia. Hoje não quero saber de festa, tenho muito em que pensar. Até mais tarde!

E se foi. Não gostei da conversa. Parece que ele finalmente percebera o que tinha perdido com seu comportamento tolo e sua vaidade. Ia me encaminhando para o camarim de madame quando, passando pela mesa de Gastón, vi uma cena engraçada: um senhor que se intitulava marquês era apresentado a Adele, desmanchada em atenções. Devia ter seus quarenta anos e batia nas costas do conde como um burguês mal-educado faria. Curiosa, pensei no que o excesso de vinho fazia a algumas pessoas.

Gastón tentava ao mesmo tempo ser gentil e escapar, mas Adele segurava o homem pelo braço, entabulando conversa, o que fazia com que o conde, pelas regras da boa educação, ficasse preso onde não queria estar. Não ficava bem deixar a irmã de Cristine, viúva, sozinha com um homem casado, num cabaré. Já perguntara pela mulher desse senhor em voz alta, para que Adele ficasse informada, mas, ao que parece, ela não se incomodou com o fato, tentando seduzi-lo de qualquer forma. Debruçou-se em cima dele de forma escandalosa, tanto que imaginei se a ferosa Adele não estaria tentando tardiamente a vida de cortesã...

Ao me ver parada atrás da mesa, Gastón me deu olhares de "me ajude com isso!", mas antes que eu tivesse qualquer ideia, o próprio marquês resolveu a situação: talvez ébrio, com um safanão livrou-se das garras de Adele, dizendo:

- Ora, faça-me o favor e mantenha-se quieta enquanto falo com meu amigo, minha senhora! Respeito pessoas mais velhas, mas a senhora está sendo inconveniente!

Ela soltou um "atrevido!" e virou-se para o outro lado, chateada. Ele prosseguiu:

- Gastón, somos parceiros de negócios e amigos há anos. Sempre fui deslumbrado por Cristine, mas respeitei sua posição. É verdade que estão separados? Você se incomodaria se eu lhe fizesse a corte?

Gastón ficou pálido com o atrevimento, mas era do conhecimento de toda Paris que a bailarina e ele tinham rompido havia mais de um ano. Logo, o amigo estava até sendo elegante ao pedir sua permissão, já que cortesãs não eram propriamente esposas ou namoradas. Resolvi intervir | disse em voz alta:

- Senhor conde, não se esqueça que madame o espera hoje em sua casa. Vou agora para o camarim arrumá-la e vim apenas para lembrá-lo.

Ele me olhou como quem olha a um anjo:

- Claro, Edite. Diga a Cristine que não me atrasarei, serei pontual, como de costume.

E ergueu-se para o colega:

- O amigo me perdoe, mas nem tudo que circula pelas ruas de Paris é verdade. Tenho certeza de que Albertine tem novas meninas, já esteve com ela?

Muito sem jeito, o marquês desculpou-se, eu saí para ajudar Cozette a arrumar minha amiga para seu encontro com o conde e rapidamente cheguei ao camarim, não sem antes esbarrar com um bando de marmanjos que queriam falar com madame. Pierre já estava ficando bravo; ao me ver, abriu a porta com alguma dificuldade. Dentro do camarim, vi Cozette com uma pequena bacia de água morna retirando o véu espesso colado aos seios de madame. Ela reclamava:

- Lautrec e suas ideias! Está certo que escondeu o que devia, mas que inferno para tirar isso!

Trabalhando com muito cuidado, Cozette respondeu:

- Preferia qué caísse no palco? Sua sorte são esses seios firmes como os de menina. Em outra mulher isso teria ficado horrível! Edite; ajude com o Sicristais nos cabelos! Se ela dorme com isso, ninguém mais desembaraça os fios!

- Pus-me a procurar os pequenos fios entrelaçados e retirá-los sem danos. Em pouco tempo peguei o jeito e já não puxava os cabelos de madame, que com razão estava ficando meio irritada. Comentei com ela: *í* Sei que está sofrendo, mas francamente: Lautrec e Cozette são uns gênios! Nunca vi um número tão lindo! A plateia ficou sem saber como reagir!

- Verdade. Quando ouvia queles silêncio, eu e Lautrec pensamos: lá vêm as

vaias! Era tudo tão ousado, misturar teatro e dança... Mas correu tudo bem, não foi?

farta-o conde não se mexeu na cadeira. Aliás, ninguém conseguia. A todo momento acontecia uma coisa nova e deslumbrante. Madame, que no início parecia uma mocinha, depois virou um sol no palco. E todo aquele vermelho, parecia sangue mesmo! Estou orgulhosa, madame, que atriz!

Olhei para Cozette, que finalmente conseguira descolar a renda:

- E que figurino, Cozette! As outras roupas eram suas também?

- 'Ela levantou o queixinho, orgulhosa:

- Claro. Assim que Lautrec me deu o tema, eu as desenvolvi. Mas não foi de graça, Albert pagou cada centavo. Tive que fechar o ateliê por duas semanas. Só o traje de Salomé me custou o trabalho de duas bordadeiras por dias.

Ela levantou-se, pegando alguns dos véus da fantasia:

I Claro que comecei a fazer estas peças por minha irmã, que tanto amo, mas este acabou sendo o trabalho que me deu mais prazer. Liberdade de criação, pesquisa histórica, o material que eu quisesse usar! É o sonho de qualquer artista. Nenhuma cliente chata para cercear meu bom gosto ou pedir coisas cafonas. Serão mais nove danças, irmã?

- Depende do faturamento, mas acho que conseguiremos quitar a dívida do farsante com menos. Depois falarei com Albert.

A discreta loura, que costurava como um anjo, sorriu:

- Pois pode contar comigo. É uma boa publicidade. Além disso, a maior parte de Paris sabe que somos irmãs. As irmãs Besançon!

Cristine veio até mim com uma pequena bolsa de veludo bordado que eu já conhecia usava-a para sair à noite. Chamou-me num canto junto a Cozette:

Guarde isto aqui, Edite, para aquele nosso "futuro empreendimento". Cozette sabe, contei apenas a ela.

Peguei a bolsa, espantada com o peso seriam os colares de pérolas é os rubis que jogavam no palco? Ela sorriu em resposta:

- Adoro os árabes! Tão mais generosos e chiques que os franceses em certas coisas. Flores são muito bonitas e eu gosto também, é certo, mas morrem tão rápido!

Cozette riu:

- Pois faremos esta generosidade florescer na vida de crianças pobres. Não sabe como fiquei feliz com a ideia, e vocês vão precisar, além da inteligência de Edite, de um cérebro acostumado a lidar com pessoas do comércio. Não há ninguém mais indicado que esta sua irmã aqui para lidar

com esse tipo de dificuldade.

Pressenti que Deus tinha iluminado Cristine, para colocar Cozette a par dos nossos planos. O futuro me mostraria como essa decisão de madame seria acertada.

A porta recebeu batidas fortes. Minha patroa deu graças por já estar vestida, mas quem seria o atrevido que passara por Pierre? Ouvi uma voz grossa e feliz do outro lado, embalada por uns bons copos de vinho:

- Cristine, minha deusa! Está vestida? Deixe-me entrar, é Albert!

Rimos as três. Sem a maquiagem do palco e com roupa comum, Cristine parecia a mesma bela dama de sempre, adornada apenas por joias discretas. Pediu que eu abrisse a porta e Albert passou por mim como um furacão, pegando-a pela cintura e dando-lhe dois grandes beijos estalados, um em cada bochecha. Pouco afeita a demonstrações físicas de afeto masculino, madame, depois de dois rodopios no ar, foi firme e pediu que a colocasse no chão, o que ele fez com cuidado. Ele falava quase aos berros:

- Já cumprimentei Lautr.ec, que gênio! Mas você, não sabia que também podia ser atriz! A plateia está em êxtase, não vai sair ao salão? Não sabe quantos nobres já me perguntaram se você está livre, se seu romance com Gastón tinha mesmo acabado. Nunca uma mulher enfeitiçou tantos em tão pouco tempo.. '

iiiSabedora de que Albert levava vantagens financeiras com certos encontros entre nobres e cortesãs, Cristine alisou a saia e o fitou de forma séria:

Gastón deve me visitar ainda esta noite, Albert. E, pelo que me lembro, é seu amigo e cliente dos mais estimados. Não dê a esses nobres falsas esperanças comigo.

Ele a olhou com admiração:

- Você é única mesmo. Qualquer outra cortesã teria me perguntado ao menos quem seriam esses nobres, mas você não. Sabe que qualquer um desses quitaria a dívida de René com facilidade só por ter uma chance com você, não?

. Ela deu de ombros:

Antes de .René, tive apenas o conde, e veja que troca malfeita fiz. Tive meus motivos para romper com Gastón. Não me importo de dançar para quitar uma dívida assumida por outra pessoa, se isso salva a vida dela. E depois, o número valeu a pena, não foi? Você teve lucro?

Ele se fez de desentendido, mas deu-lhe seu sorriso mais verdadeiro. Gostava dela havia muitos anos e sua admiração só crescia, í i.«Ainda não

contabilizei tudo, mas acho que teremos um bom lucro, sim. Muita gente ficou de fora querendo entrar, e não tínhamos mais mesas. Como sabe, somos uma casa que preza pelo luxo no atendimento: gente de pé, nem pagando em ouro. Quando será o próximo? Daqui a duas semanas?

Ela olhou para o teto como se fizesse contas, batendo os dedos das mãos, e depois de algum tempo respondeu:

- Pelo menos um mês. O número não será o mesmo, você sabe: Lautrec não repete espetáculo.

- Um mês então! Deixe-os esperando, mas trabalhe como fez desta vez. Lautrec me custa caro com sua trupe, mas vale cada centavo. Depois lhe prestarei as contas.

Ela o olhou nos olhos, com ar esperto, como um pequeno tigre:

- Faça uma projeção e veja quantas danças mais serão necessárias para que eu quite a dívida com os credores daquele infeliz.

A um canto, Cozette olhava a cena admirada de ver sua irmã caçula tratar de negócios, e de sua honestidade, dispensando qualquer nobre sem ter nem a curiosidade de saber quem era. Ser atrevida assim com eles significava que Gastón voltaria para a vida dela? Cristine completou sua fala a Albert:

- Também Gastón ficará muito grato, tenha certeza.

Passava pela cabeça de Cristine o mesmo que passava pela minha: que diferença fazia na França daquela época ser ou não ser nobre! Um simples pedido deles condenava ou elevava a vida de uma pessoa: vimos pessoas serem presas sem provas e condenadas morte, por conta da palavra de um nobre; propriedades serem tomadas; e mesmo algumas pobres almas "desaparecerem", sem que os responsáveis tivessem preocupação com as consequências, com a polícia ou as autoridades. Albert podia tentar trapacear Cristine, mas não trapacearia o conde, uma das fortunas mais sólidas da França e uma das casas mais poderosas junto à coroa. Gastón era honesto com seus parceiros de negócios e paciente com Cristine, mas tinha fama de implacável quando ofendido.

Criado na França quando criança, mas frequentando a Inglaterra posteriormente, devido ao parentesco da mãe, ele era alegre como um francês, mas sabia ser discreto como um inglês. Não era de frequentar a Corte com frequência, mas tinha o respeito e a admiração do rei, que o consultava em negócios relativos a cavalos, vinhos e navios mercantes. Patrono das artes, tinha presenteado sua majestade com quadros que ornavam as paredes do palácio de Versalhes. Os dois, conde e rei, apesar da acentuada diferença

de estilo, tinham estima mútua, coisa rara na corte. O rei lhe chamava entre paredes de "meu amigo meio inglês", e, mesmo com a rixa entre os dois povos, quem os conhecia sabia que isso era um elogio, pois "amigo" e "inglês" raramente entravam na mesma frase para um francês da época.

Lembrei-me desses comentários feitos por amigos comuns do casal na época. Tanta coisa havia aprendido servindo o salão ou simplesmente me sentando ao lado de Cristine, como imperceptível dama de companhia, buscando água, vinho ou comida quando necessário, na maior discrição. A casa tinha sempre um artista ou intelectual, e eu passara muitas horas ouvindo sobre filosofia grega, teologia, piadas um tanto picantes, mitologia (os franceses adoravam na época), arte. Pensei com certa vaidade que muitos meninos ricos que cursavam escolas caras não tiveram a oportunidade que eu tive de conhecer assuntos tão variados, com pessoas tão inteligentes.

Lembrei-me de um padre muito bonito, vestido em seus trajes simples e austeros, que um dia, muitos anos atrás, bateu em nossa porta procurando por Gastón. Estranhei um padre na casa de uma cortesã, mas, estando o conde, disse a Clemente que o deixasse entrar. Ele me deu um belo sorriso, olhando-me com aprovação (eu estava com meu traje de sempre, de camareira, abotoado até o pescoço):

- E aqui então a casa da senhora Cristine de Besançon? Poderia falar com o conde de Laureac?

Fiz com que entrasse sem mais espera, afinal como deixar um padre esperando?

- A quem devo anunciar senhor?

- Ao padre Armand. Sou um velho amigo do conde.

Encaminhei-o para a sala, pedi que Paulette preparasse uma bandeja com chá, *croissants* e acompanhamentos (dizem que padres sempre estão com fome) e corri a chamar Cristine e o conde, que estavam no quarto do casal. Bati na porta com vigor, o conde atendeu depois de um tempo:

- Que foi? Estourou alguma guerra?

Fiquei sem jeito, mas nunca um padre tinha aparecido antes. Disse-lhe o nome e ele abriu um sorriso sem igual, dizendo a Cristine que colocasse um bonito vestido. Ele queria apresentar-lhe um amigo. Calçando de forma rápida os seus sapatos, mas mantendo seu roupão caseiro ricamente bordado, Gastón desceu a escadaria a gritar o nome do amigo:

- Armand! Está em paróquia próxima? Meu Deus, quanto tempo faz? Dez anos ou mais. Como me achou aqui?

O homem moreno sob a batina abraçou Gastón com gosto. Paulette apareceu da porta da cozinha com uma grande bandeja, e o conde disse:

- Que boa ideia, Paulette, traga!

Orgulhosa do elogio, elâ foi colocando numa das mesinhas do jardim de inverno todas as guloseimas enquanto olhava para mim no andar de cima e piscava um olho. O conde olhava maravilhado o amigo, que se servia sem cerimônia, elogiando tudo. Sorria para a cozinheira, que, satisfeita, dizia: "Ora, coisa tão simples!":

- Depois, para ficar perfeito, me traga um bom presunto e vinho tinto! Aquele do Porto que trouxe da última vez! Tem que ver o presunto !que ela faz, coisa do céu!

- Já está na mão, senhor!

- E, muito satisfeita comas palavras carinhosas (e sinceras, devo dizer)/ ela saiu de peito empinado e queixo erguido para a cozinha, onde Clemente a esperava, orgulhoso.

No andar de cima, madame, ainda de camisola, olhava com o cenho franzido alguns vestidos espalhados na cama. Depois me olhou:

- Que raio de vestido se usa para ir ver um padre? Acho que não tenho nada apropriado. A última vez que fui à missa, minha mãe me vestiu como uma boneca, eu devia ter uns treze anos. Agora sou uma cortesã! Gomo é ele? Velho? Gastón ficou tão animado, que coisa estranha. Nunca o vi se dar com gente do clero!

- Esse é diferente, madame! Da idade do conde. Bonito! Moreno claro, vistoso, voz grossa. Deve fazer sucesso na paróquia dele. Mas se veste de forma bem simples, sem nenhuma ostentação clerical. Só um crucifixo de madeira com um cordão de prata por cima da batina.

- Um padre sem ouro? Jura?

- Pois não é... também estranhei. Mas é tão distinto que não precisa de joia mesmo. A senhora verá: parece que ele brilha.

Ele brilha, Edite? Como assim?

- Não sei explicar... vi um vestido rosa dela, o mais simples, **de cetim** coloque esse com o sapato combinando, prenda um pouco esses cabelos, e suas pérolas. Vai ficar linda!

Ela aceitou a ideia e, quando desceu ao salão, parecia um anjo louro com o rosa do vestido combinando com o rosado forte e natural dos lábios e os olhos esverdeados, brilhando como duas estrelas. Um tanto tímida, parou na porta esperando que Gastón a introduzisse, o que não demorou, pois ao vê-la

o padre levantou-se, boquiaberto, e abaixou a cabeça num Cumprimento:

- Essa é Cristiné, amor da minha vida inteira. Esse, minha querida, é o meu mais estimado amigo, desde a infância, Armand Dupont disse Gastón, orgulhoso, tomando Cristiné pela mão direita. Ela fez pequena reverência ao sacerdote.

Soubemos depois que o padre crescera em propriedade dos pais de Gastón, e que tinha essa vocação desde muito cedo, tendo sido patrocinado pela família do conde na sua entrada ao monastério. Estava fazendo um curso em Paris e nos fez várias visitas, durante meses. Nunca julgou o relacionamento de Gastón e Cristiné, era amigo de um bom vinho, mas sem excesso, e apresentou-nos (a mim, Cristiné, Paulette e Clemente) ao mestre Jesus e aos seus verdadeiros ensinamentos.

Nunca nos incutiu o medo do inferno, aliás, sempre divulgou o perdão eterno. Sendo o conde agnóstico e livre-pensador, respeitava sua posição e falava conosco apenas enquanto ele se entretinha com outros convidados. Era normal, nas festas, ele se sentar conosco na cozinha, e a maior parte dos convidados ir parar lá para ouvir suas doces palavras (mesmo porque, Cristiné não saía de perto dele).

Sabendo-o boa influência, por sua moralidade, doçura e compaixão, Gastón, que no início se irritava com a falta de madame na sala, depois notou que ela estava em melhor companhia na cozinha, entre nós. Uma vez escutei ele dizer a Gastón, surpreendendo-o:

- Sabe, meu bom amigo, conheço sua esposa, a condessa, e conheci agora Cristiné. Sempre o admirei por sua postura e sua generosidade com os menos afortunados. Hoje posso dizer sem receio que lamentava que certos casamentos fossem arranjados, pois achava que um homem com a sua sensibilidade não deveria ficar só, e é o que esses casamentos fazem. Como você estava só e amargo Gastón, que bênção foi essa moça em sua vida!

O conde o olhou bastante admirado:

- Ora, vejam só! Um padre a me dizer isso! O que foi, a condessa lhe desgostava tanto assim?

- Meu amigo, sou um padre, mas sou também homem, e aprendi com o tempo a observar as pessoas. Nada tenho contra a condessa, que, se me tratou com desdém por eu ser apenas um padre, e não um bispo, por exemplo, foi devido à criação dela. Mas é impossível não notar a diferença de gostos entre vocês. Cada qual com suas qualidades, mas água e óleo de tão diferentes. Ela tem uma personalidade dominante, não? Matriarcal, mesmo.

- Como sempre, educado... Ela é uma megera, isso sim. E como come! Não é bem-vinda na corte, foi a Versalhes¹⁹¹⁹ apenas uma vez, e isso a irrita profundamente. Nunca recebe convites, que chegam apenas em meu nome. Eu a conheci no dia de meu casamento, como bem sabe, e até que tentei que fôssemos amigos, mas hoje a distância é o melhor remédio. Graças aos céus ela tem arranjado suas "distrações", assim parou de me incomodar.

- E seus filhos? Eu os vi apenas quando crianças. Pareciam muito com a mãe, o menino era bastante tímido, e a menina, atrevida. Estão bem?

- Seguem com a vida. A moça tem um gênio difícil como a mãe, e não tem sido fácil com os pretendentes. Não é como em minha época, que só se conhecia no dia. Hoje eles se conhecem em bailes, debutam. Porém, mesmo com minha fortuna, quando ela se interessa por algum, esse a desdenha, e quando algum se candidata, ela não quer. Já o rapaz, Leon, é tão apegado à mãe que talvez nem se case. Sabem de Cristine, mas deixei claro que não devem se meter com ela.

Armand sabia de casos que não acabavam bem.

- E eles respeitam isso?

- Desde que eu não faça novos herdeiros, bastardos, tudo ficará bem.

Vi o padre pegar nova taça de vinho e apressei-me em trazer outra garrafa. Sabendo que eu era de confiança, não interromperam a conversa:

- E pena. Sei que não acredita no Cristo, Gastón, e longe de mim tentar convertê-lo, mas a única coisa que o mestre condenou foi a hipocrisia, e eu tento não ser hipócrita. Sua família está onde seu coração fica em paz, logo, sua família está aqui, nesta casa, bem mais simples do que aquela onde mora. Como padre, escuto muitas confissões e sei mais do que você pensa sobre o que se passa no coração humano. Dou-lhe um conselho: essa moça, Cristine, não nasceu para cortesã. Se você fosse um solteiro, um trabalhador burguês que a enchesse de filhos, você a faria mais feliz do que lhe dando todo o dinheiro do mundo. Há nela uma pureza que destoa da corrupção da corte. Caso ela venha a lhe dar um filho, não tire isso dela.

Concordei com ele em tudo que disse, mas naquela época um aborto já havia sido feito, o que nublou o semblante de Gastón. Ele respondeu, encerrando a conversa:

- Não se preocupe com isso, Armand. Mas filhos bastardos não estão em meus planos.

Armand nos visitou pelos seis meses de curso, depois voltou para sua paróquia do interior. Soubemos que também ele vivera um grande amor, mas

renunciara a ele pela vida monástica. Nunca revelou seus sentimentos | moça, que também acabou fazendo seus votos para a vida religiosa. Era bem-humorado, contava-nos sempre uma parábola do Cristo, adorava a comida de Paulette, que nunca cozinhou com tanto gosto. Armand estimulou em mim e em Cristine o gosto pela caridade, e talvez tenha vindo daí a ideia dela de fundar uma casa para acolher menores abandonados. Tão bom seria encontrá-lo para que nos ajudasse com isso, quando fosse a hora!

Mas agora tinha que ajudá-la a sair do cabaré e ir para casa, onde o conde já a aguardava, e para onde também iriam Lautrec e uns poucos amigos. Lembrei-me do bando de gente na porta tentando falar com ela e pensei em Pierre, que teria de abrir caminho para mim, Cozette e madame. Deus nos ajudaria!

XXIV REVELAÇÕES

VESTINDO MADAME COM uma capa preta que Albert tirou Deus sabe de onde, com ele na frente, Pierre atrás, Cristine escondida atrás do gigante gaulês, seguida por mim e Cozette, saímos do cabaré por uma entrada lateral, que poucos conheciam. Pelo barulho que ficou lá dentro, a noite iria ser longa. Clemente, a postos, ao me ver correu abrir a porta para que entrássemos sem demora. Protegidas dentro da carruagem, Albert se despediu, mandando-nos um beijo estalado com as mãos:

Agora estão salvas! Descansem, minhas joias!

Rindo muito, Cozette, sempre tão séria, despediu-se dele enquanto Cristine despia-se da capa. Virando-se para nós, a modista disse:

- Nunca imaginei que a noite parisiense fosse tão divertida, irmã! Que confusão!

- Você viu o espetáculo, Cozette? perguntei.

- Entre as trocas de roupas, da coxia. Vi de mais perto que você. Esse Lautrec mesmo um mago, aquela escolha de canções... No início, você parecia mesmo uma menina de quinze anos. Depois, aquele furacão! Mas, justiça seja feita, irmã, o número jamais seria o mesmo com outra bailarina. Você parece voar no palco, e que quadris! Não precisava nem ser tão bela, que já hipnotizaria a plateia.

Olhei para madame, que parecia cansada e com dor, e comentei o que tiiha ouvido de uma pessoa na plateia: jffPp Sabe o que ouvi, em sua defesa, madame? "*Jamais quelcju'une comme Cristine*"^{20²⁰}. O conde ficou

enciado, mas orgulhoso. Quer um de seus tabletes?

- Por favor, Edite! Um de cada tipo, por favor. Sabe que tenho que conversar com Gastón, mas as dores estão fortes e o efeito já passou.

- Foram muitas emoções, madame! É normal que se sinta assim. Mas lembre-se do que disse o doutor Kayzen, e nada de vinho! No máximo meia taça, para um brinde.

- Pode deixar. Contanto que essa dor passe, abro mão até do vinho. ;
Depois de mastigar os dois tabletes com uma careta, ela se deitou e fechou os olhos. Seria ao menos meia hora até chegar em casa. Fiz sinal para Cozette para que falássemos baixo e ela descansasse.

- Essas dores são constantes? ela me perguntou preocupada. - Sim respondi em voz baixa -, mas a medicação parece segura, eia única que faz efeito. Conversei com o médico, ela ficará bem. Não é nenhuma doença mortal, são só "doenças de mulher", nada que a mate ou a impossibilite de nada.

Ela respirou aliviada. Cozette amava a irmã.

- Tem certeza disso? Cristine sempre foi tão saudável! Que foi que aconteceu?

Resolvi contar a história pelo meio, pois madame já dormia a sono solto.

- Madame teve a desventura de perder um bebê, depois disso as dores começaram.

- Perdeu um bebê? Pobrezinha! Ela sempre foi louca por crianças! Agora entendo... Vou conversar com ela, talvez queira desabafar.

Senti que tinha entrado numa armadilha:

- Não toque no assunto, Cozette, eu lhe peço. Ela teve uma crise nervosa, e o médico pediu que não se falasse mais nisso. Comentei porque você é a irmã querida dela. Ninguém mais sabe, por favor não comente, nem com os serviçais. Toda vez que ela se lembra é um sofrimento. Você não sabe o que passamos.

Ela me olhou compreensivamente:

- Fez bem de me contar, Edite, ou eu poderia ser indiscreta qualquer hora, sem intenção. Eu achava que ela fosse estéril e não me falava por vergonha. Pobre irmã, tão feminina e boa, e sem filhos! De nós, apenas Emestine foi abençoada. Falando nisso, o conde trará Adele de volta para casa? Ela gostou do número?

- Olhei para ela com ar de cumplicidade, e disse o que pensava:

- Sua irmã não é nada parecida com vocês duas, não é mesmo? Nem

parece que saíram da mesma mãe e pai!

Ela me olhou meio espantada, e pediu-me que contasse o que eu tinha visto. Contei de seu comportamento com o marquês, de sua insistência em chamar a atenção do conde, também pegando o braço dele (os nobres detestavam isso), e do olhar de inveja que notei ao final do número de Cristine. Falei que estava preocupada. De início eu a achei apenas fútil, mas agora tinha uma impressão diferente. Cozette me respondeu:

! Não gosto dela junto de Cristine, mas é da família, como vamos fazer? Ela dilapidou o patrimônio do marido e agora quer viver às nossas custas, no que terá sucesso com minha irmã e seu coração de seda. Teremos que ficar de olho nela.

S Chegamos em casa e vi com surpresa que o jardim estava todo iluminado. Era primavera em Paris e tudo florescia, os canteiros de madame, bem-cuidados por Clemente e Paulette, davam suas rosas e seus jasmims. Mesinhas haviam sido postas do lado de fora e eu vi a carruagem do conde. Acordei Cristine, e o primeiro rosto que ela fitou foi o de Gastón, estendendo para ela a mão para que descesse o degrau da carruagem. Pelo vidro, vi o sorriso de aprovação de Clemente, que gostava de nosso querido amigo:

I Vamos, minha querida! Ainda cansada? Quer descansar um pouco antes de receber nossos amigos?

Ele falava ainda com certo medo de ser rejeitado, mas ela olhou para ele com os olhos cheios de lágrimas. Parecia que, num passé de mágica, voltáramos aos tempos antigos. Ao ver os olhos dela marejados, os dele também ficaram. Cristine desceu da carruagem, olhou as mesinhas postas no jardim, e sem uma palavra o abraçou longamente, enquanto eu e Cozette olhávamos a cena. Já estava Sem a capa negra, com um lindo vestido negro, leve. Gastón a segurou no colo como fazia antes e disse, baixinho:

- Quer conversar um pouco no quarto, então?

Ela apenas fez que sim com a cabeça e ele a carregou porta adentro. Lautrec, que já chegara e organizara as mesas com a ajuda de Paulette do próprio conde, ficou boquiaberto com a cena. Ao vermos Gastón carregando Cristine, que de fato não devia pesar mais do que cinquenta quilos, como quem carregava seu fardo mais precioso, mesmo a faladeira Adele fez silêncio.

Fecharam a porta e por fim todos nos olhamos como se Voltássemos à realidade, depois de uma cena de sonho. Parecia que ela, finalmente, tinha perdoado o conde! Tinha ele aprendido dura lição, mas estava de volta com o

seu amor! Eu, que o amava tanto, não podia estar mais emocionada nem mais feliz, num misto de sentimentos contraditórios. Mas não esqueci René, morando no quarto a apenas alguns passos de distância!

Finalmente alguém falou, e foi Lautrec:

- Afe! Até que enfim ela o perdoou! Sabe que ele não ficou com outra mulher desde que ela o colocou para fora? Dava pena do pobre homem!

Lembrando como as coisas tinham acontecido, eu disse a ele:

I Ela deve ter tido seus motivos. O coração dos outros é terra estranha, não é? Aliás, palmas para o grande mestre e para a maior figurinista de Paris! Nunca um número como este será esquecido!

Os músicos, Adele e os dançarinos aplaudiram comigo a Lautrec e Cozette, que, finalmente relaxados, se serviram de vinho e começaram sua própria festa, devo dizer que muito mais divertida que a do cabaré.

Cristine havia providenciado um bufê de carnes, que Paulette colocou nas mesas do jardim depois espalhou numa grande mesa dentro da sala, para que se servissem à vontade. Eu me mantive alerta, para que nada faltasse a ninguém, até que notei um cheiro característico no ar, o cheiro acre do ópio. A porta do quarto de René tinha sido aberta, e do alto da escada ele observava a cena, convidados e músicos em alegre entretenimento. Um arrepio me chegou até a nuca, num presságio que nunca sentira.

Ele retirara a maquiagem e a peruca, exibindo a cabeleira castanha, quase negra; o rosto escanhado tinha coloração estranha, amarelada, como se estivesse com o fígado comprometido; os lábios antes tão belos e vermelhos estavam ressequidos, até mesmo com pequenas rachaduras; olheiras circundavam os olhos grandes, e a marca na sobrancelha esquerda, resultado da surra dos credores, agora mal se via. Não fosse a falta de dois dentes logo depois dos caninos, no lado esquerdo, não se notaria o embate, mas na França da época a falta de dentes era até comum, mesmo na nobreza.

Era vaidoso o pobre rapaz, e eu via pelos punhos de renda molhados de suor que ele fizera um esforço para ficar apresentável para a festa. Mas o feio vício rapidamente tinha feito seus estragos, que pareciam irreversíveis. Apesar do mal que nos fizera com seu egocentrismo, tive pena. Sabia que seu reinado junto à cortesã mais disputada da França findara. Ela estava finalmente nos braços de seu protetor, e os dias de René naquela casa estavam contados.

Num segundo, notei que vários olhos também o miravam no alto da escada, e foi Adele que, chateada com sua "estreia" no cabaré, subiu as

escadas até ele dizendo, com uma alegria forçada:

. Até que enfim o vejo! Venha juntar-se a nós, meu querido, que a nobreza da França não lhe chega aos pés em porte e educação! /Surpreendido com a atitude dela, que o abandonara no cabaré para sentar-se ao lado do conde, ele ergueu a cabeça como se fosse o senhor da casa e foi cumprimentar os presentes, educadamente, verificando com Paulette se tudo estava como deveria. Notando que ele se comportava como se fosse o anfitrião, Cozette sentiu um mal-estar tamanho, que se sentou e me puxou para o lado:

Minha nossa! Tinha me esquecido dele! O tolo acredita que é o dono da casa e se comporta como tal, auxiliado pela tonta da Adele. Imaginou o mal-estar quando o conde aparecer com Cristine?

Lautrec sorria aos convidados, que chegavam a quase vinte pessoas, contando agora com Albertine, que viera com algumas meninas cumprimentar a amiga Cristine, e alguns senhorés da nobreza que eu não conhecia, mas que conheciam Gastón e queriam ver madame de perto.

- Tinha me esquecido de Albertine! Alguém tem que controlar Adele e René, que agem como se fossem os anfitriões. Confio em Albertine, mas essas moças são as faladeiras de Paris!m desabafou Cozette.

Não me importava com as moças nem com qualquer falatório. Madame sempre estivera acima disso, e se saíra muito bem. Me preocupava era aquele sujeito temperamental, drogado e que agora tomava uma taça de vinho atrás da outra, estimulado por Adele, que também bebia despudoradamente, enquanto Cristine provavelmente fazia as pazes com Gastón. Eu conhecia o conde, ele não era de aturar desaforos. Alguém devia tirar René dali, mas como, se ele se achava o senhor da reunião, como realmente fora algumas vezes? A providência fez com que me visse e viesse até mim:

- Ora, nossa governanta! É tão pequena que não a tinha visto ainda. Achei que estava no teatro preparando a amiga para a saída, mas já está aqui. Então, onde está Cristine?

Senti Cozette e Lautrec empalidecerem, enquanto Adele deu um meio sorriso, como se achasse graça. Não titubeei:

- Está em seu quarto, senhor.

Ele fez um ar de enfado, e a pena que tinha sentido dele antes desapareceu como por encanto:

- Dores de cabeça de novo? Já deu os remédios a ela? Não pode deixar toda essa gente esperando!

Como sempre, preocupava-se muito mais consigo mesmo e com os outros do que com madame.

I Madame teve suas dores, como sempre tem, mas já foi medicada. Está conversando com um velho amigo, tratando de assuntos particulares e não deve ser interrompida. Não tardará a descer.

Ele arqueou uma sobrancelha diante da resposta:

- Velho amigo? No quarto? A biblioteca não seria mais adequada?

Pensei rápido:

- Com esse barulho e essa gente entrando e saindo? São assuntos particulares, e, como o senhor é hóspede dessa casa, madame espera que respeite o seu espaço, uma vez que tem sido tão generosa consigo! Eia pediu para não ser interrompida. Acredito que logo estará entre nós.

Para minha sorte, René nunca foi muito brilhante; já Adele entendeu que o melhor para si era manter a boca fechada, caso quisesse ficar naquela casa. Ele respondeu:

- Pobre Cristine! Deve estar com Albert tratando de negócios, não? A noite deve ter rendido muito, espero que aquele ladrão não lhe passe a pema.

O senhor Albert não seria tolo a ponto de enganar madame nas atuais circunstâncias, senhor respondi.

Tomando minha resposta como uma afirmativa de que Albert estava lá em cima com madame, êle relaxou e disse:

-É, pode ser. Dificilmente arranjará outra estrela como Cristine. sí • E saiu, enquanto Cozette puxava Adele pelo braço para dizer-lhe:

- Nem pense em dizer quem está com nossa irmã. Ele está embriagado, e eu não quero escândalos ou algo pior!

Adele soltou-se do braço de Cozette, com os olhos cheios de fúria: w? « Acha que sou tola de desagradar ao conde? Mas Cristine brinca com fogo, isso não há de terminar bem.

— René é apenas um hóspede, o problema é que não se dá conta disso. Ela é livre para ficar com quem quiser!

Adele não estava de bom humor, e o vinho estava fazendo seu efeito:

Não vejo o que esses homens veem tanto em nossa irmã. É graciosa, de

fato, mas já tem quase trinta anos, não passa de um metro e sessenta e parece uma lua de tão clara! Faz essa dança árabe bem, mas é só.

- Cozette não resistiu:

- Realmente, para uma pessoa como você, deve ser difícil entender a beleza sem par de Cristine. Não morda a mão que a alimenta, Adele, ou eu mesma me encarrego de você! Veja se faz algo de útil e entretém esse traste, pois não sei o que acontecerá quando o conde e ela descerem essas escadas.

A festa seguiu seu curso normal, com Albertine interrogando Lautrec sem sucesso para saber sobre o próximo número, e quem Cristine representaria. Ao final de uma hora, a porta do quarto se abriu e vi madame linda em seu vestido negro de rendas, com um colar de diamantes e brincos combinando. Ao seu lado, um sorridente Gastón, que parecia ter remojado dez anos, mão esquerda amparando a direita dela, como se a apresentasse ao salão.

O brilho do colar na luz dos candelabros fazia jus ao brilho dos olhos dela, que pareciam mais verdes do que de costume, e mesmo os músicos pararam a música ao ver o casal no alto da escada. Gastón era mesmo imprevisível... Sabia que ia ser convidado à casa dela? Ou comprara o presente na expectativa de uma volta, depois de nossas conversas? Nunca tinha dado a ela joia tão suntuosa. Para o meu deleite, pareciam estar juntos íiôvamente.

Ao ver o casal descendo as escadas, os amigos ali presentes esqueceram-se do ex-amante, e Lautrec, efusivo como sempre, bradou:

- Um viva ao retomo do casal mais festejado da França! Enfim Gastón conseguiu sua deusa de volta!

Vermelha como uma rosa, Cristine sorriu e Gastón disse em voz alta:

- Bem-vindos amigos, à casa de Gastón de Laureac e Cristine de Besançon!

As palmas vinham de todos os lados A maioria dos presentes amava o casal. Paulette e Clemente, no canto da sala, estavam felizes, sorriso de orelha a orelha Com a volta do generoso amigo, e ninguém se lembrava de René, encostado em uma coluna, pálido como o lenço de cambraia em seu bolso, apenas eu e Adele, que estava ao seu lado. Ele veio em minha direção como um raio, pegando-me pelo braço no meio dos presentes, em fúria:

- Então era Albert que estava com Cristine, sua mouro mentirosa?

Defendi-me, tentando sair de suas garras, que já me machucavam:

- Em nenhum momento disse que era Albert. Disse apenas que

madame não queria ser interrompida, o senhor supôs que fosse o gerente do cabaré!

- Mas podia ter-me avisado!
- Sou leal à madame, não ao senhor! E ela não queria ser interrompida!
- Esse patife se verá comigo! Não pode invadir assim a casa dela depois de tudo que aconteceu!

Temendo por Gastón, e finalmente solta, respondi a ele: éstIIIH bom que se lembre que a casa pertence ao conde, e não a Gristine. É o único bem que não está no nome dela. O senhor está hospedado na casa dele!

Ele me olhou com fúria ao ser lembrado desse "pequeno detalhe". Não podia expulsar um homem, principalmente um nobre, de uma propriedade sua. Arrumou os cabelos desfeitos com as mãos, as roupas desalinhasdas pelo embate comigo (que apenas Adele percebera, dada a confusão de pessoas cercando o casal); percebi que o infeliz descosturara meu casaco no ombro, tamanha a raiva com que tinha me segurado. Não imaginava René com aquela força em apenas uma das mãos ele se descontrolara. Efeito da droga, talvez?

Cristine e o conde estavam no meio do salão, trocavam olhares carinhosos um com o outro como há muito tempo eu não via, e aquilo penetrou em René de forma absoluta. Nunca vi Cristine olhar daquele jeito para o rapaz, e enfim entendi o óbvio: o conde sempre foi o amor de Cristine, não apenas seu protetor.

René encaminhou-se discretamente para os fundos do salão e serviu-se de uma bebida esverdeada e rara que um dos rapazes de Lautrec trouxera: absinto. Tomou uma pequena taça de licor, e depois mais duas, até que um dos bailarinos lhe disse:

- Cuidado com isso, rapaz. Não é vinho do Porto!

Meio alucinado, olhou o belo moço que tinha dividido o palco com Cristine e disse:

- Realmente! Onde consegue essa coisa? Amargo como o fel, mas gostei! Me fez ver as coisas sob uma nova perspectiva.

Entediada de René, Adele acompanhava a cena de longe. Porém, sentindo-se excluída dos demais, aproximou-se dele e disse:

- Posso provar? Adoro bebidas exóticas!
- O bailarino Olhou para ela, curioso:
- É a irmã de Cristine, não? Está acostumada com álcool? Essa bebida êforte.

Um tanto alta pelo vinho tinto, e decepcionada por não alcançar o sucesso imaginado, ela respondeu:

- Ora, rapaz. Uma moça tem o direito de experimentar coisas novas, não?

A essa resposta, o educado rapaz deu de ombros e serviu uma taça do licor cheia, dizendo: "Vire de uma vez, é amarga", e assim ela o fez, com uma careta inesquecível e se sentando em seguida, um tanto tonta.

- Tem razão. O gosto é detestável, mas espalha um calor pelos membros. Não sente isso, René, meu querido?

René deu um sorriso mais amargo que a bebida:

- Isso é muito mais.

Com um andar estranhamente firme, dirigiu-se ao centro do salão, onde Cristine e o conde estavam de pé, conversando com Lautree, e sem cerimônia pegou o colar de diamantes de madame entre o dedos amarelados de ópio, olhando para O conde e dizendo em voz alta:

- Dando mais vidro para sua preferida, senhor conde? Até que esses estão bem-feitos, parecem mesmo diamantes.

Gastón era conhecido em toda a corte por sua educação "inglesa", mas era um legítimo francês. O burburinho pela sala, em conversas amenas, subitamente cessou, como se a cena principal de uma peça estivesse sendo desempenhada. Embora fosse menor de estatura (uns dez centímetros, não mais), a mão do conde apertou o punho de René com força para que soltasse o colar, e seus olhos foram para os olhos dele, numa fúria de mar revolto. Quando o rapaz, intimidado, soltou o colar, Gastón disse:

- Quer dizer então que um plebeu como você quer conhecer melhor diamantes do que eu, que nasci cercado deles?

René ficou lívido como uma pomba branca, mas não desistiu do ataque.

- Quer dizer então que nunca deu joias falsas a essa tola? Que seu amor por ela verdadeiro como esses diamantes?

Cristine revidou:

- Cale-se René, é um hóspede nesta casa, rfiás pode deixar de ser!

O conde me procurou com os olhos e, encontrando-me, chamou:

- Edite, por favor, vá ao quarto de Cristine e pegue um estojo vermelho em cima da cama. Quero dar uma lição a esse indivíduo.

Sem entender nada, mas rápida como de costume, subi as escadas e achei em cima da cama dos dois um estojo vermelho de veludo, que levei ao conde. Ele pediu a Cristine que abrisse na frente de todos. Para surpresa

geral, ali estava a cópia exata do colar e dos brincos que ela usava, mas sem a metade do brilho dos verdadeiros.

Em alta sociedade, rapaz, mulheres finas como Cristine devem ter cópias de suas joias verdadeiras quando saem em público, pois um ladrão qualquer pode tentar se apropriar delas, como aliás já aconteceu com minha amada. Quando compramos algo de valor, réplicas perfeitas devem ser feitas. Porém, colocando uma ao lado da outra, percebe a diferença? E como um cavalheiro de verdade e um homem que tenta parecer um. Inconfundível, mas apenas para quem sabe ver. Óbvio que alguém na sua posição não perceberia a diferença. Nunca mais toque em Cristine ou em algo que lhe pertença.

O tiro tinha saído pela culatra. Humilhado quando tentava humilhar, ele disse algo que eu nunca imaginaria ouvir:

- Pois fique tranquilo, senhor, que sua "deusa loura" não desperta em mim nenhum interesse. A mulher que hoje fez tremer Paris com sua dança sensual não passa de vulgar imitação da suposta fêmea pela qual me apaixonei como um tolo. São só dores e mais dores. Quem a vê no palco, leve e faceira, não sabe que no leito é mais inacessível que um bloco de gelo. Apenas o ópio a deixava mais acessível, mas ainda assim tinha dores excruciantes! Vivi ao lado de uma freira todos esses meses, bela como uma deusa nórdica, mas não há uma mulher nela! Enlouqueci, me viciiei tentando esquecer, e ela sempre inacessível! Brilho falso como o dessas joias falsas que o senhor me apresentou. Tem razão, um idiota como eu não soube diferenciar!

Cristine caiu em prantos, ao ver-se assim exposta, e correu escada acima para seu quarto. Fiquei pasma! Quer dizer que o canalha a drogava para tentar conseguir algo? Ela não tinha lhe contado do aborto malfeito, que pelo jeito tivera consequências bem mais graves do que suprimir suas regras mensais? Expor madame assim no meio de uma festa, na frente do conde! Dei graças aos céus de ela não ter exposto certas partes de sua vida. Aquele louco realmente não merecia confiança alguma!

Entendi a falta de ciúme dela, não queria ficar com homem nenhum, e talvez tivesse procurado em René apenas um amigo, ou um amante cariñoso, o que não deu certo.

O conde estava furioso, mas era um homem vivido. Vendo Cristine subir as escadas em prantos, defendeu a honra de sua amada:

- Nota-se logo que só estive com meretrizes e mulheres de seu nível. Acha que uma mulher como Cristine se comporta como elas? É uma artista,

uma deusa! Não é um homem comum que a desperta! Veja a cobra que abrigou dentro de seu lar!

O conde lançou mão de sua adaga, mas eu o detive com minha mão em cima da sua, e um olhar mudo.

Vendo que passara de todos os limites, e que as pessoas o olhavam como a um condenado à morte, René tremeu, e disse tolamente:

- Essa festa terminou para mim, vou me retirar para meu aposento.

O conde respondeu prontamente:

- Não, não há mais aposento para você aqui. Clemente, Joubert, coloquem esse sujeito bem longe daqui, depois decido o que fazer com ele.

Joubert, que era o valete do conde, uma espécie de guarda-costas, e tinha um tamanho formidável em seus mais de dois metros, pegou René pela nuca. Ele começou a gritar por Cristine, que não desceu, envergonhada. Sabendo que madame não gostaria que ele fosse morto, eu disse a Gastón:

- Senhor, finalmente tem de volta a sua amada e agora sabe que ela sempre foi sua. Ele tem um tio em Paris, leve-o até a casa dele, mas não o mate! Deixe que eu pegue seus pertences para que não volte mais aqui. Não magoe madame, que ela detesta violência e ficará se sentindo culpada. O senhor a quer assim?

Vi o brilho do ódio nos olhos do conde, mas seu raciocínio prevaleceu:

- Tem razão, como sempre, Edite. Minha vontade era esfolá-lo vivo. for muito menos já fiz isso. Mas magoar Cristine novamente está além do que posso suportar. Vá pegar as coisas dele, o mais rápido possível, e quanto termino com a festa. Chega de escândalos por esta noite.

Rapidamente subi as escadas com Clemente e coloquei num baú todas as roupas, perucas, cachimbos e as drogas que ele possuía. Pensei que ia levar anos para tirar aquele cheiro do quarto! Estava entranhado nas cortinas, nos lençóis. Lá embaixo, ouvi o conde despedindo-se das pessoas, dos músicos e prometendo a Lautrec uma reunião mais festiva que aquela, quando Cristine estivesse bem. Pensei nas faladeiras de Paris, teriam assunto para uns seis meses. Estava quase terminando quando Cristine entrou no quarto, o rosto ainda desfeito pelas lágrimas, e me olhou arrulhando as coisas de René.

- Gastón mandou matá-lo?

Tratei de tranquilizá-la, pois sabia que era cristã. ^v Consegui demovê-lo da ideia. Vai mandá-lo para a casa do tio. Não se preocupe que tudo vai dar certo. Gastón está se despedindo dos convidados.

Ela ainda estava bastante magoada:

- Me chamar de joia falsa, na frente de todo mundo!: (Depois de tudo que fiz por ele. O pior é que era verdade, Edite.

Aproveitando que estávamos sozinhas, finalmente perguntei:

Mas passava dias com ele no quarto. Será possível?

- Ele estava muito apaixonado e era manso como um cordeirinho. Você virgem, por isso imagina coisas, mas só um casal sabe o que se passa na alcova. Ele ficava feliz de conversar e me olhar, a maior parte do tempo, mas depois começou a ficar desesperado, e veio o ópio. As únicas duas vezes que conseguiu de fato algo comigo eu estava desacordada e sangrei muito. Depois disso ele desistiu e se viciou no jogo. Também tenho culpa, Edite, antes de mim ele não conhecia essa vida.

Foi uma das poucas vezes em que fiquei zangada com ela:

- Ora essa! Deu a ele uma vida de rei, que ele não tinha antes, foi isso que o viciou! Como pôde me ocultar essas coisas e ainda se sentir culpada? Não acha que eu a ajudaria? Esse tratante a manipulou o tempo inteiro! Sem falar nas joias que tive que esconder...

Ela sentou-se na cama e me olhou com os olhos marejados:

- Talvez tenha razão> ele era bom em me fazer sentir culpada.

Olhei para ela com uma nova esperança:

- E o conde sabe que sente essas dores na hora do amor?

- Contei a ele. Ele disse que se puder ficar ao meu lado, não se importa; Chorou, disse que a culpa era dele. Mas prefere ficar comigo, e disse que daríamos um jeito.

Uma ideia me veio à mente:

- Por que não consulta o doutor Kayzen? Ele deve ter algum lenitivo para isso.

Os olhos dela se iluminaram:

- E verdade. Aquele chinês, quando quer, faz mágica, não é mesmo? Falarei com Gastón. Você é mesmo um anjo, Edite!

O baú destinado às coisas de René estava quase cheio. Quanta roupa Cristine tinha dado àquele paspalhão... Mas estava quase tudo sujo, já que ele não se dava ao trabalho de pedir que lavássemos. Adele, tonta pelo absinto, de maquiagem borrada, penteado desfeito, apareceu na porta do quarto, dizendo:

- Esse será o meu quarto agora? Grande... Que imbecil! Se tivesse ficado quieto e guardado seus segredos, talvez tivesse uma chance de permanecer nessa boa vida.

Lembrei-me da frase do conde, da "cobra dentro de casa". Estávamos trazendo outra? Ela continuou, com a língua destravada pelo álcool: devia pedir a Lautrec mais algumas garrafas daquilo para quando quisesse saber a verdade de alguém.

- Quer dizer então que a "deusa loura" que enfeitiçou Paris é fria como o gelo? Quem diria. Eu sempre fui quente como o fogo, era a principal reclamação de nossa falecida mãe. Não é engraçado, Edite, que é ela que faça tanto sucesso?

Vi Cristine empalidecer e olhar aquela cópia de mulher, que mais parecia uma paródia de seu próprio fracasso. Uma beleza que nunca tinha sido grande, destruída por seus próprios excessos. Gordas, enrugadas, pele manchada, longas olheiras. A velhice chegava de forma triste para Adele, que não se conformava com a beleza e a riqueza da irmã. Intercedi:

- Madame, acho que hoje o dia já foi bastante exaustivo. O show foi um sucesso absoluto. Deve se orgulhar de seu talento! Mas é hora de descansar.

E assim, antes que Adele a atormentasse mais, me dirigi com ela para o quarto e lhe dei dois tabletes para que dormisse a noite inteira. Eu sabia o que fazia, ela tinha passado por emoções demais, e acordaria ao lado de seu amado conde, com tudo resolvido. Ela olhou para mim entre lágrimas, enquanto eu lhe enfiava a camisola e ajeitava a cama de casal, com os tabletes já fazendo efeito:

- É. venenosa minha irmã... Acha que Kayzen conseguirá me ajudar? Não quero mais ser fria como o gelo, Edite.

- Tudo se resolverá, madame. Adele está zangada, achava que teria alguma coisa com René, mas isso é problema dela! Não sei quando ele ficaria com ela, só mesmo em seus sonhos. Não se preocupe com ela, quando vir que ficará com o quarto maior, se esquecerá dele com facilidade. Agora durma, e qualquer coisa, me chame. Os convidados já foram, o conde a defendeu perante todos eles.

- Jura? perguntou ela já tonta de sono. Gastón sabe ser um cavalheiro quando quer! Não matará René, não é?

- Não. René vai para a casa do tio, de onde não devia ter saído.

- Ela dormiu. Quando voltei ao quarto, Adele desfilava tal qual um peru tonto, analisando o tamanho do aposento. Vinho nenhum dava aquela disposição, fiquei espantada com o efeito do absinto. Ela abria os armários agora vazios, observava os baús, a penteadeira de madeira maciça, tudo com ar de aprovação. Não parecia sentir o cheiro do ópio que infestava o lugar.

Olhou para mim e comentou:

- Que espaçoso! E eu a dormir naquele quarto de banhos! Você deve dormir no aposento de empregados, que deve ser mínimo, mas não parece ter muitos pertences mesmo. Gosta de onde dorme, Edite?

Lembrei-me que aquele tinha sido meu quarto antes de René, mas nada disse. Quanto aos pertences, recordei do baú de madeira pequeno, forrado de joias verdadeiras, e disse de forma dissimulada, confesso:

Estou muito bem acomodada ao lado do quarto de Clemente e de Paulette. Somos bons amigos e lá é bem calmo. O tamanho é perfeito. Grata pela preocupação, Adele.

Ela sentou-se na cama, que estava com lençóis sujos de suor e desfeita, não notando nada daquilo, e perguntou:

Posso dormir aqui mesmo?

Clemente e Joubert entraram para carregar as últimas peças de René e colocar na carruagem do conde, que, ao contrário da de Cristine, graciosa e pequena, contava com seis cavalos negros e era enorme. Clemente parecia cansado, mas feliz. Eu o segui até a porta sabendo que o conde continuava lá embaixo com os últimos convidados, no caso, Albertine e Lautrec, tomando uma taça de vinho enquanto a carruagem, não partia Perguntei a Clemente.

- Como está René? Criando muita confusão?

Como Joubert já ia na frente, ele parou para conversar um pouco comigo:

- Na saída da casa quis chamar por madame, o insensato. A fortaleza do Joubert deu-lhe tamanha cotovelada nas costelas (acho que lhe quebrou umas duas costelas) e ele se calou instantaneamente. Jogou-o dentro da carruagem e contou a ele como em Marselha existem métodos de se esfolarem pessoas vivas quando desejam que se comportem, e que o conde achava que isso sujava um pouco o estofado, mas era eficaz. A partir daí, ninguém mais falou nada.

O sério e grande Joubert subiu novamente as escadas e me olhou com uns olhos que pareciam mortos, mas tentou ser gentil:

- Mademoiselle, deseja que eu leve mais alguma coisa?

Lembrando do esfolamento de Marselha, eu respondi rápido:

- Não senhor, está tudo em ordem.

- Perfeito. O senhor conde pede que providencie um leito no quarto do senhor Clemente, para quando voltarmos. Ainda não nos apresentamos, mas sei que mademoiselle é Edite, amiga muito estimada de meu patrão, e eu

sou Joubert. Devo acompanhá-lo sempre que ele estiver nessa casa, permanentemente. Conte comigo para tudo que precisar.

Fiquei mais tranquila ao saber que ali estava um amigo, mas Joubert de início me deu calafrios na espinha. Paulette, sem papas na língua, ao vê-lo levar René puxou-me para um canto:

Quem é aquele que vai levar o fanfarrão? Um carrasco?

Eu tive que rir.

- Pois não é que parece mesmo? É um guarda-costas do conde, vai levar René à casa do tio. Cristine não permitiria outra coisa. Ah, arrume um lugar para ele no quarto de Clemente. *k* Vai morar aqui?

- Enquanto o conde estiver, sim.

Notei no rosto dela uma tristeza que confirmou algumas de minhas suspeitas.

- Não fique triste, Paulette. Nada impede que Clemente a visite quando quiser. Aliás, não pensam em se casar?

Não dei tempo de responder. Feliz por me ver finalmente livre de René (ou assim pensava), me encaminhei para o salão, despedi-me do conde com um abraço, dizendo que Cristine já dormia o sono dos anjos, e ele me liberou para que eu fosse dormir no meu pequeno e confortável quartinho, sabendo que meu amado Gastón ao menos estaria por perto.

XXV TEMPOS DE BONANÇA

JOUBERT ERA UM sujeito interessante. Talvez seja melhor descrevê-lo para que não se forme ideia errada dele. Era de poucas (aliás, pouquíssimas) palavras para pessoas com quem não simpatizasse, mas falava muito e era até bem-humorado quando gostava de alguém.

Devia ter uns dois metros e dez de altura, o que na época era um despropósito. O conde devia ter um metro e setenta e cinco e era considerado de bom tamanho; René tinha quase um metro e oitenta, logo, bastante alto. Homens comuns costumavam chegar a um metro e setenta, era a altura esperada. A humanidade cresceu em altura com o tempo e a alimentação adequada.

Além de sua altura exagerada, Joubert era louro, de um cabelo meio escasso, mas liso, castanho claro com mechas louras, que ele penteava de lado. Um nariz enorme, mas que nele ficava bem (tudo nele era grande), mas

os lábios eram finos e bem desenhados Não sei se enxergava bem; eu o vi apertando os olhos castanhos muitas vezes, mas numa distância de dez metros atirava uma faca com destreza admirável, e para cortar lenha nos dias mais frios devo dizer que deixava Clemente, com seu um metro e oitenta, humilhado, pois o louro era muito forte e carregava um tanto de madeira nos braços que o outro colocaria numa mula.

Sem falar nas machadadas. Paulette não ria, pois não queria humilhar o seu homem, mas eram duas de Clemente e uma de Joubert para o mesmo tanto de madeira cortada. Os dois competiam? De início talvez, depois tomaram-se os melhores amigos, a ponto de cumprimentarem-se com grandes abraços e, pasmem, até beijos estalados no rosto. Estávamos eu e Paulette na cozinha, eu a ajudava, já que o número de hóspedes aumentara. Paulette gostava da movimentação, e o conde já mandara trazer uma moça para ajudar, que sofria nas mãos da cozinheira: pequena, sem muita experiência, Jeanne ficava com patos e frangos a deparar, porcos a tostar, que o apetite dos homens e de Adele não era pequeno.

Aos poucos fui sabendo da história de Joubert. Foi achado nos muros da propriedade dos pais do conde ainda menino na ocasião, acharam que era adolescente, pelo tamanho. Ele era pobre e faminto. Vendo a força do rapaz e sua obediência cega (a miséria faz muitos homens obedientes), o pai do conde logo o tomou sob sua proteção e o imbuiu de trabalhos que não entregaria a qualquer um. Quem desagradava a nobreza costumava "desaparecer", e Joubert era esperto, forte e discreto. Uma ordem; dada não era discutida. Depois de servir ao pai, ele serviu ao filho, mas apenas agora era apresentado a Cristine, por quem ele suspirava toda vez que via passar.

Não gostava de falar de seu passado, mas percebi que desdenhava da condessa e de seus filhos, embora discretamente. Quando perguntei se ele não preferia voltar ao palácio do conde, olhando-me desconfia* do, perguntou:

- Mademoiselle prefere que eu vá?

Já não tinha medo dele, mas respondi com sinceridade, pois temia que René voltasse:

- De forma nenhuma. Me sinto muito tranquila com sua presença aqui. Quero saber se é bem tratado, se posso melhorar sua estadia.

Ele abaixou a cabeça, cortando um pedaço de madeira com a faca e ensaiando um sorriso torto:

- Nunca fui tão bem tratado, mademoiselle. Sou um servo, mas, se pudesse escolher, ficaria sempre aqui entre os seus. Principalmente perto de

'mademoiselle, que sempre é tão delicada. Não são todos que têm o coração como o seu. Podem até ter dinheiro, mas a alma...

Fiquei rubra como uma rosa vermelha, e acho que ele percebeu, pois se levantou e disse:

- Vou ver se os cavalos têm sede. Precisando é só chamar.

E se foi com seus passos de gigante. Paulette e Jeanne, da porta da cozinha, assim que ele se foi, caíram na risada:

Enfim aconteceu disse Paulette. Arrumou um pretendente! E que pretendente... Viu o tamanho do homem, Jeanne?

Li Ainda vermelha, abri caminho entre as duas e entrei na sala, decidindo não responder. Tinha graça,; eu, com mais de trinta anos, me engraçando com um senhor daquele tamanho... Elas que me respeitassem!

Olhei para a sala ainda sem móveis, pensando se os trazia de volta ou não. Tinha que conversar com madame ou com Lautrec. Ela faria outro número? Ou o conde cobriria a dívida com Albert? O número tinha sido comentado em todos os folhetins da cidade como sensual e de bom gosto, exaltavam a beleza de Cristine, o cenário, o cabaré luxuoso. Diziam ser um espetáculo digno das casas reais.

Mas eu estava no escuro sobre os próximos passos. Tinha marcado a consulta com o doutor Kayzen dois dias depois da apresentação. Ele nos atendeu em particular, abrindo mão das outras pacientes por conta da curiosidade que isso traria. Entrei com madame num ambiente oriental ventilado e limpo. Contamos o problema, e ele, que apesar do cabelo e do bigode pintado não maquiava suas rugas, nos sorriu:

- Quer dizer que madame sente tanta dor que fica impossibilitada?
Muito vermelha, Cristiné assentiu.

- E o rapaz usou do ópio e fez enquanto a senhora estava anestesiada.
Sangrou?

- Um pouco. Mas assim que o efeito do ópio passou fiquei com dores fortes.

Ele baixou a cabeça como se mantivesse os pensamentos para si.

- Se madame fosse minha filha e estivéssemos em meu país, esse rapaz teria sérios problemas. Espero que não esteja mais em sua vida. Está?

Foi a minha vez de responder:

Não. Ela tem um homem bom agora. Queremos ver se o doutor pode resolver ou aliviar o problema.

Ele levantou-se. Vestia um belo quimono oriental:

Sei que isso não é de uso em Paris, mas, sem examiná-la, nada poderei fazer. A outra moça pode e deve ficar junto, para que madame se sinta confortável. Não haverá dor, nem deve haver vergonha. E um exame médico, existe apenas a procura pela cura, a resolução do problema.

Cristine me olhou meio apavorada, mas ele já nos encaminhou para outra sala, e pediu que madame também vestisse um quimono, branco, de seda, enfatizando: só o quimono, nada por baixo! Olhamos uma para a outra, hesitando sobre o que fazer, e eu lhe disse:

Ora, vamos, não pode ser mais difícil que entrar no palco vestida só com aqueles véus!

Cristine me olhou meio zangada, mas mesmo assim assentiu. Quando voltamos à sua sala, ele tinha uma larga xícara de chá sem pires em sua mão, dentro dela um líquido marrom.

Agora tome isso. Não a fará dormir, mas a deixará relaxada. A senhora dormindo de nada serviria. Mas sua amiga ficará aqui o tempo todo, desde que não me atrapalhe. Me parece uma moça de fibra; fique ali atrás, e a senhora, deite-se aqui.

Apontou para o canto da sala e eu lá fiquei, sentada numa cadeira, de olho em madame, que se deitava em uma espécie de maca. É difícil admitir, mas muitos de nós, franceses, tínhamos preconceito com coisas estrangeiras; no entanto, aquela sala do doutor Kayzen era, em todos os aspectos, superior a qualquer sala de hospital parisiense que eu conhecesse. Era tudo limpo, claro, tranquilo, inspirado para acalmar o paciente.

O chá parecia fazer seu efeito. Deitada, Cristine sorriu para mim e ele estendeu por cima dela um fino lençol de algodão, e depois disse:

- Madame é dançarina, não? De dança marroquina? Li nos jornais. Muito comentada, artista famosa! Sua dança mexe muito com a pélvis?

- Sim. Na realidade fiz algumas adaptações de dança livre, mas os movimentos pélvicos são a base.

Não sentiu dores ao executá-los?

Ela franziu um pouco as sobrancelhas, como a tentar se lembrar: tfr-M No início, bastante. Mas seu remédio diminuiu as dores, e eu sempre fui disciplinada com a dança. Depois de algumas semanas as dores umiinuíram, e agora quase não sinto nada, mesmo sem os tabletes. Os efcêrcícios de uma dançarina desse tipo de dança não são simples, doutor. Exigem treino e paciência.

- Após ter as dores diminuídas, e não ter mais o efeito colateral do sono, a

primeira coisa que Cristine fez foi voltar aos seus exercícios. Era "viciada" neles, dizia que a faziam se sentir bem, bela e disposta. Às vezes ficava horas por dia se exercitando, o que resultou num corpo que muita moça pagaria o peso em ouro para ter: torneado, firme e gracioso, sem falar da postura e do jeito de andar. Lautrec costumava brincar que Cristine não andava, flutuava. Eu, que de preguiçosa tinha muito pouco, era avessa a qualquer tipo de exercício daquela natureza, e admirava madame, que só se abstinha da rotina quando o conde exigia, e era raro. O doutor começou a examiná-la e eu estranhei bastante que ela deixasse um homem vê-la daquela forma; virei o rosto em respeito, e ele riu:

- Mademoiselle Edite é como todos os ocidentais, tem vergonha do próprio corpo. Se é esta a área doente, é aqui que devo examinar. Um médico não olha o corpo em si, mas o desequilíbrio que ele apresenta. Não vê que toda ela está coberta, que meu interesse é apenas profissional?

Muito envergonhada, pedi desculpas e ele prosseguiu com o exame, usando umas espécies de varetas para observar melhor dentro dela. Cristine gemeu um pouco. Ele disse:

- Sei que é um pouco incômodo, mas sente dores?

N Não. Apenas um pouco de vergonha. Mas confio no senhor. Está tudo bem?

Ele se utilizou de algumas lentes e aparelhos que eu não conhecia, e por fim disse:

- Quem fez o aborto deveria ser preso. Não é à toa que sentiu tantas dores, não sei como não morreu. Nunca vi um "serviço" tão malfeito, nem tão desumano. Mas tenho boas notícias.

Ela ficou animada, e eu também.

Seus exercícios fizeram-lhe muito bem. Ainda assim, a relação amorosa pode trazer algum desconforto, por isso vou lhe passar uma pomada para usar uma vez por semana, quando for namorar. Não aconselho a se relacionar mais que isso, ouviu? Pode voltar o sangramento. Se usar como lhe digo, seu parceiro ficará feliz, madame não terá dores, e tudo dará certo.

Ela sentou-se na maca, alegre como uma menina.

- Uma vez por semana, jura?

Pensei que, para quem achava que nunca mais seria uma mulher completa, aquilo era uma notícia alvissareira. Mas, diante da animação dela, ele foi bastante frio, entregando-lhe um vidro com unguento:

- Não mais que uma vez por semana, ouviu bem? E agora pode ir se

trocar!

Como boa francesa, ela se vestiu rápido e lhe beijou as faces, coisa que o deixou muito satisfeito, mas quando quis pagar, ele não aceitou, e disse:

- Não quero dinheiro, quero dois ingressos para sua próxima apresentação. Pode ser?

E Considere feito!

Descemos as escadas felizes, o unguento bem guardado em sua bolsinha, Clemente sério na frente da carruagem, e nós duas pensando no que dizer ao conde, que não tinha simpatia pelo doutor Kayzen, e a quem tínhamos mentido dizendo ir às compras. Conteí meu receio a ela.

- Não se preocupe com isso, minha amiga. Ele não pode saber do exame, pois é ciumento demais, mas a partir de hoje garanto que Kayzen vai ter um novo admirador se as coisas derem certo.

- A senhora fará outras apresentações para quitar a dívida de René, madame? O conde permitirá?

Ela me olhou como se abordasse um assunto difícil:

- Sabe o que sinto por Gastón, Edite, e que sempre evitei contrariá-lo. Mas a dança é a minha vida! Depois que eu e Lautrec nos encontramos e ele dirigiu o número, as coisas tomaram um rumo diferente, e o que antes era obrigação de pagar uma dívida se tomou um prazer inenarrável. A vida de uma artista não é como a vida de uma mulher comum. Sinto falta do palco, do som dos instrumentos, da iluminação, dos aplausos. Nada é ocasional, tudo exige dedicação, talento, atenção, esmero! Cozette ficou tão encantada com a confecção dos figurinos que acha entediante fazer outras coisas, e teve um bom lucro, já que Albert pagou muito bem! Seu trabalho foi finalmente reconhecido pelos periódicos da corte, e ela me diz que já lhe encomendaram pelo menos uns dez trajes de "Salomé", a preço de ouro! E isso para festas particulares!

r Madame tinha que ver a minha cara e a de Gastón ao descobrir que suas costas estavam nuas, os véus voando em todas as direções. Achei que ele ia ter um ataque. O homem ficou branco como cera! . i. Até parece que Cozette me deixaria ficar de seios nus no palco! Aquela cola é que foi um inferno para tirar. Chegou a machucar.

Brinquei com ela:

- Deve ter sido castigo pelo susto que nos deu... A plateia veio abaixo!

Ela ria:

- Foi ideia de Lautrec. De início Cozette queria correr com ele e suas

sugestões. Já achara tirar os véus muita ousadia, mas ele sabe ser sugestivo. E depois, fiquei mais vestida que a maior parte das bailarinas, não fiquei?

- Ficou. Mas que efeito! A senhora parecia um sol naquele palco, iluminada por aquelas tochas! Mas, não me respondeu: dançará para o grande público novamente? As dez danças prometidas?

Ela abaixou a cabeça:

- Não. Não as dez danças. Primeiro porque Albert me disse que a primeira noite deu um lucro tão grande que já cobriu um terço da dívida, mesmo ele pagando as despesas do número, como os gastos no camarim, o figurino, Cozette, os dançarinos, músicos e Lautrec. Foi bastante honesto, apesar da fama de aventureiro. Disse que nunca vendeu tanto na vida.

Espantada com os números, pois sabia que a dívida de René era bem alta, voltei a perguntar:

- Mais duas danças, então?

Ela baixou a cabeça:

- Gastón queria quitar a dívida, mas eu não deixei. Brigamos feio por conta disso, até que ele entendeu que eu não queria dançar por conta de René. Sendo bem franca, pouco me importa o que aconteça com ele, desde que não morra por minha causa. Não quero esse pecado na consciência.

Tive que concordar com ela, morte na consciência é peso que ninguém precisa. Ela continuou:

Quero fazer mais um show, mas é por mim mesma, por Lautrec, por Cozette! Nos divertimos tanto! Albert ficou tão radiante, e eu gosto muito desse farsante. Combinei com Gastón que faria apenas mais uma dança, minha última dança para o grande público, depois me dedicaria apenas a ele e a nossa casa de crianças. Lembra do nosso sonho? O conde gostou da ideia, acredita? Diz que vai ficar muito mais feliz comigo cuidando disso, do que atirando véus ao alto com Lautrec.

- Sua última dança? Não vai mais dançar depois?

- Tudo tem seu tempo na vida, minha querida, e sair no auge deveria ser o sonho de todo artista. Vai ser minha última dança, sim, ao menos aberta ao público.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Nosso sonho tinha se adiantado e Gastón estaria incluído nele. Em minha mente, com o aval de um nobre as coisas seriam mais fáceis, poderíamos localizar o padre Armand, que nos ajudaria com gosto.

Mal sabia eu do pesadelo que se abateria sobre o meu país dentro de

algumas décadas. Estávamos então em 1764.

Fazia já quase duas semanas que a festa se passara, e o conde, ao contrário do hábito anterior, não saiu da casa de madame para ir ter com a condessa. Acordava lépido, brincava com Paulette, chegava a ir até a cozinha ver o que ela preparava, coisa que nunca tinha feito antes.

Quando chegamos com a carruagem, encontramos ele e Joubert num canto do jardim, perto da ala dos empregados. O gigante abria os braços e parecia explicar alguma coisa, e Gastón ouvia interessado, mão direita no queixo, como que a medir o terreno com os olhos. Ao nos ver, os dois vieram rapidamente, Gastón esticando os olhos para ver o que Cristine comprara (afinal, ela disse que ia às compras), e Joubert me olhando meio cabisbaixo, estendendo a mão para que eu saltasse da carruagem, tímido e cortês. Pouco acostumada a essas gentilezas, estendi minha mão enluvada e ele curvou-se para me ajudar a descer. Me olhou então com aqueles olhos de um castanho profundo, dando um meio sorriso, que eu retribuí com um rápido "obrigada", e corri atrás de Cristine.

Nunca tinha sido cortejada antes, seria daquela forma? Com o rosto em brasa, entrei na sala. O conde perguntava onde estavam os pacotes, e ela, sorrindo misteriosamente, elevou sua pequena bolsa no ar (nela estava a pomada):

- Minha compra está aqui.

Vendo o ar travesso dela, Gastón aproximou-se, curioso:

- Mais uma joia? Uma nova essência, talvez? Demoraram tanto que eu já estava ficando preocupado.

Ela sorriu, misteriosa:

- Muito melhor que joia ou essência, e a demora foi necessária. Acredite-me, *mon bien-aimé*²¹, a demora vai valer a pena.

E, me pedindo que lhe preparasse um banho, subiu para o quarto, misteriosa. O conde me olhou ainda mais curioso:

- O que ela comprou dessa vez? Alguma poção de bruxa?

Tive um impulso de responder: "de bruxo", mas me contive. Ele continuava a andar pela sala cheia de tapetes, com umas poucas mesinhas, muitas almofadas e a barra de madeira colocada na parede lateral, onde ela costumava se exercitar. Finalmente me perguntou:

- Não que a sala não esteja bonita, aliás, nunca vi tapetes tão belos. Quando os compramos não tinha reparado neles direito. Mas, não usaremos mais os nossos móveis, Edite? Onde estão? Ela teve que vender?

- Claro que não. Estão muito bem guardados na estrebaria. Madame precisava de espaço para os ensaios e não queria usar o cabaré, então pediu que os tirássemos provisoriamente. Não passamos necessidades sérias, senhor. Albert custeou as despesas da casa enquanto preparávamos o número e, como sabe, salvei boa parte das joias e dos alugueis rurais. Estamos sem dívidas, não precisamos vender nada.

- Não sei o que seria de Cristine sem você por perto. Eu a considero minha melhor amiga, sabe disso? Quero muito que seja feliz, Edite.

Não esperando essa efusão de sentimentos, fiquei alegre, mas sem jeito.

- Sou muito feliz por aqui, senhor. E fico ainda mais feliz com a sua volta. Também o considero, se me permite, o meu mais precioso amigo, se é que uma simples governanta pode falar assim com um conde.

Ele olhou ao longe, como se filosofasse ou lembrasse coisas passadas.

- Passei dos cinquenta anos, Edite, e isso não é pouco. A maior parte de meus amigos já se foi, ou nas guerras ou de doenças. A idade tem suas vantagens, minha querida, quando vem acompanhada de conhecimento. Na juventude eu achava que a diferença entre as classes era não só obrigatória como sábia. Nobres eram escolhidos por Deus, o povo pertencia a outra categoria. Pois quanto mais conheci a humanidade, mais vi o quanto há de tolice nessas ideias. Fiz coisas deis quais me arrependo, por ter acreditado nesses absurdos, e hoje constato sem nenhum medo que a crueldade que guiou muitos dos meus atos não passou de orgulho e vaidade tola. Coisas que infelizmente governam a alma de minha esposa e de meus dois filhos.

Senti que ele queria conversar um pouco, tirei minhas luvas e meu pequeno chapéu, colocando-os num pequeno aparador, e ele me encaminhou para uma das mesinhas do jardim.

- Será que não poderíamos tomar um chá, ou um café, como é moda agora?

Pedi a Paulette que providenciasse uma bandeja e levasse para o jardim. Café para ele, chá de jasmim para mim, que não conseguia dormir quando tomava aquela bebida. Quase esbarrei com Clemente e Joubert, levando os tachos de água para a banheira de Cristine. O conde riu muito:

- É um dos hábitos que eu adoro nela. Sempre cheira como algo exótico, com a pele limpa e fresca. Joubert tem ajudado bastante, não?

- De início seu tamanho nos assusta um pouco, mas confesso que já não saberíamos o que fazer sem ele. Virou parte da "família". É prestativo, segue Clemente e Paulette e vigia a casa melhor do que qualquer cão de

guarda. Sem falar que é um bom homem, gosta muito do senhor.

- Sabe que René pode voltar a perturbar sua madame, não? Um dos motivos de nossa permanência aqui é esta. Quando eu tiver que viajar, Joubert ajudará Clemente na segurança da casa. Não confio naquele sujeito, é um viciado. Quando seu dinheiro terminar, virá buscar mais.

- Acha que ele se atreveria a voltar aqui, senhor?

10 vício, Edite, é o pai de muitos pecados. E ele tem paixão por Cristine; agiu de forma tola durante um tempo, mas nunca a traiu. E olhe que ela lhe deu chances e até incentivou isso, hoje sabemos o porquê. Conversamos seriamente com o tio dele, um pequeno e próspero comerciante de alimentos. Ele entendeu o recado, não quer perder o que tem, por isso o aceitou de volta. Mas não sei como fará para controlá-lo. Por isso fiquei preocupado com o atraso de vocês duas hoje.

Fiquei aliviada de que alguém além de mim visse o perigo que René poderia representar, mas já fazia quase duas semanas, e a paz reinava. Quem sabe não tinha encontrado outra mulher de posses para explorar? Ou talvez o tio o mantivesse. Não sabia o que pensar, só rezava. Curiosa, fiz a ele uma pergunta de cunho pessoal, como só os amigos fazem: r A condessa não ficará zangada com sua ausência? Sabe como em Paris tudo se comenta.

- Quando eu e Cristine nos afastamos foi que notei o que era de fato o meu casamento. Sem ter os dias felizes que passava aqui e a companhia de vocês nas viagens, percebi como o mundo pode ser mesquinho e vulgar. Eu e minha esposa não nos suportamos, Edite, minha permanência no palácio foi desastrosa. Não é à toa que os nobres possuem casas tão grandes.

- Fiquei com pena dele, e acho que meu olhar o incentivou a continuar:

R Chegamos a dividir a casa em ala esquerda, para mim, e ala direita, para ela. Mas não deu certo. Nossos filhos são muito apegados e parecidos com a mãe, e não temos intimidade, por mais que eu me esforce. Leon é tão afetado e tem tanto gosto por futilidades que não conseguimos nos suportar. Que desgosto ter um filho assim! É mimado, cruel com os empregados, promíscuo, não se interessa por negócios, embora se ache um gênio em todas as áreas do conhecimento humano. Está com vinte e cinco anos, mas as noitadas em claro lhe dão a aparência de um senhor de mais de trinta!

Me entristeci com a imagem. Já tinha escutado falar das orgias frequentadas por Leon, e sabendo que o conde não era dado a esse tipo de comportamento, imaginei que isso o aborrecesse e tentei desviar o assunto do rapaz:

- E a moça? Chama-se Pilar, não? Um belo nome espanhol. É bonita? Dizem que as filhas costumam ser mais afáveis com os pais.

- Quando me casei, minha esposa era uma moça de vinte e dois anos e eu não tinha mais de dezenove. Casamento de conveniência entre famílias nobres. Meu pai sempre teve loucura por cavalos, e o pai da condessa era um marquês espanhol que também tinha uma formidável coleção de espécimes árabes. Era filha única, um bom negócio para ambas as famílias. Aos trinta anos, ela já estava órfã e eu vendi as terras espanholas e comprei mais na França. Enriquecemos os dois. Sempre fui bom negociante, Edite, ao contrário de boa parte da nobreza, e sei que no meio em que vivo, o comércio de vinho e cavalos com o mundo turco e o árabe, a palavra é fundamental. Estou começando agora na importação de café, e tenho tido bons resultados.

Falando na bebida, ele sorveu um bom gole da mesma, sem adoçar, apreciando o sabor.

- Pilar hoje tem vinte e sete anos. A mãe dela nunca foi bonita, tinha o nariz muito grande, tendência obesidade, gênio difícil, uma dificuldade de aprender idiomas que até hoje me impressiona. Seu francês é de um sotaque carregado. O francês de Pilar ao menos é perfeito, mas a beleza nunca foi seu forte. Quando pequena, era tímida, mas até me procurava, sentava-se no meu colo. Eu, porém, era muito jovem então, tinha uns vinte e cinco anos, e começava a tomar conta dos negócios da família, que não eram poucos.

Pelo olhar, ele parecia lembrar-se de épocas longínquas, e me pareceu se entristecer.

- Casamentos por conveniência podem ser desastrosos, minha pequena Edite. A condessa e eu não nos acertamos desde o início, parte por culpa minha, parte pelo gênio dela. Demoramos alguns anos até nos entender e conseguir ter filhos. A felicidade nunca foi uma alternativa entre nós. Éramos os dois ricos demais, cercados de luxo e privilégios, nos achávamos quase deuses. Os meninos foram criados nessa ideia absurda, que hoje, com a graça de Deus, é combatida pelos filósofos do iluminismo. Quando Pilar fez quinze anos, começamos a nos preocupar com pretendentes: com nossa situação financeira, eles não faltaram, como pode imaginar. Mas minha filha, que antes tinha um viço de juventude, mostrou desde cedo ser exigente em relação aos rapazes. Não queria um mais pobre que ela de jeito nenhum! Imaginei a situação de Gastón, pois ao contrário do que se pensava eram muitos os nobres na Europa, principalmente na França, mas com boas condições financeiras, apenas alguns. A maior parte estava se afundando em

dívidas e aproveitando o seu privilégio da nobreza, mantendo aparência quando podiam. Cristine costumava brincar que nunca na França se viram tantas joias falsas, feitas quase que com perfeição, mas que escureciam com o tempo, como tudo que não é verdadeiro. Q conde sorriu com a lembrança.

Começou então um verdadeiro inferno com a vida amorosa de nossa pequena Pilar. A mãe a apoiava em tudo, incondicionalmente, e os nobres que eram realmente ricos não se interessavam por ela, mesmo com o dote, já que, como a mãe, ela não tinha tantos encantos femininos. A tendência à obesidade começou a se manifestar logo, e com isso, ei-la ainda solteira.

- Deve ser difícil para uma moça como ela, que sempre teve seus menores desejos atendidos respondi.

Igte Nem me fale! Voltou-se para a religião, por causa de um bispo espanhol que frequentava nossa casa, e hoje só se veste de preto, raramente usa enfeites, e é extremamente moralista.

- Não gostaria de ser freira, então?

E abrir mão do luxo do palácio e suas regalias? Nem pensar! Como a mãe, tem uma vida um tanto devassa, só que com discrição. As duas atualmente dão-se muito mal, uma julgando a outra o tempo inteiro e as duas a me julgar. Aliás, é só nisso que concordam: que eu não as mereço, e que deveria ser um pai e um marido muito melhor. Não posso dizer que elas não tenham razão, mas o palácio não é o meu lar, Edite. Meu lar é aqui, com Cristine, a quem quase acabei matando por preconceitos tolos.

Senti-me feliz por ele finalmente ter voltado e por ter se arrependido de seus erros com madame. Vimos Adele entrar pela porta principal usando um de seus melhores vestidos. Ficava atraente de verde, mas Cozette devia ser mais cristã e abrir um pouco as costuras das roupas da irmã. Ela parecia sufocar em seu traje. O conde quis ser gentil:

- Como foi a confissão, Adele? Demorou, já estávamos preocupados. Ela sentou-se conosco à mesa e deu a Gastón seu mais belo sorriso:

- A igreja estava cheia demais. Aproveitei para rezar um pouco, pela alma de meu falecido e por nossa família.

Achei estranho a pequena igreja de nosso bairro estar cheia num dia de semana, mas não fiz nenhum comentário. Não era da minha conta onde Adele passava suas tardes. Ela comentou:

- Vi o seu gigante fazendo medições no terreno dos fundos da casa. Vai fazer uma reforma?

- Como pretendo passar mais tempo aqui do que antes, pedi a Joubert

que aumentasse a ala dos empregados e fizesse uma adição, uma espécie de pequena cabana bem charmosa, combinando com a casa, na ala dos fundos. Valorizará a propriedade, e no futuro pode até ser usada como casa de hóspedes.

Adele franziu as sobrancelhas:

- Não pretende me colocar para morar fora da casa, não é, meu "cunhado"?

- Claro que não ele riu. De início pensei em colocar Clemente e Paulette lá, que parecem desejar se casar. Será erguida em poucas semanas, assim Joubert terá um quarto próprio.

Fiquei tão feliz por ele ajudar o casal que eu amava tanto, que estranhei a reação de Adele:

- Bem que minha irmã diz que o senhor é generoso demais! Assim acabará por estragar esses empregados! Paulette casar, imagine! Já deve ter mais de trinta anos! E ainda ganhar uma moradia nova!

- Cozette realmente tinha razão, Cristine teria de ter cuidado com ela. O conde se irritou:

- Não sei como tratava seus criados, mas Cristine tem uma política diferente aqui. Estão conosco há tantos anos que já os considero amigos, e se puder contribuir para o conforto deles, que sempre prezaram pelo meu e o de minha amada, farei com prazer. O pequeno chalé será da casa, e não deles, mas seu comentário me deixou intrigado: não seria bom, como presente de casamento, realmente dar uma casinha para eles, Edite? b Vendo que Adele ficara rubra de irritação, respondi muito satisfeita: g&Acredito que se fizer isso eles ficarão etemamente gratos, senhor. Mas se a casinha deles for longe do serviço, não seria incômodo?

- Tem razão. Essa casa tem um terreno amplo, separarei aquele pequeno pedaço de terra e, depois, assim que o casamento se realizar, eu o passo para o nome de Clemente. Acha que Cristine aprovará? Assim eles já 'Acordariam dentro do serviço".

Tenho certeza de que madame ficará encantada com sua ideia, senhor! E depois, essa casa é sua! Sua generosidade vai agradá-la muitíssimo! kr Quanto mais eu falava, mais irritada Adele ficava. Ela levou as mãos à cabeça e levantou-se, como se não suportasse mais a nossa presença:

- Bom, peço licença> conde. Uma dor de cabeça insuportável está me deixando indisposta. Espero, senhor, que não se arrependa no futuro de tanta generosidade!

Ele levantou-se para a saída dela, como um cavalheiro, mas eu permaneci sentada, feliz por Paulette e Clemente!

- Q senhor me permite contar a Paulette? Ela vai dançar por três dias seguidos de tanta alegria!

- De forma nenhuma. Sinto muito, minha amiga, mas não perderia a reação dela por nada desse mundo. Chame Clemente, vamos contar aos dois.

Correndo para a cozinha, dei com o casal junto a Jeanne, que sovava uma massa de pão. Anunciei que o conde desejava falar com os dois com a cara mais séria possível não queria estragar a surpresa. Paulette franziu o cenho:

- Que foi? Aquela empoada da Adele andou reclamando com ele de novo? Já disse a ela que na minha cozinha ela não entra!

- Se eu fosse você iria logo, com Clemente. Parece coisa séria.

Os dois se entreolharam como se tentassem adivinhar algum erro cometido no passado, ou algo assim. Rapidamente ela se lavou, arrumou a touca nos cabelos castanhos, alisou o avental branco e entrou na sala com Clemente, que ia resabiado como ele só. A cena foi tocante e engraçada ao mesmo tempo: chegaram os dois cabisbaixos, e Gastón disse que iria construir para eles uma pequena casinha, nos fundos do jardim, desde que, é claro, se casassem.

Paulette primeiro estranhou: uma casinha? Como assim? Ao ser informada que seriam os proprietários, a alegre cozinheira deu um gritinho que mais pareceu um uivo, de tão contente que estava, e Clemente desatou a chorar. O conde riu muito dela, e bateu nas costas de seu empregado: -

- Agora não me decepcione, e faça dela uma mulher honesta! Não pense que não sei de suas "visitas noturnas" ao seu quarto.

Casaram-se de fato, duas semanas depois, na pequena igreja do bairro. Ela, enfeitada por Cristine e Cozette; ele, sério e compenetrado como nunca. A casinha ficou pronta uma semana depois. Era, na maior parte, de madeira; tinha um quarto, uma sala grande e uma cozinha pequena (o banheiro ficava do lado de fora, como na época se fazia), tudo cheirando a novo, muito simples, mas muito bonitinho. Também eu lhes dei presentes: alguns móveis simples (uma mesa, cadeiras e um pequeno aparador) mas que deveriam durar bastante. Com tudo pronto, o conde, ao lado de Cristine, olhou para mim:

- Fizemos nossa parte pelos dois. Não seria a hora de fazer algo por você? Queríamos lhe dar um presente, Edite, para que tenha uma velhice tranquila quando chegar a hora. Uma casinha, talvez?

Emocionei-me com a bondade deles, mas declinei:

- Ora, senhor, não se preocupe com isso. Ganho bem de madame e nunca gasto com nada. Com isso, já acumulei uma boa quantia para a velhice. E depois, tenho certeza de que, se precisar, Clemente adiciona um pequeno quarto na casa dele.

- Meu Deus, uma mulher que poupou para a velhice! Sabe como isso é raro, minha pequena?

- Cristine saiu-se bem:

Eu não lhe disse, sempre, que ela era um tesouro? Uma de nós duas precisava ser previdente, não é, minha amiga?

Foram tempos bons aqueles. Cristine já ensaiava com Lautrec quase todos os dias, e por mais que eu tentasse adivinhar, não descobri que personagem ela faria. Sabia que não teríamos muitos bailarinos, e um dia chegou em casa, com Lautrec, um homem másculo, moreno, barba aparada, dançarino?", perguntei ao coreógrafo.

- É um ator, minha querida. Bonito, não? Tem traços meio brutos, mas faz uma bela figura.

De fato era um senhor atraente, de seus trinta anos no máximo. O conde não ia ficar à vontade com aquilo, pensei eu. Como se lesse meu pensamento, Lautrec me respondeu:

- Não se preocupe, minha amiga. É realmente bem forte, mas vive com um de meus amigos escritores há três anos. Gastón não corre o menor perigo com ele junto de Cristine!

- O conde ficava uns cinco dias por semana na casa, e teria de conviver com aquele senhor de quase um metro e noventa, moreno e atraente, andando pela sala, junto à sua amada. Não sei se ia ficar muito feliz. Olhei para o rapaz e vi ele e Lautrec conversando animadamente, e, de repente, numa das risadas que os dois soltaram, me animei: realmente, Cristine teria ali, no máximo, mais um bom amigo.

Eram tempos de bonança. Um arrepio me fez estremecer a espinha: tempestades viriam?

XXVI REENCONTRO

(Narrativa de Ariel)

NA COLÔNIA, MAIS um fim de tarde chegava com a narrativa envolvente de Edite. Súbito, uma voz poderosa soou em meus ouvidos internos. Era

Serafim, que, ao lado de Edite, respondia a perguntas de ouvintes:

- Chame Clara, e se possível, também a Nana. É urgente!

- Clara, com seus cabelos lisos e castanhos, estava sob suave brisa que vinha de grande janela do Auditório do Centro de Literatura. Ela ergueu os olhos castanhos, deparou com os meus e perguntou com a mente:

- Urgente? Será o que penso?

- Sem mais o que dizer, pois não sabia do que se tratava, eu a vi se aproximar de Nana e dizer:

- Vamos, Ariel quer nos falar.

O olhar de minha amiga, sempre tão jovial e puro, chegou até os meus, e fomos andando até Serafim, que sorriu para ela:

- Tenho boas-novas, companheira! Júlia está voltando para casa. Pensei que você e Ariel gostariam de presenciar sua desencarnação. Nana vai querer ir junto. Seria bom se ela visse a babá que a criou por tantos anos. Estremeci de alegria por minha amiga, que tinha os olhos em lágrimas, de júbilo e agradecimento ao Criador. A filha que ela deixara na Terra ao desencarnar, com apenas três anos de idade, agora viria finalmente ter com ela. Clara velara toda sua existência com orações e visitas, que muitas vezes a própria Júlia pressentia. Ela olhou para Nana, que nunca tinha saído da Colônia e tinha medo do umbral, do qual tantos falavam horrores.

- Quer ir conosco auxiliar à nossa Júlia, que desencarna ainda hoje?

Há décadas na Colônia, Nana a olhou com algum assombro:

- Minha nossa, dona Clara, com que idade ela está? Me lembro da moça bonita de seus dezesseis anos, mas isso já faz tanto tempo!

- Está com mais de oitenta anos, Nana. Não é incrível o quanto viveu? Serafim nos ajudará?

- Como sabe, tenho alguns compromissos por aqui. Mas fique tranquila, além de Ariel, estará com Olívia. Acha que precisa de mais auxílio?

A pequena Olívia brilhava num sorriso maroto no canto da sala, pés sem tocar o chão, como sempre. Clara enxugou as lágrimas.

- De forma nenhuma, irmão Serafim. Olívia indo junto, tudo correrá bem, conforme a vontade do Senhor!

O desfazimento de alguns laços que prendem o corpo ao espírito podia ser doloroso algumas vezes. Com Olívia junto me senti mais confiante* afinal Júlia já era como que uma velha e boa amiga, tantas vezes eu tinha acompanhado Clara à Terra para vê-la. Queria que sua desencarnação se desse da forma mais tranquila possível. Nana estava esfuziante por ver Jú?

lia, mas temerosa da viagem à qual estariam sujeitos. Clara tranquilizou-a:

- Não vamos passar pelo umbral que tanto teme, sua tonta! Vamos só buscar a nossa Júlia!

- E sabe onde está, dona Clara? Tantas décadas depois! Está na casa onde costuma visitá-la?

Clara fez um ar triste:

- Não, querida amiga. Está num hospital. Sua doença evoluiu rapidamente e ela está só, num quarto isolado. Não tenha medo, ela ficará tão feliz em vê-la! Estará protegida e, depois, vamos apenas à nossa querida Terra, da qual você sempre se lembra.

Ajeitando o coque num gesto bastante feminino, Nana deu as mãos a Clara e, comigo e com Olívia, depois de pequeno esforço, fomos a pequeno hospital localizado em Santa Catarina, no nosso amado Brasil. Assim que chegamos, ri com os olhos assombrados de Nana:

- Ah, é assim que viajam? Coisa mais simples! Achei que levava horas.

- O prédio simples, caiado de branco, parecia mais uma casa-grande que um hospital, ou "Casa de Saúde", como estava no letreiro. Incrível como o ar da Terra era pesado para nós, acostumados com o ar da Colônia, puro demais em comparação. Ficava em rua estreita de uma cidade do interior, e tinha o movimerito típico dos hospitais e clínicas particulares do Brasil; ambulâncias estacionadas, funcionários na maior parte de branco. Não era um ambiente assustador. Olívia, mais rápida que nós, entrou no prédio sem se deter com nada disso. Lá dentro, vimos que era maior do que parecia por fora, com médicos muito ocupados, alguns deles acompanhados de seus mentores espirituais; Olívia sorriu para alguns destes, que nos olharam sem espanto, retribuindo com sorrisos de saudação.

- Esses irmãos abnegados que às vezes acompanham médicos fazem prodigioso trabalho, tanto na cura de pacientes, como no auxílio de seus protegidos, que muitas vezes não percebem sua presença. Alguns tinham uma luz tão translúcida, que Nana perguntou: á São anjos?

- Se quiser chamar assim. São benfeitores abnegados que trabalham muito. Alguns, de esferas bem superiores às da Colônia. Não gosto muito é desse cheiro! Tão pouco auspicioso! Olívia respondeu.

Esfregando as mãozinhas, abriu-as como se quisesse espalhar algo pelo ambiente, e sentimos um suave cheiro de jasmim, típico dela.

- Agora está melhor! Deixe ver se a encontro!

Atravessando paredes e passando por vários ambientes, levou-nos a um

quarto com pacientes em camas bem limpas; era o Centro de Tratamento Intensivo da Casa de Saúde. Estavam lá, separados por pequenos compartimentos para evitar a contaminação, pelo menos oito doentes em estado grave. Clara abraçava Nana como para transmitir-lhe força, e nos encaminhamos sem dificuldade para um leito específico, onde uma senhora de cabelos brancos, cortados muito curtos, respirava com a ajuda de aparelhos, em estado de semiconsciência. Clara chegou perto dela, olhando-a com carinho e enxugando uma lágrima:

Minha Júlia! Abençoado seja o Senhor que nos propicia este momento! Tantas vezes a visitei, minha querida...

Observei os traços finos da anciã, notei as mãos um pouco deformadas pela artrose, mas bem-cuidadas. Estava magra, mas de ventre inchado devido a um câncer que lhe corroía o estômago. Soube por Clara que Júlia tivera uma vida difícil, casada com um homem escolhido pela família, abastado, mas nada gentil. Tivera quatro filhos, educados em boas escolas. Três deles faziam parte da empresa do marido, que, se não era próspera como antes, pelo menos sustentava bem toda a família.

Ela dedicara amor incondicional aos filhos. Tivera boa saúde, e conhecera pelo menos seis netos e um bisneto. O marido faleceu havia mais de vinte anos, e encontrava-se ainda, pelo gênio difícil, em uma região do umbral. Como, por seu comportamento, fez Júlia sofrer muito, Clara não tinha grande simpatia por ele, embora aconselhada pelos mentores a sempre perdoar. Ela tentara ajudá-lo no umbral, mas, desconhecida para ele, apesar de seus retratos espalhados pela casa terrena de Júlia, ele voltou-lhe as costas, preferindo o ambiente lúgubre, mas de desvarios sexuais, onde estava. Nana estranhou primeiro que aquela fosse a sua Júlia, que ela deixara aos dezesseis anos, agora transformada pelo tempo em anciã, frágil e deitada em um leito de hospital:

- Como a vida é engraçada, dona Clara! A menina que deixamos na Terra agora mais parece sua avó! E que tubos são esses? A pobrezinha deve estar sofrendo muito!

- São necessários para que não sinta tanto as dores da doença, Nana expliquei, mais familiarizado com ambientes de hospitais.

- Mas fica aqui nessa salinha envidraçada, tão só. E esses outros aqui em volta, nessas outras salas? Também estão para desencarnar?

Olívia olhou em volta e viu mais sete salinhas daquelas, ocupadas por pessoas em estado de inconsciência, e respondeu:

- Por enquanto, a maior parte aqui vai se restabelecer. Vê alguns irmãos espirituais prestando socorro?

Era verdade. O ambiente, que parecia vazio e insípido, estava tomado de entidades espirituais, algumas nos sorriam em compreensão, outras não eram tão boas assim.

Ao lado de uma mulher também ligada a tubos e que parecia bastante machucada (vinda de um acidente automobilístico, talvez), notamos uma entidade que tentava se esconder de nós, mas que olhava para ela com ódio e satisfação. Em seus pensamentos víamos os maus sentimentos pela criatura no leito, que parecia bastante inquieta os sedativos estavam perdendo seu efeito. Nana continuava curiosa:

- E os filhos dela? São três meninos e uma menina, não? Onde estão? Ela parece tão abandonada.

- Não pense mal de meus netos, Nana. Nesse ambiente, apenas médicos e enfermeiros podem entrar. Dois dos meninos e a mais nova, a quem ela deu meu nome, são muito apegados à mãe. Foram, durante a vida dela, fonte de aprendizado e alegria, embora causassem também os aborrecimentos naturais que os filhos causam. Apenas o mais velho não tem essa ligação com ela: parecido com o pai, achava que Júlia era tão boa que parecia ser tola. Esse não sentirá sua falta, mas os outros sim; estão em suas casas, aguardando o horário de visita, não a abandonaram, como pode parecer.

Olívia, quieta para nossa surpresa, e em oração, pedia aos céus que nos amparassem naquele momento de libertá-la do corpo. Novamente esfregou as mãos uma na outra, olhou séria para mim e disse:

- É chegada a hora, Ariel. Vou precisar de sua ajuda.

Coloquei-me ao lado em oração e em posição de passe energético, enquanto Olívia, para meu espanto, foi desligando o corpo da alma através dos fios prateados já bem esmaecidos, com facilidade. Pediu-me com o pensamento que pousasse as mãos na cabeça dela e enviasse pensamentos de paz e boa ventura. Sentíamos nela o medo natural da morte, mas estava recobrando a consciência para o mundo espiritual. Minhas palavras pareceram acalmá-la, e Clara, ligada à filha, disse-lhe ao ouvido esquerdo:

Nada tema, Júlia. A vida continua! Deus não a abandonaria em momento tão necessário. Aqui estamos para recebê-la, não se sentirá mais só!

Fenômeno comum observamos enquanto Olívia habilmente a libertava do corpo. Vimos, pelo pensamento de Júlia, toda sua vida terrena como se

fosse um filme de trás para frente: o tratamento mortificante que fizera cair seus cabelos, as consultas aos médicos, a dor da família, a descoberta da doença. Vimos Júlia em sua casa, onde também morava sua filha mais nova, seus feitos já na terceira idade, quando trabalhara pelos mais pobres da paróquia onde morava, supervisionando seu abrigo e alimentação. Clara sorriu: Júlia tinha o espírito da caridade. Depois a viu mais nova, na morte do marido, os filhos ainda jovens e a insegurança que sentiu quanto ao futuro deles. Voltamos então ao período do nascimento das crianças, em que ela, apenas com os criados, cuidava com carinho dos seus pequenos rebentos, enquanto o marido se divertia em casas de prostituição após o dia de trabalho na empresa. Tanta mágoa e ressentimento ela sentira, bela e jovem cuidando de tudo na casa e escondendo da família os dissabores que o marido lhe dava!

- Não foi feliz no casamento. Merecia marido bem melhor disse Nana.

- E quantos de nós tivemos bons casamentos durante a vida na Terra? Estavam em estado de evolução distintos, e o orgulho dele não ajudou em nada. Perdeu a rara chance de desfrutar de uma boa e bela esposa e evoluir com ela. É pena!

Depois, para nosso enlevo, a vimos com Nana na adolescência e na infância, voltando rapidamente para os abraços de Clara. Entendi no coração o sofrimento de minha amiga: as lembranças de Júlia a mostravam a sorrir para ela e a acolhê-la nos braços magros, mas macios de mãe.

- Na realidade, nunca estive longe, minha adorada Júlia! disse Clara, emocionada. E agora vamos finalmente poder estar juntas!

Olívia terminou seu trabalho, que se fosse realizado por mim e Clara seria mais doloroso e demorado. Júlia deu seu último suspiro na Terra. Os aparelhos em volta começaram a fazer um barulho incômodo, registrando sua parada cardíaca, e logo vimos aparecer um velho médico e uma enfermeira nos seus quarenta anos, ela perguntando se devia proceder à ressuscitação por meio de massagem cardíaca, e ele a olhar o corpo de Júlia, responder com serenidade:

- Não acho que devemos tentar, dona Aurora! Ela já sofreu tanto, e era tão boa. Minha amiga Júlia deve estar agora nos braços dos anjos em quem tanto acreditava.

E tínhamos mesmo a alma de Júlia, ainda dormindo, já desligada completamente, flutuando em cima de seu corpo terrestre. Súbito, ela abriu os olhos e a primeira pessoa que viu foi Clara, a lhe sorrir com encanto,

agradecendo a Deus a oportunidade de poder falar diretamente com ela, sem que ela duvidasse de seus sentidos:

Nada tema, Júlia. Viemos buscá-la, pois a vida continua! A morte não passa de impressão enganosa da humanidade. Conosco será feliz! í n Ela a olhava com espanto:

- Mãe? É mesmo a senhora? Mais jovem que todos os meus filhos, e que bonita!

- Nana, que estava aos prantos de tão alegre, pronunciou:

- Não lhe dizia sempre que as fotos não lhe faziam justiça, menina Júlia? Abençoado seja o Senhor por me permitir vê-la novamente! Sem aqueles tubos, você fica bem mais bonita.

Já de pé ao nosso lado, observando o trabalho dos médicos e das enfermeiras, Júlia deu um grande sorriso ao ver a amada babá e lhe abriu os braços para um grande abraço.

- Nana! Tanto rezei por ti, querida! Que falta me fez. Tanto queria ter feito por você, que tanto carinho me desvelou! E você, mãe! Tantas vezes a senti por perto, em momentos difíceis... As vezes parecia sentir seu carinho na brisa suave do vento, a me levantar os cabelos e me fazer sorrir. Vejo-a agora tão nova! Se sinto em deixar os meus, que já estão crescidos criados, imagino o que não senti ao ficar longe de mim, estando eu aos três anos de idade!

- Na realidade, Júlia, nunca estive distante. O bom Deus, que a tudo provê, deixou-me ir visitá-la em muitos momentos de sua vida, e no vento, filha amada, estavam, sim, muitas vezes, minhas carícias e meu amor.

Olívia decidiu intervir:

- Ela precisa de descanso agora, dara. Deixe-me induzi-la ao repouso. Ainda sente dores?

- Não muito. Mas sinto cansaço. Vamos para o céu, minha mãe? Como é lá? E essa menina, é um anjo? perguntou, referindo-se a Olívia, cuja luz a diferenciava dos demais.

Nana riu e, antes que ela novamente caísse no sono, respondeu:

- E anjo, sim, mas não gosta que falem isso. E não vá esperando falar com São Jorge. Já me explicaram que ele é muito ocupado!

Com Júlia em estado de sono profundo, nós a levamos para a Colônia, onde ela ficou por pouco tempo no hospital, graças aos passes curadores de Olívia. Brevemente teve de volta seu vistoso cabelo branco, e passou a morar com Clara e Nana, em casa perto da nossa. Minha mulher, Esthefânia, logo se afeiçoou à nova vizinha, ficando as duas muito amigas. Faziam planos de

trabalharem com as crianças, que aqui têm um lugar especial.

Ao ouvir falar das cartas de sua mãe, modo que Clara encontrou de se comunicar com ela, leu-as todas, já que na Terra, sendo católica dedicada, não lia livros espíritas²².

Júlia, interessada e inteligente, logo aprendeu nossos hábitos. De início, estranhou o trabalho da mãe, de ir comigo socorrer pessoas na Terra e no umbral. Um dia, chegando a minha casa, dei com ela conversando com minha esposa, comentando filosoficamente:

- Se a morte é a maior das ilusões, a distância é a segunda maior delas. Nada afasta de fato as pessoas que amamos. E quando os laços são bonse verdadeiros, nunca estamos sós.

XXVII ADELE VAI À MISSA

(Narrativa de Edite)

FALTAVAM DEZ DIAS para a segunda apresentação de Cristine. Passando pela frente do cabaré, notei imenso painel pregado em cima da marquise, com uma imagem de Cristine de costas, vestida como da última vez em que se apresentara, rosto de perfil, véus bordados ladeando-o, em singular movimento com o vento. Em letras garrafais: "Cristine e Honoré Lautrec 16 de abril", e logo abaixo: "Entradas esgotadas".

- Albert teria um bom lucro, pensei. Quem ela interpretaria dessa vez? Cozette ia sempre a nossa casa, fazendo ajustes num vestido espetacular, bíblico. Os véus faziam parte da indumentária, mas desta vez tinham uma Coloração ametista bem suave, contrastando com tons de um lilás escuro a um mais claro. Vendo as duas fazendo as provas, tentei adivinhar o personagem que ela interpretaria:

- Cleópatra?

As duas riram:

Com essa minha cabeleira loura? disse Cristine. Mas não deixa de ser uma boa ideia. Quem sabe no futuro não providencio uma peruca egípcia?

Cozette me olhou como se quisesse dizer algo, e Cristine disparou:

Está certo, mas nada de contar ao Gastón. Quero lhe fazer uma surpresa novamente. Pode contar a ela, Cozette, ou ela vai ficar com esse medo de que eu fique nua no palco.

Cozette riu com gosto:

Desta vez teremos Dalila. Não desconfiou quando viu o gigante que

Lautretr trouxe? É quem fará o Sansão.

Minha boca abriu-se de espanto: o rapaz realmente daria um fantástico Sansão. Três dançarinas tinham sido contratadas, todas morenas para contrastar com madame. Cozette cuidava também do figurino delas. Os ensaios com os músicos eram feitos no próprio cabaré, mas isso não impedia que dois deles ensaiassem com Cristine em casa, um violoncelista e um percussionista, por quem Adele mostrara bastante interesse.

Imaginei as joias que madame usaria e, pensando em ajudá-la a escolher, fui ao pequeno baú que ficava em seu quarto procurar um anel belíssimo de ametista, dado por Gastón certa vez. Com surpresa, notei a falta dele.

- Madame emprestou anéis para Adele? Não vejo o anel de ametista e os brincos que fazem par com ele.

Cristine me olhou com espanto:

- Não estão aí? Não emprestei a Adele, os dedos dela são bem mais grossos que os meus. Aliás, ela tem a feia mania de me pedir joias emprestadas e depois não devolver. Mas olhe direito, deve estar no meio de outras peças.

Procurei exaustivamente, mas nada do conjunto. Dei por falta também de uma pulseira de pérolas, uma das preferidas de Cristine. Comentei com ela, que sentou-se na cama ao lado de Cozette:

- Estranho isso. Se ainda estivesse por aqui, seria René sem dúvida o responsável pelo "sumiço". Mas agora temos apenas pessoas de confiança, com exceção de Adele, que às vezes pega emprestado e fica com ela. E Jeanne. Mas a menina nova nunca sobe até os quartos!

Senti que devia defender a pequena Jeanne. Paulette estava o tempo todo com ela, e notaria caso ela sumisse. Fui ter com a cozinheira.

- Paulette, Jeanne sobe aos quartos às vezes? Para levar bandejas, ou algo parecido?

Claro que não! Ela é uma boa menina, mas muito desastrada. Não a deixaria subir as escadas com a porcelana fina de madame! Por quê? k> Tentei desconversar:

Fiquei imaginando se você não estaria com muito trabalho extra. Sabe como Adele tem mania de pedir que levem coisas em seu quarto. Querendo, me chame que eu lhe ajudo,

Ela franziu as sobrancelhas, nada convencida:

- Andou sumindo coisas, é? Pois a menina nada tem a ver com isso. Se eu fosse ,você, prestaria atenção em Adele, que sai todas as tardes para ir à

igreja e de vez em quando volta com alguns pacotes. Não estava falida? E que igreja é essa que vende coisas?

Adele estava num de seus passeios misteriosos. Decidi entrar no quarto dela e fazer uma busca. Quem sabe as joias de madame tinham sido esquecidas por lá? Subi e entrei no quarto de hóspedes, notando a desordem costumeira; ela não tinha uma criada própria. Ainda assim olhei com cuidado nos móveis, nos porta-joias (achei ali um brinco de rubis de Cristine, mas nada além disso e das joias falsas que ela sempre usava), e nada do conjunto de ametistas, nem da pulseira de pérolas. Franzi a testa tentando deixar tudo no mesmo lugar de antes e ia fechando o quarto quando a própria Adele apareceu na porta:

Pir Que faz aqui, Edite? Cristine precisa de algo? *h* Usava também os perfumes caros de madame podia sentir à distância. Não me intimidei com ela:

Vim procurá-la para perguntar sobre umas de joias de madame. Que bom que chegou!

Ao ouvir falar das joias, ela se mostrou desconfortável, levando as mãos às orelhas, que estavam nuas.

- Joias? As poucas vezes que usei, foi com a permissão dela. Acha que roubaria minha própria irmã, que me acolhe debaixo de seu teto?

Não esperava aquela agressividade, mas isso me deixou ainda mais desconfiada:

- Não costumo suspeitar das pessoas, Adele. Foi a própria Cristine que pediu para que lhe perguntasse sobre uma pulseira de pérolas e um conjunto de ametistas. São irmãs, e é normal a camaradagem de uma com a outra. Queria saber se você as tinha emprestado, pois não conseguimos achar as peças.

Ao me ouvir falar assim ela empalideceu, mas manteve a pose:

- Tudo que ela gentilmente me empresta, eu devolvo. Não ando apegada a joias, como vê. Estou tentando melhorar meus vestidos e chapéus, não tenho ligado muito para adereços.

- É bom saber que ainda tem seus recursos, Adele, e faz muito bem aprimorar seu vestuário. Sabe como madame e Cozette se trajam bem. Fico feliz de saber que está se cuidando, o estilo parisiense é diferente do interior, não é mesmo?

Ela me sorriu como um gato:

- De fato, uma mulher não deve nunca ficar sem suas economias.

Mas venha ver um chapéu que comprei hoje. Acho que nem Cozette faria um tão elegante!

E me mostrou a caixa que carregava, com um chapéu vistoso dentro. Elogiei-a pelo bom gosto e saí do quarto, indo falar com Cristine imediatamente:

- Madame, acho melhor começar a trancar novamente suas jóias. Mão sabemos o que está acontecendo, e elas podem estar em outro lugar, mas acho que já passamos por experiências desastrosas por não sermos precavidas. A senhora concorda, Cozette?

Ela me olhou com aqueles olhos claros, entendendo o meu ponto de vista, mas não foi tão discreta:

- Melhor mesmo. Adele está com roupas novas, mas nada tão caro como essas joias. Tem lhe dado algum dinheiro, irmã?

- Não. Ela nunca me pediu dinheiro. Diz que tem suas próprias economias.

Cozette levantou-se, mãos nos quadris, me olhando séria:

- Pois acho que Edite tem toda razão. Nunca soube de economias de Adele, e sair toda tarde para ir à igreja? Esconda esse baú ou o tranque muito bem, minha irmã. Não seria a primeira vez que ela faz algo constrangedor. Me lembro bem de nossa infância e adolescência!

- Cristine sentou-se na cama com ar aborrecido:

- Mas, que coisa! Ter que trancar e esconder minhas joias dentro de minha própria casa! Edite, procure meus brincos longos de esmeralda, veja se ainda estão no baú.

- O fato é que madame tinha muitas joias, mas aquele brinco tinha significado especial para ela: era um presente de Gastón por dez anos juntos. A peça não era tão pequena assim que me desse trabalho de procurar no baú, mas, mesmo jogando todas as joias na cama, não consegui achá-los. Ela aborreceu-se.

- Absurdo! Quando foi que me viu negar algo a quem quer que fosse, Edite? É minha irmã, se for ela, não posso expulsá-la de minha casa! Se precisasse de algo, era só me pedir.

- Com a desconfiança em mente, fiquei quieta, mas tranquilizei Cristine, dizendo que provavelmente as colocamos no meu pequeno baú, ou em qualquer outra parte. A diversão do conde era trazer a ela pequenos mimos desse tipo, não passava quinze dias sem que ele trouxesse algo, mesmo de pequeno porte. Em datas especiais, trazia os conjuntos mais valiosos, e esses

estavam todos ali, no baú dela, ou comigo, guardados no meu quarto.

▮ Além disso, Gastón lhe dava uma "mesada" para o que ela quisesse comprar, além de cuidar das contas da casa. Dinheiro nunca tinha sido problema. Ela continuou:

- Não quero que comentem com Gastón nada disso, ele ficaria furioso! Vou trancar esse baú e deixar a chave escondida. Não tenho outra alternativa.

Cozette ficara irritada:

Pois se eu souber que essa mulher anda lhe dando prejuízos desse tipo, não sei por quanto tempo não contarei a Gastón. A culpa foi minha, não tinha nada que ter trazido aqui Adele. Desde pequena ela sempre foi um problema! Ao menos René desapareceu mesmo desta casa. Pelo menos desse mal estamos livres.

Com a dor de cabeça se aproximando, pelo aborrecimento, Cristine tomou logo dois de seus tablettes e pediu-nos que a deixássemos dormir. Tinha as preocupações de seu último número, não queria pensar em nada diferente. Aborreceu-se pelos brincos de esmeralda, que tinham significado especial. Algo me dizia que não os veríamos mais: não estavam comigo. Fiquei em dúvida se falava ou não com Gastón.

Adele, quando chegou, só tinha roupas velhas e frascos vazios de perfume. Aquilo não era coisa de quem tinha economias, pois nem joias mais possuía, coisa que mulheres precavidas da época guardavam para os tempos difíceis. Tinha notado, durante a busca, a falta de diversas outras pequenas coisas de valor relativo, mas que somando dariam uma pequena fortuna. Ela teria que ser muito tola para gastar tudo em umas peças de roupa, que nem pareciam ser tão caras assim... Não! Esse dinheiro devia estar escondido ou indo para outro lugar.

Sáímos juntas, eu e Cozette, que tinha um misto de raiva e preocupação no olhar e me perguntou:

- Essas saídas dela são frequentes?

- Para ir à igreja? Pelo menos umas quatro vezes por semana. Às vezes também pede a carruagem emprestada para ir ao centro, e Clemente a leva quando Cristine não está usando, mas nessas ocasiões só vê vitrines e compra algumas coisas em lojas mesmo.

- Adele, religiosa? Quando criança e moça, minha mãe tinha que obrigá-la a ir à missa de domingo! Tivemos criação católica, como sabe, mas Adele detestava missas, e ria de quem se confessava. Chamava-os de tolos!:

Embora compartilhasse da desconfiança dela, tentei desconversar:

- Às vezes as pessoas mudam Cozette. Ela passou por maus bocados com o marido, segundo nos disse. Pode ter encontrado a paz na religião.

Bem-humorada, ela me respondeu:

- Não acredito nisso. Com o comportamento que sempre teve, se estiver indo mesmo à igreja, deve estar tendo é um caso com o padre!

Ri muito, pois imaginei nosso padre do bairro, sisudo e respeitável nos seus sessenta anos, com uma biografia sem mácula (aliás, extremamente moralista), tendo um caso com Adele, a quem ele devia olhar com olhos nada piedosos, devido à forma como ela se vestia. Ele abominava a moda da época, e pobre da mulher que usasse decotes na igreja. Devia ser por isso que Adele saía de casa com um xale cobrindo a parte de cima do vestido, muito decotada.

Não diga isso, Cozette. Nem que ela fosse a própria Vénus teria chance com nosso padre!

- Chegamos as duas à cozinha. Jeanne estava no pátio depenando algumas aves, e Paulette, concentrada em sovar uma massa, olhou-nos curiosa, pois vínhamos as duas com o semblante fechado.

- Problemas?

Intuição sempre tinha sido um dos pontos fortes de nossa cozinheira. Porém, embora eu confiasse nela para qualquer problema meu, não podia expor os problemas da família de Cristine. Vendo minha hesitação, Cozette resolveu a questão:

- Acredita que Adele vá à igreja todas as vezes que diz?

Ela primeiro parou de sovar a massa e nos olhou, mas isso não durou mais de dois segundos. Continuando seu trabalho vigorosamente, ela respondeu sem a menor dúvida em sua voz:

- Claro que não! Mas se isso causar algum problema à madame, pode ser facilmente resolvido.

Olhamos para ela com surpresa, e Cozette perguntou:

- Como?

Continuando seu trabalho, como se estivesse falando de uma receita de bolo ela deu a solução:

Peça a Joubert para segui-la. Não a Clemente, que meu marido é um bom homem, mas, cá entre nós, para isso é meio desajeitado. Tenho certeza de que aquele gigante, quando é preciso, se toma mais imperceptível que uma sombra.

Deus guarde sempre a sabedoria das pessoas simples! Pelo rosto de

Cozette vi a aprovação de que necessitava para dar a ordem a Joubert. Ele estava nos fundos, com Clemente, fazendo reparos na casinha. Ao ouvir meu pedido, ele não fez perguntas, apenas assentiu com a cabeça, na qual eu vi olhos de repente frios e astutos.

- O conde sabe da desconfiança de madame com sua irmã?

- Ainda não. Mas é para a segurança dos dois. Acredita que pode fazer isso sem ser visto?

H Claro. Existe apenas um problema.

Achei que as coisas seriam mais fáceis, mas perguntei qual seria o problema, e ele me respondeu:

“Se for algo sério, que coloque a vida do patrão ou a de madame em risco, terei que contar para ele.

- Não se preocupe, Joubert. Se for algo assim, nós dois contaremos.

Ele não sabia do desaparecimento das joias, nem eu disse. Provavelmente presumiu que Adele tinha um amante, ou que jogasse, mas eu achei que, quanto menos eu dissesse, melhor seria. Veríamos o que ele nos diria.

XXVIII A ÚLTIMA DANÇA

ELE SEGUIU ADELE por três dias consecutivos. Eu o vi, de capa escura, saindo um ou dois minutos depois dela, nesses dias. No primeiro, assim que ela voltou ele demorou ainda umas duas horas para retomar à casa. Não preciso dizer que fui até ele cheia de perguntas para fazer, e ele me calou antes que eu fizesse a primeira, dizendo: "Ainda é cedo! Quando eu tiver certeza do que está acontecendo, lhe direi".

Deus me ajudou tanto, que naquela semana ela saiu três dias seguidos, e ao final desses dias, ele me disse que sabia para onde ela estava indo, o que estava fazendo e com quem. Mas que tinha dúvidas se contava ou não ao conde, embora achasse que tinha o dever de reportar tudo ao patrão. Pedi à pequena Jeanne que chamasse Cozette, pois queria ouvir o relato com ela. A modista veio imediatamente, largando o figurino da irmã, que devia estrear em menos de uma semana.

Levamos Joubert para o jardim, afastado da casa, por não quisermos aborrecer Cristine, que se exercitava numa parte da sala com Lautrec. Joubert sentava-se com dificuldade naquelas cadeiras pequenas. Mantinha-se com a cabeça ereta nos ombros enormes e um pouco caídos, ainda vestindo a capa que usava para sair. Ao vê-lo, Cozette comentou comigo: "Não é de se

espantar que um homem desse tamanho tenha seguido Adele e que ela não tenha notado? Parece impossível!". Mas eu sabia que não era impossível, não para Joubert.

Mais de uma vez eu entrara numa sala e me espantara por encontrá-lo lá, encostado num canto, silenciosamente a me observar, e eu a arrumar a sala sem percebê-lo. Madame dizia que ele estava apaixonado, para fazer isso, mas que susto eu levava quando o percebia! Nessas horas ele me socorria, gentil, pedindo desculpas pelo incidente, dizendo que não tinha dito nada para não atrapalhar meu serviço e justamente para não me assustar. Mas, muitas vezes, desde então, eu entrara em cômodos da casa observando bem para ver se ele não estava em algum canto.

Nunca me faltou com o respeito, sempre foi gentil e nunca me negou o que fosse. Gostava dele. Mas era um amigo querido, apenas isso. Na casa, todos nós sentíamos que ele morreria para nos proteger de algum inimigo e mataria quem quer que tentasse nos fazer mal. Logo Paulette o adotou, junto com Clemente, e estavam sempre a paparicá-lo. Nem a pequena Jeanne tinha receio do gigante, que matava para ela os patos e os frangos num décimo de segundo, torcendo-lhes o pescoço, e a ajudava sempre que precisava em um trabalho pesado.

Lá estávamos os três, ele sem jeito para começar o seu relatório sobre a irmã de madame, mas Cozette, prática como sempre, deu logo um jeito para que ele perdesse a timidez.

- Não precisa ficar tímido, Joubert. Como irmã de Adele, sei muito bem que frequentar missas e se confessar nunca foi de seu feitio. Ande, homem, pode falar sem medo!

Ele me olhou como se ainda duvidasse, e eu disse:

- Vamos fazer o seguinte, para ficar mais fácil. Conte-nos como foi o primeiro dia em que você a seguiu.

Ele se aprumou como pôde na cadeira, tomou um pouco de chá, e contou-nos que a seguiu de razoável distância e que ela realmente entrou na igreja, mas depois saiu por uma porta lateral, entrando num pequeno coche de aluguel e indo ao centro de Paris. Como ao lado da igreja ficam sempre desses coches, ele pegou também um deles e a seguiu, vendo-a entrar numa joalheria famosa e ficar lá dentro por um bom tempo, até ser atendida por um senhor idoso. Ela tirou da bolsa uma pequena sacola e apresentou algumas peças, que o homem observou com uma lupa de joalheiro. Tudo isso ele observou da rua, pelas vidraças. Depois de pequena discussão, Adele pareceu

receber algumas moedas de ouro, saiu da joalheria e se encaminhou a pé mesmo para um pequeno hotel às margens do Sena, de aspecto duvidoso, onde ficou por mais de duas horas. Ele esperou pacientemente do lado de fora para ver com quem ela sairia, mas ela saiu sozinha, caminhou até uma praça, onde novamente pegou um coche de aluguel, foi até a igreja do bairro e dali caminhou até a casa de Cristine. gbCozette estava vermelha como um pimentão e disse o que lhe ia pela cabeça:

-Pilantra! Vendendo as joias da irmã! E depois indo ver um amante!

Percebendo que Joubert pensava que as joias eram de Adele, tentei acalmar as coisas:

- Calma, Cozette! Não sabemos se as joias não eram dela mesma! Continue, Joubert, o que aconteceu no segundo dia?

Ele ficara pálido com a revelação de Cozette, e disse: Se a irmã de madame a anda roubando, tenho que informar ao conde, pois o resto que tenho a revelar não é nada bom!

Ele nos informou que no segundo dia ela fez o mesmo trajeto, encaminhou-se para a igreja, tomou o mesmo coche de aluguel (o que ele estranhou, pois os coches revezavam no ponto) e foi ao centro novamente. Andou pelas lojas da avenida central, nas que vendiam cosméticos e perfumaria, percorreu armarinhos, lojas de chapéus, enfim, todo o tipo de artigos femininos. Depois de uma hora e meia, cansada e com alguns embrulhos, sentou-se numa confeitaria e, para o espanto de Joubert, lá estava um senhor a sua espera. Estava de costas para a rua, mas os dois pareciam em franca intimidade. Depois de uns quinze minutos de conversa, tomaram um chá e se levantaram. Foi quando nosso amigo viu de quem se tratava: René! Cozette empalideceu do outro lado da mesa:

Está mais do que explicado onde está indo o dinheiro das joias de Cristine e o motivo do miserável ter desaparecido! Adele está sustentando René com as joias de Cristine!

Não queria acreditar em semelhante coisa. Argumentei com ela, sabendo o que essa informação causaria em madame:

- Ela pode ter ido conversar com ele apenas para acalmá-lo, Cozette! Sabe como os dois eram aqui em casa. E depois, não sabemos se ela roubou as joias! Continue, Joubert.

- Para meu espanto disse ele -, ela mesma pagou a conta da confeitaria, coisa estranha, pois cavalheiros não permitem isso. Escondi-me e achei que ela tomaria algum coche para casa, mas não, foram os dois para o

mesmo hotelzinho na margem do Sena. Assim que entraram, esperei vinte minutos e conversei com o porteiro. Estimulado por umas poucas moedas, me contou que eles vinham se encontrando há tempo, pelo menos três vezes por semana, e que o gerente pensava em não recebê-los mais, pois não gostava de viciados em ópio. Admitia encontros fortuitos, pois era disso que o hotel vivia, mas viciados davam má fama ao local. Acreditavam que Adele fosse uma burguesa casada que traísse o marido com um homem bem mais jovem, que a usava para saciar o vício. Deixei claro que não era o marido, nem detetive de ninguém. Pedi que fosse discreto e me retirei. Ela saiu uma hora depois, com seus embrulhos, pegou seu coche e voltou para casa.

- Parabéns, Joubert! Você se saiu melhor do que eu esperava, e no terceiro dia?

- Saiu pelo mesmo caminho de sempre, mas não foi ao centro, foi direto ao hotel. O porteiro não tinha mentido, René estava do lado de fora, furioso com algo. Parecia que realmente o gerente não os queria mais lá. Incrível como emagreceu e está amarelo! Descontrolado, ele gritava desaforos do lado de fora do hotel, enquanto Adele tentava levá-lo para dentro do coche, para irem a outro lugar. Depois de um pouco de insistência dela e de ele a derrubar sem querer no chão, tamanho seu desespero, ele a socorreu e entrou no pequeno coche, seguindo para uma área pobre de Paris, famosa pela frequência da boêmia à noite, mas que é triste de se ver durante o dia. Pararam em frente a uma velha casa e os dois entraram. Conheço a casa: é um antro de venda e consumo de ópio, propriedade de um coreano que também dispõe de meninas e meninos para alguns pervertidos. Quando se trabalha para a nobreza, mademoiselle, a gente acaba conhecendo lugares bastante exóticos. Este eu não conheci a mando do senhor conde, pode acreditar!

Não era preciso ter me dito isso. Se Gastón tinha um vício, esse se chamava Cristine. Abominava exploração de crianças e vícios de qualquer tipo. Ele continuou:

- Se fosse minha irmã, eu teria uma conversa séria com ela, pois ficaram lá mais de três horas, e quando saíram, ela também não me parecia muito sóbria.

Cozette estava pálida. Olhava-me como quem queria saber o que fazer, e me disse:

- Se me disser mais alguma coisa que defenda aquela infeliz, vou ficar muito zangada com você, Edite! Acha que René tem como pagar pelas

drogas e esse tipo de divertimento? Acha que aturaria Adele pelos belos olhos dela? Acredita que ela tenha realmente guardado alguma economia? Quando chegou a Paris, queixou-se que não tinha nem como comer! Temos que falar com Gastón. Agora que Cristine trancou os baús, pode acontecer algo mais grave!

Joubert, que permanecia sério, opinou:

- Já vi viciados em ópio matarem os pais para conseguirem dinheiro para o vício, *mademoiselle*. Ela tem toda razão!

Não sabia o que dizer ou o que pensar. A estreia de madame era em poucos dias... Depois de trancadas as joias, Adele ficara num mau humor de dar medo, e eu não tinha como negar as evidências. Mas não queria aborrecer Cristine. Talvez falar com Gastón fosse o mais apropriado.

- Obrigada por tudo, Joubert. Daqui a menos de uma semana é a estreia de madame, e eu não quero aborrecê-la. Não precisa mais seguir Adele, já sabemos o que é necessário e a casa precisará cada vez mais da sua segurança. Hoje conversarei com Gastón, e ele decidirá o que devemos fazer, mas vamos poupar madame. É a última dança dela em público, não imagina a importância disso para ela. Não quero que nada a atrapalhe!

Estranho como às vezes uma primeira impressão pode ser acertada. Eu não gostara de Adele desde o início, sentira vulgaridade e falsidade nela, mas não imaginava a que ponto ela chegaria para satisfazer seus instintos, com seu egoísmo e sua falta de gratidão, para dizer o mínimo. Nem o conde, com toda sua vivência, desconfiaria daquilo. Gastón sabia da inveja que Adele tinha da boa sorte da irmã, mas dos roubos, nem em sonhos suspeitava! E tomar-se amante de René depois de todo mal que ele fez a Cristine, era desconcertante!

Gastón chegou durante o repouso de Cristine, depois de seu ensaio, que era estafante. Despiu-se de sua capa, brincou com Paulette na cozinha e foi para a biblioteca, pedindo-me que providenciasse café e um lanche; precisava fazer umas contas. Providenciei tudo eu mesma e deixei a bandeja em cima da mesa. Fiquei em pé, em frente à mesa, esperando que ele me olhasse. Distraído com seus papeis, ele deu um gole na xícara fumegante e, levantando lentamente os olhos, deu comigo a olhá-lo seriamente. Recostando-se na cadeira, perguntou: "Pois não? Algo sério?"

Indaguei se podia me sentar, e ele apontou uma das cadeiras do aposento, que puxei para perto da mesa. Ele afastou de si os papeis e a pena com a qual fazia suas anotações:

- Que foi, Edite? Pode falar sem medo. Também tenho que lhe contar algo importante, mas ia ser mais tarde. Precisa de algo?

- Preciso, sim, senhor. De ser leal consigo, e de um conselho. Estão se passando algumas coisas nesta casa, e como desejo poupar madame, por sua estreia, preciso de sua ajuda, pois temo pelo que possa ocorrer.

Tentando ser sucinta, contei o que ocorrera: o desaparecimento das joias, as saídas de Adele, a ideia de Paulette, o empenho e a competência de Joubert, suas descobertas, e deixei a conclusão para o próprio conde, que empalidecia na cadeira à medida em que eu narrava os acontecimentos. Ele não disse uma palavra até que eu terminei, para só então desabafar:

- Cozette tem toda razão. Cobra miserável! Não me enganou nem por um minuto. Minha raiva é comigo mesmo por não ter imaginado que isso pudesse acontecer. Mas o resto da família é tão honesta! Ernestine mesmo, a mais nova, não queria aceitar nem o dote que eu fiz questão de dar!

Ele andava pela sala, enfurecido, como se tentasse ordenar seus pensamentos:

- E os idiotas nem pensaram em poupar um pouco! De repente Cristine tranca o baú de joias/ começa a prestar atenção nas coisas que somem e a fonte seca! Isso explica uma coisa. Sabe o que aconteceu ontem à noite, Edite? Lembra que eu disse que tinha algo a contar?

Claro que me lembrava, mas diante de nossa situação e precisando de seu conselho, já não me lembrava. Ele continuou, irritado:

- Estive ontem no cabaré. É hora de saber algumas coisas que devem ficar apenas entre nós. Não quero que me tome por boêmio, por ir ao cabaré sem Cristine. Acontece que Albert é apenas um gerente, o cabaré e o cassino me pertencem.

- Emudeci. Ele sempre tinha os melhores lugares, o melhor vinho, o melhor atendimento, mas eu achava que era por ser um cliente especial. Pensei que os contratos de Cristine tinham sido fechados com ele mesmo, tentando ajudar a amada a voltar à dança, assim voltando à vida. Vendo meu susto, ele se explicou:

- É um excelente negócio, Edite, mas não fica adequado a um conde ter uma casa noturna, ainda que seja a mais luxuosa de Paris. Não nota que na casa não há prostitutas, apenas cortesãs? Que não é permitido lá nenhum tipo de atrito ou confusão, por conta de seguranças discretos, mas fortes e armados? Em que outra casa de Paris há esse tipo de ambiente?

Nunca tinha ido a outra casa, mas ouvira falar. Realmente, o cabaré era puro requinte e frequentado por membros da nobreza, alguns do clero (sim,

alguns membros do alto clero eram vistos com frequência, já que não era uma casa de prostituição) e a rica burguesia parisiense.

- A boa-nova é que fui recuperando as joias de Cristine que aquele cretino perdia com tanta facilidade. Devolverei a ela depois da apresentação, e você as guardará em lugar seguro desta vez. Ontem ele esteve lá, apesar de minhas ameaças. Parece que o tio não o conteve, e ele foi falar com o senhor Yves de Valerant, notório velhaco que comercializa escravos com o "novo mundo", as Américas.

Lembrava-me que ele "investira" substancial dinheiro de madame em um lote de escravos, para escândalo dela, que abominava esse tipo de coisa.

Escravos! Pobres negros pegos à força na África para servirem como animais nas Américas! Esses malditos deveriam apodrecer em prisões. Em alguns países já se fala em proibir esse tipo de "comércio". Parece que voltamos à antiga Roma, mas a casa é aberta ao público e o senhor Yves pode entrar e ficar lá, desde que esteja corretamente vestido, pague e se comporte. René entrou lá bem trajado, é certo, mas amarelo como se estivesse doente. Um tanto sujo, se é que me entende, e se sentou sem convite na mesa do referido senhor. De acordo com um dos meus seguranças, o senhor Yves não ficou nada satisfeito com a presença do moço, e disse que o navio se afundara com a carga, que eram "riscos do negócio", e que nada podia ser feito.

Imaginei a decepção de René, que sonhava com aquele dinheiro há meses para provar a Cristine que não era só um aproveitador, mas um "homem de negócios" capaz.

- Ele deve ter ficado desesperado, senhor.

O conde suspirou, e eu vi o ódio em seu olhar:

- Desesperado? Primeiro exigiu que o senhor Yves o ressarcisse, o que não deu certo. O outro riu em sua cara, disse que agisse como homem e aprendesse que todo negócio tem riscos. Notando que René sem Cristine não passava de um pobre coitado, pediu ao segurança que o retirasse, não queria ser incomodado. Conheço bem Yves. Para ter ficado com o dinheiro de Cristine e trapacear o rapaz pouco custa, já o vi fazer isso. Mas desta vez ele se deu mal.

- Como "deu-se mal"? René conseguiu o dinheiro de volta?

- Não. Antes que meu segurança chegasse, com a rapidez de um raio, o infeliz sacou um pequeno punhal e o cravou no pescoço de Yves. Foi um pandemônio... Eu, que me orgulhava de nunca ter tido uma briga sequer no cabaré, agora tenho um assassinato! Ele levou uns dez minutos para morrer, a

traqueia destroçada, ninguém pôde fazer nada. E no meio da confusão, onde estava o bastardo? René fugiu!

René estava desaparecido, sem dinheiro e desesperado por ópio! Um frio me percorreu a espinha; aquilo não era bom. Talvez ele tivesse algum juízo e fosse para o interior. Para a casa do tio não voltaria, que de tolo não tinha nada. Com certeza procuraria Adele. Precisávamos ficar atentos.

- Ele virá aqui senhor, para ver Adele ou tentar tirar algum dinheiro de madame. Não fica sem o ópio, o senhor não o conhece! Deve estar desesperado!

Nos olhos de Gastón, vi o ódio sumir e a frieza assumir seu lugar.
' Chame Clemente e Joubert.

Deu ordens aos dois de ficar um em cada porta da casa durante a noite. No dia seguinte providenciaria mais quatro vigias, até que René fosse encarcerado. Não esperaria pela polícia para garantir a segurança da casa, confiava mais nos seus. Em seguida me pediu para chamar Adele. Cristine, que tinha aparecido e depois subido para descansar um pouco, estava dormindo sob o efeito de um de seus tabletes. O momento era ideal. Ao ver-se chamada pelo conde, a senhora me olhou desconfiada:

- Que quer Gastón comigo? Também vai me acusar de roubo?

Tentei amenizar as coisas:

- Nunca foi acusada de roubo, Adele. O conde só quer lhe dar uma notícia e conversar com você. Arrume-se e desça, sabe que ele não gosta de esperar.

Sem nenhuma vontade e com visível medo no rosto, ela me obedeceu. Trajando um vestido verde simples e com uma maquiagem um tanto exagerada, entrou na biblioteca e deu com Gastón curvado sobre uma pilha de papeis, parecendo ocupado. Ao ouvir seus passos, ele levantou a cabeça e deu um meio sorriso:

- Sente-se, Adele e indicou a mesma cadeira onde eu me sentara antes.

Ela me olhou com certa antipatia:

- Ela vai ficar?

- Edite sabe de tudo nesta casa, você mesma vai preferir que ela fique.

Sentei-me mais atrás para não ficar no campo de visão dela e assim não incomodar, mas preferia não ter ficado. O conde sabia ser prático quando queria. Primeiro disse que amava Cristine e que, estando ela há poucos dias da estreia, não queria aborrecê-la, mesmo porque ele já lhe dera

aborrecimentos demais no passado, coisa que ela não merecia (nisso eu concordava). Não tocou no assunto das joias sumidas, mas disse que sabia que ela era próxima de René. Adele protestou, Gastón se irritou e disse que ela estava sendo seguida há dias. Ela desatou num choro tão estridente que eu corri a socorrê-la, temendo que acordasse madame no andar de cima.

Passado o choro, Gastón, irritado (ele odiava cenas, Cristine nunca as fizera), tomou à conversa explicando que não se importava de sustentá-la, que isso para ele era indiferente, mas que não admitiria expor Cristine ou alguém da casa a perigo por causa dela. Contou do assassinato da noite anterior; novo choro de Adele, desta vez menos estridente, e no final, disse textualmente :

- Em outros tempos, na minha juventude, esse rapaz já teria "desaparecido" há muito. Acredito que a maturidade e a doçura de sua irmã me tenham abrandado o coração. Caso note a senhora dar qualquer apoio a um inimigo meu, tenha a certeza de que não só não será mais bem-vinda nesta casa, que me pertence, mas terá ganhado um inimigo feroz e silencioso, como nunca sonhou existir. Edite, você é minha testemunha. Adele, para Cristine esta conversa não existiu. Queira se retirar.

Levei-a para o quarto. Suas lágrimas desta vez eram verdadeiras, lamentando a perda do amante, que parecia definitiva.

- Tão moço e tão tolo, Edite! Pobre René!

Pobre de mim, pensei eu, de ter que conviver com pessoa tão egoísta. Pobre Cristine, que acolheu por generosidade um ser peçonhento e traiçoeiro. No fundo, porém, me deu um pouco de pena dela. Parecia realmente apaixonada pelo rapaz, que a usara sem a menor vergonha. Com certeza a procuraria. Fui firme com ela:

- Adele, o conde parece muito bom, mas sabe ser cruel quando quer. Não o desafie. Caso René apareça, e ele deve aparecer, nos conte imediatamente!

- Acha que ficou tão apaixonado por mim que se arriscaria dessa forma? É possível! Pobre René...

Cega! De sua forma doentia, René ainda era apaixonado por Cristine. Até Lautrec já tinha me comentado isso. Era dela que ele falava incessantemente quando bebia em sua companhia.

- Não tenha pena dele, aquele lá só gosta de si mesmo disse, tentando convencê-la e do ópio.

- Ele não é viciado, Edite! Que coisa feia falar assim! Só usa às vezes, por

diversão! É tão incompreendido, meu pobre René!

- Desisti de tentar convencê-la; melhor convencer Joubert a mantê-la sob vigilância, ou ela nos colocaria em perigo. Deixei-a em seu quarto e quando passei pelo de madame a ouvi me chamar pela porta. Entrei e deparei com ela, linda, sentada na cama, num dos trajes de dança marroquina. Ao me ver, levantou-se e pediu:

Ajude-me aqui com esses laços nas costas. Gastón janta comigo hoje. Quero fazer uma noite especial, sem Adele, nem ninguém mais, aqui mesmo no quarto. Resolvi surpreendê-lo. Acha que gostará do traje? Vou fazer um jantar árabe, já combinei com Paulette. Espalharemos velas e aromas pelo quarto. Vou dançar para minha plateia preferida: Gastón!

Sorri para ela e corri para ajustar os laços nas costas e acender as dúzias de velas pelo grande quarto. Perfumamos o ambiente com essências e às usamos em seu cabelo, brilhantes como o óleo de macadâmia. O conde ficaria feliz, e merecia! Tivera um dia aborrecido. Comentei com ela:

- Por que não faz uma de suas massagens relaxantes? Ele parece ter tido um dia difícil com os negócios. Comentou isso comigo ainda há pouco no escritório.

Ela me olhou, curiosa:

- Gastón está com problemas de dinheiro?

- Não, tolinha! Só aborrecimentos com empregados.

Ela concordou. Olhei-a sob a luz das velas e pensei o mesmo que pensara da primeira vez em que a vi: como seria ser tão bela? Ela tinha consciência do efeito que causava? Provavelmente não. Nunca tive inveja de Cristine, mas a admiração pelos traços perfeitos, a pele branca, o jeito de menina, só fazia crescer com os anos. Era daquelas mulheres que, quanto mais a gente olhava, mais bonita parecia. Era um pouco minha irmã, um pouco a filha que nunca teria, apesar da pouca diferença de idade, a mãe que me protegeu e me tirou da pobreza, enfim, minha amiga mais adorada! Dor excruciante me tomou o peito de repente, num contraste inexplicável e eu a abracei pelas costas enquanto ela se olhava no espelho da penteadeira, sentada, cuidando dos longos cabelos. Ela me sorriu:

E Que foi Edite? Não que eu esteja reclamando, mas você nunca me abraçou assim antes!

Sentindo-me embaraçada pela súbita demonstração de afeto, ainda assim não me soltei, e disse-lhe baixinho:

B Gosto tanto da madame, minha princesa! Deus a guarde e que nada de

mal lhe aconteça, pois não conheço pessoa mais doce nesta Terra! Deus a proteja sempre, Cristine! Não sabe o quanto sou grata à senhora.

Ela levantou-se e me olhou um tanto surpresa. Ao ver meus olhos cheios de lágrimas, os dela se encheram também:

- Que foi? Teme por mim? Mas sou tão feliz! Gastón está de volta, sou amada por toda Paris, rica... Tenho dores, mas há remédios! Não tive filhos, mas Deus me enviará outros que criaremos juntas, Edite! Tem algum presságio, é isso?

- Não! apressei-me em dizer, enxugando rapidamente as lágrimas. Ora, às vezes tenho o direito de ser tola, não tenho?

E descí as escadas, pedindo licença a Gastón para dizer-lhe que agradável surpresa o esperava em seu quarto naquela noite: ele subiu como se tivesse asas nos pés, com um sorriso no rosto. No dia seguinte realmente apareceram mais quatro homens fazendo a ronda da casa. Cristine estranhou e perguntou a ele que homens eram aqueles. Gastón saiu-se bem, respondendo que seu último número fora um sucesso tão grande que não queria fã atrapalhando seu sossego antes do próximo número. Ela achou exagerado, mas Lautrec, que já sabia do acontecido no cabaré, achou bastante apropriado.

Ninguém conhecia o paradeiro de René. Dois dias depois do assassinato, ele tinha evaporado. Como Joubert me contou, mesmo a zona boêmia foi vasculhada sem sucesso, assim como a casa de parentes em Paris e saídas de estradas. Um tanto surpresa com a eficiência da polícia francesa, comentei isso com ele, que riu e me respondeu: " Não foi a polícia, *mademoiselle*, foi o conde! Não sabe como o dinheiro pode arranjar homens fortes e espertos quando é necessário!".

Faltando dois dias para o número no cabaré, ainda sem saber nada do assassinato e com Adele fazendo o possível para parecer normal (ia às missas, porém menos, e voltava cedo), Cristine me chamou para ir ao ateliê de Cozette fazer a última prova do vestido com o qual encarnaria Dalila no palco. Que falta faz uma boa comunicação, pensei eu! O assassinato de Yves sequer saíra nos jornais, devido à publicidade negativa que traria ao cabaré do conde (o dinheiro, novamente, fazendo os seus "milagres"), e Cozette não fazia ideia de que René era agora um assassino fugitivo, ou faria a prova do vestido na casa de Cristine. jtr Madame estava louca para dar uma volta no centro da cidade, e eu não consegui criar uma situação que a deixasse em casa. O conde não se encontrava, ainda assim tentei argumentar, dizendo que

traria o vestido e ela provaria ali mesmo. Ela me olhou, contrariada:

- Que foi? Gastón anda tão ciumento que não quer que eu vá ao centro sem ele? É só o que me falta! Faz dias que não saio, vamos já, chame Clemente!

- Corri a chamar Clemente e Joubert. Já que iríamos mesmo ao centro, que os dois fossem juntos. Vendo ambos sentados na frente da carruagem, ela estranhou:

po* Também preciso de guarda-costas agora? Não bastam os quatro seguranças o dia inteiro rodeando a casa? Que está havendo, Edite? René tem aparecido? Feito ameaças?

- Não, mas segurança nunca é demais. O conde nunca desconfiou de você, mas tem medo de perdê-la. E René é um viciado, temos receio.

- Tolice! Ele não me machucaria! replicou ela.

Vestida num traje rosa claro, ela saltou da carruagem em frente à loja de Cozette, assim que Joubert lhe abriu a porta da carruagem. O passeio público estava tranquilo, e deviam ser umas dez horas da manhã. Entramos na loja, fizemos as provas, a roupa estava deslumbrante e quase não precisava de ajustes; apenas alguns bordados ainda não estavam completos e um arranjo de cabelo que Cristine achou um tanto espalhafatoso. Lembro da discussão entre as duas irmãs com certa saudade, Cozette a argumentar que, visto de perto "parecia" espalhafatoso, mas que de longe, do palco, ficaria perfeito. Depois de meia hora de uma e outra argumentar seu ponto de vista, ficou decidido que alguns enfeites seriam substituídos e a paz reinou. Ao longe, ouvimos estampidos de bombinhas de crianças na rua.

Olhamos então as sandálias, os adereços, divertimo-nos com o traje do Sansão, e então veio o chá, com biscoitos e pães variados, além dos queijos e geleias. Ao ver aquele exagero, Cristine comentou:

- Quem gostaria de tudo isso seria Adele! Como come a minha irmã!

- Eu sei, a gente nota! respondeu Cozette. Acabamos rindo muito.

Realmente, Adele ganhara uns bons quilos desde que fora acolhida por Cristine. Seria uma daquelas senhoras que na velhice apresentam muitos quilos extras, que nem sempre ficam bem. Cozette, ao contrário> mantinha o peso com pulso firme, era regrada inclusive nisso. Quanto a mim, acredito que ter passado fome durante a infância e a juventude me fizeram ser frugal pelo resto da vida. Não tinha tanto apetite, mas mesmo que exagerasse um pouco, às vezes, não engordava. Não quisemos comer quase nada, queríamos ir para casa.

Já estávamos lá há quase três horas quando Cristine pediu um de seus

tabletes, e o tomou. Suas dores infelizmente continuavam as mesmas, mas ao menos tinha alívio com a medicação. Soube então que devíamos voltar logo para casa, pois o sono chegaria. Levantamo-nos e beijamos Cozette em despedida; descemos a escada estreita de seu apartamento, passamos pela loja quase vazia na hora do almoço e, abrindo a porta da rua, ela, na frente, pôs a mão direita na cabeça, em sinal de que a dor ainda incomodava.

Vi apenas uma capa preta passar por mim e carregar Cristine, arrastando-a pela rua no meio dos passantes. Desesperada, busquei com os olhos por Clemente ou Joubert, mas não consegui encontrá-los, apenas a carruagem vazia, sem os cavalos. Onde estavam? Deviam estar ali na porta, a nos esperar, conheciam as ordens do conde! Numa distância de uns vinte passos, vi Cristine debatendo-se aos gritos de "me larga", e o homem tentando pegá-la no colo para fugir mais rápido. Comecei a gritar como uma louca por Cozette, Joubert, Clemente, pedir por socorro, enquanto corria atrás dela esbarrando nos passantes, quando finalmente vi uma cabeça por cima de todas as outras, loura e sem chapéu, correndo em nossa direção: era Joubert, que nos avistara.

Atrapalhada pelo volume das saias, que não pensei em suspender para a corrida, fui ao chão e só vi o vestido rosa de Cristine ser arrastado para dentro de um beco. Tentei me levantar o mais rápido possível, mas foi Joubert que me ergueu:

- Que houve? Onde está madame?

Meio sem fôlego, machucada pelo tombo, só conseguia apontar para o beco, a meio quarteirão de distância:

- Um homem a pegou. De capa preta... está no beco! Onde está Clemente?

- Foi pegar os cavalos, já vem! Fique aqui que vou acudir madame! Correu a passos largos para o beco, mas eu não ficaria longe de Cristine! Segui no meu próprio ritmo e quando cheguei lá vi, na penumbra do beco sujo, Joubert argumentando com René que, se soltasse Cristine, nada lhe aconteceria, que poderia ir embora. Segurando madame pela cintura, René estava transtornado, com as marcas do uso de ópio, e dizia a ela em voz alta: — Mande esse imbecil de volta para casa com Edite! Não vê que quero só conversar um pouco com você? Não pode ter voltado para aquele velho só por causa do dinheiro. Eu consigo dinheiro também, Cristine, é só me dar um tempo!

Irritada por ser forçada a ficar perto dele, Cristine não usou de bom-senso, e ao invés de acalmá-lo tomou a coisa ainda pior:

- Não me importa o dinheiro, René, nunca importou! Acaso lhe pedi algo? Acha que pedi algo a Gastón? Tenho minha arte, ganho o meu dinheiro, não preciso disso. Me solte! Não suporto esse cheiro... Já não me explorou o bastante?

Atrás de mim ouvi a voz de Cozette, que ouvira meus gritos e nos acudia, mas as irmãs Besançon tinham tal desprezo por René que não percebiam o perigo real. Cozette gritou com ele:

Solte minha irmã, miserável! Já não basta o quanto a roubou? Ladrão! Viciado! Orei todos os dias para que ela enxergasse a pessoa vil que estava com ela. Gastón vai destroçá-lo se souber que está com as mãos nela.

Vi no rosto de René um ódio que nunca tinha visto antes. Já vira seu desprezo, seu desespero, todo o tipo de emoção negativa, mas aquele ódio puro e selvagem deformava-lhe o rosto amarelado, fazendo espumar o canto dos lábios, e só então enxerguei em sua mão direita um pequeno punhal, cuja lâmina brilhava de tão afiada. Parecia um punhal italiano, daqueles que o próprio conde colecionava em nossa casa. Olhei o rosto de Cristine; sem ter visto o punhal, estava vermelha de tanto esforço para sair dos braços dele. Em seguida olhei para Joubert, que viu a arma no mesmo instante que eu; ele ficou quase como um gato, em posição de ataque, e disse em voz baixa, aproximando-se, sem emoção na voz, olhar fixo no punhal:

- Já disse ao senhor: se soltar madame, d conde nada fará. Sairá daqui como se nada tivesse acontecido. Pense direito, é procurado por toda Paris. Se algo acontecer com ela, não sairá vivo desse beco. Um pequeno corte que seja, e eu mesmo me encarrego de sua morte.

Pálido, René respondeu:

- É Cristine quem decidirá: esse conde lhe matou dois filhos, lhe deixou doente. Mesmo que não deitemos juntos, eu a quero! Arranjo dinheiro, Cristine, eu lhe juro! Sairemos de Paris, você tem casa em outros lugares, não tem? Acha que aquele Yves fará falta a alguém? Bastardo, ladrão sem escrúpulos, achou que ia sair sem pagar. Enganou-se. Ninguém toma o que é meu! E você é minha, Cristine. Venha comigo!

Ela ainda não vira o punhal, talvez por isso dizia:

- Nunca! Tentei te amar, René, mas não consegui. Viva sua vida, mas me solte. Nunca serei sua, não entende. Gastón é o homem de minha vida, sempre foi!

Joubert já estava a uns cinco passos de distância, mas não foi rápido o suficiente. Louco de ódio> René desferiu em Cristine três punhaladas

sucedidas entre as costelas, aos gritos: "É minha, sempre será minha, estúpida mulher! Virá comigo! Sempre!".

Do vestido rosa claro brotou uma rosa de sangue, que rapidamente se espalhou. O rosto dela, segundos antes vermelho, assumiu uma palidez de morte. Com surpresa ela olhou a lâmina com seu sangue, e caiu. Corri até ela sem pensar que podia ser atacada e sem acreditar no que acontecera, Cozette às minhas costas, aos gritos de "maldito, maldito!". Eu só pensava em tirar Cristine daquele chão sujo do beco. Ela detestava qualquer tipo de sujeira... Ah, Senhor! Teria o punhal ferido muito fundo?

Ouvi um estalo e virei para trás. Sem dizer palavra, o gigante Joubert pegara René na fuga e estava com sua cabeça nas mãos, em estranho ângulo, os olhos já sem vida. Quebrou seu pescoço sem o menor esforço, quando René tentava fugir, inutilmente. Jogou seu corpo para o lado sem cerimônia, como se jogasse lenha que acabasse de cortar. René tombou, de olhos abertos, a boca ainda coberta de branca espuma, expressão de surpresa, como se não esperasse ser pego. Não tive pena, Deus me perdoasse. Cristine, viva ainda, começava a golpear sangue, sujando ainda mais o vestido de que ela gostava tanto. Os olhos esverdeados me falavam de uma dor impossível de ser descrita, e eu disse a Joubert;

- Vamos tirá-la daqui. Não é lugar para ela. n Cozette, ao lado da irmã, em lágrimas dizia:

- Vamos ao meu apartamento, ela vai ficar boa, vou chamar o médico. Tem que repousar. Tem mais tabletas aí, Edite? Dê uns dois a ela, são bons para dor, não?

Observei Joubert pegar o punhal no chão. Arma tão pequena, cabo com rubis e esmeraldas lapidadas em cobre e prata, verdadeira joia; era do conde, sim, estava em nossa casa há poucos dias. Será que até isso Adele roubara? Tomou madame no colo com todo cuidado de que era capaz, e ela encostou a cabeça em seu ombro, a boca suja de sangue, embora a limpássemos com um lenço. O vestido já estava todo manchado. Finalmente Clemente apareceu; ao ver Cristine naquele estado, empalideceu como nunca antes e, mesmo querendo chegar perto, manteve distância. Meu amigo cocheiro chorou copiosamente ao longe, e comecei a aceitar que as feridas eram fatais. Clemente nunca tinha chorado antes. Mas, onde estivera? Por que a carruagem estava sem os cavalos?

Ao chegarmos ao quarto de Cozette a colocamos na cama, de lençóis muito brancos. Tentei dar a ela os tabletas, mas ela continuava a golpear sangue em

pequenas quantidades. Tive a ideia de amassar os tabiètes, transformando-os em pó, e colocar em sua língua. Era amargo, mas ela tne agradeceu com os olhos. Afastei-me da cama para lavar as mãos do sangue e Joubert me disse:

- *Mademoiselle*, conheço feridas, e essas foram fatais. Não sei como ela ainda não se foi, mas não deve durar muito mais. Não sei como diremos ao conde, mas ele está aqui mesmo no centro, é melhor que eu vá chamá-lo.

Cansada de ser forte, caí num choro sentido e disse a ele:

- Tem razão, vá chamar o senhor Gastón rápido.

E voltei para a cama:

- Madame, Gastón já vem, trará o médico e a senhora vai sarar. Lembra-se que já passamos por maus pedaços? Esse também vai passar.

Cozette, que limpava o rosto dela com uma pequena bacia de água e um lenço, me olhou triste, mas agradecida. Passamos água pelos seus lábios, e por algum milagre ela manifestou a vontade de um pequeno gole, que demos. Então ela falou, com muita dificuldade, quase em sussurros:

- Joias... crianças... padre Armand... vá com ela, Cozette! Minha casa em Lyon.

Cozette tentou entender e animar a irmã:

- Quer que montemos já o abrigo para as crianças? Está certo! Vendo tudo aqui e montaremos juntas. Sempre quis conhecer Lyon, dizem que o clima é ótimo! Vamos todas juntas, não é, Edite? Assim que você sarar vamos achar o padre Armand.

- Não se preocupe com isso, querida. Tudo será feito como quer. Já falhei contigo? disse eu.

Ela me entendeu, e sorriu, tranquila. Os remédios de Kayzen pareciam ter amenizado a dor, mas os olhos esverdeados se tornavam cada vez mais claros, e a pele cada vez mais branca devido ao sangue perdido. Tomara que Gastón não demorasse muito.

O escritório não ficava longe, e ele chegou quinze minutos depois.

Pálido, suado pela corrida, o conde estacou na porta com os olhos fixos nela, branca como os lençóis da cama, as pequenas mãos ainda sujas de sangue, que não tínhamos conseguido limpar direito. As feridas estavam cobertas pelos lençóis, que apresentavam apenas pequenas manchas. Os cabelos louros estavam espalhados pelos travesseiros, os olhos fechados abriram-se e mostraram um verde nunca antes visto, claros demais. Ele sentou-se na cama no meio do silêncio geral e pensamos em nos retirar, mas não houve tempo:

Amada, que fizeram contigo? Tanto que tentei protegê-la, de todas as formas! Sente dor, Cristine? O médico já chega, vamos para casa.

Esforço sobre-humano fez com que ela respondesse quase que em voz normal:

Não se queixe, Gastón> quantos foram felizes como fomos? Vê bem, meu abençoado: minha última dança, foi para ti...

E fechou os olhos verdes em seu último suspiro.

XXIX A CASA BESANÇON

COMO SOMOS DESPREPARADOS para a morte nesta Terra! Soubesse na época o que sei hoje, teria sentido as coisas de forma diferente, ajudado mais meu querido amigo Gastón, Cozette, Paulette, Clemente e até mesmo Joubert. Nosso raio de sol tinha partido; Paris perdia uma grande artista, Lautrec, uma boa amiga... enfim, as coisas não seriam as mesmas para nós.

Não tenho ideia do que houve com o corpo de René. Não apareceu nenhum policial em nossa casa para interrogar Joubert, que não tocou no assunto e continuou sua vida, lamentando apenas não ter atacado antes. Não se perdoava pela morte de Cristine, assim como Clemente, embora René tenha sido realmente engenhoso ao sequestrá-la.

Naquele dia, ficamos na casa de Cozette por mais de três horas, e eles esperavam lá fora pacientemente, como sempre fizeram. Quando Joubert foi ao toalete, René, aproveitando um momento de distração de Clemente (sentado num banco de costas para a carruagem, vigiando a entrada da loja de Cozette), cortou as amarras que prendiam os animais com o afiado punhal, colocou bombinhas embaixo dos cavalos e soltou seus freios. Ouvimos os estampidos de dentro da loja e imaginamos crianças brincando; os cavalos se assustaram e saíram desabalados pelo passeio público, fazendo Clemente correr atrás deles, surpreso.

Quis o acaso, ou o destino, que madame descesse neste momento, com os cavalos e Clemente já longe, e Joubert ocupado. Apesar do ópio, René estava alerta e não perdeu tempo. Mas como sabia da saída de Cristine? Estava foragido. Não poderia segui-la o tempo todo...

O conde ficou inconsolável, emagreceu, não saía mais da casa onde vivera com Cristine, não importava quantos mensageiros viessem de seu palácio. Um dia resmungou-me: "Vivi de aparências minha vida toda, hoje só lamento as horas que não estive com ela. Aqui é meu lar, aqui fico. Quem

quiser me ver que venha aqui". E vieram, uma semana após o enterro de madame, que foi simples, realizado pelo padre local. Cozette e eu ainda iríamos em busca do padre Armand. A última vontade dela seria feita.

Adele deu um espetáculo à parte no enterro, o que causou mais desgosto ao conde e chamou sua atenção. Ele perguntou a Joubert se ela não andara novamente se encontrando com René achava suspeito ele saber onde Cristine estaria naquele dia, já que ela raramente saía de casa e ele tinha que se esconder. Só então Joubert lhe mostrou o punhal que atingira madame; o conde empalideceu: o cabo da pequena arma, crivado de esmeraldas e rubis, era de sua coleção de armas italianas, de fio duplo, extremamente afiada dos dois lados, apesar de a lâmina não ter mais de treze centímetros. Como fora parar nas mãos do assassino? Ele olhou Adele, que se atirava sobre o caixão da irmã, com um ódio de que não o imaginava capaz. Acompanhando a cena, disse a ele:

- Não derramaria o sangue da família dela, derramaria?

Seu semblante se fizera frio como o gelo:

- O que me sugere fazer, Edite?

- Não sei... mas tenha certeza antes de fazer algo. Cristine não gostaria que a matasse. Não por ela, mas pelo senhor mesmo. Era cristã, lembra-se?

- Às vezes você me pede coisas impossíveis, minha pequena moura. Mas tem razão. Vou me certificar antes.

E assim o fez. Passadas poucas horas do enterro, trancou-se com Adele e Joubert na biblioteca. Desta vez, para meu alívio, não fiquei lá dentro. Encaminhei-me para a cozinha, consolar Paulette e Jeanne. Embora a cerimônia tenha sido breve e com pouca gente, por exigência do conde, o velório foi razoavelmente agitado, com Albert, Lautrec e poucos amigos. O trabalho extra, além da comoção de ver madame entrando já morta, exaurira Paulette, que trazia o rosto vermelho e os olhos inchados.

- Patife, miserável! Clemente me disse que Joubert lhe torceu o pescoço. Que pena! Devia ter sido retalhado em pedaços, biltre dos infernos! Se o tivesse trazido aqui, Deus me perdoe, mas eu tenho uma machadinha que faria um serviço de dar inveja. Torcer o pescoço, morte mais sem dor para quem tanta dor causou!

Fiquei espantada com a violência, mas feliz por ela estar reagindo. Sabia que era da boca para fora, pois Paulette não gostava de matar nem as galinhas para o almoço. Ainda assim, para acalmá-la, disse:

- Confie na justiça de Deus. Essa não falha, embora não a vejamos agora.

Não tinha ideia de como eram certas as minhas palavras. No plano espiritual, mais tarde, soube que René, devido à morte rápida e praticamente indolor, por muito tempo acreditou estar vivo e perambulou pelas ruas de Paris vampirizando pessoas, levando-as ao vício para, através delas, aplacar o seu. Passou décadas sentindo frio e fome, pois se acreditava vivo, desesperado, gritando sem quem o ouvisse. Buscou Cristine, porém ela foi levada a um plano superior, logo após sua morte, por sua mãe.

Ele foi atormentado por suas vítimas, inclusive por Yves, no mesmo plano espiritual. No umbral por onde andava, ouvia vozes gritando: "Assassino!" e, sem ter onde se esconder, via-se de novo na Terra, até que entidades superiores, depois de quase um século em que vagou sem pedir a proteção divina, nem perdão por seus atos, deram-lhe a bênção de uma reencarnação, conforme a Lei Divina, uma nova chance de aprendizado e de quitar as dívidas adquiridas com outros seres humanos.

Pelo trabalho dessas elevadas entidades espirituais, depois de muita procura foi selecionada uma família para receber o espírito René: confuso em seu meio primitivo, o espírito começou a sentir os efeitos de ser ligado a outro corpo sem saber o que acontecia. René reencarnaria, tendo oportunidade numa pátria que a tantos recebia: o Brasil.

Na França do século XVIII, Adele passou pelos momentos mais difíceis de sua vida, ao confessar que escondera René na igreja do bairro, com a ajuda de um sacerdote, de quem sabiam alguns segredos condenáveis. Assim, por meio da chantagem, René ficou a poucas quadras de distância de Cristine durante todo o tempo, e Adele avisou-o assim que ela saiu para ver Cozette.

Segundo Adele, René dissera que ia apenas pedir dinheiro a Cristine; sua intenção era também chantageá-la (acreditava que madame ainda era apaixonada por ele), para depois fugir com Adele. René enganou aquela tola, conseguindo, além do punhal, diversas outras peças da coleção do conde, que ficaram escondidas na igreja. Algumas com entalhes em ouro e pedras preciosas, recuperadas facilmente depois.

Após me contar essa história, e com Adele trancada no quarto, aos prantos (de medo, provavelmente), Gastón me perguntou:

- E agora, boa samaritana, que faço com semelhante criatura, que roubou a irmã e acabou por facilitar sua morte? De que valeram todos os meus cuidados tendo semelhante cobra dentro desta casa? Acha que devo

correr o risco de mantê-la aqui?

- De forma alguma, senhor. Ela já causou mais mal do que podemos suportar. Cozette também não pode mais vê-la. Use sua carruagem e, amanhã cedo, mande-a para sua última irmã, Ernestine. Tomara que esta tenha melhor sorte.

Ele me olhou friamente, e eu notei que ele tinha outra ideia em mente, mas acolheu meu pedido:

- Está certo, desde que nunca mais a veja. Providencie para que saia bem cedo.

Subi para o quarto de Adele, onde a encontrei de rosto afundado na cama, a chorar copiosamente. Como a porta estava entreaberta, eu a chamei, e ela me olhou meio surpresa, mas em seguida se aprumou:

- Edite, agora que nossa amada Cristine se foi, temos que colocar ordem nesta casa. Sei que, como irmã mais velha, devo tomar providências para cuidar do local. Onde estão os móveis da sala?

Demorei a entender:

- Os móveis da sala? Alguns no sótão, outros lá fora, mas, por quê?

Ela levantou-se e, para minha surpresa, pôs-se a ajeitar os cabelos:

- Óbvio que minha adorada irmã tinha um gosto exótico, mas, como sua herdeira, nunca gostei daquele espaço aberto. Se temos bons móveis, não há por que não usá-los! Amanhã mesmo vou pedir a Joubert e Clemente para descerem algumas peças, e você me ajudará a dispô-las. O conde pretende voltar quando para sua casa?

Boquiaberta, respondi:

- Esta casa é do conde. Cristine nunca lhe disse isso?

Ela sorriu de um jeito estranho:

- Ora, ele não vai fazer questão de uma ninharia dessas, vai? Nunca soube que era sovina! E depois, seu quarto ficará reservado, poderá dormir aqui quando quiser, desde que pague as contas da casa, é claro!

Era o dia seguinte ao enterro, e aquilo me deu uma dor de cabeça tão forte, que pensei seriamente em tomar um dos tabletes de madame, mesmo que tivesse de beber uma garrafa de seu famoso café depois. Respirando fundo, respondi:

- Devo avisá-la que o conde Gastón de Laureac pretende manter essa casa como sua residência principal, e pediu-me para avisá-la que a senhora se mudará para a casa de sua irmã Ernestine, amanhã pela manhã. Deve arrumar suas coisas imediatamente.

Eu ia acrescentar que ele lhe planejara destino bem pior, mas ela ficou tão pálida, que me contive. Só que ela não:

- Ele não pode fazer isso! Sou herdeira de Cristine, sou sua irmã mais velha.

"E causadora de sua morte", pensei eu. Mas o raciocínio rápido não me faltou, ela não criaria problemas para o conde, nem para si mesma:

I Não sabe então do testamento de sua irmã?

| Que testamento? Cristine era jovem, por que faria testamento?

Deus me perdoaria da mentira:

- Uma jovem que sofria de sérias dores e que quase morreu uma vez? Aconselhada por Albert, fez um testamento, sim, e deixou seus bens todos para uma só pessoa, de quem gostava muito, para determinados fins.

Os olhos dela ficaram injetados de ódio:

- E para quem ficaram, para você?

Baixei os olhos humildemente:

- Claro que não, senhora. Afinal, nem pertencço à família. Os bens ficaram todos para Cozette. Ela ainda nem sabe disso, mas saberá.

Ela não se deu por vencida:

- Não acredito nisso! Quero ver esse testamento!

- Pode fazê-lo quando quiser. Está com o conde, que foi o testamenteiro. Acho que não terá problema em mostrar-lhe.

Disse e me retirei do quarto. Ouvi o som de objetos quebrando, vidros de perfume barato, pagando pela fúria de Adele. Que atrevida! Achou que seria a dona da casa no lugar de Cristine? Nunca. Queria ver se teria coragem de pedir testamento ao conde. Por vias das dúvidas, fui até a biblioteca e dei com ele sozinho, em meio a seus papeis. Ao me ver corada por descer correndo, as escadas perguntou:

- E então, resolveu o problema com Adele?

- Sim, senhor. Mas tenho que fazer um pedido.

- Pedido? Não vou dar dinheiro nenhum para aquela louca!

- Não é isso, senhor, preciso que confirme uma história caso ela apareça aqui.

- Que história?

- Que Cristine fez um testamento e deixou tudo para Cozette. O senhor foi o testamenteiro.

- Um conde de testamenteiro? Não acha que exagerou? Bem... você deve ter tido seus motivos, também não quero que ela fique com nada de

Cristine, já chega o que roubou. Fique tranquila, Edite. Caso ela queira ver o papel, eu corro com ela mais rápido que qualquer coche!

E depois, me olhando com o canto dos olhos, disse:

- Joubert tem mesmo razão: você é única!

Única ou não, ela fez seus baús o mais rápido que pôde. Entrou com dois baús enormes, saiu com três. Não tive coragem de verificar o que levava, mas corri ao quarto de Cristine para ver se as joias dela continuavam no esconderijo: estavam. Era o que bastava. Que levasse as quinquilharias que quisesse! Olhei o grande retrato de minha amiga na parede, como Sherazade, ela com aquele olhar de inocência e amor inequívoco para Gastón. Sentei-me na sua cama, com seu cheiro, e chorei convulsivamente. Como fazer sem ela? Chorei tão alto, pela primeira vez na vida, lembrando-me de tudo que ela tinha me dado e ensinado, da paciência e da alegria, do desespero quando perdeu a menina. Agarrei-me no travesseiro tentando conter os soluços, mas em vão! O choro soou pela casa, depois da partida de Adele, e quando dei por mim estava sentada aos pés do quadro dela, mãos no rosto lavado de lágrimas. Não a veria de Dalila. Que linda teria ficado! Que linda sempre foi...

Senti de repente uma mão amiga em minhas costas e envergonhei-me de meu descontrole, sem saber quem me consolava. Quando olhei, vi o rosto de Gastón, também banhado em lágrimas a olhar o retrato. Paulette e Joubert estavam na porta do quarto; ela torcia nervosamente um pano de prato e secava lágrimas, ele, de cabeça baixa, compungido. Gastón disse:

Pronto, Edite! Que bom que colocou para fora sua dor! Acho que concordará comigo, minha boa amiga: Joubert, desça esse quadro. Ele deve ficar na parede maior da sala, quero vê-lo sempre que entrar, assim como desejo que quem entre nesta casa se lembre que aqui é a casa de Cristine de Besançon, minha amada, minha deusa loura!

Levantei-me a custo e fui lavar o rosto no lavabo, seguida de Paulette, que me dizia: "Ande mulher, acha que ela gostaria de vê-la assim? Lembre-se que ela nos deixou uma missão, e Cozette vem aqui amanhã para conversarmos".

Era verdade. Ela escolhera a casa de Lyon. Eu tinha que falar com Gastón, assim que ele estivesse melhor. Não sabia se ele concordaria, ou se madame falara com ele, mas tínhamos ainda que descobrir onde estava o padre Armand e se ele nos ajudaria. Fixando meu pensamento nisso e no número de crianças abandonadas que cresciam sem rumo pelas ruas da

França, minhas lágrimas cessaram, e eu comecei a retomar minha vida, começando por arrumar o quarto de Adele, finalmente desocupado.

Por ordem do conde me mudei para ele, que ficou com o de Cristine. Fez realmente da casa sua residência principal e, embora não tivesse se separado da condessa oficialmente, ficou sem vê-la por um bom tempo.

Os filhos, sim, o visitavam na casa. O primeiro que conheci foi Leon, rapaz de seus trinta e poucos anos, magro como o pai. Não pude ver o tom dos cabelos por conta da peruca. Gostava muito de joias e era afetado, maquiado, o que não me deixou ver com clareza seus traços, e perfumado. Assim que entrou na casa fez o seguinte comentário:

- Papai é esperto. Muito mais prático, perto do centro, e até agradável, Tinha bom gosto a cortesã! Boas peças. Nosso palácio é imenso, mas muito pouco prático. E você, quem é?

- Edite, a governanta, senhor.

- Deve saber que sou Leon de Laureac, futuro conde. Papai está?

- Na biblioteca, senhor. Deseja um chá ou café?

Ele sorriu com malícia:

I Não me trate assim bem que me mudo para cá, hein? Um café está ótimo, mas adoce, que detesto coisa amarga. Tem *croissants*?

- Será providenciado, senhor.

Parou em frente ao retrato de Cristine como Sherazade e soltou um assovio de admiração:

- Uh-lá-lá! Era assim mesmo? O artista não exagerou? Tinha ouvido falar, mas não imaginava tanto. Agora entendo...

- Na realidade, o quadro não faz jus a madame, senhor. Ela ao vivo era mais bonita.

Ele ficou curioso, e fez um trejeito de desagrado:

- Dizem que falava idiomas, era letrada, é verdade?

- Fadava francês, inglês, um pouco de italiano e se entendia bem em árabe, senhor. Também gostava muito de literatura.

Ele sentou-se sem cerimônia.

- Bonita desse jeito? Isso é mito! Eu falo mal a nossa língua. Imagina se uma boneca como essa, vinda do povo, saberia falar idiomas... Esse retrato também deve tê-la enfeitado muito.

Ouvindo a voz do filho, Gastón apareceu:

- Falava os idiomas sim, Leon. Ao contrário de você, a quem não faltaram tutores, ela se interessava por outras culturas. Quanto à beleza, acha que

lotaria a maior casa noturna da França se fosse feia, ou comum?

Antipatizei com ele, e deixei-os na biblioteca. Voltou diversas vezes depois, sempre para pedir dinheiro ao pai, que o recebia de mau humor. Não culpo Gastón.

Então, numa tarde, enquanto o conde estava em seu escritório, recebemos a visita da moça chamada Pilar.

Cristine me falara da aparência da condessa e de sua obesidade, e pelo jeito a moça ia pelo mesmo caminho. Num vestido azul marinho sem decote, bem cortado, com poucas joias, mas um crucifixo imenso de ouro cravejado de brilhantes sobre o peito, numa grossa corrente de ouro, ela entrou na casa sem se anunciar, e me olhou, avaliando-me, em meu vestido também bem cortado e discreto, com alguma aprovação:

- É a governanta?

- Sim, madame.

- Meu pai se encontra?

- Não, madame. Está em seu escritório, no centro. Posso servi-la?

Dali para frente foi como se eu não existisse. Caminhou pela casa como se fosse dela, parou em frente ao retrato de Cristine, fazendo uma expressão de desagrado e curiosidade, examinou algumas obras de arte. Eu a segui silenciosamente. Joubert estava no jardim, cortando umas roseiras, suado pelo verão, e Clemente no estábulo a cuidar dos cavalos. Jeanne, espertamente, escondeu-se nos fundos da casa, mas Paulette, curiosa demais, logo apareceu na porta da cozinha para a sala espiar a visitante, fazendo mil perguntas com a sobrancelha arqueada e o queixo erguido. Fiz sinal de silêncio pelas costas da moça e a continuei seguindo.

Notei que ela tinha longos cabelos negros, um tanto anelados. Estava longe de ser bela, e não tinha os traços do pai. O nariz adunco, os olhos negros e pequenos pareciam os de um negociante, a testa estreita e a boca de lábios finos formavam um conjunto nada agradável. Se era parecida com a mãe também no gênio, nada agradável, não era à toa que Gastón dizia ser ali seu verdadeiro lar.

Ela vistoriou toda a casa. Parecia ter vindo para isso. Inclusive os quartos no segundo andar, espantando-se com o luxo do quarto de banhos de madame. Não me dirigiu uma palavra sequer, e eu também nada lhe ofereci, não gostei dela. No jardim, ao ver Joubert, finalmente ela disse algo:

- Então é aqui que você está! Achávamos que tinha morrido. Minha mãe mandou procurá-lo em toda a parte.

Ao ver Pilar, vi no rosto de Joubert um misto de receio e ódio, mas ele respondeu:

- Minha dívida é com a família do conde. Se ele me quer aqui, aqui eu fico. Se ele não explicou isso à senhora sua mãe, não me compete explicar.

O rosto dela, quase anêmico, avermelhou-se:

- Ingrato! Tanto que fizemos por ti... É isso que se ganha quando se dá confiança à plebe. Acha que meu pai viverá para sempre?

Ele respondeu olhando-a nos olhos, com uma firmeza que me pareceu uma ameaça:

- Ninguém vive para sempre, madame!

De vermelha ela ficou branca, e se retirou imediatamente. Ele virou as costas assim que a viu entrar na luxuosa carruagem, e só depois comentou comigo:

- Bruxa! Veio quando sabia que ele não estaria para espionar a casa ver o quanto vale. É isso que ele vale para a família: o dinheiro que tem. Nunca vi um povo tão mau, nem tão devasso. O palácio é grande> mas está caindo aos pedaços pela preguiça e a usura deles. Soube que a condessa já gastou todo seu patrimônio e agora depende de uma mesada do conde, assim como os dois renegados. Ele fez bem de ficar aqui, pois veneno é coisa fácil de ser ministrada, sabia?

- Veneno?

- A vida para esse tipo de gente vale muito pouco, Edite. Credores desaparecem, parentes ricos morrem de repente... Conheço bem esse lado deles. O conde nunca usou desses expedientes porque é honesto e competente, mas a inveja é poderosa, minha pequena. E o preguiçoso sempre acha os seus meios.

Calei-me, um tanto assustada. Que tipo de trabalho Joubert tinha feito para aquela família no passado? Eu já notara que o rapaz mal o cumprimentava quando vinha à casa, ao contrário da moça, que saíra muito aborrecida. Pensei que os ricos tinham segredos demais, e eu preferia não sabê-los. Depois de meses, Cozette conseguiu vender seu ponto por um dinheiro razoável, e voltamos a falar em nosso plano de reformar a casa de Cristine em Lyon. Preso aos seus negócios, Gastón nos apoiava, mas solicitou Paulette e Jeanne por um tempo, até conseguir novos empregados para a casa de Paris. Assim, partimos eu e Cozette para Lyon, cuja casa já estava desocupada.

A viagem era longa, ao menos uma semana, e devíamos passar por '

alguns vilarejos e cidades, como Dijon, mas estávamos animadas. Levávamos moedas e joias, claro, com Joubert e Clemente para garantir a sel gurança. Lembrei-me de Paulette a despedir-se do esposo, às lágrimas:

- Só lhe deixo ir por ser com Edite! Que pena abandonar nossa casinha tão linda!

Era verdade, a casinha deles, apesar de pequena, ficara linda. Tinham achado comprador, e lá comprariam outra, maior, para garantir-lhes a velhice. Assim que nos estabelecêssemos, ele voltaria para buscá-la.

Ele tentou consolá-la:

- Lá não nos faltará teto, Paulette. Nem serviço. Pensarei na minha querida todas as noites.

Localizamos o padre Armand em sua paróquia em Orleans, e ao saber de nossos planos, conseguiu licença de seu bispo para participar de nosso projeto e nos encontraria lá (acredito que uma doação substancial do conde à igreja tenha influenciado).

Despedi-me de Gastón agradecendo sua generosidade comigo por todos aqueles anos e garantindo-lhe que a última vontade de Cristine seria cumprida. Ele me deu as suas duas mãos, parecendo de repente ter mais que seus cinquenta e poucos anos:

- Eu que lhe agradeço, Edite. Assim que puder, irei a Lyon. Sabe como é difícil deixar meus negócios. Tenho tentado arranjar um gerente capaz e honesto, já que meu sucessor natural não tem talento para isso, mas tem sido difícil. E depois, não me vejo morando longe de Paris.

Olhei meu amor de uma vida inteira pela última vez. Tudo poderia ter sido tão diferente, não fossem as decisões tomadas por ele! Tivesse a menina nascido, agora a teríamos correndo pela casa. Não haveria René, e madame estaria viva. Não teria sido mais feliz? Essa criança não o teria amado? O passado cobria meu rosto como uma névoa e me assustei quando, ao pé de uma pequena colina, ouvi a voz grossa e alta de Joubert a me chamar a atenção:

- Edite, a casa é aquela!

Coloquei a cabeça para fora da carruagem e vi um casarão, onde, no fundo, funcionava uma olaria. O barracão destacava-se em tomo da casa, assim como pilhas de tijolos feitos recentemente. Meu Deus, que casa grande! Cristine tinha toda razão de ter escolhido aquela. Cozette, de chapeuzinho feito à última moda preso ao pescoço, arrumando os cachos louros me disse:

- Minha nossa, é essa mesmo? E no alto dessa colina? Vai nos dar um trabalhão dos infernos!

Na frente da casa enxergamos a figura do padre Armand, sorrindo por nossa chegada, e eu disse a ela:

- Cuidado com o vocabulário, madame. Lembre-se que daqui por diante viveremos com um padre!

Três anos depois que saímos de Paris eu soube que Gastón sofrera um derrame que o levou de volta ao palácio da família. Incapaz de se comunicar, e paralisado em parte do corpo, viveu mais oito anos sob o jugo deles, mas não chegou a assistir à famosa Revolução Francesa. Para sua sorte, faleceu antes. Os bens da família, o castelo, a casa de Cristine, tudo enfim foi parar nas mãos dos revolucionários, e a guilhotina desceu, sem perdão ou discernimento. A propriedade de Lyon, distante quase quatrocentos quilômetros de Paris, há muitos anos no nome de Cozette, foi deixada em paz.

O casarão tinha mais de dez quartos, que foram transformados em quatro: dois bem grandes, um para os meninos, outro para as meninas, outro para mim e Cozette, e o último para o padre e Joubert. Qemente e Paulette realmente fizeram (tijolos era o que não faltava, nem terreno) pequena casa perto do barracão, e por lá se instalaram. A enorme cozinha no andar de baixo assustou Paulette, que logo fez extensa lista de utensílios a serem comprados. Foi quando nos deparamos com a pergunta: quantas crianças abrigaríamos? Depois de muita discussão, ficou acertado que no máximo vinte, de idades variadas. Padre Armand daria aulas, eu as ensinaria a se manterem limpas e a limparem seu ambiente. Conforme a idade, Cozette ensinaria às meninas a arte da costura e do bordado, em pequeno ateliê no sótão, e Paulette ensinaria cozinha, confeitaria, e alimentaria a todos.

Com a venda das joias (dessa parte cuidei eu, e não fui a joalheiros, mas as damas da burguesia local que, ao verem joias tão lindas, mais baratas que na joalheria e ainda por cima que pertenceram à famosa cortesã, me pagaram por elas quantias bem acima do mercado) compramos camas, lençóis, cortinas, toalhas, tecidos para as roupinhas e uniformes. As crianças aos poucos foram aparecendo, e ao final de um ano já tínhamos quinze, variando de seis meses a doze anos. Acordávamos cedo e ao nos deitar estávamos tão cansados que o sono vinha fácil. Cozette, boa com as finanças, logo pensou que devíamos fazer algo para a casa se sustentar sozinha, ou o dinheiro logo acabaria. O que tínhamos daria para nosso sustento ainda pelo menos por uns

sete anos, mas ideia era indispensável.

Joubert começou a ensinar a três meninos a arte da carpintaria, com Clemente. Arrumamos o galpão, que antes servia de olaria, e o transformamos numa espécie de "minimercado", onde expúnhamos pães frescos, compotas, lençóis e fronhas bordados, toalhas rendadas (com rendas feitas à mão), baús de diversos tamanhos, enfim, todo tipo de produto que fazíamos em nossa "escola". Calculamos antes custo, trabalho e lucro; a projeção deste foi atrativa e, apesar de estarmos em pequena colina, era perto do centro, e a empreitada foi um sucesso. Começamos a receber as mais diversas encomendas e fizemos pequenas poupanças para os meninos, que, sabedores de suas "fortunas", empenhavam-se cada vez mais no trabalho enquanto aprendiam.

Claro que tínhamos um ou outro pequeno de má índole, mas aos dezesseis anos eles já se iam, para que não influenciassem mal os pequenos. Dezesseis anos, naquela época, já era considerada idade adulta, e certas coisas sabíamos que não podiam ser melhoradas. A punição era sair de lá, e quando o primeiro foi expulso, o efeito sobre dois malfeitores iniciantes foi bem impressionante: o comportamento melhorou muito.

Não havia malandros ali, nem incentivo à preguiça, ou a maus-tratos. Havia sempre trabalho a ser feito. A Casa Besançon, como era chamada, foi um oásis no meio da violência que acontecia nas ruas da França. Era um lugar seguro, limpo e quente para os pequenos, que ali não conheciam fome e, quando doentes, recebiam tratamento. O máximo de crianças na casa, durante o tempo em que vivi, foi de vinte e duas.

A comunidade aprendeu a nos respeitar e a nos amar. Nossas crianças eram bem-vindas, formavam um coral, regido por um padre novo, local, que as treinava aos domingos, para delícia de padre Armand, que já beirava os setenta e cinco anos. Há vinte anos estávamos em Lyon.

O engraçado é que não me lembro de nenhum de nós, adultos, doente nesses anos todos, tirando pequenas gripes ocasionais durante invernos rigorosos, que a boa Paulette curava com grossos caldos de galinha. Muitas meninas ficaram para trabalhar na casa, mediante salário, que ganhavam com os produtos que vendiam. Enfim, todos se ajudavam.

A vista de Cozette já não era mais a mesma, mas com uma lupa ela fiscalizava as costuras e os bordados como um detetive, e me fazia rir com seus comentários.

Uns quilos mais gorda, com um Clemente também mais forte, Paulette

nunca reclamava de nada, feliz da vida por mandar em um pequeno exército de novas cozinheiras ao invés de ser mandada, como sempre fora. Era séria, mas doce como uma mãe... Que ninguém tocasse nas suas meninas!

Eu estava na varanda ao final de um inverno, vendo o início de uma nova primavera, ao entardecer, o sol se pondo ao longe. Tinha uma roupa de bebê no colo, precisando de remendos. Joubert sentou-se ao meu lado um tanto sujo de raspas de madeira, trazendo uma xícara de chá de camomila, e tomando outra na mão esquerda:

Achei que lhe faria bem...

Olhei para ele, nos seus sessenta anos, ainda forte como um touro. Seriam sessenta mesmo? Seria indelicado perguntar, mas não resisti a fazer outra pergunta:

E Tem sido feliz aqui, Joubert? Nunca sentiu falta de Paris, da agitação?

Ouvimos o som das crianças subindo as escadas de madeira para os quartos, era o horário de oração e elas sempre eram barulhentas. Ele me sorriu:

- Ora, *mademoiselle*, conhece lugar mais agitado do que esse?

Ri baixinho:

- É verdade. Não temos um minuto de sossego, não é mesmo?

Mal falei isso e um pequerrucho, de uns cinco anos, de nome Tobias, chegou e sentou-se no colo de Joubert, mostrando-lhe com interesse uma farpa pequena que tinha no dedo indicador:

- Não temos sossego, mas temos paz. Nunca fui tão feliz na vida, *mademoiselle* e, tirando a farpa do dedo do menino, ralhou com ele. Vamos, Tobias, peça para Paulette pôr álcool nisso, ou o dedo pode cair!

O menino olhou para Joubert assustado, o dedinho erguido e gritando por Paulette. Joubert justificou-se:

- Se eu não falo assim, ele nem lava o ferimento.

Finalmente em silêncio, recostamo-nos nas cadeiras a olhar o sol, que ia deixando seus raios.

Terminando de tomar meu chá, ouvi algo estranho. Pareciam palmas, e olhei para os lados procurando. Uma luz dourada me chamou a atenção no início da varanda. Tive a sensação, por um segundo apenas, de ver uns cabelos longos e dourados, se escondendo atrás da larga coluna de madeira. Perguntei a meu amigo se tinha escutado as palmas.

Joubert, que nada ouvira, estranhou e olhou em volta, nada vendo. Tentei me levantar, embora me doessem as costas, como me doíam com

frequência naqueles dias. Senti uma agulhada no braço esquerdo e fiz uma careta. Ao me ver recolher o braço ao peito, meu amado amigo ficou alerta:

- Edite! Edite! Ficou pálida, que foi? Cozette, me acuda aqui!

Minhas mãos adormeceram, e uma feroz dor no peito me fez recurvar, enquanto eu ouvia novamente as palmas e um riso cristalino, como se alguém estivesse feliz. Que criança era aquela tão desnaturada que ficava contente enquanto eu sentia dor tão forte? Senti os braços de Joubert em torno de mim, mas a dor me encolhia. Ele me colocou na cama de meu quarto, Cozette correndo a me trazer compressas, com Paulette.

Eu via tudo, mas estava de olhos fechados, quando, de súbito, vi meu próprio corpo em posição quase fetal na cama, eles tentando me colocar ereta. Meu Deus, como eu estava velha! Que semblante de dor horrível! Olhei em volta preocupada de as crianças verem semelhante cena. Já me entendi morta...

Ouvi novamente as palmas, duas de cada vez, olhei atrás de mim e vi Cristine, radiante, mais bela do que nunca, junto de amigos espirituais que não conhecia!

- Cristine! Deus é pai, Cristine! Estou morta de fato? Que foi que tive, que dor foi aquela que parecia explodir meu peito?

- Coração. Mas agora tudo passará, irmã. Que trabalho lindo, Edite. Da ostentação do mundo vocês criaram um lugar para os desamparados, como pedi! Deus se orgulha de você, Edite! Há tempo espero para ver minha mais preciosa amiga! Que saudades!

Tonta com o desligamento do corpo (não pensem que é coisa simples, ainda mais em partidas rápidas), ouvi o choro e a tristeza de Joubert. Vi a extensão de seu amor por mim e meu coração se encheu de ternura. Quantos, sem um décimo dessa paixão, se entregam a desvarios completos, e Joubert sempre se portou como admirável amigo, e o mais fiel dos protetores. Perguntei por Gastón, já que o sabia no plano espiritual anos antes. Ela teve um olhar triste:

- Tudo tem seu tempo. Agora é hora de descansar.

E eu, querendo ou não, dormi. E acordei na abençoada Colônia que hoje fica situada acima da região de Lyon, na França. Tempos depois eu também reencarnaria, com a graça de Deus, no Brasil.

EPÍLOGO (Narrativa de Ariel)

AINDA CANSADA DE sua narrativa, sob o olhar encantado de Serafim,

Edite continuou:

Dizem que morrer é como renascer no corpo físico. Na realidade, é parecido, mas muito mais simples do que isso. Há aqui nessa Colônia um conjunto de prédios que servem aos que vão encarnar de novo, e sabemos da preocupação que isso causa aos que vivem aqui e têm que voltar ao plano terrestre. E como não seria assim, quando aqui vivemos tão bem sem os malfeitores que encaramos na Terra! Fora as dores tão comuns na existência terrena, aqui sanadas com tão maior facilidade. Choram por nós quando morremos. Se lembrassem de como é aqui, chorariam apenas pelos maus, ou por aqueles com grandes dívidas a pagar. Esses, sim, merecem... não o choro compreensível, mas as orações incessantes, pois muitas vezes foram incansáveis nas más ações e nos pensamentos condenáveis.

Tinham sido meses com os quais Edite nos presenteara com sua narrativa, e devíamos ser gratos a ela. Serafim olhou para Olívia, sentada como sempre no alto de um móvel a observar, e pediu-lhe:

- Olívia, não quer nos presentear com algumas de suas impressões. Para quem ainda não a conhece, ela é uma querida amiga, bastante discreta, que normalmente habita em níveis superiores. Acredito que com as perguntas que estou ouvindo mentalmente, você me será muito útil.

Para o assombro de alguns e alegria de Nana e Esthefânia, ela flutuou até o meu lado, e ficou em pé, mãos nas costas, a olhar a audiência. A primeira pergunta veio logo, assim como a resposta da menina-moça:

- Como ficou o conde depois da desencarnação? Foi logo acolhido?
- Embora tenha sido gentil com muitos, Gastón cometeu erros graves durante aquela existência: alguns assassinatos de rivais em negócios, quando lhe fraudavam financeiramente, assim como a morte do meio-irmão por parte de pai, que começara a exigir parte da herança, embora esta tenha sido em legítima defesa. O conde era um cavalheiro, mas, como a maioria dos poderosos de seu tempo e país, implacável. Materialista, embora gostasse de seu amigo padre, acreditava apenas numa vida e ria da versão de paraíso e inferno. De natureza epicurista, achava que o que lhe dava prazer era o que lhe importava, mas realmente amava algumas pessoas: Cristme, como mulher, Edite, como amiga. Tinha especial respeito por Joubert e sabia ser camarada com os empregados da casa, com os quais era até generoso, escondido da condessa. Depois do derrame, sofreu penas do inferno na própria família. Impossibilitado de falar, apesar de riquíssimo até fome passou. Isso o levou 1 reflexão no final da vida, mas quando desencarnou

ficou preso ao corpo apodrecido um bom tempo, por não acreditar em vida após a morte. Quando notou que algo mais acontecia, "assombrou" seu próprio castelo por medo de sair de Mv Infernizou a vida dos filhos, viu serem decapitados e perderem tudo. Muitas Vezes chorou em solidão e pensou em Cristine, que conseguiu trazê-lo para a Colônia depois de muito tempo, quando finalmente se lembrou de Deus. Reencarnou depois, para estar junto dela, no Brasil.

Uma senhora que antes se manifestara tomou a perguntar:

- A mesma pátria para onde veio René?

- A mesma pátria protegida por Deus para onde migram dezenas de civilizações, que são incentivadas na verdade universal de desenvolverem tolerância umas com as outras. Se no início houve a nódoa negra da escravidão, pelos próprios erros humanos, agora estes mesmos começam a enxergar a vantagem da aceitação e da união de raças. São muitos que esperam para ir para lá, e poucos os escolhidos.

Edite também comentou:

- Tanto Cristine como eu fomos para o Brasil, assim como Joubert e o resto de nossa família. Conseguimos essa graça de nos manter juntos e nos ajudar mutuamente!

Uma senhora de aparentes cinquenta anos, vestida de forma pudica, cabelo castanho-claro, fez uma pergunta que estranhei um pouco:

- Os senhores me perdoem, sei que pertenço a outra religião, mas sou, como vocês, cristã. Em vida fiz parte de inúmeras obras meritórias, venho de berço rico e a caridade sempre nos foi ensinada em casa. Tínhamos rígidos princípios morais, ensinados por nossos pais, que faziam questão que a educação de suas três filhas fosse primorosa. Passei minha vida em casa, cuidando de meus pais, como era costume na época: que a filha mais nova não se casasse, e ficasse responsável por eles. Quando eles se foram, fiquei na casa, em briga com minhas outras irmãs pela herança, pois queriam de toda forma me destituir, inclusive do teto que tinha habitado durante minha vida inteira.

Tinha conseguido atrair a atenção de todos. Serafim a escutava com atenção, educadamente. Olívia, de olhos baixos, olhava as mãozinhas como se já conhecesse o desfecho da história. Ela continuou:

Desencarnei doente de mágoa em 1930, depois de muitos aborrecimentos e nenhum reconhecimento por parte de minha família. Fui abnegada, abdiquei de marido e filhos, e olhe que pretendentes não me

faltaram. Ainda assim, depois de tanta caridade e sacrifício, passei longos anos no umbral, ouvindo as maldades de minhas irmãs e as sandices de meus criados. Visitei muitas vezes o casarão onde morava, que foi demolido e transformado em prédio de modernos apartamentos, para meu desespero. E vocês me dizem que uma cortesã, que passou a vida em pecado com um homem casado, cometendo dois abortos, já veio para a Colônia? Eu morri virgem, me sacrifiquei por todos, e ainda penei longos anos, quase vinte, antes de ser resgatada por irmãos prestimosos que me recolheram daquele vale de lágrimas. Não quero julgar, mas que Justiça Divina é essa?

Olhei para Edite, que podia ter se sentido ofendida pela amiga que tanto amava, mas em seu olhar só vi pena pela criatura que parecia tão revoltada. Olívia olhou para Serafim e lhe disse mentalmente: "Acho melhor que você responda", Ele respirou fundo e eu vi em seus olhos uma **grande** tristeza quando disse:

- Seu nome é Doroteia, não?

Ela respondeu que sim, orgulhosamente, e ainda deu seu sobrenome terreno. Ele continuou:

- Não foi Anita, que desencarnou depois da senhora, a irmã com quem a senhora tanto brigou, que a socorreu do umbral?

Um tanto envergonhada, ela respondeu:

- Sim... Hoje moramos aqui juntas> ela tem uma casa e trabalha ajudando num dos hospitais. É da mesma crença de vocês, e nos damos muito bem. Foi ela que insistiu para que eu ouvisse esses relatos que por sinal achei fascinantes. Mas não consigo entender a Justiça Divina nesse destino de Cristine!

Serafim moveu-se no semicírculo, para ficar um pouco mais perto dela, que estava numa das cadeiras finais, embora sua voz fosse perfeitamente ouvida em todo o salão, assim como o menor murmúrio que fizesse.

- Entendo... -r disse ele. A senhora trabalha em quê, aqui na Colônia?

Ela respondeu, como que se desculpando:

- O período que vivi no umbral foi tão traumatizante, que até hoje não me sinto em condições de trabalhar. Aliás, não consigo entender por que passei por semelhante prova! Vocês pregam a caridade e sempre fui caridosa!

Vi que Serafim franziu o cenho, e não gostou da resposta que ouviu. Apesar disso, não respondeu irritado, embora surpreendesse Doroteia com seus comentários:

- É pena que não trabalhe. Se assim fizesse, teria melhorado bastante.

O que a tirou da situação constrangedora do umbral foram os pedidos e a ação meritória de sua irmã, a quem a senhora tanto prejudicou em vida, embora ainda não admita. Aliás, a falta de humildade é o que mantém muitas almas presas por lá. O trabalho honesto e em prol do próximo é uma das maiores dádivas de Deus, não conheço religião na Terra que não pregue isso. Mesmo sua igreja católica não se cansa de dizer: "Não julgue!", "Faça ao seu semelhante o que queria que fizessem a você mesmo", "Ama a seu semelhante". Por que julga agora? Em que aula do seu catecismo andou faltando?

Ele olhou para ela com carinho, e continuou:

- Minhas escusas se toco em seu passado, mas você mesma o citou insistentemente. Nenhum de seus empregados verteu pela senhora uma lágrima sequer quando se foi. Os de Cristine se sentiram abandonados da maior proteção que tinham na Terra. Apenas Anita, de seus parentes, se compadeceu pela senhora. Quanto à cortesã, mesmo Adele, tola e sem sentimentos, lamentou a falta e o destino da irmã, porque ficou sem a quem recorrer, sabendo de seu coração e sua bondade natural. Cozette se viu privada de sua confidente e melhor amiga, Emestine pranteou-a por longos anos e sempre agradeceu a ajuda pela educação, o marido tão bem escolhido, além do dote providencial que lhe garantiu o teto pelo resto de seus dias.

A plateia o olhava, admirada de Serafim saber tanto sobre a vida de Doroteia, e via no rosto da senhora a confirmação da fala dele.

- Nenhum de nós aqui deve julgá-la por nada, irmã, visto que todos temos dívidas no passado, mas sua última existência foi de fato como conta? Praticou mesmo a caridade?

Ela revoltou-se:

- Mas, é claro. Enquanto meus pais viviam, eu ia regularmente á igreja levar dinheiro para as obras. Minha mãe fazia questão e eu levava com gosto!

- E depois da morte de seus pais? Continuou fazendo, com o seu próprio dinheiro?

Ela ficou um tanto sem jeito:

- Ora, a briga pela herança foi tal, que tive que proteger meu patrimônio! Não tive mais tempo de pensar em nada!

- Então o certo é dizer que quem dava dinheiro para as obras da igreja eram seus pais, já que a senhora nunca trabalhou nem tinha renda que fosse sua?

Silêncio. Edite interveio:

- Cristine nunca negou nada a nenhum pobre que visse na rua. Comigo, dava comida regularmente a algumas pessoas que passavam pelo portão, não só em épocas festivas, mas sempre que apareciam. Morávamos em um bairro longe do centro e da mendicância, mas os que vinham, nunca saíam de mãos abanando. Em nossas viagens à Argélia e ao Marrocos, pedia ao conde moedas de pequeno valor para distribuir aos meninos, que vinham correndo até as caravanas atrás de agrados. Presentes, sempre nos deu. Não tinha ganância, talvez por isso prosperasse tanto. Nunca fez questão nem de suas joias, e o bem-estar dos seus era sua principal preocupação. Seu último pedido, já que não pôde fazer isso em vida, foi pelas crianças necessitadas. Tudo que era seu iria para elas.

De espírito indócil, Doroteia revoltou-se:

- Falam como se fosse uma santa, mas era uma cortesã!

Serafim não se irritou, baixou a cabeça e, quando a levantou, parecia que brilhava um pouco mais que de costume:

- O Cristo nos ensinou a não julgar pelas aparências. Cristine foi criada em família simples e trabalhadora, nada lhe faltou na infância, mas, com a morte do pai, o esteio material lhe foi tirado na vida. Dona de beleza sem par, mais inteligente que a maioria, dotada para as artes, se fosse má teria sido letal para a sociedade. Mas, como diz Edite, ela não era uma cortesã comum. Não lhe faltaram homens interessados, propostas mais vantajosas que as do conde, que por isso mesmo a cobria de presentes, principalmente no Oriente. Ainda assim ela se manteve fiel, e o foi de forma natural, pois amava Gastón, não com o desvario da maioria das mulheres, ou com o sentimento possessivo que marca os seres que se dizem apaixonados: acreditava que, se o amava, devia fazê-lo feliz, e o fez, até que ele, tolo e insensato, movido pelas convenções sociais, quase a feriu de morte quando a forçou a desistir pela segunda vez de ter um filho. Foi mais fiel que a maioria das mulheres casadas, pois nem em pensamento ela desejava outros homens. Aqui nada se esconde, Doroteia. Podemos ser gentis e ponderados, mas enxergamos e, se necessário, revelamos.

Doroteia enrubesceu violentamente, talvez se lembrando de algum acontecimento de seu pretérito, e com isso se calou.

- Não devemos carregar de culpa se há o perdão. O moralismo, porém, costuma vir forrado de vícios que os próprios moralistas escondem. Cuidado. Muitas vezes aquele que aponta o erro alheio quer apenas esconder

ou minimizar o próprio. Quanto aos abortos: quando um crime é cometido, é preciso ver a época em que ele aconteceu, os costumes que imperavam, as pessoas envolvidas. O aborto na França do século XVIII não era visto como é hoje. Era prática comum, embora não comentada nem pela igreja, nem pela sociedade abertamente. "Coisa de mulheres", assim era chamado, e, na falta de meios anticoncepcionais eficientes, era utilizado muitas vezes por quem tinha algum recurso. Já os pobres, esses tinham seus filhos aos montes e, às vezes, os criavam na mais profunda miséria, noutras vezes os abandonavam. O mundo era muito mais primitivo e cruel, então. No primeiro aborto de Cristine, a gestação estava tão no início e ela era tão nova, tão acostumada a ver mulheres de seu meio tomarem aquele tipo de atitude, que, apesar de sofrer por querer a criança, superou com relativa facilidade. Mas, jurou para si mesma que, se engravidasse de novo, teria a criança. Com a vinda de Edite as coisas ficaram mais fáceis, e quando veio a segunda gravidez, ela não imaginava que o conde agiria daquela forma. Contrariar um nobre era quase uma sentença de morte; a humilhação foi muito grande e ela cedeu. No fundo, porém, sabia não ter chance, por isso seu sentimento de culpa não foi assim tão grande. Aliás, sabe quem a recebeu no mundo espiritual, aliviando suas últimas dores, para que pudesse falar com Gastón antes de morrer?

Edite deu um sorriso alegre e misterioso, pois sabia.

- A própria Áurea, que devia ter reencarnado como sua filha, e que vive comigo numa morada superior a esta. O espírito que sentiu tão duramente o desligamento durante o aborto nunca culpou a mãe, e até hoje é o que vocês chamam de seu "guia protetor", dado seu grau de adiantamento. A verdade é que quanto mais amor você espalhar na vida terrena, mais fácil é o desligamento, e Cristine espalhou muito amor. A imortalidade é um presente de Deus, irmã Doroteia. A humildade é a maior das sabedorias, e o trabalho em prol do próximo nos poupa da dor, aproximandõ-nos da felicidade que os bens terrenos nunca nos deram. A reencarnação é preciosa dádiva, e o Criador, em sua magnitude, com ela nos faz saldar dívidas que ficariam pela eternidade, tomando a Terra uma das escolas abençoadas. Sei que não se lembra de suas vidas passadas, por escolha própria, mas talvez fosse a hora de procurar saber. A hora de sua reencarnação se aproxima, como a de alguns que nos assistem, e não há razão para medo, mas para agradecimento e esperança.

Olhei para Esthefânia, tantas vidas tiverámos na Terra juntos! Para o espírito da Colônia, reencarnar é muitas vezes mais amedrontador do que

morrer para os vivos. Sentindo o medo em alguns presentes, Edite disse, encerrando sua história:

- Não há motivo para medo se há fé. Cristine e eu reencarnamos juntas, coisa de um século depois, no Brasil, e lá tivemos também o nosso aprendizado. Nossa amizade e amor mútuos apenas se fortaleceram! Tivemos vidas juntas antes, e o laço depois veio ainda mais estreito, cuidamos uma dá outra, pois Deus, como bem diz Clara, não abandona!

Missão encerrada, abracei Edite, amiga a quem esperava ver outras vezes. Olívia confabulava com Serafim, alegre e faceira. Nana e Clara nos sorriram e se afastaram, iam para sua morada no outro lado da Colônia, pois Júlia ainda necessitava de atenção em seu novo lar. Respirei o ar puro do lado de fora do edifício e vi Serafim e Olívia ainda a conversarem animadamente. Como era bonito ali! Senti certa pena dos que teriam que voltar à Terra e perder o contato com aquele ar translúcido, aquelas flores e frutos fantásticos, aquela paz reinante! É certo que trabalhávamos muito, mas não nos ressentíamos disso, pois quanto mais trabalhávamos, parecia que mais felizes éramos. Olívia parou ao meu lado:

Não precisa se preocupar, Ariel. Você é muito necessário aqui. Não há pianos reencarnatórios nem para você, nem para Esthefânia por enquanto. Olhei para eia meio ressentido, aquele jeito de ler meus pensamentos mais íntimos sempre me irritava um pouco:

- Não estou preocupado... Quem disse que estou preocupado?

- E depois disse-me ela ainda sorrindo, como se estivesse brincando comigo tem feito um bom trabalho. Esthefânia então, nem se fala! Aquela, sim, é uma santa!

Olhei minha mulher que vinha se aproximando, apaixonada pela menina ao meu lado.

- E verdade. O senhor coloriu meu caminho quando colocou Esthefânia nele.

Antes que ela chegasse, Olívia me surpreendeu, piscando um olho:

- Assim como coloriu o dela, com você.

Dito isso, afastou-se de mim, para comentar com Esthefânia sobre a história que tínhamos ouvido. Fiquei a imaginar se veria Serafim novamente, e jurei a mim mesmo me empenhar e estudar mais para, quando o visse de novo, fazer algumas perguntas. Afinal, não é sempre que um espírito como o dele entra em contato.

Luz e paz.

Anel

Notas

[←1]

1 Do francês: minha querida.

[←2]

2 Minha querida amiga.

[←3]

3 Deusa loura.

[←4]

4 Minha pequena moura.

[←5]

5 "Mais um! Mais um!".

[←6]

Belo colar.

[←7]

7 Vamos... vamos".

[←8]

Belo semblante loiro.

[←9]

9 Minha amiguinha.

[← 10]

10 Minha amiga.

[← 11]

11 Imprestável.

[← 12]

12 Não é mesmo?

[← 13]

13 Cara irmã.

[← 14]

14 Tom sobre tom, perfeito!

[← 15]

15 Fragrância, aroma; extrato.

[← 16]

16 Célebre cortesã francesa da época

[← 17]

Entrada proibida".

[← 18]

18 Deusa loira, venha pra cá!".

[← 19]

19 À época, um dos palácios da família real.

[← 20]

20 "Nunca alguém como Cristine!"

[← 21]

21 Meu amado.

[← 22]

22 Referência ao livro *Cartas à Júlia*, publicado pela Editora EME, onde se conta um pouco da história destes três espíritos: Clara, Júlia e Nana. Clara, já desencarnada, é a autora do livro psicografado pela médium Mônica Aguiéiras Cortat.

Table of Contents

[A ÚLTIMA DANÇA](#)

[SUMÁRIO](#)

[PROLOGO](#)

[I EDITE](#)

[II FRANÇA, SÉCULO XVIII](#)

[III VIDA COM CRISTINE](#)

[IV PAULETTE E A CARIDADE](#)

[V MEDICINA CHINESA NO CABARÉ](#)

[VI SERAFIM FALA...](#)

[VII COZETTE](#)

[VIII LEMBRANÇAS E QUESTÕES DOMÉSTICAS](#)

[IX INVESTIMENTOS](#)

[X CONSELHOS DE UM VELHO AMIGO](#)

[XI SHERAZADE](#)

[XII UM ACERTO DE CONTAS](#)

[XIII RESPOSTAS SOBRE O AMOR E A RIQUEZA](#)

[XIV ARRUMAÇÕES E CAFE...](#)

[XV UMA HISTÓRIA DE SANGUE E PERDAS](#)

[XVI CONVERSA COM UM VELHO AMIGO](#)

[XVII DÚVIDAS DE NANA](#)

[XVIII ADELE](#)

[XIX O BAÚ DE ADELE](#)

[XX BANHOS](#)

[XXI CLARA FALA SOBRE OBSESSORES E O UMBRAL](#)

[XXII A TERRA TAMBÉM TINHA OS SEUS ENCANTOS](#)

[XXIII FIM DE CENA E LEMBRANÇAS DO PADRE ARMAND](#)

[XXIV REVELAÇÕES](#)

[XXV TEMPOS DE BONANÇA](#)

[XXVI REENCONTRO](#)

[XXVII ADELE VAI À MISSA](#)

[XXVIII A ÚLTIMA DANÇA](#)

[XXIX A CASA BESANÇON](#)

[EPÍLOGO \(Narrativa de Ariel\)](#)

[Notas](#)